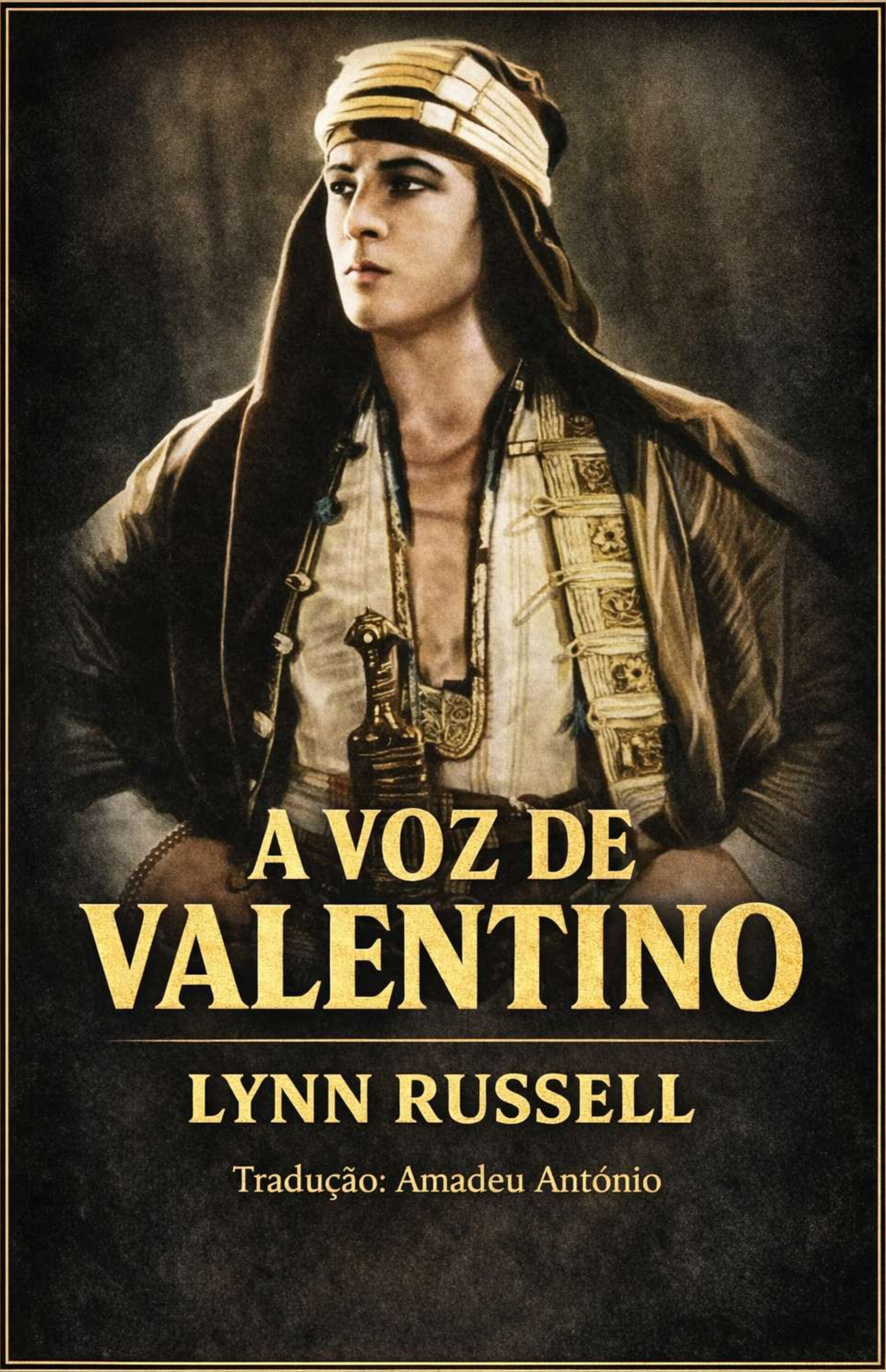




A VOZ DE VALENTINO

LYNN RUSSELL

Tradução: Amadeu António

PREFÁCIO

Ninguém irá negar que o material contido neste livro é do tipo que invariavelmente se presta à controvérsia, pelo que, a redacção do mesmo tem apresentado muitas dificuldades. Eu fui abençoada ou amaldiçoada com uma mente analítica e uma aptidão para a aplicação prática adquirida durante os anos em que ocupei uma posição administrativa de grande responsabilidade. O treino que tive dos poderes de observação serviram-me bem na investigação que surgiu inesperadamente através do contacto que tive com Leslie Flint, a quem eu recorri originalmente para razões pessoais.

Nessa época eu não sabia muito sobre a famosa estrela de cinema Rodolfo Valentino, e foi apenas gradualmente através de vários canais de comunicação que a alma do verdadeiro homem, ao invés da falsa personalidade da tela silenciosa foi revelada. Muito antes de surgir qualquer sugestão da parte dele de imprimir as nossas descobertas, e durante os últimos oito anos, as quatro pessoas do nosso círculo mantiveram um registo dos acontecimentos que agora inclui perto de 500 páginas impressas e uma coleção de fitas de gravador que medem aproximadamente quinze milhas de fita magnética em que se acham gravadas as vozes directas de Valentino e de muitas outras pessoas que vieram de todas as esferas da vida.

O extrato que se segue é um exemplo de uma comunicação dele, e eu escolhi-o como uma introdução por transmitir pela sua sinceridade e simplicidade as verdadeiras profundezas da alma que brilharam através da personalidade muito amada. Gostaria de assinalar que no registo escrito das fitas, embora o significado tenha sido mantido, o fraseologia tem ocasionalmente sido ligeiramente alterada, a fim de eliminar certas características do Italiano que podem tornar a leitura um pouco difícil.

Ao discutir o que queria dizer com Iluminação Pessoal, ele teve isto a dizer:

“Uma das coisas mais importantes (que rapidamente descobri quando vim para Este Lado da Vida) foi que precisava esquecer-me de mim próprio. Precisava esquecer o que tinha sido e o que poderia ter realizado. Precisava ver as coisas na sua verdadeira perspectiva e situar-me na Verdadeira Luz que me mostrasse todos os meus defeitos. Pela primeira vez podia ver-me como eu realmente era. Não como os outros me tinham visto nem o que eu presumira ser o que era. Tinha que encontrar a Verdade, e o único meio para o conseguir passava por me colocar na radiância que revela as fraquezas que têm que ser erradicadas antes que possamos começar a reconstruir.

Vejo agora a minha vida e o seu propósito com toda a clareza. Vejo aquilo que realizei e onde falhei, mas acima de tudo vejo uma coisa que me

tornou digno, que foi o afecto das inúmeras pessoas que nunca me tinham visto em carne e osso, mas que me tornaram possível a redenção. Foi esse amor que ainda me dá incentivo para regressar e ajudar a inspirar aqueles de vós que estão em busca da Verdade e que, esquecendo-se de si próprios desejam encontrar o seu verdadeiro ser a serviço de deus. Não sou eu que conta, mas o que poderei tornar-me através do amor que se encontra nos corações das pessoas como tu, e por meio do qual serei auxiliado.

“Poderás interrogar-te da razão porque venho e dedico o meu tempo e amor a todos vós, mas através de vós espero realizar coisas grandiosas para outros, e de uma forma estranha o amor que distribuo regressa a mim. O amor é assim. Concedendo-o, ele regressa a nós. Por vezes na terra não compreendemos o amor e muita vez é aceite como se fosse um direito que temos! Entendo muitas coisas ao olhar para trás para a vida que vivi, e percebo muitos erros.”

A sua voz tremia ligeiramente e revelou uma nota de tristeza no tom à medida que prosseguia.

“Não direi que tenha sido um homem vaidoso, mas agora percebo que os atributos físicos só importam quando brotam da Mente e do Espírito, porque caso contrário serão de muito pouco valor. Talvez qualquer um na posição em que me vira, alçados subitamente da obscuridade à fama, tivesse achado muito difícil deixar de agir como eu agi.

“Se eu tiver deixado para trás no vosso mundo algo que desse felicidade às pessoas, então sentir-me-ei grato, mas a menos que as possa ajudar de uma forma espiritual, e levá-las a querer ver a Deus, e a entender o propósito que Ele tem para elas, então não terei realizado muito. Aqui e ali há pessoas como tu ansiosas por conhecer a Verdade, e o desejo que tens de te tornar num agente da Vontade de Deus dá-me uma grande felicidade. Se pelo nosso trabalho conjunto realizarmos algo que esclareça os demais, então não terei deixado de pagar o afecto que me foi dado.

Quero que saibas que tudo quanto faço é feito com amor e que não passo do um agente de Outros mais evoluídos do que eu que, através do médium e de mim, vêm em amor servir a Humanidade. Encontramo-nos ligados por cadeias que não podem ser rompidas, por cada elo ser forte e seguro e ser mantido unido pelo amor e pela fé. Encontramo-nos ligados pelo Tempo e pelo Espaço por esta cadeia que circunda, não só o vosso mundo, mas TODOS OS MUNDOS. Não existem limites impostos ao poder do amor.

“Agora eu sei que na minha última encarnação (que me parece tão real a mim) eu fui usado por Outras Forças a fim de expressar um Amor Universal que viria por alguma forma a tocar os corações das pessoas,

independentemente da nacionalidade, aspecto ou educação. Esse amor foi dado por meio da acção dos filmes, e eu fui somente o veículo da sua expressão; o veículo do Amor Universal que se manifestava por intermédio de estranhos agentes num mundo moderno.

O propósito foi servido, e sei agora que não retornarei à Terra de novo na carne. Quando me encontrei na terra expressei amor de uma forma humilde, mas agora expresso um aspecto mais nobre dele, contudo, não é inteiramente o meu amor, por provir de inúmeras almas que se encontram nos Reinos do Espírito que, ao longo de diversas eternidades do Tempo e muitas experiências da Vida encontraram por intermédio do sofrimento e da alegria o Amor Eterno.”

Nos capítulos seguintes esforço-me por mostrar como esta influência tocou as vidas de muitos grupos de pessoas, e eu votei-me à redacção apenas da verdade conforme nos foi apresentada.

ACENDER UMA VELINHA COM UMA ESTRELA

Eu estava com onze anos quando pela primeira vez vi o Valentino num filme intitulado "Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse," mas a lembrança que dele tenho é menos vívida do que a lembrança que tenho da Besta do Apocalipse sobre cujo bafo de fogo cavalgava o quarteto macabro. Eu encontrava-me no internato e a oportunidade de ir ao cinema ocorreu durante as férias, pelo que, qualquer que tenha sido o conhecimento que eu tenha captado da dourada cidade de Hollywood foi através de revistas e semanários que nos era permitido ler. Ao todo vi somente cinco dos seus filmes, e possuo um modesto conjunto de fotografias que também serviram como um tipo de moeda entre as raparigas em troca de luxos femininos tais como sais e shampoo em pó.

Em 1926, quando Valentino foi internado doente eu estava bastante confiante na sua recuperação. A fé que tinha constituía uma fundação estável e não conseguia imaginar que alguém que trouxera tanto prazer ao mundo dele fosse levado. Mesmo quando os médicos mostravam dúvidas eu sentia-me apenas moderadamente preocupada, somente profundamente consciente de que estava a sofrer, e justamente com milhares de outras pessoas orei com sinceridade pela sua recuperação. Quando as notícias da sua morte chegaram essa fé foi seriamente abalada.

O meu pai tinha morrido sete anos antes e lembrei com inquietação a dor que acometeu a minha mãe e as o luto de viúva que ela passou a usar, mas eu não tive permissão para sentir muita falta do meu pai, por nós termos deixado a nossa casa e nos termos mudado para outro distrito onde eu fui

imediatamente para a escola. Portanto, essa demonstração de pesar público pela perda de Rodolfo Valentino foi a primeira experiência da morte a afectar, -me e é por esse motivo que me recordo com mais clareza dele.

A minha tia Emmeline era uma grande crente na continuidade da vida, e eu escutei atentamente ela explicar que ele iria continuar a viver, mas numa muito maior felicidade. Até agora nós sempre tínhamos rido das suas convicções e a minha mãe não tinha reagido às suas crenças durante o seu próprio período de pesar. Eu fiquei mais impressionada do que ela com o conhecimento que a minha tia demonstrava e tentei aceitar a verdade das suas palavras, mas achei difícil por ter perdido completamente a fé que tinha na concepção que fazia de Deus! Tal é o íntimo de uma criança.

Através do amigo íntimo de Rudolph e gestor de negócios S.G. Ullman, autor de um livro intitulado "Valentino Como Eu o Conheci," eu fui capaz de conseguir a pequena coleção de poemas intitulada "Daydreams" escritos por Rudolph, dos quais ele nunca reivindicou a autoria, já que o conteúdo fora obtido através do seu próprio dom de mediunidade e inspirado pelas pessoas cujas iniciais aparecem sob cada título. Também li o livro que viria a marcar a diferença na minha vida anos mais tarde, "Rudy, Um Retracto Íntimo," escrito pela sua esposa Natacha, em que ela revela muitas mensagens maravilhosas recebidas por ela desde a sua morte, através do grande médio George Wehner.

A partir daí, as sementes do Conhecimento foram lançadas - mas em segredo, porque a minha mãe era contra qualquer "Contacto com o psíquico." Então o tempo passou e Rudy tornou-se numa memória. Quando saí de casa para começar a trabalhar, minha mãe teve que procurar uma acomodação menor e ela desfez-se da minha coleção de fotografias e livros. Eu nunca perguntei por elas. Agora estava com quase dezassete anos, e havia muitas outras estrelas de cinema, mas não para mim. A morte de Valentino revestiu-se de um carácter a qual nem mesmo o consolo recebido nas mensagens dele pela sua esposa poderiam compensar, e os meus interesses não estavam particularmente centrados nas Artes, por eu preferir uma vida ao ar livre dotada de actividades como a natação e outros desportos.

O meu filho Anthony, um sobrevivente de gémeos, nasceu durante a "blitz" de 1940, tinha cerca de quatro anos quando eventos começaram a armar o palco para os anos seguintes. Felizmente ele tinha acabado de ser evacuado para a casa de parentes quando o padrasto dele, John, e eu perdemos todo o nosso lar num ataque aéreo, e mudamo-nos temporariamente para a cidade de East Anglia, onde John fora colocado e onde, poucos dias depois, a notícia nos chegou de que o meu marido fora dado como desaparecido num ataque aéreo diurno feito sobre a França.

Embora nosso casamento se tivesse desfeito, isso não alterou o facto de que John e eu ficamos muito ansioso em relação a ele. Sendo incapaz de obter notícias de qualquer departamento que fosse, eu procurei pela cidade por uma Igreja Espiritualista sem sucesso. Contudo nessa mesma noite a minha mãe, que estava a morar ao norte Londres ficou impressionada a ponto de ser compelida a assistir a um serviço espiritualista, seguido de uma demonstração de clarividência, que estava a ser realizada num salão próximo.

O médium era Joseph Benjamin, e a sua primeira mensagem foi dada à minha mãe, que foi escolhida como receptora em meio a um salão cheio. O comunicador estabeleceu a sua identidade de tal maneira a não deixar dúvidas de que era o meu pai, que faleceu em 1919. À minha mãe foram dados os detalhes do alvo, do tipo de avião, do número da tripulação e do subsequente destino do pai de Anthony, que havia saltado para uma segurança relativa em território ocupado e fora transferido para um campo de prisioneiros de guerra.

Quando ele voltou à Inglaterra um ano depois, nós soubemos que todos os factos dados pelo meu pai através do Sr. Benjamin estavam correctos, incluindo a descrição gráfica da passagem por uma cortina de fogo antiaéreo e o impacto dos estilhaços que afectaram o avião depois que a carga de suprimentos fora lançada às nossas tropas emboscadas.

Essa mensagem e a maravilhosa ajuda que lhe foi dada em relação a outros assuntos pessoais deixaram a mente inquisidora da minha mãe intrigada, e quando John e eu voltamos a Londres ela tornou-se numa investigadora interessada no Espiritualismo! Claro que ambas nos juntáramos nisso, e alguns anos depois, a busca dela levou-a a um notável médium de voz directa, chamado Leslie Flint.

Em várias ocasiões durante os dois anos seguintes, a minha mãe o ajudou-o no trabalho dele no Kingsway Hall e no Teatro Scala, onde ele deu demonstrações públicas do Voz Directa independente. Eu raramente me encontrava livre para a acompanhar nessas reuniões e fui apenas uma vez. Uma noite, ao voltar do Kingsway Hall, ela comentou: “Devias ter lá estado esta noite.”

"Porquê esta noite em particular?" perguntei eu. Ela disse-me que um comunicador tinha feito um discurso inspirado. Eu soube, pelo jeito que ela o disse, que ela queria que eu a questionasse sobre a identidade do orador.

"Bem, quem era?" perguntei despreocupadamente, mas não estava preparada para a resposta que ela me deu!

"Rudolph Valentino!"

"A sério? Que interessante - observei, meio sem jeito, e ocupei-me da bandeja do jantar. O pronunciamento do seu nome soou-me tão remoto quanto a memória do sino da assembleia da escola, e eu não me lembrei se eu perguntei o que ele havia discutido, mas eu fiquei estranhamente afectada. Algum tempo mais tarde, Leslie Flint deixou a localidade e minha mãe foi morar para Hove. Ela teve notícias dele apenas uma vez depois disso.

Em 1952, a minha mãe passou de repente, e no mesmo ano fomos obrigados a sair da casa em que estávamos a morar e a instalar-nos num minúsculo apartamento térreo situado num ambiente quase rural. Por uma estranha coincidência Jean, uma amiga com quem eu tinha trabalhado durante vários anos, mudou-se nessa mesma semana para um apartamento situado distanciado apenas cinco minutos a pé do meu, embora como muitos de nós afectados pelas dificuldades de habitação do pós-guerra ela tenha esperado por acomodação durante onze anos.

Por meio de conversas que teve com a minha mãe e comigo ela interessou-se pelo Espiritualismo e acompanhara-nos a muitos serviços no passado, e agora ela e eu assistíamos a um serviço quase todas as semanas. Ocasionalmente John juntava-se nós, mas o marido de Jean, Stanley, não demonstrou interesse pelo assunto.

John e eu tínhamos começado o estudo de Microscopia desde a nossa mudança para o norte de Londres. Tornamo-nos membros de um clube e tornamo-nos profundamente absorvidos pela exploração desse mundo diminuto, frequentando palestras e reuniões regularmente. John foi, pois, surpreendido uma certa noite de Maio de 1955, quando eu anunciei que queria ficar em casa para ouvir um programa de rádio, cujo título, "Quest for Valentino" só serviu para aumentar a surpresa dele. Entre aqueles que tomavam parte eu tinha notado o nome de Leslie Flint, e foi com uma mistura de sentimentos que esperei que o programa começasse.

Quando ouvi menção a todos os antigos lugares familiares, contactos e nomes, como S.G. Ullman e Natacha, os anos correram para trás. Então Leslie falou dos Poderes mediúnicos de Valentino e dos poemas que ele havia escrito sob a influência de seus próprios guias espirituais, Meselope e Black Feather, e eu senti que estava a viver num sonho. Na verdade eu tinha despertado para a Realidade, porque a partir daquele momento a Influência que se tinha tornado o factor de controlo nas nossas vidas, fez-se sentir.

Depois de alguma deliberação, escrevi a Leslie Flint e contei-lhe sobre a morte da minha mãe, e expressei uma apreciação da contribuição que ele tinha dado ao programa. Dessa correspondência veio um convite para a sua residência. Menos de uma semana antes da visita se materializar, fui à Sede Espírita, agora no 33 da Belgrave Square, Londres, SW 1, para ouvir uma

palestra, e enquanto eu esperava que começasse, a minha atenção foi atraída para o título de um jornal chamado “Two Worlds.” Dizia: “Rudolph Valentino fala ao ‘Two Worlds’” e o subtítulo dizia: “Ídolo do cinema mudo escapa aos holofotes.” Eu comprei imediatamente uma cópia ao deixar a palestra, e pela primeira vez desde 1927 eu deu por mim a ler um relatório de uma mensagem real de Valentino, juntamente com a história do primeiro contacto que Leslie Flint tivera com ele, que se desenvolveu depois que o seu interesse foi despertado pelo livro de Natacha.

Leslie tinha apenas dezasseis anos quando deu início ao seu desenvolvimento psíquico num círculo familiar, e não foi muito tempo depois que ele se tornou um médium de transe sob o controlo de um grupo espiritual. Mas muitos anos se passaram antes que ele se tornasse no médium de ‘voz,’ cuja integridade é inquestionável, por as provas, acumuladas ao longo de centenas de consulentes por um período de trinta anos, falarem por si só. Segundo o artigo, era óbvio que, embora ele fosse o espírito-guia de Leslie Flint agora, Rudy raramente aparecia para falar, apesar de ter sido um comunicador frequente no passado.

Ele preferiu ficar em segundo plano, mas ocasionalmente conversava com alguns dos seus velhos amigos, muitos dos quais haviam determinado que o comunicador era, sem sombra de dúvida, Valentino. Agora ele estava ansioso por trazer a prova da continuidade da vida, e por pagar em serviço o amor e a consideração que lhe tinham sido conferidos durante a sua vida na Terra.

O encontro que tive com Leslie Flint foi uma experiência e tanto. Vários dos seus amigos já lá se encontravam quando eu cheguei, e aparentemente todos eles partilhavam um interesse por filmes antigos, que ainda estavam a ser vistos no National Film Theatre, de que muitos eram membros. Depois do chá Leslie exibiu uma série de livros e eu retirei-me da presença dos convidados que estavam absortos nas suas discussões. Além de expressar a sua simpatia pela morte da minha mãe, ele nunca se referiu ao assunto do Espiritualismo. Eu soubera que ele nunca discute o seu trabalho, mas na época eu não pude deixar de me sentir um pouco desconcertada já que as tentativas hesitantes que fizera ao artigo do “Two Worlds” foi recebido com respostas educadas, mas reticentes. No entanto, a nossa reunião foi um de respeito mútuo e um convite adicional foi estendido para incluir John, caso ele pretendesse aceitar.

Durante a minha segunda visita a Leslie ele deu-me uma cópia muito esfarrapada da poesia “Daydreams” que ele tinha encontrado enquanto andara a rebuscar as livrarias antigas, e quando eu voltei as páginas descoloridas disse a rir ao John: “De alguma forma eu acho que foi aqui que eu entrei!”

Quão verdadeiras essas palavras casuais provaram ser nos anos que se seguiram!

Foi nessa época que comecei a ter novamente o que só posso descrever como intuições. Eu não sou mais estranho a isso do que muitas outras pessoas, mas nas condições da guerra com os medos e as tensões elas tinham-se tornado especialmente evidentes, e agora pareciam reavivadas. Por natureza e nacionalidade eu sou um pouco reticente quando se trata de discutir assuntos pessoais e nunca achei fácil traduzir as minhas percepções por palavras.

No entanto, eu descrevi-as ao John, que ouvia atentamente. Eu encorajei-o a aplicar o seu raciocínio lógico a esta "consciência" minha e nem uma só vez ele se riu de mim, ou criticou qualquer confiança que lhe tenha demonstrado, em resultado do que mantivemos uma constante troca mútua dos pensamentos mais íntimos.

Por intermédio da cortesia do Sr. R. Gladwell, que apresentou o programa de rádio em Maio, eu fui capaz de obter o endereço do Sr. Ullman. Escrevi-lhe e perguntei-lhe se ele poderia encontrar uma cópia do "Devaneios." Quase na volta do correio, recebi uma carta encantadora, contendo o endereço de um vendedor de Los Angeles, através do qual, não só consegui substituir tudo o que tivera na minha conta infância, mas adicionei à minha colecção original de livros e artigos, especialmente em relação ao pouco conhecido interesse que Rudy tinha por coisas psíquicas. O senhor Ullman disse na sua carta que sentiu que eu "havia achado que a espiritualidade em Valentino que fez com que o seu nome vivesse ao longo de todos esses anos."

Foi-se tornando cada vez mais claro que um plano estava começando a formar-se, e fui influenciada a manter um registo de eventos. Pouco depois de receber o livro de poesia da América eu anotei as seguintes palavras no meu caderno: 'Setembro de 1955. Antes que este registo seja completado, espero que me seja dado a entender o propósito por trás de tudo isso, assim como também a razão para ser atraída instintivamente por alguém que eu nunca tive o privilégio de conhecer. Isso é de origem psíquica, eu não tenho dúvida, mas esse facto espero provar.

Logo me ocorreu que a sequência de eventos não mais podia ser considerada mera coincidência, e comecei a formar um padrão de pensamento. Eu pedi ajuda e orientação para mim e para os outros, dei graças e expressei o desejo de estar ao serviço da humanidade, e gradualmente tornou-se evidente que os meus pensamentos e orações estavam a alcançar um ponto definido de contacto.

Nunca consegui rezar com a convicção que levasse as minhas orações a serem ouvidas. Naturalmente sentira necessidade de “encontrar Deus” como todos diziam, mas não posso acreditar que os meus pensamentos insignificantes pudessem alcançar uma Consciência Suprema tão remota, de cuja existência, porém, eu não tinha dúvida. Na glória do sol e nas maravilhas da Natureza eu encontrava abundante evidência do Amor Divino.

Até então, o canto dos pássaros tinha sido o meu hino e uma resposta à glória do nascer do sol era tudo o que eu conhecia e entendia da oração. Portanto, a minha primeira tentativa débil de enviar meu impulso concentrado do pensamento foi motivada apenas pelo desejo de transmitir gratidão pela consciência espiritual que estava lentamente a desenvolver-se.

Para as minhas sessões de oração, escolhi uma ocasião em que não seria interrompido e o final da tarde era ideal. Dez minutos bastaram nos primeiros dias, depois transformaram-se em vinte e, por fim, meia hora. Quando a oração vaga e incerta se tornou meditação profunda - e eu soube que isso duraria por mais de uma hora - eu tive que reduzi-la, mesmo que apenas pelo jantar que estava esperando ser preparado! Só por esse método todo o meu esforço consciente entrou em sintonia com alguma Fonte maravilhosa de Inspiração, e eu conheci a paz, a verdadeira paz, pela primeira vez em toda a minha vida agitada.

Fiz minha primeira marcação de sessão com Leslie Flint a 8 de Dezembro de 1955, três anos quase ao dia após a morte da minha mãe. Antes de relatar os episódios dessa sessão, eu irei explicar tão simples quanto possível o que se entende pela Voz Directa ou Independente. Em primeiro lugar, um médium é uma pessoa que desenvolveu o sentido da visão e audição aumentada que permite que o homem ou a mulher sintonize um estado superior de consciência que se encontra além da gama de percepção dos nossos sentidos normais da terra.

Um meio físico fornece ectoplasma, que é uma substância física que pode ser manipulada pelos controladores e guias no lado espiritual da vida. É um processo complicado, e muitas pessoas, tais como cientistas e médicos cuja habilidade e conhecimento na Terra os equipou para esse tipo de trabalho ajudam a construir uma réplica da laringe, que actua como um “microfone etérico.” As vozes são bastante independente do órgão vocal do médium e parecem sair do nada.

A escuridão total é essencial para a construção do microfone ectoplásmico pelos operadores do espírito, porque a caixa de voz é tão sensível à luz quanto uma chapa fotográfica. Foi-me dado a entender que os comunicadores de espírito impingem os seus pensamentos sobre esse campo sensível e estes são-nos transmitidos sob a forma de som. As vozes soam

exatamente como se estivéssemos a falar por telefone, e nenhum trompete ou outro dispositivo mecânico é usado. Nesse dia memorável, Leslie e eu conversamos sobre trivialidades durante alguns minutos na sala de sessões, e então ele apagou o cigarro, apagou a luz, e passou a conversar! A sua conversa manteve-me a mente relaxada, mas eu estava à espera que ele se calasse, o que achava necessário, quando uma pequena voz atrevida de sotaque Londrino disse:

“Olá senhora! Você não me conhece, não é?”

“Ah, conheço sim, Mickey, já o ouvi antes.”

A sua risada infantil encheu o aposento e passado um tempo ele disse:

“Não está com medo, está querida?”

“Não, nem um bocadinho. Apenas animada,” disse-lhe eu.

Ele informou-me que havia muitas pessoas que gostariam de falar comigo e então fez-se uma pausa. A seguir ouvi a voz rica e clara de uma mulher a falar num Inglês rasgado com um sotaque Francês. Soube mais tarde que ela era conhecida como irmã Teresa. A sua personalidade parecia envolver-me com gentileza, mas a sua estadia foi interrompida por uma voz de homem com um sotaque semelhante, cujas primeiras palavras foram:

"Você não me conhece, mas eu interessei-me pelo seu filho."

Por motivos pessoais, não posso imprimir tudo o que passou entre nós. O meu filho tinha sido um grande preocupação para mim, porque devido às circunstâncias do seu nascimento, ele ficara com uma deficiência física.

Ele havia frequentado uma clínica infantil havia dois anos, mas não parecia estar a melhorar. Eu tinha ponderado na questão de um tratamento diferente, mas o Dr. Marcel, conforme o comunicador provou ser, opôs-se a isso. Ele discutiu cada detalhe comigo e respondeu a muitas perguntas não formuladas para as quais eu pedira ajuda durante as minhas sessões de oração.

As suas últimas palavras em relação a Anthony foram: “Um dia você terá motivos para sentir muito orgulho dele.” Antes do seu “*Au revoir*” final, ele pediu-me para voltar em breve e para levar o meu marido, coisa que eu prometi que faria.

Seguiu-se um outro médico que falou numa voz Inglesa culta que era uma alegria escutar, e deu o nome de Dr. Charles Marshall. Ele confirmou e fez uns acréscimos ao conselho já dado, e foi mais insistente ao dizer que nós

os dois devíamos voltar em breve. Durante a pausa, que foi apenas momentânea, fiquei imaginando a urgência e o ar de excitação que era transmitido pelo próprio tom das suas vozes, e então os meus pensamentos foram controlados por um débil sussurro.

“Eveline, Eveline, [deu o nome completo]. Esta é a mãe. Consegues ouvir a minha voz? Oh céus! Isto é tão difícil.” A sua 'respiração' tornou-se difícil, mas após um momento ela prosseguiu. "Sofreste cá um choque, mas eu também! Quando o teu pai tornou a sua presença conhecida eu discuti com ele, pensando que era um sonho," de repente ela riu, muito à semelhança dela própria, muito peculiar, com um riso contagiante, que eu sabia que não poder pertencer a mais ninguém.

Quando a tensão emocional foi interrompida, tivemos uma conversa pessoal e íntima. A voz dela apresentava-se fraca, mas ela parecia estar a experimentar menos dificuldade. Ela disse como era maravilhoso estar novamente com o meu pai, depois de trinta e três anos de separação, e ela estava ansioso para falar com o John. De repente, ela mudou de assunto e mencionou lamentar algo com respeito aos livros e fotografias. Eu não conseguia imaginar ao que ela se estava a referir.

Eu tinha revolidado caixas de livros de família e fotografias depois da passagem dela mas ainda não conseguia entender o que a estava a deixar preocupada. Ela percebeu que eu estava intrigada e acrescentou numa explosão de vigor:

“Não, não, querida. As fotografias do Rudy! As tuas fotografias do Rudy e os teus livros. Eu sinto muito, mesmo! Eu não tinha ideia do que eles significam para ti e, acima de tudo, o que eles ainda significarão para ti. Eu vou-te ajudar a substituí-los. Já conseguiste alguns, não?”

Eu tentei esconder o meu espanto e apressei-me a assegurar-lhe que ela tinha agido pelo melhor e que não devia preocupar-se. Pouco antes de sair, ela virou-se para Leslie (dá-se uma distinta alteração na direcção do som quando isso acontece) e disse: “Boa tarde, Sr. Flint. Você lembra-se de mim?” Quão típico da minha mãe! Sempre exigira anos de amizade antes que ela se dirigisse a alguém pelo primeiro nome. Eles conversaram um pouco e então ela disse-me adeus como se alguém estivesse à espera para falar. Uma voz feminina suave surgiu quase imediatamente, a tremer de entusiasmo:

“Val, Val, olha. Consegues ouvir-me?”

"Sim," eu respondi: "Eu consigo ouvir." Eu não tinha a menor ideia de quem fosse.

Val, Valerie. Oh mamãe! Não me conheces?" Eu estava além das palavras. A minha filhinha, gêmea do Anthony, morrera aos três dias de idade. Eu perdi o controlo por um momento, mas ela estava tão animada que logo me ajudou a recuperar a compostura. Ela passou a dizer-me que ela estava surpreendida com a minha reacção, por ela saber que eu tinha lido muito sobre o assunto, e portanto, deveria estar ciente de que uma alma continua a crescer se passar desta vida por altura da infância, mas devo entender que o progresso dela foi muito mais rápido do que o de Anthony e que agora eu devia pensar nela como uma jovem mulher.

Se uma alma jovem se libertar do corpo atinge a maturidade num curto período de tempo, e retorna à maturidade se o corpo tiver atingido a velhice por altura morte. Eu sabia de tudo isso, mas uma coisa é ler sobre isso, e outra ter a maravilha revelada. Ela falou do seu pai, e eu fiz questão de salientar o facto de que era melhor que as coisas tivessem funcionado como tinham a bem de todos, mas ela interrompeu-me:

"Mamã, não estou a condenar, nem a criticar, não estou em posição de julgar, nem o faria, mas eu quero que saibas o quão perto estou de ti e do Papá, e ao mesmo tempo eu quero que entregues o meu amor ao tio John e lhe digas que eu agradeço o que ele tem sido para ti, e que me sinto feliz por vocês estarem tão felizes juntos. Vou falar com ele quando ele aqui vier. Ah, isto é tão maravilhoso! Mas devo ir porque o poder está findo. Volta logo, mamã."

O Mickey fechou a sessão com algumas palavras apressadas e sentamos por alguns segundos antes de Leslie acender a luz.

"É uma coisa estranha," disse ele ao abrir a porta da sala, "mas quando aquele primeiro doutor falou, eu poderia jurar que era Valentino. Até eu ouvir o sotaque francês, eu tinha certeza de ser. Eu esperava que ele viesse hoje." "Eu ainda não estava inteiramente composta, e sentia-me atordoada por tudo o que aconteceu. Enquanto ele falava eu olhei para a fotografia colorida pendurada na parede ao lado da porta. Estudei o rosto forte e o perfil claro. Fora bastante presunçoso esperar que ele viesse por mim, pensei. Mas eu disse: "Se ele souber o papel que ele desempenhou em conduzir-me a esta Verdade, talvez ele venha e fale comigo um dia." Como eu ia saber, nesse estágio, que ele estava perto e perfeitamente ciente de tudo o que estava a acontecer?

Foi uma semana depois, que Leslie convidou John e a mim para assistirmos a uma sessão com seis outros presentes, o que nos deu a oportunidade de ouvir a maravilhosa comprovação dada aos diversos membros. Uma das comunicadoras foi uma oradora impressionante, que podia ser esperado, porquanto descobrimos mais tarde que era a famosa atriz Sra.

Patrick Campbell cuja voz tinha um tom claro que não podia deixar de prender a atenção. A minha mãe e Valerie falaram ambas connosco e pediram-nos para voltarmos numa data posterior, que marcamos para 24 de Fevereiro de 1956.

Quando a data chegou, estávamos a começar a conhecer e a reconhecer os nossos comunicadores pelas suas saudações iniciais. Mickey sempre foi o único a quebrar o gelo e a fazer os assistentes sentirem-se à vontade e a minha mãe dominava a arte de usar a Voz Independente e agora falava com muito mais força. Nessa ocasião ela surpreendeu-me ao perguntar ao John o que ele achava de Valentino! John disse que esperava ter a oportunidade de o conhecer e causou muitas risadas ao dizer que se lembrava muito dos seus filmes, muito melhor do que eu, já que era nove anos mais velho, mas que ele tinha sido um admirador de William S. Hart e Tom Mix, da variedade “enfiem-lhes e atirem rápido contra eles!” Nunca há muita tensão no ar com o John por perto!

Quando a irmã Teresa apareceu, perguntei-lhe de forma indirecta por que deveria sentir-me atraída para o que afinal era apenas uma sombra da personalidade. Ela evitou uma resposta imediata, mas foi prosseguir dizendo que o John e eu nos reunimos para cumprir um propósito espiritual e que muito era o trabalho que tínhamos pela frente. Depois ela acrescentou que existem muitas formas de amor. O amor humano era uma coisa, o amor espiritual outra, e elas operam em planos diferentes, cada um tão importante, embora distinto do outro.

Eu disse-lhe que achava difícil entender o que significava amor espiritual, mas ela disse apenas: "Hás de vir a entender." A seguir pediu-nos para voltarmos, já que havia outros que queriam falar sobre o nosso trabalho futuro em prol do Espírito! Por um breve momento, alguém das relações de John falou e as suas palavras de despedida foram bastante tocantes; ele pareceu inclinar-se para a frente e num tom confidencial sussurrou: "Tu foste muito abençoado, meu rapaz."

Naturalmente, Jean e Stanley, os nossos amigos de perto, seguiram esses eventos com um interesse hesitante. Jean, que me conhecia muito bem, aceitou o meu parecer. Stanley, que dificilmente me conhecia encarou todo o assunto com um sentimento de dúvida. Ele escutou-me educadamente à medida que eu explicava que o médium não poderia ter conhecido os detalhes da minha vida privada. Leslie conhecia apenas o meu nome actual, mas duvido que ele soubesse que eu tinha um filho, muito menos uma filha cuja existência eu havia afastado da minha mente! Mas porquê continuar? Eu tinha experimentado algo precioso, algo quase divino, e não pude torná-lo objecto de discussão.

Apresentei os factos a Stanley, mas não procurei convencê-lo, pois lembrei-me de que eu também havia sido cética. Por isso, ele esperou imparcialmente a reação de John às primeiras sessões privadas, que esperava que coincidissem com as próprias opiniões que tinha. A curiosidade que o movia tornou-se mais estimulante quando ele observou como a mente perspicaz das espécies masculinas se curvam diante da evidência indiscutível, e quando Jean expressou o desejo de participar na nossa visita seguinte, ele não pôs objecções.

Toda a vez que tivemos uma sessão, tornou-se óbvio que a minha mãe não estava apenas a incentivar-nos no sentido de uma abordagem mais séria no desenvolvimento dos nossos próprios poderes psíquicos latentes, mas ela estava deliberadamente a trazer o Valentino de novo à minha mente, não como o mito que a publicidade queria que acreditássemos que existira, mas como uma personalidade vital muito real. Assim, com a ajuda de Leslie Flint eu comecei a juntar os verdadeiros aspectos do homem.

Enquanto peneirávamos a massa de dados jornalísticos - muito do que eu nunca tinha visto - percebi algo da lenda que o tinha cercado, do que setenta e cinco por cento eram pura tolice. Naturalmente a fonte de informação mais fiável é encontrada nos dois livros escritos por aqueles que foram mais próximos a ele, a esposa e o seu gerente de negócios, e só desses emerge uma concepção muito diferente de Valentino.

Por trás da personalidade sintética estava um homem sossegado e reservado. Ele era muito bem educado, e falava quatro idiomas. A graça natural que acompanhara todas as suas acções foi aperfeiçoada através da habilidade que tinha na dança, na esgrima, no boxe e na luta livre.

Ele era, evidentemente, um magnífico cavaleiro, sendo filho de um oficial de cavalaria e médico veterinário Italiano, de quem ele herdou o seu amor extraordinário pelos animais. A esposa dele partilhou essa qualidade e entre eles, possuíam a mais estranha variedade de criaturas, de macacos a filhotes de leão. O zoológico de Valentino era encarado com indulgência pelos vizinhos até o dia em que uma leoa meio-crescida se passeou vagarosamente pelo Sunset Boulevard!

Rudy era um perfeccionista e fez um estudo profundo dos costumes, maneirismos e do modo da vida de muitas nacionalidades em diferentes períodos de tempo, o que é contribuiu para cenários autênticos dos seus filmes depois que ele se tornou famoso e tinha algo a dizer sobre o assunto. Nos primeiros dias é claro que ele esteve à mercê dos directores de cinema. Ele sentiu um enorme interesse pela filosofia e lia avidamente qualquer coisa que ajudasse a ampliar a sua visão nesse sentido. Tudo quanto forma a fundação

do trabalho a que ele é chamado a fazer no presente através do seu médium, e de que nós e milhares de outras pessoas beneficiamos.

Chegou meados do verão antes de termos outra sessão e dessa vez Jean acompanhou-nos. Ela por sua vez recebeu uma tal evidência dos seus parentes e do seu pai que ela foi incapaz de refutar ou negar qualquer declaração. O pai dela recordou como foi a sua morte e disse-lhe que o velho cachorro Mike estava com ele. A minha mãe, que Jean reconheceu antes de eu a identificar pela saudação, nos surpreendeu ao discutir a condição de saúde de um amigo de Jean para quem vínhamos a pedir ajuda nas nossas sessões diárias. O Dr. Marshall prosseguiu em linhas mais científicas e admitiu que o caso era difícil, mas assegurou-nos toda a ajuda. Dessa forma chegamos a conhecer o poder da oração.

Durante meses posteriormente, desconhecidos do paciente, médicos e ajudantes espirituais trouxeram poder de cura a aplicar-lhe, trabalhando em unísono com o tratamento hospitalar que estava a receber. Numa outra ocasião, o Dr. Marshall disse que era quase impossível manter a vida dentro do corpo parcialmente paralisado, mas hoje, ainda ignorando o tremendo esforço que foi feito em seu favor, ele encontra-se bem o suficiente para levar uma vida normal e dirigir o carro. A cura espiritual não depende da cooperação do paciente, mas naturalmente que uma resposta activa aumenta a possibilidade de recuperação.

No entanto, devemos retornar à sessão e unir-nos ao momento de silêncio abafado que se seguiu à partida do Dr. Marshall. Uma voz que não ouvíamos antes começou a falar, e à medida que as palavras lentas e profundas nos caíram nos ouvidos a atmosfera da sala pareceu mudar. "Saudações, meus filhos," e nós soubemos instintivamente que estávamos na presença de uma alma evoluída. "É com prazer que os recebo aqui, e alegro-me por saber que estão a iniciar o vosso desenvolvimento espiritual finalmente! Nós esperamos muitos anos por que comessem. Ansiosamente, perguntamos como íamos estabelecer esse trabalho do qual ele estava a falar.

"Reúnam-se todos em paz e harmonia, na quietude do corpo e mente uns com os outros. Permitam que pensamentos de amor cheguem mais alto nas vossas mentes; ofereçam-se para o serviço do Grande Espírito. Estaremos convosco, e juntos iremos gradualmente progredir. o seu marido não está consigo, minha irmã?"

Ele estava obviamente a falar para a Jean, que explicou que Stanley não estava familiarizado com os procedimentos e não expressara o desejo de vir connosco.

“Ele virá na próxima vez que conversarmos todos. Ele está muito mais interessado do que ele se dá ao trabalho de admitir, mas também ele virá a participar convosco; na verdade, ele virá a ser o vosso médium!”

Anunciou ele com firmeza. Se nos tivessem dito que íamos nos reunir com o Mágico de Oz na qualidade de nosso médium, a observação teria sido recebida com maior convicção e menor espanto! A esta altura notou-se uma nota de diversão na voz como ela nos advertiu:

“Seria igualmente bom não informarem o nosso irmão disso, por enquanto, ou a surpresa que vier a ter será maior do que a vossa, contudo em muitos aspectos ele vai provar ser ainda mais entusiasta do que vocês. Façam o que eu recomendei e deixem que o Poder do Espírito o influencie. Você obterá resultados, isso eu lhes prometo.”

Quando ele parou de falar, perguntei o nome.

"Eu sou Nuvem Branca," disse ele, e eu murmurei os meus agradecimentos.

O nome agitou vagamente um acorde na memória, mas foi algumas semanas mais tarde, quando eu recebi um cópia do livro de Natacha da América que eu encontrei o nome. Nuvem Branca (o guia de George Wehner) que havia ensinado Rudy alguns dias depois da sua passagem como comunicar através de um médium, naqueles dias distantes no castelo no sul da França, onde a sua esposa e a família estavam a viver na época.

Seguindo o conselho que nos foi dado por White Cloud, no nosso regresso a casa falamos muito pouco sobre a sessão. Stanley foi tolerante e divertido quando nós três começamos as nossas sessões semanais em minha casa no início de Junho, mas na segunda semana de Julho ele não pode conter-se mais e anunciou de repente à esposa: "Eu vou convosco na próxima segunda-feira à noite e ver o que está a acontecer!"

"Vem," respondeu Jean com a cabeça virada para esconder um sorriso, "teremos o maior prazer em ter a tua companhia." Considerando que todos nós éramos inexperientes, nós três combinamos extremamente bem, e não encontrei dificuldade em partilhar os nossos pensamentos e sentimentos. A presença de Stanley não inibiu essa confiança e ele provou ser uma pessoa muito tranquila, embora ele tenha ficado intrigado. Posteriormente, ele comentou sobre a maravilhosa atmosfera de paz e tranquilidade que senti durante essa hora e meia de relaxamento completo.

Em Agosto, John, Anthony e eu realizamos um sonho acalentado. Fomos à Itália. Nós estivemos em Rimini, na costa do Adriático, no aniversário da

morte de Rudy, e apesar do meu terrível Italiano eu pude comprar um tributo floral para ser enviado para a Catedral de Taranto. Estranhamente, naquele ano, a sua cidade natal, não muito distante de Taranto, organizou uma comemoração em sua memória, enquanto que até então ele havia sido esquecido.

Além de uma placa colocada na parede da casa onde ele nasceu, que havia sido presenteada por imigrantes Italianos em Cincinnati, Estados Unidos, “Rodolfo” fora relegado ao esquecimento. Foi a pequena notícia dessa festa em um jornal Inglês que me levou a escrever para o funcionário responsável pela comemoração e pedir uma fotografia da sua casa. Eu não recebi uma resposta até o Fevereiro seguinte. Também não previ que esse simples pedido encontraria tal resposta.

Após o nosso retorno da Itália, começamos a organizar as nossas sessões adequadamente, de que um item importante era a fabricação de molduras de escurecimento para o quarto dos fundos de qualquer dos apartamentos, tendo sido esse quarto escolhido por causa da tranquilidade que nele reinava. A vantagem dos quadros intercambiáveis foi evidente durante os períodos de doença ou outros eventos, como decorações de casas, tudo quanto aconteceu sem interrupção das sessões. Estivemos em mútuo acordo sobre a conveniência de um escurecimento completo, já que a concentração era melhor, e achávamos mais fácil dizer o que pensávamos ver ou sentíamos.

Stanley começava agora a gozar de uma visão clarividente, e conforme lhe era apresentado, ele descrevia-nos a nós, e nós aceitávamos ou rejeitávamos de acordo com o nosso raciocínio. Ele não fez qualquer tentativa de interpretar o que via, e dessa forma a influência da sua própria mente foi mantida ao mínimo.

Desde o nosso retorno da Itália, eu queria perguntar a Leslie se ele poderia arranjar a falarmos com o Rudy, no entanto, eu sentia relutância em fazê-lo, já que Leslie havia frequentemente enfatizado a questão de que tudo o que ele poderia fazer era agir como o médium através de cujo poder eles no mundo espiritual poderiam falar. Ele não alegava qualquer autoridade para pedir a qualquer pessoa em particular que comunicasse. Em qualquer caso, é costume esperar a presença do gente do espírito, e demasiada concentração numa pessoa pode muitas vezes criar um obstáculo. Mas o desejo era tão insistente que acabei sucumbindo a ele e escrevi a marcar um encontro com essa ideia em mente.

Eu não incluí a Jean nem o Stanley como presentes quando escrevi a marcar essa sessão especial por o Stanley ainda não ter assistido a uma sessão com um médium profissional e eu não saber como ele iria reagir. Além disso, seria natural que ele quisesse fazer perguntas e procurar provas pessoais. Ele

ainda não sabia que estava destinado a desenvolver fortes poderes mediúnicos, embora ele tivesse aceitado a filosofia mais prontamente do que nós pensáramos ser possível.

Mesmo quando ele descobriu que estava a ter visão clarividente, ele não registou grande surpresa, já que nós também estávamos a receber fragmentos, e ele pareceu aceitar a invulgaridade de toda a experiência com um calmo distanciamento. Consequentemente, como nós quatro já tínhamos reservado a nossa primeira sessão juntos para 21 de Setembro, senti-me justificada em omitir-lho nessa ocasião.

Leslie marcou o dia da carta vermelha para John e para mim em 30 de Setembro de 1956, quando iríamos ser seus convidados. Ele disse que iria convidar um ou dois membros do seu próprio círculo para se reunir connosco, e que iria ter o gravador a funcionar, mas é claro que ele não poderia garantir que o Valentino viesse, e aconselhou-nos a evitar demasiada concentração ou expectativa.

A ideia de que tal contacto fosse considerado parecia dificilmente crível, depois do distanciamento dos últimos trinta anos, e nos meus registos eu escrevi as seguintes palavras, que resumem a breves trechos toda a situação enigmática enquanto eu aguardava pelo dia escolhido: Além do sentimento de excitação reprimida, estava ciente de um profundo senso de humildade. Rudy tem o poder de mexer comigo interiormente, o tempo todo. O pensamento persistente exige atenção... ter-nos-emos conhecido noutra período de vida?

Eu sempre rejeitara a teoria da reencarnação porque ela me enchia de medo de separação e eu deliberadamente evitei aceitá-la ou conduzir a minha razão para a questão. Eu sabia que Rudy acreditava nisso e também na Lei do Karma, mas ainda assim a opinião que tinha sobre esses assuntos não concordava de forma alguma com a minha. "Este contacto, se for realizado, sem dúvida, levará a um estudo mais aprofundado sobre esse assunto discutível," concluíram as minhas notas.

2

O PONTO SEM RETORNO

Uma vez que a voz do espírito é escutada e a vida é dedicada ao serviço dos outros, é verdade dizer que não há como voltar atrás. Pensamentos, ideais, motivos, o presente e o futuro são dedicados àqueles que vêm ensinar e orientar, e assim sucedeu connosco. Por isso, no dia em que assistimos à nossa primeira sessão de Voz Independente como um quarteto foi significativo, ainda assim não começou exactamente com uma coisa desenvolta.

Assim que as preliminares terminaram, Mickey surpreendeu Stanley dizendo: “Ahem!* Ele é cético!” E, antes que Stanley respondesse, um parente de Jean, que Stanley conhecia muito bem, falou com ele e deu-lhe provas maravilhosas.

**NT: Ruído gutural que se faz quando se limpa a garganta.*

O Dr. Marcel discutiu o círculo connosco, e confirmou a afirmação de White Cloud de que Stanley viria a ser nosso médium. As suas palavras estavam tão repletas de encorajamento e felicidade de que nos sentimos dispostos a cooperar. A minha mãe confiante disse que esperava poder falar connosco deste modo, na nossa própria casa em algum momento futuro. Um Dr. Edwards se apresentou-se a esta altura e pediu-nos para nos relaxarmos mais durante as nossas sessões, e não nos concentrarmos nos resultados com tanta intensidade. “Basta que estejas natural,” disse ele, dirigindo-se a mim.

“Olhas para o espaço à procura de algo que nunca verás, e o John parece meio morto!” Todos nós explodimos numa risada, à qual ele se juntou, a seguir ao que ele disse não sem delicadeza: “Se vocês pudessem ver-se, por vezes! Mas na verdade vocês estão a progredir muito bem. Lembrem-se, vocês devem empregar a vossa razão em tudo o que recebem. Fui a algumas sessões em que é horrível ver o lixo que é aceite! Vocês, por outro lado, têm tendência para ser muito críticos, mas é difícil errar no aspecto excessivamente cauteloso.”

A Irmã Teresa comentou as minhas sessões de oração e incitou-me a continuar, por os pensamentos formarem um elo sempre constante com o mundo do espírito. O comunicador seguinte não revelou o seu nome, mas John e eu reconhecemos a Sra. Patrick Campbell que ficou satisfeito por a recordarmos. Então, uma voz diferente falou devagar e muito semelhante à de White Cloud, mas esta era a de White Feather.

Por fim, surgiu o Dr. Marshall, cujas últimas palavras foram: “Nós sabemos que vocês vêm no dia 30. Nós temos uma surpresa para vós. Não se preocupem, nós temos alguma coisa na manga. O poder está a esvanecer-se. Deus os abençoe a todos.” A iniciação de Stanley tinha terminado, e as provas o dominaram por completo, como acontece com a maioria das pessoas quando ouvem esta maravilhosa comunicação pela primeira vez.

Eu redigi as notas relativas à nossa sessão especial de 30 de Setembro no dia seguinte e encabeei-as da seguinte forma: “Eu mal sei como começar o registo desta maravilhosa experiência, mas é certamente verdade que quando o conhecimento, a fé e o amor (não necessariamente por esta ordem) se combinam, tudo é possível.”

Não incorrerei no risco de aborrecer o leitor contando ao narrar cada frase de todos os oradores, desde agora em diante. Cada sessão traz novas evidências e nova gente de modo que, quando um membro do círculo que participou connosco naquela noite falou com alguém a quem se dirigiu como Frédéric — obviamente um amigo antigo e de confiança, acostumado a comunicar -- não nos ocorreu questionar o destinatário, mas ao final da noite ele ofereceu a informação de que todo o interesse que ao longo da sua vida sentira pelo seu trabalho o atraía para ela. Aqui estava um exemplo do laço de mútua Harmonia, por se tratar de Frédéric Chopin.

Outro velho amigo com um forte sotaque Americano foi Flo Ziegfeld, das famosas Apoteoses de Ziegfeld. Ele parecia muito divertido com todo o processo, e chamou-nos um monte de "fãs" e depois perguntou-nos se tínhamos noção de que o termo significava fanáticos! Bem, ele certamente fez-nos rir -- qualquer coisa que quebrasse a tensão do ambiente, que se encontrava positivamente carregado!

Agora passávamos pela experiência de apreciar as dificuldades que os nossos amigos têm de superar no lado deles, e o esforço necessário para desacelerar a sua própria taxa de vibração até à da nossa, a fim de usarem o poder de um instrumento terreno. Ouviu-se um leve sussurro, uma voz de mulher -- mais uma vez, mas ainda não conseguíamos ouvir claramente. O ronronar constante do gravador parecia mais poderoso do que o "Olá gente!" igualmente pronunciado com um acento Americano. "Vocês precisam ser pacientes comigo. Eu nunca falei deste modo antes. Eu ajudei todos esses anos, mas esta é a primeira vez que faço directamente o esforço... e que esforço que é! Sou June Mathis."

Aqueles de nós que tinham conhecimento da ligação que ela tinha com Rudy ficaram electrificados! "Eu espero que você consigam ouvir eu," disse ela, com uma voz que se tornava mais forte o tempo todo. "Se não, EU POSSO FALAR AINDA MAIS ALTO!" Rimos quando o quarto reverberou com o som que felizmente ela modificou enquanto prosseguia. "Encontro-me aqui hoje por Rudy me ter pedido para falar convosco. Vocês sabem que eu estive sempre interessada em assuntos psíquicos quando estive na Terra."

Mais uma vez devo deixar a narrativa para explicar a importância do papel desempenhado por June. Ela fora a mulher que arriscara a ruína da sua carreira como argumentista famosa, ao insistir, em face a muita oposição, que a parte de Júlio em "Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse" devia ser dada ao jovem Valentino, que nesse período era quase desconhecido. Ela ficou na história do cinema como a única verdadeira descobridora do Valentino e embora muitos outros tenham reivindicado essa previdência, as honras devem recair sobre June, que estivera preparada para o apoiar depois de ver um filme anterior em que ele interpretou o vilão. Essa parte fez não se lhe adequava, ao

mesmo tempo que criava o efeito inverso àquele pretendido na audiência, cuja simpatia raramente tendia para o herói!

A June e a sua mãe, em particular, travaram amizade com ele durante as suas primeiras lutas em Hollywood, e foi através da associação com ela que ele começou a interessar-se por manifestações psíquicas. Quando a mãe de June faleceu, ela tornou-se num dos seus inspiradores e, à medida que a sua própria mediunidade se desenvolveu, Jenny, como era chamada, comunicou com frequência. O Sr. Ullman relata em seu livro como Rudy, no estado de delírio em que se encontrava, chamou pelo nome dela duas vezes enquanto ele estava a ser levado de ambulância para o hospital no início da sua doença fatal. Quando ele morreu de forma tão inesperada June expressou o desejo de que a sua cripta fosse usada como jazigo temporário até que um local de repouso permanente fosse escolhido. Mas durante esse mesmo ano a própria June morreu, e o seu marido renunciou a seu direito à cripta adjacente que vendeu à propriedade de Valentino. Assim, Rudy foi sepultado ao lado da mulher que dera a conhecer a sua arte ao mundo, e que lhe sobrevivera apenas alguns meses. Agora aqui estava ela a falar connosco, trinta anos depois, a pedido dele.

No final da sua palestra, a mensagem tornou-se particularmente impressionante. Ela disse: "Eu quero que vocês saibam que o Rudy e eu estivemos juntos em outras encarnações. No Egito, em Roma, e na Itália da Idade Média, como vocês também estiveram. Vocês todos viveram nesta Terra antes, e quando se sentem inexplicavelmente atraídos para alguém, e talvez prestem a essa pessoa um grande serviço, é o vosso Carma para fazê-lo." Antes de ela nos deixar, disse: "Quando chegar a hora, estas as coisas ser-lhes-ão reveladas.

A expectativa na atmosfera aumentava a cada instante de silêncio. Então uma voz suave interrompeu-nos a reflexão.

“Quando ficam tão tensos e excessivamente ansiosos torna-se-nos mais difícil. Não se concentrem em mim. Eu não sou ninguém.” A sua voz revelava-se nervosa e constrangida. “Tenho as minhas razões para não vir aqui com regularidade falar, mas isso não quer dizer que não me encontro presente, e que não me estou a esforçar por prestar um serviço e ajudar. Por ser claro que estou. Mas a única coisa que importa é o trabalho realizado, e aqueles que são ajudados e confortados, isso para mim é o que mais conta.”

Ele falava lentamente mas com uma maior firmeza agora, e escolhia as palavras com cuidado e apenas com um traço de acento.

“Infelizmente, há tanta gente no vosso mundo que não compreende; e que nem sequer se esforça por compreender. É uma coisa extra ordinária

como as pessoas têm ilusões, embora seja necessário tê-las por vezes. Mas não me encontro aqui para lançar invectivas contra a ilusão por eu próprio ter criado uma no coração e na mente de muita gente por meio do trabalho que desenvolvi na tela.

“Foi isso que me ajudou a tornar-me num sucesso - se é que lhe podemos chamar sucesso! O sucesso nem sempre significa felicidade. Pode trazer felicidade aos outros mas não a nós próprios, no entanto, desde que Aqui me tenho encontrado tenho sido muito feliz. É um privilégio para mim poder servir. A única coisa que é importante é servir a Humanidade. Quando estive Terra fui capaz de prestar serviço na medida em que fui capaz de trazer felicidade por um breve espaço de tempo, por trazer um pouco de cor, ou pouco de magia talvez, mas importante como poderá ter parecido, foi somente uma ilusão e a Terra encontra-se cheia delas!”

A sua voz soou bastante infeliz, e o John, incapaz de se conter, disse: “Não, não, Rudy. Não posso tolerar isso. Deve ter trazido imenso conforto às pessoas, mais do que alguma vez porventura admitirá. Trouxe-lhes alegria ao elevar-lhes a mente dos problemas deste mundo, e o que é mais, ainda o faz!”

“Bem... er... até certo ponto devo concordar contigo, John, meu amigo.” disse o Rudy um pouco de má vontade, mas com um ‘sorriso’ na voz em resposta ao enfático protesto do John: “Todo tipo de pessoas até mesmo aquelas que se consideram sábias e inteligentes, têm o seu sonho, e é isso que as mantém a prosseguir. Contudo, nós que vimos até vós deste Lado da Vida tentamos desesperadamente trazer-lhes realidades. Aqueles de vós que conhecem a Verdade daquilo a que chamamos Comunicação, acham-na uma grande ajuda e conforto, por isso, digam isso aos vossos amigos que eles hão de dizer: ‘Ah, não passa de uma ilusão!’

O Mundo em que viveis acha-se repleto de medo, malícia, e ódio. Há tanto de errado, e tudo devido a falsos valores. O homem criou para si próprio coisas que considera necessárias, e coisas que são chamadas ‘prazeres’ mas nós sabemos ter um dever a cumprir; temos uma tarefa que assumimos, que é ajudar a mudar a mentalidade da Humanidade. Nós vimos trazer-lhes realidades e derrubar as barreiras que se colocam entre nós e o vosso mundo. Não vimos trazer-lhes apenas conforto pessoal. Vimos para que nos possamos unir e assim formar um bando de amor e de fraternidade, para que os dois mundos, o nosso e o vosso, se possam tornar um só, onde os homens possam coabitar em Mente, Corpo e Espírito, e em Verdade, onde não venha a haver ilusões mas tão só realidade, e onde o amor reine supremo sobre os reinos dos mundos - por existirem muitos mundos assim.

"Eu não estou aqui hoje para lhes falar particularmente sobre mim próprio, e pessoalmente quero, tanto quanto possível, esquecer a minha ‘vida

terrena,' por não ter mais importância para mim. O que é importante é o trabalho que posso fazer, o que posso conseguir, o que sou agora e o que espero tornar-me. Vocês e eu somos muito abençoados, por sabermos de certas coisas que o mundo não entende e para as quais está cego. Vocês conhecem os valores reais da vida. Os valores reais são as coisas de Deus, as coisas que são Eternas, que nunca podem desaparecer, e que nunca podem fenecer.

“Eu descubro uma enorme felicidade em vir a esta casa, onde existe uma atmosfera de amor, e agradeço-lhes a todos por manterem a minha memória terrena viva. O médium que eu uso é um instrumento que durante muitos anos foi treinado para servir, e tornar-se um servo do Altíssimo não é um caminho fácil!” Durante a pausa, John disse: “É uma grande honra!”

“É de facto,” continuou Rudy, “mas ao mesmo tempo é uma tarefa difícil. Eu evitei deliberadamente colocar-me em primeiro plano, por saber que muitas pessoas pensariam em mim como me visualizavam nos velhos tempos nas salas de cinema, e que diriam: 'Que sujeito extraordinário! Esse não é o tipo de pessoa que assume o controlo de um médium. A questão está em que esse tipo de pessoa só pode me visualizar no sentido errado.

O mundo mudou e todo o sucesso e todo o prazer que retiro da minha vida terrena... é nada comparado com o que tenho aqui...” A fita do gravador acabou nesse preciso instante! Leslie desligou-o, enquanto Rudy conseguiu manter o controlo apenas o tempo suficiente para dizer: “Eu voltarei para falar convosco de novo, da próxima vez que todos vocês se reunirem. *Arrivederci.*” E ele se foi. Mickey gritou apressadamente. “As mesmas pessoas, à mesma hora, de Domingo a quinze dias, por favor. Adeuzinho!”

Todo mundo estava a falar feliz e animadamente enquanto saíamos da sala de sessões, mas eu fiquei para trás relutante em sair. Eu queria reflectir. Eu queria reviver cada palavra e, acima de tudo, absorver o significado do implícito ao que June dissera: “Egipto... Roma, Idade Média... assim como vós também. É o vosso Carma.” John interrompeu-me os pensamentos, pois também ele ficara para trás. Ele colocou-me os braços em volta dos ombros. “Bem,” disse ele enquanto me beijava. “O Rudy apareceu. Mas tu nunca chegaste a abrir a boca!”

“Eu não pode,” disse eu por entre uma risada. “Tu és engraçada,” disse ele carinhosamente. Mais tarde, à noite, Leslie reproduziu a gravação em fita, e passou a última parte por duas vezes, e um dos participantes transcreveu as mensagens.

Quando a quinzena passou veio um visitante da Califórnia que fora convidado por Leslie a participar connosco. O convidado estava limitado

quanto ao tempo, e não pode fazer qualquer arranjo para uma sessão privada. Ele recebeu uma mensagem maravilhosa no sentido de que ele nunca mais teria que encarnar, uma vez que a vida actual era de tal valor espiritualmente através do trabalho que ele estava a fazer, que a sua experiência no mundo material seria agora concluída e depois de sua morte ele iria viajar pelas Esferas com a sua amada sem mais separação.

Rudy não veio falar connosco. Fiquei surpreendida com a minha reação. Eu não me senti desapontada. Foi como se eu soubesse, na minha consciência interior, que podia ser um teste, e como ainda me sentia agradecida por ter aparecido na ocasião anterior, não me permiti sentimentos de arrependimento, e talvez o Americano estivesse mais necessitado. Eu esperava que pudéssemos ter uma oportunidade mais tarde, já que no primeiro caso o convite tinha vindo do Outro Lado, mas como um grupo, nunca nos se nos estendeu de novo.

Seria completamente impossível, assim como desinteressante qualquer um que não tomasse parte, detalhar cada passo e experiência como veio até nós no nosso círculo familiar nos meses que se seguiram. Cada sessão produzia cenas vívidas que eram promulgadas pela visão clarividente de Stanley. Ele não é homem a quem a eloquência venha facilmente, e no início as comunicações revelaram-se hesitantes e lentas, mas houve noites em que ficou claro que outra personalidade se impingia na sua mente de tal maneira que as palavras fluíam com suavidade e fluência.

Eu tive a impressão de que todos os detalhes tinham alguma importância, e depois daqueles sessões anotei tudo o que conseguíssemos lembrar -- e que amontoado que era! Em Dezembro, compramos um gravador barato de segunda mão, e levou muito tempo a reproduzir e a transcrever as fitas; mas então, quando percebi a enormidade da tarefa que tinha diante de mim, uma máquina de escrever tornou-se uma necessidade, seguida do difícil processo de aprender a dactilografar. Eu registei fielmente todos os nossos fracassos e as dificuldades com que nos deparávamos à medida que tentávamos obter harmonia, para criar as condições físicas e mentais acertadas, e fiz uma nota de todas as sessões negativas, das boas, más e indiferentes.

Ao longo das investigações que fiz sobre questões psíquicas, ouvi falar de inúmeros círculos caseiros que eram interrompidos, mas agora não era surpresa para mim que tantos caíssem no esquecimento, e quando eu olho para trás para aqueles primeiros dias e recordo a nossa expectativa ansiosa que sentíamos, que ainda está por ser plenamente compreendida enquanto redijo estas palavras oito anos depois, posso sorrir de forma indulgente do entusiasmo que sentimos, que no caso do Stanley por vezes diminuía, que dizia:

"Se eu tiver mais algum caleidoscópio histórico a descrever, desenvolverei complicações de histeria!" É justo dizer que, para deixar a sua mente completamente livre de impressões sobre o círculo, não lhe mostrei o registo que estava a fazer, e passou um bom bocado antes que eu próprio percebesse a ordem entre o caos.

O facto de que estávamos a progredir com aquele tipo de transe ligeiro prova que devemos ter alcançado condições adequadas para que os nossos controladores trabalhassem connosco, mas os meios estavam longe do ideal. Por isso, acho que seria encorajador para muita gente nesta fase se eu delineasse as circunstâncias muito comuns que nos rodeavam.

Para começar, os nossos respectivos maridos trabalhavam numa fábrica. Ruído, ambiente sufocante e constantes incidentes de discórdia aconteciam ao redor deles o dia todo, pelo que ambos voltavam para casa à noite cansada e esfomeados. Isso significa que uma das regras do desenvolvimento não podia ser aplicada, que que passava por não tomarmos uma refeição pesada antes de cada sessão, e embora nós não favorecêssemos uma particularmente pesada, tínhamos um jantar completo.

Nós morávamos num duplex do conselho onde cada ruído podia ser ouvido! Havia rangidos de soalho por cima, rádio, televisão, e até mesmo vozes podiam ser ouvidas do apartamento de cima, ou choro de crianças do apartamento adjacente. Sons comuns do dia-a-dia e as famílias envolvidas eram atenciosas umas para com as outras, mas habitações eram mal construídas.

Jean e eu trabalhávamos em regime de part-time localmente, pelo que chegávamos a casa a tempo de preparar a sala. Conforme comentei antes, as sessões tinham lugar no nosso quarto e o alojamento era apertado. O Stanley senta-se numa pequena cadeira à beira da lareira e a Jean fica de frente para ele. O John e eu ficávamos lado a lado num grande divã e tínhamos os pés da cama como encosto. Lembro-me de uma vez ter lido que o sala de sessões devia estar escassamente mobilada!

O chão é totalmente acarpetado e um fogo eléctrico fornecia o aquecimento, embora fosse preparado antes de começarmos. Nós mantínhamos a penteadeira como um ponto focal, com vasos de flores frescas, vidro lapidado e prata antiga, e duas fotografias, uma de Rudy e outra de Charles (como agora chamávamos ao Dr. Marshall). O gravador de fita era sem cerimónias empurrado para debaixo da cama!

Numa noite em particular que uma amiga ligou e pediu para ver a nossa sala de sessões' ela comentou a atmosfera de paz e simplicidade que prevalecia apesar das dificuldades. Talvez o fio de fumaça subindo de um

bastão incenso a queimar criasse uma sensação de tranquilidade especial, mas eu rapidamente a deixei decepcionada. "Eu tenho cozinhado hortaliças!" disse eu. "De futuro vou-me lembrar de evitar essas coisas antes das nossas reuniões.

Nas páginas que se seguem e na sua ordem de sequência, tentarei transmitir algumas das experiências místicas maravilhosas que me foram dadas experimentar, às vezes durante as sessões, mas mais muitas vezes durante as minhas sessões de oração nesta sala. Essas experiências, eu estou certa, são comparáveis às daqueles que buscam a verdade na solidez dos Himalaias, ou na tranquilidade dos claustros, e ainda o contacto com as Esferas Superiores foi feito e mantido de tal forma que eu me sinto confiante em dizer que ninguém precisa sentir-se separado desta maravilhosa fonte de amor e orientação.

O que eu posso fazer, qualquer um pode. A paz está dentro, e pode-se aprender a manter a cadeia de oração, enquanto o cão ladra, os bebés choram no jardim contíguo, e até mesmo enquanto os lixeiros realizam uma competição sobre quem consegue jogar o lixo mais longe! Ao longo de toda essa comoção, conseguia manter a cadeia de oração, mas somente após dias de prática. Mas como tudo isso vale a pena! Lançar o nosso fardo sobre o poder dentro enquanto seguimos livres; livres de preocupações, livres de temor, por sabermos que nada que fazemos, a fazemos sozinhos. As nossas cargas não nos são tiradas, mas recebemos a força para as carregar.

A minha primeira experiência de transe ligeiro ocorreu no começo da nossa vigésima primeira sessão. O brilho do fogo elétrico mal se tinha desvanecido quando me dei conta de que eu estava a testemunhar uma cena extraordinária, da qual eu aparentava ser parte e ao mesmo tempo eu estava distanciada dela. O cenário era o Egito antigo, e em lampejos de visão eu vi as Pirâmides e várias estátuas enormes, todas em perfeitas condições, e agora alguns homens que usavam toucados de listras vívidas. Então eu vi a Esfinge e anotei mentalmente que o nariz não apresentava danos, e que as patas também estavam descobertas. Estranho dizer que eu 'vi' tudo isso sem sair do ponto de observação que parecia situar-se nos degraus de um grande edifício.

No lado contrário a mim a céu aberto via um enorme templo com duas torres quadradas que convergiu no sentido do topo e lhe emprestava um design em cunha. Através do portal entre estas torres surgira uma procissão. Grupos de pessoas carregavam plintos erguidos sobre os quais se via bois brancos com grandes chifres curvados para cima com guirlandas de flores penduradas. Eu não posso dizer com certeza se esses eram animais esculpidos, mas eu senti que eles estavam bastante vivos e que estavam muito acostumados a ser carregados em liteiras em meio a toda as danças e cânticos

que acompanhavam a festa. A minha posição mudou de forma imperceptível, e eu dei por mim no pátio do templo.

À minha esquerda ficava uma colunata que conduzia às torres. Eu contei meticulosamente as colunas; havia dez delas. Agora comecei a encetar um solilóquio: “O Templo de Isis. Este não é o tempo dos antigos faraós, é a época de Ptolomeu... Ptolomeu II.” Duas garotas com vestes pegajosas atendiam aos braseiros fumegantes; os seus longos cabelos negros pendiam livres sob o véu frágil que brilhava enquanto se moviam e eram presos por um círculo de ouro curvado numa cabeça de serpente sobre a testa.

Um redemoinho de fumaça apagou a cena por um momento mas através da névoa cinzenta eu vi um disco de ouro alado e, em seguida, algumas gloriosas jóias que brilhavam numa faixa de cabeça de um homem que se aproximava de mim. Eu estava de pé um pouco acima dele, e olhei fascinada para o Uraeus, o emblema da serpente incrustado de joias, símbolo da soberania. Quando ele chegou perto, ele estendeu as mãos e se virou um rosto de ansiedade para cima. Era Rudy. Quando as nossas mãos se encontraram eu tive consciência ciente de um medo terrível - medo por nós - e a visão desvaneceu-se.

Ao contrário de Stanley, não consegui descrever tudo isso enquanto estava me estava ser apresentado, e tive que esperar que a sessão terminasse para o fazer. No entanto, esse incidente tinha explicado as frases desarticuladas, e muitas vezes a mudança do tempo do verbo das interpretações de Stanley. Tudo é muito estranho e até que eu tivesse experimentado esse 'ver' e depois 'tornar-me parte,' eu não tinha percebido as dificuldades que ele havia superado para transmitir até mesmo um esboço das cenas, ou uma fração da consciência. Como esta noite em particular, e a sessão que teve lugar uma semana depois, são bastante notáveis na variedade e clareza de visão que proporcionaram, vou relatar as transmissões conforme dadas através de Stanley, cuja voz agora me lembrava das limitações do círculo.

“Encontro-me no pátio de um castelo medieval do século XIII. Há um banquete em andamento, um animal grande está a ser assado inteiro num espeto e há também dúzias de frangos para assar! Há uma escada construída na parede do grande hall para que estou agora a dirigir-me... John? Terás sido um bobo da corte numa encarnação anterior? ”Isso provocou uma risada e passado um tempo Stanley continuou. “Há uma ponte levadiça. A ponte levadiça está fechada... Eu estou a dirigir-me para as masmorras. Eu vejo uma freira e um monge. . . uma bola de ferro com espinhos... trevas ... os últimos ritos estão a ser proferidos. Há uma grande mesa cercada por muitas pessoas... escuridão.”

Esta descrição foi seguida por uma longa pausa (eu tive noção de uma pausa como esta última que durou vinte minutos). então ele continuou: “Eu consigo ver a flâmula de um cruzado a esvoaçar no vento... Roma, no tempo de César... Há dez pilares no templo. Um telhado pontiagudo, como o Pártenon... uma grande catedral, muitos arcos. Estamos numa água muito azul e passando por algumas ilhas pequenas, parece que estamos de viagem para a Terra Santa. Agora somos recebidos por um árabe barbudo que usa um turbante quadrado. Eu trato-o por Abdula! O sol está excepcionalmente quente, areia por toda a parte para que volto o olhar, depois matagais. Estamos a viajar muito rápido e sem esforço. Há um cavalo empinado, de cauda longa, de color louro-mel.

Agora o matagal estende-se até as margens de um grande lago, no outro extremo fica um templo abobadado, ou mesquita, sabes o que eu quero dizer, de cúpulas arredondadas. Descalçamo-nos antes de entrarmos. As pessoas sentam-se no chão, embora algumas estejam ajoelhadas. Elas comem tâmaras e frutas cristalizadas e bebem vinho... e água também. As mulheres usam yashmaks (véus duplos).” A sua voz arrastou-se até ao silêncio e a sessão terminou.

Uma semana depois, Stanley continuou como se não houvesse passado mais do que uma pausa de alguns momentos: "Há um árabe aqui novamente, cocar turbante quadrado, cordão de ouro, ele usa um longo manto, estamos a viajar de novo ao longo de grandes distâncias e muito facilmente. Matagais, colinas baixas, estamos passar as pirâmides agora. É muito mais alto aqui, encontramos um homem cuja capacete polido é decorado com rubis... muitas pessoas encontram-se sentadas em pequenos sofás num sala azul e dourada, ricamente mobilada, mas mal iluminada.

Tem uma linda garota aqui com proteções das orelhas adornadas com joias que se estendem até às bochechas dela. Ela não é diferente de ti, Jean. Vejo um velho homem com uma longa barba branca, a usar uma espécie de hábito de monge... er... bem, tem capuz, mas o hábito só chega aos joelhos. Um bebé encontra-se deitado nu sobre seda branca, acho que está à espera de ser baptizado. Eu encontro-me numa sala de janelas arredondadas.”

Depois de uma longa pausa, disse: “É-me mostrada uma linda rosa vermelha. Há uma luz brilhante no horizonte que enche o céu, o que é estranho por ser noite. Oh, estamos de novo fora como antes, sem esforço. Estamos a aproximar-nos de um castelo da Normandia, de torres arredondadas e um rio perto, a abrir para o mar através de uma pequena cidade. Bideaux... Chartres... uma coisa ou outra, não consigo perceber claro. Um homem vestido com uma veste Elizabetana, também um índio de turbante que tem um rubi no centro, está a trocar safiras que brilham como fogo azul. Oh não! Um período diferente. Estamos a passar para um período diferente. Escoceses

vestindo o kilt. Aqui está uma estátua de um rei no meio da estrada e um castelo perdido, assim como uma catedral... muito adorável.” Assim terminou outra noite, com agradecimentos individuais da nossa parte ditos em voz alta àqueles que nos haviam ajudado, pois percebemos que, embora não tivéssemos a menor ideia da razão desse tipo de panorama nos ser dispensado, devia haver uma boa razão.

Desta maneira estranha, estabelecemos temas claramente definidos, muitas vezes com várias semanas entre uma e a outra, e pelo Ano Novo tivemos muitas fases variadas com que formamos um padrão. Quando as condições Francesas nos foram transmitidas, tratava-se invariavelmente do Distrito da Normandia no século XVIII.

Depois seguiu-se a Escócia medieval e a China sob a tirania das hordas de Gêngis Khan, os desertos também, tão atemporais e imutáveis quanto os oceanos. Muitas vezes nos foi mostrado o período dos cruzados e dos sarracenos e cenas magníficas relativas à civilização dos Peles-Vermelhas, e eu uso essa palavra deliberadamente, pois em todos os exemplos nos foi apresentado o modo de vida pacífico e natural conforme vivido pelas tribos séculos atrás, da região do tundra gelada até aos totens das tribos costeiras Colombianas, e desde os índios das montanhas e planícies aos descendentes do Inca Sul-Americano. Cada localidade mostrava o seu próprio signo e símbolo, obviamente de grande significado, mas que raramente éramos capazes de interpretar.

Uma boa quantidade de informação chegou gradualmente até nós, contudo, e eu descobri que os livros das crianças geralmente se revelavam muito informativos, e desde que um cocar de penas para mim era igual a qualquer outro, a minha era uma educação necessária. Outro período mais recente que vagamente tocava a nosso próprio período, era o da guerra de 1914-18.

Pelo Natal, recebi um cartão de boas-festas do revendedor em Los Angeles, que trazia anexada uma cópia da estampa de Rudy inscrita Rudolfo Valentino Ex Libris. O design era mais intrigante. Em primeiro plano apresentava um elegante cavalo branco adornado com magníficas aparatos, o cavaleiro que o montava era um Cruzado que se voltava na sela, com a lança empunhada para baixo na direcção de um soldado Sarraceno que apresentava ajoelhado, que usava um elmo com malha de cota e protecção dos ombros (um camail). Ao lado da figura agachada encontravam-se vários árabes armados com espadas e lanças em formação de ataque com flâmulas esvoaçantes nas suas lanças. Das viagens tipo “tapete mágico” que fizéramos nos últimos meses, o traje de cada figura era-nos familiar - apenas faltava Abdula!

A nossa vigésima quinta sessão calhou na véspera de Ano Novo, que também era o meu aniversário, e eu celebrei os eventos duais adoecendo. No entanto, realizamos a sessão como de costume. Eu fiquei deitada na cama e os outros sentaram-se o mais perto de mim que puderam e tivemos uma noite maravilhosa de clarividência! Para a primeira vez Stanley referiu-se ao Rudy.

“Lynn, Valentino alguma vez usou o fato de um toureiro?”

"Usou," respondi, "no filme 'Blood and Sand,' por que perguntas?"

"Ele está aqui esta noite," disse Stanley simplesmente.

Em Janeiro de 1957, levei Anthony à sua primeira a uma sessão de voz directa. A sua saúde melhorou consideravelmente nos últimos meses e não foi necessário que ele se submetesse a tratamento, conforme o conselho do Dr. Marcel de dois anos antes de ter sido justificado pelos resultados. Passado pouco tempo, Anthony sentiu-se bastante à vontade, respondeu às perguntas e juntou-se ao riso. A Irmã Teresa perguntou se ele tinha ouvido a gravação de Setembro, quando Rudy havia falado, e disse que ficaram desapontados por não termos uma cópia da fita. No decorrer de uma longa conversa ela disse-nos que estava sempre presente nas nossas reuniões em casa e instruíamos a anunciar tudo o que estávamos a ver. “Nem sempre fazes isso,” disse ela categoricamente, “Estás a desenvolver uma grande percepção e o teu marido também, mas ele não diz o que está a receber de nós, embora tenha grande poder.”

“Talvez ele esteja com medo, como eu às vezes também tenho, disso ser visto como associação de ideias ou imaginação - disse eu - como, por exemplo, quando vi o período Egípcio - prossegui, hesitante. Sem um segundo de hesitação, ela exclamou: “Bem? Por que isso não é possível? Precisas acreditar que é dado a ti por nós. Diz aos outros. Ah! Eu tenho que ir agora.” Claro que cada um sai com a sua própria bênção de afecto e, nessa ocasião, ela foi seguida pelo Dr. Marshall, que discutiu a entrada que se aproximava do Anthony para a Marinha Mercante e a data em que ele se juntaria ao primeiro navio.

Então veio a minha mãe e a sua irmã, tia Maud, que havia passado apenas no mês anterior de Julho e a quem Anthony reconheceu. Ele reconheceu-lhe a voz mal ela falou, por ela ter conseguido usar o instrumento de uma forma notável e a sua voz se revelar forte e potente. O nosso visitante seguinte, que tinha a impressão de nos ter falado antes, possuía um sotaque cáldo de Cockney e pareceu bastante surpreendida por não a reconhecer.

“O meu nome é Rose, amor. Eu costumava ter 'uma tenda, uma barraca de flores.' ”Ficava perto da Estação de King's Cross?” perguntou-lhe Anthony.

Ele tinha sentido a falta da vendedeira de flores habitual que se situava fora dessa estação quando ele tinha voltado para casa nas férias da escola. "Não, meu querido abençoado, eu teria um espaço na Costa durante anos. Mas estou surpreendida por não tenha falado convosco antes," dirigindo-se a mim, "por estares aqui tantas vezes! Oh, eu sei, agora entendo, eu vi-te aqui nas noites sociais quando não falavas de outra coisa senão de filmes! Eu vi Valentino contigo, sabes, em torno das tuas condições. Ele está sempre aqui." Eu achei que devia responder alguma coisa, mas como permaneci em silêncio ela continuou: "Ele é um jovem adorável e possui uma disposição tão bela."

"Eu acredito de verdade, Rose, isso não me surpreende em nada," disse eu com um sorriso. "Remeta-lhe o meu amor, se faz favor. O riso dela encheu a sala."

"Pela minha alma abençoada, toda mulher no mundo gostaria de fazer isso!"

"Talvez, mas quantas têm oportunidade de o fazer?" retruquei eu. A única resposta que me deu foi outra risada contagiosa, a seguir ao que disse: "Eu vejo-te de novo em breve. Eu também venho para às tuas sessões! Adeuzinho, amor."

Rose cedeu a vez a White Feather, cuja voz profunda e gentil causou uma ótima impressão a Anthony, e as últimas palavras que lhe dirigiu foram absolutamente belas: "Sempre que precisares de ajuda envia-me os teus pensamentos que eu te ouvirei. Em tempos de dificuldade, de tentação ou em perigo de qualquer tipo e eu virei até ti, meu filho. O meu amor a vocês os dois e ao irmão John, e sabe que a bênção do Grande Espírito Branco está sempre convosco. Estou satisfeito que venhas de novo em breve, eu vou falar contigo." Assim terminou o primeiro encontro de Anthony com o Almas amadas que nos vêm para guiar e conduzir a uma maior compreensão da Lei Divina.

Como a clarividência de Stanley se tornava mais estável e a sua capacidade de descrever as impressões que ele recebia se tornou mais distinto, notei um certo ritmo nos temas recorrentes. O Árabe, por exemplo, passava a ser seguido pelo Escocês, que por sua vez dava lugar ao período medieval, pontuado, por assim dizer, por sinais e símbolos - uma rosa vermelha para o amor, um cruz latina para o serviço, uma pena para denotar sabedoria, e não importa qual parte do mundo víssemos, sempre nos era mostrado os animais característicos dessa localidade, e as condições decorrentes, que nem sempre eram desejáveis. Foi assim que localizamos a área particular da Índia como sendo Caxemira, ao reconhecermos o longo e sedoso cabelo da cabra da Caxemira, e raramente visitamos em outros lugares na Índia, excepto durante a viagem de uma noite, quando seguimos o curso do rio Ganges, passando por

algumas das suas secções mais pitorescas, senão desagradáveis, chegando onde o delta se espalha no mar.

Então, da Caxemira e do Tibete para a China e a Birmânia, onde eu me senti fortemente atraída para a região do Assam (agora provavelmente parte do Paquistão Oriental) - seguimos uma sequência oriental definida e muitas vezes sentimos uma influência Chinesa, mas cujo símbolo da rosa marfim nós não tínhamos recebido havia quase dois anos. No entanto, por pura magnificência que implorava descrição, o período de Roma na Idade Média deve situar-se em primeiro lugar.

Eu sempre me contraí ante essas imagens gráficas de Papas, cardeais, procissões da igreja e pompa de uma beleza quase lendária, e embora muitas vezes eu tenha visto parte dessas cenas, lamento dizer que me sentia pouco cooperativa nessas noites, e a única desculpa que apresentava é que eu tenho uma antipatia antinatural por esse período, tal como a Jean, mas o resultado da nossa aversão foi que vimos mais desses!

Os nossos guias mostraram-se pacientemente persistentes quando qualquer um de nós tentou mostrar discriminação, ou mesmo preferência por determinados períodos. Tivemos que aprender a aceitar o que estava a ser dado com a abertura e mentes quiescentes, e logo se tornou óbvio que esses vários cenários nos tinham sido trazidas por diferentes guias. Pode ser comparado ao virar das páginas de um livro compilado por vários autores, cada qual contribuindo com a sua lembrança da vida terrena, e como se a confirmar esta conclusão na sessão que tivemos com o Leslie encontramos o nosso contato Escocês, que deu o nome de David.

Ele mostrou um conhecimento particularmente íntimo de cada um de nós e disse que tinha vindo na maioria das vezes às nossas reuniões, e pensara que gostássemos de saber que ele estava por perto. Ele trouxe com ele um sentimento de calidez e de camaradagem e fez-nos rir, chamando-nos de "lote de 'Sassenachs (Pessoa das terras baixas da Escócia ou Irlanda).

”Quando minha mãe apareceu, eu fui novamente capaz de estabelecer a verdade sobre a reencarnação. Ela também achava isso difícil de aceitar durante a sua vida na Terra, mas além de dizer que não era para todos que ela não insistiu nisso, mas continuou a dizer que o mundo em que ela vivia agora era tão bonito que estava além da capacidade de encontrar palavras que o descrevesse ainda que de forma resumida. Ela falou do meu futuro trabalho espiritual, e embora ela mencionasse Rudy que ela não se estendeu mais sobre o assunto. Durante o debate que tivemos com o Mickey ele disse-nos que um Marajá Indiano nos viera ajudar, mas não surgiu nenhum nome. A sessão terminou com a doce bênção da personalidade de White Feather.

O John estava rapidamente a desenvolver a clarividência, e muitas vezes ele e eu víamos a mesma coisa em simultâneo, só que de um aspecto diferente. Nós também estávamos a começar a reconhecer a clarividência aparte da possível imaginação ou da associação de ideias. Tudo quanto estivesse ligado ao processo do pensamento levava uns segundos a ser registado, cada detalhe moldava-se de forma relativamente lenta em relação ao fundo, enquanto a visão clarividente se revelava tão abrangente e rápida quanto o obturador de uma câmara.

Um exemplo impressionante foi quando vimos por clarividência um homem crucificado numa cruz grosseira; tinha os braços dobrados para trás sobre o topo da cruz e amarrado com correias pelos pulsos. Ele tinha um corpo poderoso, bronzado pelo sol, uma longa barba escura e cabelos desganhado. Eu vi a cena de cima, e ao voltar o seu rosto para cima eu pude ver que, embora o seu aspecto registasse agonia também retratava grande força de propósito, e eu sabia que ele estava a sofrer pelas suas crenças. A narrativa que o John fez foi idêntica em detalhe, mas não fora vista a partir do mesmo ponto, por o homem ter sido retirado da cruz e estar pesadamente apoiado sobre alguém aos pés; ele não estava morto.

Conforme as semanas passavam, Abdullah evidenciou-se muito nas nossas reuniões, e Rudy mostrou-se muitas vezes a um ou a outro, mas raramente a mim. Era bastante evidente, entretanto, que boa parte do material que estávamos a receber através do controlo consciente de Stanley procedia de Rudy, e começamos a reconhecer-lhe o fluxo sereno de palavras e a meticulosa exactidão por detalhes.

Mais ou menos por essa época, eu tive dois vislumbres da Roma antiga, os quais me acudiram durante a minha sessão de meia hora e não, como seria de esperar, durante o nosso círculo. No primeiro caso eu vi Rudy num ambiente muito mundano, vestido como um centurião Romano. Ele parecia ser apenas um das fileiras de recrutas. Eu sabia que tínhamos conhecido a pobreza e partilhado a mesma fé então, apesar da oposição, assim como acontece hoje. Na segunda ocasião ele tinha um estatuto completamente diferente. Eu era apenas um observador e sentia que não participava daquelas condições.

Ele usava uma túnica imponente e um capacete com uma pluma escarlate rígida que cobria o capacete polido a todo o comprimento. Seu rosto mostrava o perfil enquanto ele estava de costas, meio virado para mim. Dos seus ombros pendia um longo manto de pele de ovelha com cachos grossos e cremosos, que chegavam um pouco abaixo da articulação do joelho; um braço poderoso segurava o manto de lado, e tinha um enfeite de metal grande no pulso, mas eu não o conseguia ver em detalhes. Ele parecia magnífico, mas bastante imponente.

Eu não divulguei o que eu tinha visto a Stanley, contudo, a sessão que se seguiu mergulhou-nos no período da Roma antiga. Depois de apenas alguns momentos, verificou-se uma ligeira mudança na voz do Stanley, e começando a falar na primeira pessoa, ele descreveu muitas coisas; a certa altura ele virou-se para mim e disse: "Estivemos juntos nesse período, no início do segundo século."

"Sim?" perguntei eu: "'Nós' quem?" Não obtive resposta imediata, mas antes da sessão terminar eu emiti o pensamento: "Posso fazer uma pergunta?" Não falei, como o gravador provou mais tarde, contudo "Stanley" disse: "O que é que queres saber?" "Quem é você, se faz favor?" Verificou-se uma pequena pausa, seguida apenas de uma palavra, "Rudy."

Em meados do Verão, tive a oportunidade de acompanhar um amigo nosso quando fomos para uma sessão particular com o Leslie, no final do qual Mickey falou comigo e disse que todos estavam ansiosos pela nossa reunião seguinte, que foi marcada para o fim do mês de Agosto. "Há uma mensagem para ti, da parte do Rudy," acrescentou ele, mas não disse o que era, nem como eu iria recebê-la.

O nosso amigo com quem participei na sessão recebeu um enorme conforto com a ajuda que recebeu, e depois que deixamos o Leslie eu expliquei que eu ia tomar parte numa palestra de transe que ia ser dada nessa noite na sede dos Espiritualistas na Praça Belgrave, através da médium Ursula Roberts. O meu amigo decidiu vir comigo. O assunto escolhido pelo guia, cujo nome Ram-a-Dan significa Círculo de Luz, "Afinidades Espirituais."

Ele tem uma maneira maravilhosa de se expressar em linguagem bastante poética, e exala sabedoria e paz. Quando o meu amigo e eu chegamos a sala estava tão cheia que tivemos que ir em vez disso para o grande salão de palestra com o qual eu não estava familiarizada, e quando finalmente nos acomodamos eu notei pendurado na parede atrás da plataforma onde ficava a médium, um retrato da cabeça e os ombros de alguém com vestes do clero. Ele tinha cabelos escuros, uma cabeça de formato oval e um rosto bastante pontiagudo. Eu não consegui ver o nome na parte inferior do retrato enquanto a sala estava na penumbra.

Embora tivéssemos chegado tarde, eu consegui obter direito a fazer uma pergunta. Um pedaço de papel em que vinha escrito um número de um a doze, e autorizava o titular a fazer um pergunta ao guia após a palestra terminar. Não precisa estar relacionada com o que tinha sido dito, mas precisava ser uma pergunta de carácter geral e não pessoal. Eu não tinha ideia do que queria perguntar; tinha tantos problemas e todos pareciam igualmente urgentes.

Todo guia e professor que usa um meio terreno tem sua própria compreensão individual da Lei de acordo com a sua experiência e progresso. Eu estou a apontar isto por eu saber que algumas pessoas ficaram intrigadas quando descobriram que certos guias discordam em certa medida uns dos outros, mas geralmente por uma pequena margem de diferença, pois na Essência eles são todos um.

O tema da palestra apresentada de forma tão construtiva por Ram-a-Dan tinha que ver com o facto de nos estágios mais evoluídos da vida no mundo espiritual, as Afinidades de Alma se agruparem. Todos eles são indivíduos, mas todos eles se complementam uns aos outros e estão todos ligados por um amor tão grande que é impossível traduzi-lo por palavras. Amor espiritual, serviço, arrebatamento e êxtase foram alguns dos termos que ele usou. O Grupo completo irradia o poder e amor de Deus de tal maneira que forma um tremendo centro de oração e cura.

O Grupo forma-se ao longo de milhares de anos, cada membro trazendo o total da experiência adquirida através de muitas vidas para o conjunto do conhecimento comum, e é desejo daqueles que evoluíram mais rapidamente liderar e guiar os primeiros; para fazer isso, eles se aproximam daqueles que ainda estão encarnados e através dos quais os líderes do Grupo são capazes de trabalhar.

Desta forma, um membro do Grupo evoluído pode atrair a si não só afinidades estreitas, como afinidades potenciais também. Não há segregação de cor, classe ou credo, nem bom nem mau. Se vierem a título da última, as pessoas em questão estão a adquirir experiência de vida e devem ser pacientemente cultivadas. Não há párias nem pessoas deslocadas sob a guarda dos Grandiosos.

Logo os números estavam a ser chamados e as perguntas respondidas, mas ainda tinha a mente em branco. O meu número era o 6 e uma fração de segundo antes de ser chamado os meus olhos foram atraídos para o retrato, agora um pouco à esquerda da médium. O contorno havia mudado completamente! Eu pisquei os olhos, mas ainda assim a alteração persistia. Vi uma cabeça arredondada, ombros firmes e quadrados, orelhas pequenas e sobrelhas distintamente arqueadas.

Era o retrato de estúdio de Rudy, de Wykeham que Leslie tem na sala de sessões - eu já estava a dizer “Ram-a-Dan, no Grupo, ou num grupo potencial ainda em formação, existirá uma alma dominante cujo modo de vida ou magnetismo pessoal é tal que atraia um grande número de pessoas a si? Eu senti uma influência dessas desde criança.”

Ram-a-Dan respondeu que este era um exemplo perfeito do que ele quisera dizer com uma *afinidade potencial*, mas não havia uma alma dominante. Quanto mais experiente a alma era mais espiritual se tornava, e no seu amor podia atrair muitos dos menos experientes a si. Com os meus olhos ainda presos pelo aspecto familiar, eu agradeci a Ram-a-Dan e o número seguinte foi chamado, situado no outro lado do corredor. A médium virou-se para o inquiridor - parou, voltou-se de novo para mim e disse: "Um momento, por favor. Número 6?"

"Sim," respondi, e Ram-a-Dan falou-me devagar como se repetisse palavras que lhe estivessem a ser ditadas. "Dizem-me para lhe dizer, que você é membro do grupo que você estava a pensar À INSTANTES." Senti a garganta presa e eu não sei se ele ouviu o obrigado que murmurei quando terminou. A imagem voltou ao normal e vi mais tarde que era um retrato do Rev. Vale Owen.

Finalmente, algumas das perguntas dos últimos dois anos estavam a começar a ser respondidas, e cabia-me a mim e aos outros tornar-nos dignos de uso como instrumentos para o Grupo do qual nós éramos obviamente parte. Pois não há uma alma humana que não pertença a um dos muitos grupos que orientam e cuidam deste pequeno planeta sob a direção dos Mestres.

3

O TERCEIRO OUTONO

Tinha passado o intervalo de muitas semanas desde a última vez que tivemos uma sessão com o Leslie e era difícil saber qual era a questão prioritária mas, assim que o contacto foi estabelecido, o John abriu a conversa dizendo ao Mickey que eu tinha estado consciente da presença do Rudy em casa do Leslie durante a exibição de um filme de cinema sobre a Itália, no domingo anterior. Antes que o Mickey pudesse responder, interrompi:

"Não apenas nessa altura, Mickey, creio que ele tem vindo ter connosco a casa muitas vezes durante as nossas sessões."

"Eu sei disso", respondeu o Mickey com ênfase e, assim encorajada, continuei:

"Sabes, é difícil para mim, devido ao meu próprio interesse, não sentir que posso estar a influenciar o círculo. Não me posso dar ao luxo de fazer isso, nem de me entregar a ilusões e, talvez de forma totalmente inconsciente, enganar-me a mim própria. Outra coisa, Mick, enquanto tenho confiança para falar abertamente, tenho pensado muito na mensagem que recebi há dois

meses do Ram-a-Dahn e, se pudesses elaborá-la, talvez explicasse muitas coisas.”

“Não debes ter qualquer dúvida sobre isso”, disse ele com firmeza. Tinha desaparecido o sotaque *Cockney*, tinha desaparecido a vozinha aguda e a gargalhada estridente e, agora, falando em tons suaves e modulados, ele permitiu que o seu verdadeiro caráter fosse revelado.

“Devem compreender que fomos todos reunidos para um propósito, para uma grande Verdade. Alguns de nós conhecem, como o Rudy e o Ram-a-Dahn, outros não conhecem. Eles podem não estar tão interessados nos indivíduos quanto o estão no grupo. Nós não vemos as pessoas da mesma forma que vocês no mundo material. Cada um está aqui para trazer esclarecimento e os caminhos do Espírito são frequentemente estranhos.” Ele fez uma pausa. “A Lynn tem medo de que, na sua intensidade, possa estar a enganar-se a si própria”, explicou ele aos outros. “Ela não deveria ter qualquer dúvida sobre isso. Somos todos membros da Divindade e estamos todos aqui para prestar serviço e ajuda. O aspeto pessoal, como tal, não entra na questão.”

Perguntámo-lhe se ele sabia qual era o nosso objetivo final ao sermos solicitados para sessões de desenvolvimento e ele disse: “Não creio que aqueles que vos ajudam saibam isso! Mas não se preocupem com o resultado. Será um bom resultado, para o qual estão a passar pelo período de provação.”

Depois perguntei se algumas das coisas que tínhamos visto se relacionavam com a reencarnação e o Mickey falou longamente. “A reencarnação é tão óbvia que não consigo compreender como pessoas inteligentes duvidam dela! O facto de não se conseguirem lembrar não vem ao caso. O ponto é: se se lembrassem demasiado, estariam sempre à defesa, evitando erros em vez de os superar. Seja qual for a vossa vida, devem aprender com ela e, se soubessem como factos reais os erros cometidos anteriormente, abster-se-iam de fazer algo por medo das consequências, e não por inclinação natural.

Poderá ser-vos dada certa informação sobre o Passado, a qual é importante porque o momento Presente é um produto do Passado, e o momento Presente ordena o que virão a ser no Futuro. A vida é um campo de treino, por isso façam o máximo que puderem. Sejam amorosos, cooperantes, gentis, e tornem a vida maravilhosa e a vós próprios fortes no processo de aprendizagem; os vossos guias estão todos aqui, não sei por que se espera que eu responda a estas perguntas!”, exclamou subitamente, com um regresso à sua alegria habitual.

Stanley aproveitou a oportunidade dizendo: “Nesse caso, Mick, já que estão todos aqui, estamos muito interessados em saber a identidade daquele a

quem chamamos Abdullah.” “B-e-m...”, arrastou o Mickey, “Abdullah é um nome... é tão bom como outro qualquer, não é? Vamos apenas chamar-lhe Abdullah! Não os cigarros, claro.” O Mickey juntou-se ao nosso riso e pareceu gostar de evadir a pergunta, mas eu perguntei-me se estaríamos a ser demasiado pessoais, por isso perguntei-lhe: “É-nos permitido questionar tanto quanto fazemos?” “Parecem fazê-lo de qualquer maneira”, respondeu ele rapidamente. “Respondemos-vos se for para vosso bem... mas... quando se trata de sondar a identidade secreta de certa pessoa sob um pseudónimo...”, a voz do Mickey falhou com um riso contido, “este ‘Abdullah’ costumava ter as suas iniciais nos seus cigarros.”

Leslie e eu desatámos em exclamações excitadas, mas não creio que os outros tivessem percebido o significado por trás da observação, e o Mickey protestou humoristicamente: “Não me culpem a mim, eu não vos disse nada!” “Oh sim, disseste, Mick!”, disse eu. “Isso significa que as iniciais do ‘Abdullah’ eram R. V. G.!” (Rudolph Valentino Guglielmi).

Na voz calma e refinada que precede um assunto mais sério, o Mickey ofereceu uma explicação desta maneira: “Devem ter em mente que aqueles que vêm ter convosco, particularmente aquele em quem estão mais interessados, viveram não apenas numa encarnação, mas em muitas. Por vezes, deliberadamente, podem assumir um nome ou título de uma encarnação anterior para esconder a identidade da última, particularmente se o nome era bem conhecido.

Sabem muito bem o que as pessoas diriam — ‘Como podemos aceitar isto? Que disparate!’ Portanto, não é feito com a intenção de vos enganar, mas para que a qualidade da mensagem, que é sempre boa, não seja posta de lado. Mais tarde, quando tiverem provado o seu valor mais a vosso gosto, eles estarão preparados para se revelarem ainda mais... portanto, rosas vermelhas... cigarros com iniciais, mascotes de cobra nos carros...”

Uma onda de felicidade encheu a sala quando cada um percebeu que tanto no nosso próprio círculo tinha sido interpretado corretamente. Não era nem o desejo do Stanley de agradar, nem o meu próprio interesse que nos tinha estado a influenciar, e a observação seguinte do Mickey provou-o. “Tudo isto é um bocado duro para o velho Stan, sabem, ele está colocado numa posição ingrata. Ele é um médium e, como tal, deve sentir-se sensível se os seus amigos duvidam dele...” Interrompemos aqui para protestar que não duvidávamos do Stanley. “Eu sei, eu sei”, replicou ele, “mas ao mesmo tempo vocês, em certas ocasiões, acharam difícil aceitar o que veio através dele.” O John negou isto, mas o Mickey não se deixou convencer. “Cala-te, John! Deixa-me dizer isto à minha maneira”, disse ele quando o John tinha começado a dizer: “O que queres dizer é...” O Mickey riu-se, respirou fundo e começou de novo: “Tu e os outros que estão envolvidos, e não me refiro ao

círculo, são atraídos uns para os outros para ajudar a Humanidade e outros rumo ao Esclarecimento.”

Um estranho ao assunto poderá achar a última parte da frase anterior um pouco estranha. O que quer o Mickey dizer quando afirma: “a Humanidade e outros rumo ao Esclarecimento”? Por conseguinte, ilustrarei o ponto brevemente. Quando um grupo de almas, encarnadas e desencarnadas, se reúne com vista a comungar, embora possam existir apenas quatro ou cinco no lado físico, no lado Espiritual da vida pode haver um número considerável atraído para tal sessão. Os guias e instrutores permitem ocasionalmente que uma alma recém-falecida ou confusa se aproxime, a fim de que ajuda e compreensão lhe possam ser dadas.

“Sim”, disse eu, “compreendo isso. Talvez seja estranho, mas eu fui quem achou difícil aceitar a presença do Rudy...” “A verdade é que”, interrompeu o Mickey, “não consegues compreender por que razão certa pessoa haveria de vir ter contigo! Sentes-te insignificante, mas não és tão insignificante como pensas! Pode ser que um elo seja mais forte do que os outros, mas somos todos filhos de Deus. É bom sentirmo-nos humildes às vezes, mas esta não é a atitude que gostamos de encorajar em relação a nós e deves aprender a aceitar este contacto com o Rudy de forma normal.

Lembra-te, conforme uma alma evolui e atinge uma posição elevada entre as outras, mais espiritual, mais amorosa e mais compreensiva essa alma se torna. Não deverias dizer ‘Por que deveria ele vir ter comigo?’, mas sim ‘Por que não!’ Não te preocupes com o elo, ele está a ser fortalecido, não quebrado. Quando tiverem completa confiança e fé entre vós, quando puderem aceitar sem dúvida e medo a identidade daqueles que vêm ter convosco, então o círculo fará mais progresso. Isto não significa que não devam usar a vossa própria inteligência! Podem receber algo que vos pareça não estar correto. Aceitem-no por enquanto, embora não o compreendam, e depois, se necessário, descartem-no mais tarde. Terão de fazer algum exame de consciência, mas não deixem que isso vos preocupe. Nenhum médium é perfeito, nem mesmo os melhores, e até os bons comunicadores têm dificuldades por vezes, mas não deixem que vos perturbe se as coisas às vezes se confundirem.”

Um pouco mais tarde, o Rudy transmitiu através do Mickey uma resposta a uma pergunta (cujas natureza era pessoal para si próprio) e traçou uma comparação com a sua própria vida nestas palavras: “Ele diz que a sua experiência passada é como um livro fechado, mas pode ser lido e digerido e outros podem aprender com ele. Ele não se importa com quem lê o livro (não tenho bem a certeza do que ele quer dizer exatamente,” disse o Mickey à parte, “mas creio que se refere à sua vida na Terra), somos todos humanos e todos cometemos erros, e outros podem aprender com eles.

As páginas são viradas, mas continua a ser apenas um capítulo de um volume entre muitos. Embora ele valorize o Passado e a experiência que este lhe deu, está mais preocupado com o Presente e o Futuro. Ele tem muitos amigos e valoriza todo o amor que eles lhe dão, mas, a menos que os seus amigos por sua vez tentem servir, a amizade deles é sem valor.”

A Irmã Teresa, Pena Branca e o David seguiram-se, por essa ordem, e o Stanley disse ao David que, por vezes, se sentia bastante deprimido quando certas pessoas se aproximavam dele durante uma sessão. O David explicou: “Deves lembrar-te de que todo o tipo de almas são atraídas para ti e podes captar as condições de pensamento delas. De qualquer modo, isso acontece muito raramente. Tiveram rosas vermelhas no vosso círculo a semana passada”, disse ele subitamente. “Sim”, concordou o John, “deves referir-te às rosas que enviámos para aqui pelo aniversário do Rudy.”

“Não. Refiro-me em vossa casa, na sessão”, respondeu o David, “mesmo ao lado do pequeno quadro.” É um costume em nossa casa colocar flores junto a uma fotografia no aniversário de um membro da família — nunca na sepultura — e o Rudy não era exceção.

Havia cinco botões minúsculos de rosa na mesa de toilette nessa noite, ao lado da fotografia.

“Imagine saberes uma pequena coisa dessas!”, exclamei. “A-ah! Eu sei isso!”, disse ele suavemente.

Mickey voltou a comunicar perto do fim da sessão.

“O teu pai envia-te amor, Stan; o teu irmão também envia o dele. A tua mãe envia-te o amor dela, Lynn... o poder está a ir-se... o Rudy envia o seu amor... voltem em breve. Marca com o *Flinty*... Adeus... Jeanie, John, abençoados sejam todos.” A sua voz desvaneceu-se num sussurro ténue enquanto a última palavra era proferida.

Leslie começou a falar quase imediatamente. “É uma coisa estranha. As vezes que me sento, dia após dia, e nunca recebo uma mensagem do Valentino! Não disse nada esta noite, mas esperava que ele falasse... bem... ele falou de uma forma indireta. Houve uma altura em que eu costumava estar em comunicação bastante frequente com ele, mas suponho que não tenha falado com ele meia dúzia de vezes nos últimos dois anos.”

Senti simpatia pelo Leslie quando ele disse isto porque, durante algum tempo, tinha sentido o que só posso descrever como uma corrente subjacente na sua atitude para comigo. Ele tinha-se tornado mais reservado em relação ao seu contacto espiritual com o Rudy e não fazia qualquer tentativa de esconder

a sua opinião de que achava que Valentino e o Espiritismo não eram uma combinação adequada para o temperamento romântico de uma mulher.

Eu não podia discordar totalmente dele a esse respeito. Estava plenamente consciente dos perigos, mas era demasiado reservada para tentar convencê-lo da minha estabilidade emocional. Também não pretendo que tenha aceitado sempre a evasiva do Rudy com calma, pois cada vez esperava que ele passasse e falasse. Nas raras ocasiões em que tinha visto os seus filmes recentemente no *Film Theatre*, descobri que não estava demasiado recetiva à sua personalidade no ecrã, mas era particularmente vulnerável à sua presença na sala de sessões e, com o passar do tempo, comecei a desesperar de alguma vez o ouvir de novo. As folhas estavam amarelo-douradas pela terceira vez desde aquela noite memorável em que a B.B.C. apresentou o programa “*Quest for Valentino*”, busca, diziam eles?

O facto de alguém se dedicar ao serviço não traz consigo uma imunidade contra as provações habituais que assolam a família média. Pelo contrário, parecia com bastante frequência que uma sorte adversa se opõe ao progresso que se tenta fazer. Foi assim que, enquanto continuávamos a ansiar por um futuro feliz, a saúde do Stanley subitamente nos deu motivo para alarme, e ele foi aconselhado pelos seus próprios médicos a ter um descanso completo. Naturalmente, consultámos também o Dr. Marshall, que recomendou não apenas um descanso físico mas também mental, e as nossas sessões com o Stanley foram interrompidas durante quase dois meses, tempo durante o qual, contudo, o John, a Jean e eu nos sentámos como habitualmente.

A época de Natal estava a apenas algumas semanas de distância quando as preocupações de negócios do Stanley e a sua condição de saúde tornaram possível que ele estivesse em paz consigo próprio e completasse mais uma vez o quarteto. Por conseguinte, a sessão a que assistimos em casa do Leslie após esta interrupção foi algo como uma reunião. Quando as saudações foram trocadas e a ordem estabelecida, o Dr. Marshall fez um discurso sobre a arte de viver em dois mundos diferentes, dizendo: “Com esta grande Verdade, este grande Conhecimento, têm de alcançar o equilíbrio.

Encontrarão muitas dificuldades e devem aceitar o facto de que vivem num mundo material. Só podem fazer uma certa medida, esforçando-se por fazer o que podem, onde podem e tudo o que podem, para servir. Mas isso não deve interferir com as coisas comuns da vida ao ponto de não se conseguirem concentrar. Têm de aprender a viver em dois mundos ao mesmo tempo; é uma espécie de existência *Jekyll and Hyde*. Não é muito satisfatória, mas é o melhor que se pode fazer enquanto se está num mundo físico. Mantenham uma perspetiva equilibrada. Aceitem tudo o que vos damos, caminhem harmoniosamente connosco, liguem-se a nós e trabalhem connosco. Façam a vossa parte e deixem que tudo caia no seu lugar, na sua perspetiva correta.

“Nós ajudaremos a guiar, guardar e proteger-vos, mas vocês têm as vossas próprias vidas pessoais e o vosso próprio desenvolvimento por cumprir, e têm todo o direito de o cumprir, seguindo-nos da melhor forma que puderem. Não podemos e não desejamos interferir nas vossas vidas. O que quer que desenvolvam deve vir de dentro de vós próprios. Podemos apontar o dedo neste ou naquele sentido e aconselhar-vos, como fazemos, mas lembrem-se de que recaí sobre vós o desenvolvimento de vós próprios; ninguém o pode fazer por vós. Portanto, sejam sensatos, conscienciosos e felizes. Não se preocupem com o que estamos a tentar fazer. Já devem estar fartos de mim! Há outros que desejam falar convosco. Deus vos abençoe.”

O Dr. Marshall foi seguido por um cientista francês chamado Pierre, que nos avisou de que poderíamos não obter quaisquer resultados durante semanas a fio. Disse-nos que essa é habitualmente a altura em que os guias e trabalhadores do Outro Lado estão mais ocupados, e comentou: “Não devem dizer: ‘O-oh! *Nussing* [Nada] outra vez esta noite!’ Experimentamos o tempo todo. Eu queria falar convosco, há muito tempo que o desejo mas... uh! Há tanta gente... há muitos aqui agora.

O *Monsieur* Valentino, ele está presente. Sei que desejam falar com ele, mas não sei se ele conseguirá. Ele está *ver*’ [muito] perto de tudo o que fazem, mas quer que o tratem... como um homem, sabem, não como um deus!” Os meus pensamentos dispararam num humor semidesafiador: “Ainda não tivemos oportunidade de o tratar como nada!” Se o Pierre captou este pensamento não sei, mas não fez menção a ele ao continuar a dizer: “Todos os que vêm aqui são membros da mesma família, ninguém é... como dizem? um deus, sabem?”

O John interveio em protesto para dizer quão grande era a diferença entre as pessoas Espirituais e os mortais comuns, que para sua própria proteção emocional tinham de esconder o seu verdadeiro eu sob um exterior duro e impenetrável para poderem viver neste mundo, mas que quando encontramos estas almas maravilhosas que vêm ensinar-nos, é difícil para nós distinguir entre adoração e amor. “Certamente”, disse ele finalmente, “como cientista, deves compreender isto.” “Oh, oh”, riu o Pierre, “está a ensinar-me o meu trabalho, eh?”

Um pouco mais tarde ele admitiu que era apenas natural sentirmos profundamente como às vezes sentíamos, e terminou com estas palavras, após um breve discurso sobre o poder interior: “Não podemos ser todos Salvadores, mas podemos todos ser discípulos. Para ser um Salvador, a percepção deve vir do interior, a percepção de Deus, a Centelha Divina em cada um. Ninguém vos pode salvar, cada homem deve salvar-se a si próprio. Tenho de ir agora. *Au revoir*.”

Mickey conversou durante um bocadinho e depois, “Olá!”, uma voz calma interpôs-se — nada mais. A minha mãe falou connosco e solidarizou-se com o ‘Sr. Flint’ por causa da sua constipação e, tal como ela nos estava a desejar um feliz Natal, “Olá! Compreendo que desejam falar comigo” surgiu no tom suave mas, antes que alguém pudesse responder, o Leslie teve um acesso violento de tosse e, quando este passou, o orador tentou pela terceira vez: “Continuo a tentar falar convosco. Conseguem ouvir-me? Não estou tão claro quanto acho que deveria estar!” “Oh, está tudo bem!”, respondeu o John alegremente e, sem um segundo de pausa, a voz respondeu: “Aceito o facto de que estou bem! Que nome deverei dar-vos?”

Hesitei ante a sugestão de mistério relativa ao nosso comunicador e, tentando controlar a tensão, disse: “Dê-me o nome pelo qual melhor o conheço.” Silêncio. Então esforcei-me por continuar: “Não reconheço a sua voz, por isso dê-me o nome pelo qual o conheço agora...” e ele fez exatamente isso!

“*Can ye no’ hear wha’ I’m saying?*” [Não conseguem ouvir o que estou a dizer?]

“David! Seu malandro!”, explodi. A tensão desapareceu completamente enquanto ele continuava: “Desde que me consigam ouvir. Achei que gostariam de saber que estou por perto. É difícil saber que nome dar-vos.”

“Porquê David?”, questioneei.

“Argh!”, exclamou ele. “Tivemos muitos nomes, em muitas partes do mundo em tempos diferentes... de qualquer modo, David está bem.”

O Stanley já estava no encalço da pista por esta altura. “Viveu num castelo na margem de um *loch* [lago]?”

“Aye [Sim], há muito tempo... mas não sou o monstro de Loch Ness!”, riu-se ele.

Com a minha curiosidade totalmente despertada, indaguei: “Quem é você, David? A culpa é sua se estamos curiosos!”

Mas não conseguimos que ele falasse a sério naquela noite. “Sabem tudo sobre o ‘Abdullah’, não sabem? Somos muito bons amigos, fomos parentes outrora. E que tal o tempo na Roma antiga?”

“O que tem esse tempo?”, perguntei excitada.

“Não gostarias de saber?”, provocou-me ele. Era evidente que não íamos chegar muito longe. Tentei de novo, pouco antes de ele nos deixar, extrair alguma informação, particularmente porque todos os quatro membros do

nosso círculo sentiam uma estranha atração por um certo lugar na Britânia Romana; fiz, portanto, ao David uma pergunta indutora: “Verulamium teve alguma coisa a ver connosco no passado?”

“Aye”, respondeu ele, “isso foi uma parte da coisa. Estive sempre ligado aos militares, raios partam! E preso a guerras. Agora tenho mais juízo, não vou voltar!” “Eu também não, se puder evitar”, disse eu. “Sabe, David, uma vez, quando o Rudy falava através do Stanley, disse-me que eu tinha escolhido voltar!” A minha voz expressava a dúvida que sentia sobre essa afirmação, uma dúvida que não era partilhada pelo David, que disse enfaticamente: “Aye, e que raio de confusão fizeste disso!”

“Fiz?”, disse eu um pouco triste, mas com alguma surpresa por ele saber tanto sobre mim.

“Não importa, conseguiste superar-te, mas levou-te um tempo desgraçado!” “Estás em boa forma hoje, David”, comentou o John, “costumas ser tão...”

“Sóbrio!”, instigou o David.

“Sim”, respondeu o John, “mas agora pareces tão vivo!”

“O que queres dizer com... vivo! Estou mais vivo do que tu!”, riu-se o David.

“Estás a começar a conhecer-nos, não estás?”, disse eu.

“Sim, finalmente. A tornar-me familiar com todos vós”, respondeu o David.

Pela última vez antes de o poder se esgotar, apelei-lhe: “Gostava que dissesse quem foste... ou talvez devesse dizer, quem és!” A voz dele era séria quando respondeu: “Quando o tempo estiver maduro, ser-vos-á dito tudo o que for necessário. Um pouco de confusão faz-vos bem, ajuda a treinar a vossa perceção e não se estão a sair nada mal, mas não me levem demasiado a sério. Adeus, Deus vos abençoe a todos.”

A minha mãe encerrou a sessão para nós nessa noite e, finalmente, disse: “O Rudy envia o seu amor, ele lamenta não ter conseguido passar. Voltem em breve.”

E com as suas bênçãos afetuosas fomos deixados a enfrentar outro período de semanas em que deveríamos assimilar a lição da paciência. Como que para nos pôr à prova e observar se tínhamos aprendido a lição dada pelo Pierre, as cinco semanas seguintes não produziram quase nada em termos de clarividência ou qualquer outra manifestação.

O sentimento de desilusão por esta inesperada falta de material foi compensado, para o John e para mim, pelo prazer que encontrámos em fazer os preparativos para umas férias em Itália. Íamos a Roma e depois até ao sul, a Taranto, para visitar a cidade natal do Rudy, Castellaneta, onde o meu recém-adquirido amigo, o Signor Franco Loglisci, nos esperava. Ele mantinha uma correspondência frequente comigo desde que enviara a fotografia da casa onde Valentino nasceu. Eu estava a aprender italiano na escola noturna e conseguíamos trocar cartas limitadas, mas interessantes.

Portanto, no final da sessão que tivemos com o Leslie em fevereiro de 1958, tentei pressionar o David a contar-nos algo sobre Roma e não fiz qualquer tentativa de disfarçar o facto de que queria saber quem ele era e onde nos encaixávamos todos, ao que ele respondeu: “Estás a tentar sondar!”

“Sim, estou”, admiti, “é suposto fazê-lo, não é?”

Ele falou baixinho ao dizer: “A identidade é algo que as pessoas gostam de guardar para si e, muitas vezes, há uma razão especial para o fazerem — de qualquer modo, não vou responder à tua pergunta.” Depois, cedeu ligeiramente ao dizer: “Quantas vidas tem um gato?”

“Vamos lá, David”, instou o John, “o que é que sabes?”

“Sei que vão para Itália... com o orçamento contado!”, foi a resposta firme, e quanta razão ele tinha! “Mas estarão aqui em baixo outra vez antes de partirem.”

“Não estaremos!”, dissemos em coro. “Partimos no final de abril.”

“Estarão aqui outra vez antes de partirem!”, repetiu ele. Não discutimos, e a sessão continuou com bastante brincadeira descontraindo entre o David e o John, que se entusiasmou com o tema de filmes e fotografias, e a quem foi dito para se encostar na cadeira! Eu estava particularmente silenciosa. Há algum tempo que tinha desenvolvido o que parecia ser uma teoria fantástica e estava ansiosa por pô-la à prova.

“David”, disse eu subitamente, “a Maria estará lá?”

“Qual Maria?”, respondeu ele com a mesma rapidez. “Existem milhares em Itália.”

“Refiro-me à irmã do Rudy.”

“Ela poderá vir se for convidada”, respondeu ele, “mas não vale a pena perguntares ao Alberto.” (O irmão mais velho do Rudy).

“Não?”, questionei. “Creio que ele está na América.” Era agora a minha vez de me inclinar para a frente na cadeira, e o David continuou: “Sim. Ele tem estado doente, muito doente... digo-te isso.” Havia algo na sua voz que me dizia que a minha suspeita estava correta — mas o John estava a falar. “Estarás em Castellaneta, David?”

Esperei com a respiração suspensa, enquanto ele respondia lentamente e com muita ponderação: “Aye. Mas não estarei a usar... o... meu... *K-I-L-T!*”

Eu tinha razão. ‘David’ era o Rudy!

Senti-me muito satisfeita por o meu sentido de perceção se ter desenvolvido até este ponto e repreeendi-o a rir. “Acho bem que não! Não te fica bem.” O John ficou intrigado com esta observação mas, tal como a Jean e o Stanley, percebeu que algo estava a ser transmitido, e interrompeu-nos para dizer: “Vocês, pessoas, têm personalidades tão adoráveis...” O ‘David’ cortou: “Não é a...” e depois parou. Eu sabia que ele ia dizer que não é a personalidade que importa.

“Gosto de esgrimir contigo, David”, disse o John.

“Eu interessava-me por esgrima”, respondeu o ‘David’, mas o John continuou a conversar alegremente: “Nem sempre obtemos a informação que queremos, mas—”

Mais uma vez o ‘David’ cortou: “Eu nunca tive o que queria, mas todos temos o que merecemos.” Fiz uma pergunta pessoal neste ponto à qual ele respondeu: “Quando o tempo estiver maduro, dir-te-ei tudo o que quero que saibas. Sabes mais do que deverias neste momento! De qualquer modo, o que importa o nome? ‘Uma rosa, com qualquer outro nome, teria o mesmo perfume doce.’ Deus vos abençoe a todos, e ROSAS VERMELHAS PARA TODOS VÓS!”

Os nossos agradecimentos mal tinham sido expressos quando o Leslie acendeu a luz sem o seu aviso habitual e, olhando fixamente para mim, disparou: “Qual é a ideia de o Valentino vir como um escocês? Não faz sentido!”

“Ele tem as suas razões”, respondi de forma igualmente abrupta. O Leslie bufou e, enquanto acendia um cigarro, o seu rosto estava ligeiramente corado. “Porque é que ele não pode vir como ele próprio? Ele vinha sempre!” Depois deu de ombros, atirou o fósforo queimado para o cinzeiro e saiu da sala a passos largos. Posso dizer honestamente que foi a primeira e única vez que vi o Leslie Flint mostrar qualquer forma de irritação na sala de sessões.

Eu não conseguia explicar as dificuldades que o Rudy tinha encontrado para estabelecer contacto connosco. Uma era a barreira não intencional criada

pela minha atitude excessivamente cautelosa; outra era a dificuldade de estabelecer a sua personalidade de tal forma que não a rejeitássemos, atribuindo a sua presença ou a um desejo de agradar por parte de um membro do círculo, ou a uma ilusão.

Para superar estes obstáculos, ele tinha arriscado desagradar temporariamente ao seu próprio médium, que naturalmente sentia que se tratava de um engano desnecessário, mas cuja irritação foi de curta duração, pois em poucos minutos o Leslie juntou-se à diversão, enquanto eu relatava algumas das minhas observações ao ‘David’ ao longo dos últimos meses! Mas isso não era tudo, pois eu sabia agora que o Rudy tinha agido como porta-voz do Dr. Marcel lá atrás, em 1955, o que levou o Leslie a comentar sobre a voz.

Por outras palavras, ele nunca tinha falhado em responder ao meu desejo sincero de que me fosse permitido conhecê-lo e, acima de tudo, trabalhar com ele no Serviço Espiritual. Se não fosse por este aspeto, é duvidoso que o contacto alguma vez tivesse sido estabelecido. Era óbvio que ele pretendia divulgar a sua identidade para nós naquela noite, e essa era a sua razão para dizer que deveríamos visitar o Leslie novamente antes de irmos para Itália. Mas nem mesmo ele poderia ter previsto quão irónicas as suas palavras provariam ser.

Faltavam cerca de cinco semanas para partirmos para Itália quando o Anthony regressou a casa de licença após a sua segunda viagem à África do Sul. Um olhar bastou para me dizer que nem tudo estava bem. Havia algo de estranho num dos olhos. Parecia que se poderia estar a formar uma catarata, e ele pensou que tinha levado uma picada de inseto durante a viagem de ida, já que a sua visão se tinha tornado turva, mas como não havia desconforto, não tinha reportado o facto ao médico do navio. Tal é a inexperiência da juventude! Poucos dias antes de chegar a Inglaterra, percebeu que tinha perdido a visão de um olho completamente.

Foi imediatamente para o hospital oftalmológico, onde lhe disseram que nada podia ser feito, pois a causa da lesão não podia ser encontrada e nada aparecia nas chapas de raio-X. Esta afirmação foi confirmada quando fomos com ele dois dias depois. Pedimos que fossem feitos mais raios-X e também uma segunda opinião, que foi marcada para o final da semana. Na manhã de sexta-feira, as fotografias de raio-X foram tiradas de um ângulo diferente e uma delas mostrava distintamente um corpo estranho na frente do olho. Após alguma ponderação, o especialista concordou que o Anthony deveria submeter-se a uma operação.

Ao sairmos do hospital, telefonei ao Leslie, que nos conseguiu dar uma sessão de emergência dentro de uma hora. Mal tínhamos apagado a luz quando o Mickey falou. “Olá, querida. Temos estado à vossa espera desde quarta-feira. Aguentem! O Dr. Marshall está aqui.”

“Bem, minha querida”, veio a voz suavizante do Charles, “este é um incidente muitíssimo lamentável. De qualquer modo, terão percebido que fizemos muito ao mover a farpa de aço para a frente do olho, mas naturalmente é necessária a perícia do cirurgião para a remover. Existem complicações. Se eu soubesse disso mais cedo, poderia ter feito muito, mas isto era-nos totalmente desconhecido porque o Anthony não registou qualquer agitação mental causada por desconforto físico e, como sabem, nós estamos sintonizados apenas com o estado mental. O aço enferrujou e a parte de trás do olho está gravemente danificada. A visão será restaurada em 70% ou 80%, mas ele poderá precisar de uma lente de contacto, pois o cristalino do olho está destruído. Nunca será 100%. Agora, Tony, quero que recordes quando estiveste na viagem anterior, não nesta última...”

Depois, lenta e persistentemente, o Charles conduziu a memória do Anthony de volta a um certo período em que ele tinha usado um esfregão de lã de aço muito grosso para limpar os rebordos exteriores de várias escotilhas, uma tarefa diária que exigia que ele se inclinasse para trás numa posição difícil, muitas vezes sob um vento terrível, e um pedaço microscópico da lã abrasiva tinha-se introduzido no olho. A oxidação disto tinha gerado a condição que eventualmente destruiu o cristalino.

Com esta ajuda e orientação, procedemos aos preparativos para a operação, que na verdade ocorreu na semana em que deveríamos ter partido para Itália. Naturalmente, as nossas férias tiveram de ser canceladas. O Anthony submeteu-se a três operações durante os quinze meses seguintes, com completa fé e confiança. A parte da farpa de aço foi removida com perícia notável e será preservada nos arquivos por dez anos no hospital oftalmológico em questão. A sua visão foi restaurada em 50% e, após um exame médico, ele foi aceite de volta na Marinha Mercante dois anos mais tarde.

Enquanto o Anthony estava no hospital, o John e eu tínhamos ido a outra conferência do Ram-a-Dahn, na qual ele tinha esclarecido a necessidade de elevar os pensamentos para um nível superior durante uma sessão, a fim de estarmos mais sintonizados com aqueles que estão a tentar chegar até nós. Ele enfatizou a necessidade de humildade, não para ser demonstrada para com aqueles que vêm ter connosco, mas perante o prodígio desta comunicação.

O John carece de imaginação e, embora compreendesse o que lhe era exigido, achou difícil pô-lo em prática e perguntou-me se eu o poderia ajudar. Assim, na nossa sessão seguinte em casa, ganhei coragem e, falando em voz alta, guiei os pensamentos do círculo para o que chamei de “O Jardim da Doce Devoção”, no qual eu tinha encontrado o isolamento mental necessário para as minhas intercessões diárias.

“Para encontrar aqueles em Espírito em plenitude de pensamento, longe das condições turbulentas deste mundo, é bom imaginar um lugar adequado para tal encontro. Lembrem-se também de que esta criação pela oração pode realmente passar a existir nas esferas do mundo seguinte, onde o Pensamento é todo-poderoso.

“Visualizem uma clareira verde e tranquila onde as árvores e os arbustos descem até águas plácidas. Estão sozinhos e, estando tão seguros da solidão e desejosos de procurar contacto com Seres Superiores, ajoelham-se; não em súplica, mas em humildade, pedindo que as vossas orações possam ser atendidas. Como formulam a vossa invocação ou a quem, é uma questão de cada indivíduo. A cada um o seu. Os vossos pensamentos não devem ser para trazer a pessoa amada ou as pessoas amadas até vós, mas sim para que vós próprios possais ser feitos dignos de realizar o trabalho do Espírito.

Tragam então os nomes e as condições daqueles para quem pedem ajuda ou cura. Peçam conforto e que a luz do conhecimento os envolva; deem então todo o amor que a alma consegue reunir, todo o amor que o coração (sendo humano) anseia por dedicar talvez a uma pessoa, e deixem que ele surja como o jato de uma fonte para alcançar a glória da Luz. Conforme cada partícula absorve a Essência de Toda a Vida, ela voltará e cairá numa cascata de pensamentos amorosos sobre aqueles que procuraram ajudar.

“Ao início, este belo lugar é luxuriante e verde, mas desprovido de flores; contudo, conforme aprendem a dar aos outros sem um pensamento sobre o eu ou sobre recompensa, uma flor brotará no meio da verdura. Brilhará com uma iridescência suave, tendo pétalas como madrepérola e um coração de ouro resplandecente, a partir do qual os vossos pensamentos continuarão a alcançar a pessoa que nomearam. Assim, o fluxo contínuo de poder de cura segue o seu caminho.

Desta maneira, o vosso Jardim da Doce Devoção ganha forma, e as flores encherão o ar de doçura e melodia e, como Ram-a-Dahn tão aptamente o expressa, ‘os lírios da Oração florescerão nos lagos da Paz’. Ainda assim, deve continuar a haver progresso, e este belo jardim deve, a seu tempo, ser deixado para coisas maiores.

“Quando chegam a este ponto e se viram para olhar para trás, para o que é, afinal de contas, a vossa própria conquista, é apenas natural sentir um pouco de orgulho mas, como não desejam murchar este lugar jubiloso onde os cansados encontrarão consolo, assim deve o vosso orgulho curvar-se perante as palavras eternas: ‘Seja feita a Tua Vontade’.”

Seria inútil deter-me na observação de que estas palavras não eram minhas, embora eu as tivesse proferido. Eu tinha sido usada para controlo consciente em ocasiões anteriores num sentido inspiracional, o que significava

que eu tinha de “elaborar” as frases a usar, mas não tinha sido usada de uma forma tão direta anteriormente.

Como esta noite constituiu algo como um prelúdio para a inesperada ascensão às Esferas Superiores que íamos fazer na nossa sessão seguinte com Leslie Flint, parece ser um momento propício para demonstrar, através do meio de uma carta escrita por Valentino em 1923, quão maravilhosamente o poder do Espírito controla aqueles de nós que, consciente ou inconscientemente, estão abertos a receber as suas emanações.

Foi muitos meses após a sessão referida que me foi dada uma cópia de uma carta que ele escreveu ao público americano, após a sua suspensão da rodagem de filmes devido às dificuldades que encontrou com aqueles com quem estava sob contrato. Fiquei impressionada com as implicações extraordinárias, considerando que ele era totalmente alheio ao seu verdadeiro destino. Citarei excertos da primeira parte desta carta, omitindo apenas um parágrafo que trata de tecnicidades.

Uma carta aberta de Valentino Janeiro de 1923

“Aos meus queridos Amigos, Nos últimos meses recebi muitos milhares de cartas dos meus amigos nas audiências cinematográficas da América, perguntando-me por que razão tinha deixado de fazer filmes e o que tencionava fazer no futuro. [Segundo parágrafo omitido.] É um grande privilégio, portanto, poder falar convosco através das páginas da revista *Photoplay*, pela qual tenho uma grande admiração porque foi sempre justa e imparcial para com produtores, atores (sejam eles estrelas ou não), autores e realizadores.

Foram vocês, os fãs, que me fizeram. Quando interpretei ‘Julio’ em ‘Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse’, ninguém na indústria esperava que eu me tornasse uma estrela. Eu não ousava esperar tal coisa. Mas vocês descobriram-me e criaram-me. A vossa bondade chegou até mim numa altura em que parecia que as coisas não podiam ser mais desoladoras. Fizeram com que os gestores de teatros me conhecessem e fizeram com que as revistas de cinema e os jornais estivessem conscientes de mim. Estou mais grato do que alguma vez saberão.

É uma grande honra, mas uma responsabilidade ainda maior. Os ídolos são criados para serem despedaçados. O meu pedestal está atualmente um pouco alto demais para ser inteiramente confortável. Sinto-me demasiado humilde para tal altitude. Pela própria natureza das coisas, sei que não posso ocupar tal posição por muito tempo. Mas antes de cair, espero trazer-vos o meu pequeno melhor, como o meu gesto de agradecimento por tudo o que me trouxeram.

Escrevem-me a dizer que trago Romance às vossas vidas. Dizem que vos dou cor e beleza e sonhos. Desejaria ter mais palavras em inglês ao meu dispor para expressar o que tal fé em mim significa. É tão difícil para mim mostrar-vos que isto não me tornou orgulhoso de mim próprio, mas antes muito humilde e ansioso por vos servir. Por favor, acreditem nisso!

Talvez a melhor forma de o explicar seja dizer que me faz sentir que, pessoalmente, eu não importo. Sinto-me como se fosse simplesmente um médium através do qual estas coisas vos estão a ser dadas. É que me sinto bastante irreal. O Rudolph Valentino que vocês trouxeram a público é muito diferente do Rudolph Valentino que realmente é. Asseguro-vos que ele é um sujeito bastante vulgar. Mas este outro Valentino, esta personalidade de sombra, deve dedicar-se ao trabalho que vocês esperam dele. Para ele existe apenas trabalho, trabalho criativo constante. Ele deve esforçar-se por vos mostrar a beleza e a alegria do amor, o resplendor da vida e a tragédia da morte. Ele deve tentar viver para vocês esses sonhos que podem não ter sido capazes de realizar por vós próprios. Ele já não pode pertencer inteiramente a si próprio...”

Desde o dia em que um jovem de vinte e oito anos escreveu aquelas palavras, as páginas avançam trinta e cinco anos até 22 de abril de 1958, quando esse mesmo jovem fala novamente. Atrás de si estão agora as experiências de muitas vidas e, tal como Valentino podia sentar-se e ver uma variada cavalgada de papéis cinematográficos passar diante dos seus olhos, sabendo que interpretou cada papel, também ele pode olhar para trás, a partir do seu estado de ser mais evoluído, e ver as suas várias encarnações em relação umas às outras.

Foi assim que, nesta “noite memorável”, como ele a expressou, não foi apenas Rudolph Valentino quem falou, mas o verdadeiro indivíduo cuja identidade espiritual permanece obscura. Não há nada de excecional nesta situação. Estamos todos a evoluir, e o caminho do progresso está aberto a cada alma. Para distinguir este aspeto superior, como Leslie lhe chama, referi-me frequentemente a ele como *Rudy-Plus*! A voz é a mesma, contudo a qualidade pode ser bastante diferente; o sotaque é quase impercetível, mas as características permanecem distintamente as suas. Isto pode ser comparado a uma peça musical tocada em dois pianos: um, um modelo vertical de sonoridade média; o outro, um piano de cauda de concerto. As notas e o tema seriam os mesmos, mas saberia sem dúvida qual era qual.

Reunimo-nos com grande felicidade nesta ocasião. O Leslie estava num estado de espírito particularmente hilariante e, durante o longo período de espera que parece variar em cada sessão, manteve-nos em ataques de riso com as suas reminiscências de infância, de quando costumava acompanhar a avó ao cinema! Foi de um lugar nos “bilhetes de sete cêntimos”, numa dessas saídas, que ele se sentou enfeitado pela primeira vez sob a influência de

Valentino, nos românticos e magníficos trajes do século XVIII, tal como retratado no filme “*Monsieur Beaucaire*”. Quão remoto tudo parecia!

Subitamente, tudo ficou calmo. Então o Leslie falou: “Estou a receber aquelas palavras maravilhosas do Livro de Rute. Significam algo para ti? ‘Aonde quer que fores, irei eu; e onde quer que pousares, pousarei eu...’ Conheces estas palavras, Lynn?”

“Sim”, respondi, “conheço-as, mas nem sempre as cito corretamente. Repeti-as nos últimos dias, durante as minhas sessões.” A vizinha alegre do Mickey disse-nos que as condições necessárias para a comunicação tinham sido alcançadas. Charles (Dr. Marshall), a Irmã Teresa e Pena Branca conduziram-nos, por etapas fáceis, ao momento que precedeu o tão aguardado comunicador.

4

UMA ESTRELA ASCENDE

Antes que a antecipação ansiosa criasse uma tensão, naquela noite de 14 de Dezembro de 1963, a voz gentil meiga começou a falar.

“Esta é uma noite memorável. Há muito tempo que queríamos falar convosco nestes termos. E se eu não estou a transmitir como gostaria, é porque de certa forma eu não estar acostumado a falar com frequência. As minhas aparições são raras, mas muitas vezes estou convosco. Eu nunca fiz do falar prolongadamente um hábito por diversas razões, e se esta noite eu não disser tudo que eu desejo, é porque o tempo e o poder não o permitem, e muitas coisas são impossíveis de transmitir por palavras. Porque nós que vimos Deste Lado da vida, pensando como pensamos, pura e unicamente em termos espirituais, acharmos difícil retratar por palavras as coisas do Espírito e da Verdade.

"No entanto, eu e todos nós estamos aqui constantemente convosco, especialmente quando vocês vêm juntos fazer o trabalho do Espírito. Para desenvolver o poder de poderem ser úteis e fazer algo que ilumine aqueles que não são iluminados. Para levar luz onde ela é necessária. Para trazer conforto àqueles que se encontram tristes e solitários. Para trazer convicção àqueles que perderam as esperanças, e dar àqueles que ouvem a compreensão de que Deus existe. De que Deus é amor. O amor é a única solução para a miséria e infelicidade do mundo.

“O mundo hoje vive com medo. Um tremendo poder é mobilizado sobre a humanidade, um poder das trevas e do mal que o próprio homem desenvolveu ao longo de séculos de vida errada e pensamentos errados. Nós

frequentemente ouvimos o homem dizer que "Não existe Deus!" mas o homem é responsável por tudo o que acontece. O homem criou no seu mundo todas as tragédias que o acometeram, através da malícia, da intolerância, do ódio e do medo, e trouxe à existência toda a infelicidade da qual vocês padecem.

“Hoje, mais do que em qualquer outro momento, a voz do Espírito é necessária para guiar aqueles que detêm os destinos das nações do mundo. Nós vimos com uma grande força, um grande propósito, para destravar as mentes fechadas dos homens para que possamos revelar a Verdade, o Caminho da Vida e o Sabedoria, tão gravemente necessárias. Como sempre, não podemos alcançar os chamados sábios, os chamados inteligentes! Como sempre ao longo das gerações do tempo, o poder do Espírito foi para os mais modestos e humildes.

Assim é que chegamos a usar aqueles que são chamados de tolos e insensatos, devido a que através deles a Verdade e a Sabedoria do Espírito possam chegar, e os caminhos do mundo possam ser mudados. O homem na sua ignorância colocou os supostos sábios em altas posições e os tolos seguem-nos, não de bom grado, mas como ovelhas. Escutamos o balir dos cordeiros que foram conduzidos ao abate ao longo de tempos imemoriais; incontáveis almas aqui antes do tempo, desprevenidos, despreparados.

“Vocês, que são os chamados simples, são os sábios. por terem conhecimento da Sabedoria do Espírito e suas cabeças não foram abarrotadas com o conhecimento terreno que passará e não terá qualquer valor. É o conhecimento espiritual que irá abrir as portas do céu e torná-los livres. Queremos trazer este conhecimento e verdade ao mundo, para que os homens que são como ovelhas e de mentalidade materialista possam ser libertados, e não ser sacrificados nos altares dos deuses errados, a vidas de erro e a padres errados que adoram as forças inferiores e que são materialistas no íntimo.

“Existe um caminho de progresso. O Caminho de Deus; o NOSSO caminho; o VOSSO caminho. Esses governantes” - aqui o voz suave tornou-se quase contundente - esses homens de poder, esses homens de sabedoria, destituídos de Graça Espiritual, de Sabedoria ou Conhecimento Espiritual, podem na sua ignorância e através do medo, lançar o mundo num caos.

“Nós vimos até vós, conhecendo-os,” a mudança de direção na voz implicava que ele parecia olhar ao redor para cada um de nós, e depois continuou com grande ternura, “pequenos e insignificantes como sois. No entanto, são vocês e outros como vocês que podem salvar o mundo!” Um tom de urgência revelou-se insidioso na sua voz quando ele disse: "Por que batemos à porta da vossa consciência por tanto tempo, e de outros como vós? Por quê? Através de vós pode vir a revelação e a salvação. Por que é que eu e

outros como eu vimos até vós desta maneira? Por trabalharmos para Deus e o Seu povo, independentemente da cor, classe ou credo; não conhecemos barreiras de qualquer tipo. O amor anula todas as barreiras criadas pelo homem.

“Eu vejo-me através das gerações do tempo, através de muitas encarnações em muitas formas e em muitos lugares, e eu sei que essa tem sido a minha tarefa. Esforçar-me por mostrar amor, expressar amor, experimentar amor e através do amor, reunir todos os tipos de pessoas em harmonia e paz. Essas coisas têm sido um dever para mim, como de facto, têm sido o dever de muitas almas do nosso Grupo. Vós sois os nossos instrumentos e nós reunimo-nos para esse fim.

“Vocês conheceram-me e eu a vós em tempos passados. Agora você ainda são meus e eu vosso. Somos um espírito, apesar de estarmos separados em nós próprios e por causa desse espírito uno que flui através de todos nós, podemos esquecer-nos de nós próprios; só na humildade encontramos os nossos verdadeiros eus, e no amor o nosso verdadeiro serviço. Vocês são 'corpos' num mundo material, mas vocês são comigo Um em Verdade e Espírito. PERTENCEMOS TODOS AO MESMO GRUPO DE ALMA.

Um dia, quando eu tiver mais tempo à minha disposição irei descrever e explicar-lhes isso de uma forma mais cabal. Enquanto isso eu peço-lhes que se dêem por satisfeitos e apesar das complicações e das coisas que os confundem acima de tudo, lembrem-se disto: Nas minhas encarnações, e particularmente na minha última, foi-me dada a vida num sentido material para participar de um Plano (de que vós fazeis parte) para unir as pessoas, e um método estranho foi que, ainda assim através daqueles que me amam o meu trabalho continua. Quando eu digo “que me amam,” lembrem-se de que digo isso com humildade de espírito e sem orgulho de qualquer tipo; não que me amem como eu, mas o poder de Deus que se revela através de mim, como uma expressão d’Ele.

“Onde o amor verdadeiro existe no Plano Mais Elevado, estamos a expressar o amor de Deus. Assim, no amor fomos nós criados, e em consequência, ao fazermos o Seu trabalho juntos, encontramos-nos uns aos outros. Nós partilhámos o serviço juntos e assim encontraremos as nossas verdadeiras recompensas em harmonia e paz em Deus. Deus os abençoe.”

O John inclinou-se sobre mim. “Lynn, era o Rudy a falar?” Sussurrou-me ele numa voz de espanto. “Era,” disse eu, tentando esconder o meu próprio espanto, “ele disse que nós tínhamos que aspirar às Alturas, mas eu nunca percebi...” A voz retomou o fio do diálogo novamente:

“Os nomes em si mesmos não têm importância. Somos batizados, vivemos e temos o nosso ser e somos conhecidos pelo que somos, por aquilo em que nos tornamos, pelo que alcançamos, ou talvez pelo que não tivermos alcançado. Quando morremos, somos como a poeira dos campos. As flores desabrocham nos nossos túmulos e as árvores dobram-se, mas não somos como éramos; nós somos apenas uma recordação.

“As memórias são doces, mas aquilo que dura para sempre é de Deus e não pode fenecer. Aquele aspecto que é da Alma, o Espírito que somos nós, retorna a Ele. O nome não é nada, é apenas uma memória. Quando o chão estiver coberto, tudo o que era da Terra é agora esquecido, mas a parte que prossegue em frente e para cima e reencarna noutras formas é de Deus e permanece para fazer a Vontade do Altíssimo. Não há escuridão agora, apenas luz. Aquilo que parecia ser escuridão, quando perfurado pela Sabedoria, é iluminado e nós vemos, como era, com clareza. Vimos com os olhos do Espírito, ouvimos com os ouvidos do Espírito e sentimos o toque do Espírito. Tudo é claro e sábio. . . sem medo, sem dúvidas. Há a percepção de que. . . O que estava morto ressuscitou.” A respiração dele estava a tornar-se difícil enquanto ele tentava usar o poder decrescente.

“O sol da manhã está alto, a terra está quente e os pássaros voam nos céus. Reina a quietude e a paz na Terra e a beleza ao redor. Deus dá beleza e uma vida nova e em toda a vida há um sopro de Deus. Mas nós, que vimos até todos vós, vivemos nos vossos corações e na vossa memória, não apenas por aquilo que deixamos para trás, mas mais importante ainda, estamos convosco nos vossos corações, nas vossas mentes e acima de tudo nos vossos espíritos. Em consequência, estamos unidos. Para aqueles que estão conscientes disso, não há escuridão porque eles terem iluminado a alma.

Essa Luz nunca falhará enquanto o vosso amor, confiança e fé permanecerem. Alegrem-se nestas coisas, as ilusões devem desaparecer. Vivam realidades, e a miragem do deserto não existirá mais... Eu tenho que ir agora... Abençoados sejam todos.”

Mais tarde escrevi estas palavras em meus registros:

“Não há nada que eu possa acrescentar à revelação desta noite excepto a fervorosa oração para que possamos ser dignos da tarefa que temos diante de nós.” Em vista do cancelamento das nossas férias, tínhamos reservado uma sessão para o aniversário de Rudy, dia 6 de Maio, quando nós deveríamos ter estado em Castellaneta, e logo após a nossa introdução ao ‘aspecto mais elevado’, provou ser particularmente interessante descobrir que ele se ajustara à ocasião.

À nossa chegada nessa noite, conhecemos Gwen Vaughan que estava de visita do Norte e Leslie sugeriu que ela se juntasse a nós. Era para ser a sua

primeira experiência de Voz Directa, e com dois participantes do círculo de Leslie fizemos uma companhia de oito. Mickey começou a sessão com um espírito de verdadeira festa e surpreendeu Gwen dizendo que já a tinha visto antes e ele não se referia ao "Flint." Mais, ele sabia há muito tempo que ela viria a estar presente numa sessão!

Tendo em mente que as verdades reveladas a nós não são para uns poucos privilegiados, mas são para toda alma vivente, eu em particular quero mencionar um incidente manifestado pelo Dr. Marshall, que nos deu um exemplo maravilhoso do poder do amor, especialmente quando se trata de uma acção realizado com verdadeira sinceridade. Anthony não foi capaz de vir connosco para a reunião, mas ele tinha enviado uma planta para o Dr. Marshall, como um pequeno reconhecimento pela ajuda que lhe dera durante a primeira operação aos olhos. A planta estava numa mesa lateral na sala de sessões, e depois de Charles ter falado por um tempo, ele terminou, dizendo:

“Eu esperava que Tony estivesse aqui esta noite, mas agradeça-lhe muito pela planta. Vou mantê-la viva o máximo que puder do vosso lado, mas diga-lhe que tenho uma réplica exacta aqui, e que a estimo muito. ”

Até aquele momento, eu não tinha compreendido totalmente o significado de um sinal de flores dado num gesto de lembrança de afecto a alguém, e as palavras dele foram verdadeiramente esclarecedoras. Quão reconfortante é o conhecimento de flores colocadas em casa ou colocadas num túmulo com um sentimento de sinceridade, e não por tal tributo ser esperado, serem realmente recebidas e mantidas em alguns casos pelos nossos entes queridos nas suas próprias esferas. O amor é o poder que torna essa transferência possível ao transmutar a ação do pensamento na realidade espiritual.

Como se para ampliar esta nova compreensão, um dos assistentes do próprio círculo de Leslie Mickey perguntou como as pessoas no mundo dos Espíritos se sentiam em relação aos aniversários. Lembrar-se-iam dos seus aniversários terrenos da mesma forma, ou a sua passagem para o mundo do Espírito equivaleria a um aniversário? Mickey respondeu em voz baixa e tom sério:

“Os aniversários não significam muito para nós Deste Lado, já que o Tempo é puramente material, mas nós recordámo-los através de vós. Afinal, um aniversário é um despertar, um novo nascimento, e quando vocês pensam em nós, estamos conscientes dos vossos pensamentos e do vosso amor. Para nós, no entanto, todo dia é um aniversário! Nós nunca deixamos de nos maravilha com as belezas que vemos diante de nós. A vida para nós é uma alegria contínua, que está sempre a ser reabastecida com flores diferentes, novos edifícios, cores e harmonias diferentes. A vida do Espírito está sempre a

mudar. É como a abertura de um portão num maravilhoso jardim com uma bela vista.

Nós nunca nos sentimos cansados física ou mentalmente, sentimo-nos bastante felizes e jamais infelizes por estarmos com beleza o tempo todo. Tudo é amor, e onde o amor é supremo, deve reinar a suprema paz, felicidade e harmonia. Ninguém precisa se preocupar ou sentir pesar por aqueles que já passaram. Eles foram para um mundo maravilhoso, e para aqueles que amam não há separação [muito disto foi dirigido à Gwen, que havia passado por um recente luto]; o amor é do Espírito e não pode mudar... De qualquer maneira, não me façam começar nisto! ”Mickey de repente parou, e por duas vezes a voz de uma mulher tentou, sem sucesso, fazer-se ouvir: "Jenny, Jenny." Mas ela não conseguiu segurar o contacto. Então veio Flo Ziegfeld e conversou durante um tempo; quando ele saiu, deu-se um momento de pausa a seguir ao que:

"Olá! Olá! Desculpem-me por ter demorado tanto a vir.

“Tudo bem,” disse eu, e essa observação foi seguida por um silêncio "de morte!" Depois de um momento eu prossegui: “Bem, devo dizer que esta é uma boa saudação, Rudy! É ótimo da sua parte vir e falar connosco.

“Devo explicar que não percebemos a posição quando fizemos esses planos para esta noite.” Mas Rudy interrompeu as minhas desculpas.

“Eu não teria saudades de vir falar com todos vós esta noite por nada. Eu tenho ansiado tanto quanto vós, e estou muito consciente do amor que você me enviam. A última vez que falei convosco, tentei dar-lhes algum indício das coisas que agora são mais importantes para mim, e que espero que se tornem tão importantes para vocês.” Um pouco mais tarde ele disse: “Eu também tentei explicar que existe apenas uma coisa que é vital; é o amor. Ele ultrapassa e supera todos os outros factores, e se vocês pensarem e agirem com amor no coração, vocês não poderão falhar, pois sempre deverão fazer a coisa certa. Quando vocês amam, vocês estarão a fazer o trabalho de Deus. Ao meu pequeno jeito, eu consegui fazer algo nesse sentido, e é o amor que nos une e nos torna um.”

Ele encorajou-nos a fazer perguntas que ele disse que faria o melhor por responder, e isso nos trouxe ao trabalho do círculo com que ele lidou com detalhes, finalmente, apontando as dificuldades com que nos depararíamos.

“Há quem,” disse ele, “quem não venha a aceitar e não acredite; Há quem tenha o espírito fechado, e a quem você não conseguirão alcançar, por não conseguirem entender ou não estarem prontos para receber. No entanto, precisamos perseverar e se às vezes parecer que estamos a desperdiçar o nosso

tempo, lembremo-nos de que não há tempo desperdiçado quando se está a servir. Mesmo que o serviço não seja apreciado, estaremos a trabalhar por amor e, quando o tempo estiver maduro, a semente que foi semeada gradualmente crescerá e florescerá.

“Nem sempre vemos os resultados dos nossos trabalhos, tal como um homem que projetou um jardim, é capaz de ver na íntegra os resultados da sua obra no seu próprio tempo; muitas vezes ele não vê, mas ele floresce à mesma e trará prazer e felicidade aos outros. Assim é que as boas obras que fazemos sempre dão frutos.”

Perguntei sobre as minhas sessões diárias e disse-lhe francamente que às vezes duvidava de mim mesma, especialmente quando sentia a sua influência.

“Há muitas coisas que são difíceis de entender,” respondeu ele. “Mas tu recebes inspiração da minha parte e da de outros. Oh, não vês que há mais nisto do que imaginas?”

A voz dele revelou ansiedade e entusiasmo.

“Não apenas tu, mas os outros também que foram atraídos para perto de mim de uma maneira que os deixou confundidos. Eles também não perceberam que havia mais nisto do que parecia à superfície. O que é que nos mantém juntos e ainda te traz à minha memória?”

“É algo do Espírito, com certeza! É algo da ALMA! Não dos sentidos externos ou aparências que pertencem a memórias, embora possam permanecer doces na mente. Aqueles que me tocaram a alma, em troca eu toquei a deles, pois somos todos de um só Pai.

E para ti, que me pressentiste como eu sou e foste atraída a mim em amor, como todos vocês, eu retribuo o amor e somos de facto um. Essas coisas são estranhas e existem mistérios que não podem ser explicados. Agora, entendo inteiramente as coisas que não entendia quando estava na Terra. Havia algo que eu tinha que fazer. Eu não percebi isso. Eu não desejei isso. Eu não tinha o menor desejo de me tornar no que fiz, mas as circunstâncias (se gostarem de lhes chamar isso) colocaram-me nessa posição. Mas eu sei agora, que não poderia ter feito outra coisa!

“De certa forma, isso trouxe alegria e felicidade a muitas almas - especialmente aos solitários. Em consequência eles chegaram-se um pouco, e juntos fomos capazes de trazer-lhes Conhecimento e Experiência, que era algo muito distante da rama. O certo trabalho que eu tinha que fazer, era trazer (à minha maneira) conforto e felicidade a muitos que eu nunca conheci pessoalmente, mas que eu agora conheço num sentido espiritual, e eu sei que

o meu trabalho alcançou o seu propósito. Aproximaram-se de mim e, em troca, eu aproximei-me deles e, assim, posso ajudá-los.”

Ele falou muito sobre intolerância e preconceito, terminando com estas palavras:

“As barreiras serão derrubadas entre os nossos dois mundos. Do mundo do Espírito, chegamos nós como uma poderosa força nos corações e mentes dos homens em toda a parte. Há muitas almas que serão escolhidas como instrumentos, que proclamarão esta Verdade e trarão paz ao vosso mundo.

“É sempre difícil expressar exactamente aquilo que quero transmitir. As palavras são coisas inadequadas! Como podemos descrever por palavras, que são duras e frias, coisas que são espirituais? Você estão a viver num mundo que lhes causa constantemente infelicidade; vocês nunca têm certeza do futuro e muitas vezes vocês sentem-se como se estivessem suspensos no espaço e não podem ter certeza do que irá acontecer a seguir.”

Nós concordamos de todo o coração com ele, e quando ele falou novamente sua voz estava cheio de expressão, a direcção do som mudara um pouco e nós sabíamos que ele estava a olhar em volta para cada um de nós:

"Eu só quero que vocês percebam que, apesar de todas essas coisas e da infelicidade existente no vosso mundo, apesar da solidão ou da tristeza das vossas vidas pessoais, vocês estão cercados por uma multidão de almas que vêm com amor. Aqueles que viram a Luz do semblante de Deus e o Caminho da Vida. Eles voltam a vós porque querem que vocês saibam: vocês não estão sozinhos. Nem por um segundo do vosso dia ou da vossa noite, vocês estão sozinhos!

“Há aqueles que os amam. Aqueles que foram vossos companheiros nos anos que passaram, e que vocês amaram aos vossos modos. Aqueles a quem vocês não nem sequer conheceram... mas a quem vocês amam. Todos têm consciência dos vossos pensamentos, dos vossos medos, das vossas necessidades e eles vêm para que vocês possam ser consolados. Garanto-lhes, você estão bem cuidados, pois vocês são os nosso irmãos e irmãs.

“Nós pusemos de lado todas as coisas que nos prenderam à Terra e que nos tornaram escravos das coisas materiais. Agora nós vivemos em prol da Verdade, da beleza e do amor em que todos nós somos um. Lembrem-se de que vocês estão de facto connosco, são parte do meu espírito, parte do nosso Espírito, e juntos nós progrediremos rumo à Eterna Sabedoria, Verdade e Alegria. Deus os abençoe a todos.”

À medida que esta narrativa avança, certas afirmações podem causar desconforto na mente do leitor, como por exemplo as palavras que Rudy proferiu:

“Vocês não estão sozinhos, nem por um só segundo do vosso dia ou da vossa noite vocês estão sozinhos.” Para aqueles que enfrentam o fardo da solidão as palavras serão um grande conforto; para outros não tão desolados, a inferência de que nunca estamos sozinhos pode causar consternação, ou mesmo ressentimento, e apresso-me a explicar e, mais tarde, a demonstrar essa maravilhosa coordenação de cuidados sem intrusão.

Um incidente foi já mencionado; foi quando o dr. Marshall expressou pesar por não ter tido um conhecimento antecipado da condição dos olhos de Anthony, mas os que eram mais chegados a Anthony e estavam sintonizados com o seu comprimento de onda mental (por falta de uma palavra melhor) não tinham percebido o problema, pela simples razão de que ele não ter registado qualquer agitação em relação a isso.

Por isso, é claro que a menor inflexão na frequência da aura e das vibrações, devido a tristeza, medo, dor ou perigo de qualquer tipo, ao soar uma nota de advertência trará imediatamente a ajuda necessária das pessoas que nos são mais próximas. Mas acções, emoções e pensamentos íntimos e pessoais não são sujeitos a observação, a menos que desejemos fazer essas revelações. Quando o contacto com o Espírito faz parte da nossa vida, descobrimos que renunciamos de bom grado a toda a nossa pretensão de reserva pessoal, pois não há necessidade disso, excepto quando lidamos com os nossos companheiros seres humanos.

Nas semanas seguintes a este contacto com Rudy, Stanley foi usado frequentemente para um controlo consciente durante as nossas sessões em casa. Numa ocasião John perguntou como alguém poderia avaliar o progresso, por ele sentir não estar a conseguir nada. A isso Rudy respondeu através de Stanley:

“Fé e amor são combustível para a chama da lâmpada, pelo que deixa que tua luz brilhe sobre todos os que entram em contacto contigo. Trabalha em harmonia e julga os teus resultados pelo serviço que prestas aos outros. Que este seja o teu critério, que todos os dias te leve mais perto do teu objetivo e, lenta mas seguramente para mais perto de Deus.

Todas a gente, evoluída ou não, precisa ser ensinada, mas somente quando estiver prontas, quando a mente estiver pronta para receber. Alguma semente cairá em solo pedregoso e morrerá, mas isso serve para testar a paciência e a tolerância que estamos a tentar alcançar. A fim de julgar o teu próprio progresso, olha através dos anos para o que que foste. Compara-te o

que foste era com o que és agora. Estabelece um ideal e tenta atingir esse ideal na tua vida diária.”

No final de maio, notámos que a Jean não parecia bem e, frequentemente, sofria de espasmos de dor intensos. Ela não parecia estar a responder ao tratamento médico que recebia, por isso, quando nos reuníamos semanalmente, passávamos alguns momentos a solicitar que forças de cura a envolvessem e fortalecessem. Uma noite, foi mostrada a John, clarivamente, uma quantidade de rubis primorosos, o que o levou a perguntar o seu significado. Sem dúvida que estes foram mostrados para me encorajar a abrir os meus pensamentos mais íntimos porque, durante a meditação de cura, eu tinha “retirado” a Jean para o isolamento do Templo do Rubi.

A ideia dos Templos das Joias foi-me transmitida durante as minhas sessões de oração por impressão mental ao longo de um período de semanas e, originalmente, ampliei o tema usando a minha própria imaginação em relação ao que rodeava os Templos. Não vi nenhuma destas estruturas clarivamente até chegar o momento de as descrever ao círculo, quando vi toda a sequência dos Templos das Joias à distância. Na noite específica em questão, descrevi apenas dois, o do Rubi e o do Topázio, mas incorporarei os outros aqui e agora conforme interpretei o seu significado.

“Emanando do coração do Templo do Rubi e difundidas a partir do interior da própria pedra, estão as forças magnéticas vermelhas da Terra, transmitindo a força apaixonada e o calor do amor. O Templo e os seus arredores transmitem o amor mais espiritual em vários tons de rosa suave. Se alguém estiver fraco, exaurido ou cansado, imagine que pode trazer a sua forma adormecida para o Templo do Rubi, para que a vitalidade e o poder possam ser absorvidos, bem como toda a vibrante força viva do amor criativo.

“O primeiro dos Templos e a entrada para a vida espiritual é o do Topázio, emitindo a luz dourada do Conhecimento Espiritual. Nos vossos pensamentos e orações, peçam para que aqueles cujas mentes estão fechadas, ou mergulhadas no materialismo, possam ser despertados e revigorados neste símbolo do sol. Para mim, parece que os pátios de entrada destes belos lugares são feitos de todos os tons delicados da joia neles guardada, sendo a estrutura do Templo do Topázio composta por âmbar límpido como mel, que se mistura em harmonia perfeita com a profusão de flores em cem tons diferentes da mesma cor. Sem as inibições da estação ou do habitat, floresce ali, tanto de zonas tropicais como temperadas, uma gloriosa variedade de mimosas e junquinhos, prímulas e jasmins, e flores nunca vistas por olhos mortais.

“O edifício do Templo que abriga o Rubi parece ser moldado em jade rosa, corais, mármore rosa e granadas. Jaz repousado numa bruma rosa de

flores; oleandros e rosas, begónias e lótus. As joias acompanhantes, por ordem de ascendência, são: a Esmeralda, representativa da meditação silenciosa e do mundo da Natureza; a Safira, Templo da Cura; e a Ametista de brilho suave, da Sabedoria Espiritual. Nos vossos momentos de elevação, levem-se a si próprios e àqueles que precisam de ajuda a estes pátios tranquilos, onde os lagos são reflexos imóveis de paz, harmonia e graça, e onde as fontes cintilantes vos encherão de vitalidade, alegria e gratidão.

“Estes Santuários não são apenas lugares de cor e beleza. Cada um evoca uma emoção, cada um emite o seu próprio perfume e melodia particulares, e o acorde maravilhoso do conjunto, quando tocado em uníssono, dificilmente pode ser imaginado. Vistos à distância... como os estou a ver agora... são como um colar de arco-íris contra as encostas verdes, estendendo-se até ao pico da montanha. Aqui, a pedra-da-lua, a pérola e a opala servem de prelúdio ao Templo do Diamante, sempre aberto às Esferas Superiores.

“Quando os vossos pensamentos regressarem — pois regressar devem — tragam convosco as memórias e a essência destas experiências, a fim de fortalecer o poder interior.” Desta maneira, confiei o meu método de meditação ao círculo. Mas, como é óbvio, todos devem encontrar expressão à sua maneira e criar a sua própria beleza de acordo com o seu adiantamento. Parece que a lição a aprender com este tipo de meditação enfatiza a arte de reter o prodígio da experiência da alma e de transmitir essa qualidade aos outros. Deve ficar compreendido que nada do que fazemos no Espiritismo, seja no ato da comunicação, meditação ou oração, deve proporcionar uma fuga pessoal, mas sim um esforço renovado para encarar a vida; e, eventualmente, através do contacto com os Instrutores Espirituais por intermédio de um médium, ou por inspiração pessoal vinda deles — que é a forma natural e ideal — o medo e a ignorância serão removidos, e assim não haverá nada de que escapar.

Era dia 9 de junho de 1958, exatamente dois anos após o dia em que tínhamos ido pela primeira vez a casa de Leslie e ouvido que deveríamos iniciar o nosso treino com o Stanley como médium, e este período de tempo foi o tema da nossa conversa quando realizámos o nosso círculo doméstico neste aniversário. Rudy comunicou a sua presença através de Stanley quase imediatamente, dizendo: “O nosso caminho foi um caminho de progresso lento, de progresso seguro, e devemos estar preparados para semear apenas as sementes.

Podemos não ser capazes de ver o resultado do Plano ou, na verdade, sequer saber a parte que desempenhámos nele. Quando um exército está em campo”, lembrou-nos ele, “o indivíduo não conhece habitualmente o plano do general, e neste caso o General é Deus. Portanto, cada um deve desempenhar a sua parte com confiança, segurança e fé.”

Ninguém podia negar que tínhamos confiança! Estávamos obviamente a alcançar as condições estabelecidas pelos nossos guias e felicitávamo-nos pela nossa tolerância perante as idiossincrasias uns dos outros. A nossa sessão seguinte com Leslie estava marcada para 17 de junho e aguardámos por essa data com algo não muito diferente de uma satisfação presunçosa. O nosso gravador estava avariado, por isso pedimos autorização para pedir emprestado o de Leslie, e ficou combinado que o Stanley compraria a fita e a traria para a sessão à noite. Foi apenas quando estávamos prestes a montar o gravador que descobrimos que a fita que o Stanley tinha comprado era um tamanho abaixo do necessário, o que significava que, a meio da sessão, o Leslie teria de parar a máquina e inverter a fita para a pista inferior. Ele estava perfeitamente disposto a fazê-lo, mas disse que a sua máquina era um pouco caprichosa às vezes, mas que faria o seu melhor.

Interiormente, eu estava a fumar. Stanley parecia desconfortável enquanto a Jean o olhava com severidade, e John não dizia nada — mas pensava muito. Desvalorizámos o assunto com algumas piadas humorísticas de cariz feminino! À superfície, tínhamos todos aceitado bem o erro. Assim que a saudação alegre de Mickey chegou aos nossos ouvidos, o incidente foi esquecido, especialmente porque o Mickey parecia tão preocupado com a saúde da Jean.

Ela tinha ido ao hospital e tinham diagnosticado o seu problema como sendo de nervos e receitado algum medicamento, mas o Mickey não se deixou convencer e disse que ela deveria fazer um raio-X, porque era melhor ter a certeza. Depois, virou-se para mim: “Como estás, Loira?” Assim saudou cada um, voltando novamente à Jean: “Temos de pôr a velha Jean em ordem, sabem.”

Admiti que estávamos a ficar ansiosos por causa dela e que os nossos esforços de cura não pareciam eficazes. “Então a vossa cura é defectiva, não efetiva, eh?” Ele soltou um pequeno bufo divertido. “Como estamos a ir, Mick?”, perguntou o Stanley. O Mickey resumiu tudo numa palavra. “Péssimo!” Esta observação críptica foi recebida com espanto da nossa parte e uma risada abafada do Leslie. “Bem, não estão?”, questionou o Mick. “As vossas mentes estão demasiado perturbadas, as condições estão todas erradas, não tanto entre vós, mas à vossa volta.

A Jeanie não está bem e vocês estão naturalmente preocupados. Isto é compreensível, mas as vossas mentes não estão tão plácidas como deveriam estar; depois há o Tony para lidar! Têm um desentendimento em casa e acham que isso pode ser dissipado em poucas horas! O Tempo não é nada para nós, o Tempo não é nada no que toca a coisas mentais, por isso está tudo à vossa volta, a moer-vos a mente e dentro do vosso subconsciente. O Tony tenta, mas nem sempre consegue e então vocês ficam exaltados e o ambiente fica

carregado! Podem honestamente dizer que há paz e quietude nos vossos corações, em casa, ou até na vossa perspectiva?

“É necessária muita cooperação, compreensão amorosa e a percepção das vossas próprias falhas. Devem tentar corrigir os vossos caminhos — eu sei que para mim é fácil falar! Mas têm de se esforçar mais. Eliminem o ‘eu’ e tragam as coisas que importam para a frente.” Não sei como os outros se sentiram, mas eu poderia ter-me enfiado debaixo do tapete, quanto mais estar a ser repreendida! Charles seguiu-se ao Mickey e, durante quase um quarto de hora, falou com a Jean.

A condição dela era certamente nervosa, mas devida a um distúrbio grave. No entanto, homem prevenido vale por dois, e ele aconselhou-a a deixar de ir trabalhar, independentemente do inconveniente que isso causasse. Encorajou-a a insistir num raio-X para sua própria paz de espírito, pois não queria que ela tirasse conclusões precipitadas e imaginasse que teria de se submeter a operações intermináveis e passar muito tempo a entrar e sair do hospital.

“Vês”, disse ele à Jean, “eu conheço-te, e conheço a tua mente e o que estás a pensar, e posso assegurar-te de que não há nenhum crescimento mas... se isto continuasse, a irritação constante pode causar muitos problemas. Estas coisas começam todas por nervos sob tensão, ansiedade e preocupação, por isso, para nos ajudares a todos, tenta descansar a tua mente e relaxar tudo o que puderes.” Depois, dedicou a sua atenção a nós. “Eu sei que devemos parecer estar a pedir-vos o impossível quando têm tudo isto na cabeça.

Com o rapaz, as preocupações de dinheiro e agora a Jean... percebemos que não é fácil excluir as coisas materiais, nem que seja por uma hora ou pouco mais, mas o círculo que vai fazer progresso espiritual real e alcançar as Alturas deve ter uma unidade pacífica. Temos grandes aspirações do mais alto nível espiritual para vós, por isso não fiquem demasiado desanimados quando dizemos que as condições não estão propriamente certas. Sabemos que se estão a esforçar, e ajudamo-los de uma forma material a orientar o jovem, a ajudar a Jean e, eventualmente, a tornar possível a mais elevada comunicação espiritual.

“Há uma palavra na língua inglesa que nem sempre pomos em prática... Tolerância. É um velho cliché dizer que ‘Cada um tem o direito de viver a sua própria vida’, mas com que frequência estamos à altura disso? Com que frequência praticam o ‘dar e receber’? Com que frequência ‘abrem exceções’ para a diferença de temperamento, a diferença de circunstâncias e de caráter? Se se sentirem irritáveis, e se tiverem vontade de ser sarcásticos, tentem apenas contar até cinco antes de darem largas à língua.

“Vocês são tão intensos e ansiosos para que tudo esteja em ordem — tomem esta noite como exemplo, e a fita!”

“Queres dizer que isso ficou registrado?”, exclamei eu.

“Oh sim”, respondeu ele, “e de que maneira. Se pudessem ver as vossas auras às vezes! Talvez estejam magnificamente tranquilas, depois alguém faz uma observação inocente que, sem intenção, magoa um de vós, e então deveriam ver a aura! A forma como ela estremece e abana e emite dardos de luz... ficariam surpresos.”

Seguiu-se mais tarde na conversa que este efeito devastador na aura ocorria quando despertávamos o John do que parecia ser sono durante as nossas sessões, e o Charles disse: “O que vão fazer, então? Expulsá-lo do círculo porque ele adormece? Se tiverem algum juízo, deixá-lo ‘dormir’, pois, por aquilo que sabem, ele pode ser aquele que produz os fenômenos. Ele é um grande trunfo para o círculo e extraímos muito poder dele, e quando o trazem de volta à consciência subitamente, isso não nos ajuda.”

O Mickey tinha acabado de começar a falar novamente enquanto o Leslie lutava para trocar a fita no escuro — subitamente, houve um clarão de luz quando ele premiu o botão da pista inferior, e depois outro! Leslie praguejou suavemente, e a voz de Mickey sussurrou rudemente: “Desculpem, pessoal... já era... Adeus... Que Deus abençoe.” Ele nem sequer conseguiu terminar a frase.

Nunca antes, durante uma sessão, eu tinha estado tão consciente da presença de Rudy como estive naquele momento de silêncio forçado, e uma onda de simpatia pareceu envolver-nos. Mais tarde, perante uma chávena de chá, tanto a Jean como eu sentimos grande dificuldade em esconder a nossa emoção, pois percebemos que um tempo de provação se avizinhava para ela.

Relativamente ao desenvolvimento espiritual de que estávamos tão confiantes, parecia que mal tínhamos começado a nossa subida à montanha, escorregando e deslizando nas encostas e caindo vítimas de todos os perigos da vida quotidiana. Tinha sido sempre um orgulho meu nunca me ofender com nada do que fosse dito, desde que fosse a verdade, e um veredito verdadeiro tinha sido proferido sobre nós naquela noite pelo Charles e pelo Mickey. Foi um grupo pequeno, algo triste e castigado, que se dirigiu para casa vindo de casa de Leslie Flint naquela noite de verão.

5

O CAMINHO PARA A TRANQUILIDADE

Finalmente ficámos plenamente conscientes da grande mudança que teria de ocorrer antes que pudéssemos esperar qualquer progresso adicional; uma mudança que não afetaria apenas nós os quatro — o que seria comparativamente fácil — mas que também diria respeito às duas crianças: o Anthony e a filha da Jean, Barbara, produtos desta era moderna onde o “eu” vem primeiro e o “eu quero” é a chave da vida. No entanto, o conhecimento que possuíam sobre este assunto seria, sem dúvida, uma ajuda para eles, e qualquer esforço real da sua parte para cooperar connosco seria naturalmente recebido com um apreço imediato.

Por esta altura, uma conferência dada por Ram-a-Dahn também proporcionou a oportunidade de pedir a sua fórmula para alcançar a Tranquilidade. O seu conselho foi começar pelo lar, criar paz dentro da família, em toda a atmosfera da casa e, depois, na sala onde a sessão deveria ser realizada. Se isso significasse uma correria para lavar, mudar de roupa, limpar o pó do quarto e arranjar as flores antes da sessão, então ele aconselhava o esforço mínimo. Quando o círculo se reunisse, ele aconselhava cada membro a estender pensamentos de amor aos outros participantes, por mais diferentes que os caracteres pudessem parecer à superfície, porque um nível de unidade completa deve ser alcançado. Tendo obtido isto, o passo seguinte era enviar vibrações de boas-vindas àqueles que nos vêm ensinar, juntando-nos a eles numa oração de gratidão ao Grande Poder que torna a comunicação possível e, finalmente, manter pensamentos de felicidade e serenidade na mente durante todo o procedimento.

Agora as nossas sessões já não eram um evento confinado a uma noite por semana, porque começávamos a preparar-nos na terça-feira de manhã para a segunda-feira à noite seguinte! Cada dia era um novo desafio, cada incidente irritante um teste adicional, cada choque com personalidades opostas uma oportunidade de deixar brilhar a luz espiritual interior e, após o entusiasmo inicial se ter esgotado, falhávamos mais vezes do que as que vencíamos. Mas o facto é que, gradualmente, o sucesso superou o fracasso.

Uma noite, poucos minutos após o círculo ter entrado em silêncio, tornei-me consciente de uma nova condição de percepção e percebi o “Rudy-Plus”, mas não conseguia ver as suas feições pois, no momento do reconhecimento, a luz em redor da sua cabeça e ombros era demasiado brilhante; no entanto, conhecia-o. Fiquei impressionada com o facto curioso de os seus braços brilharem a partir do interior, como se o material do corpo espiritual fosse feito de uma substância translúcida que, por sua vez, emitia uma luz dourada pálida.

Foi um grande esforço mental elevar-me para o encontrar, e a luz confundiu-me apesar do facto de eu não ser exactamente “eu própria”, estando mais leve e vital em todos os sentidos, vestida com mantos simples e sem cor, enquanto o Rudy usava um manto azul brilhante sobre vestes brancas, preso

um pouco abaixo de um ombro por um grande rubi em forma de coração. Esta é a única forma de conseguir explicar a sua aparência, mas não é uma descrição fiel, porque dá a impressão de textura material, de algo que tem de ser vestido como um manto, mas, para ser precisa, as vestes eram compostas de luz com bordas claramente definidas. Foi esta cor azul-jacinto que impressionou a minha memória. É um tom que nunca associei a ele, mas desde essa noite específica vi-o noutras duas ocasiões com um manto semelhante.

Quando me aproximei dele, ele virou-me para me proteger do brilho e eu fiquei suspensa acima do caminho por onde tinha vindo. Ele falou “sem voz”, como se me estivesse a instruir. Depois descí rapidamente até me encontrar num ambiente frio e monótono à entrada de uma caverna que era escura e pouco convidativa. Entrei. Humidade gotejava do teto viscoso e, perto de mim, estendendo-se pelas profundezas incertas, estavam várias formações enormes de estalactites.

Já não estava sozinha, pois formas estranhas, outrora humanas, moviam-se na escuridão e, por trás da coluna mais próxima, espreitavam rostos grotescos pertencentes a pobres e terríveis criaturas que tagarelavam ao sentirem a minha presença, embora felizmente não estivessem conscientes de mim visualmente. A pergunta “sem voz” chegou à minha consciência: “Tens medo deles?” “Não, Rudy... desde que estejas aí”, acrescentei apressadamente quando um se aproximou mais do que os restantes, “não tenho medo deles. Não os conseguiria amar... mas sinto compaixão.” Senti o calor dos seus pensamentos envolver-me... e estava de volta ao silêncio do círculo.

Foi então que o Stanley proferiu as únicas palavras que disse em toda a noite, e foi para dizer que lhe tinha sido mostrada, naquele momento, uma bela rosa vermelha, e eu soube que não tinha falhado num teste bastante difícil. Tudo tinha dependido do silêncio contínuo do círculo e, para os outros, deve ter parecido uma noite sem grandes eventos, até eu descrever a minha experiência.

Em julho, o John e eu tivemos uma sessão com o Leslie e, embora a Jean estivesse livre para vir connosco, fomos propositadamente sozinhos porque queríamos perguntar ao Charles sobre a saúde dela. Ela não estava pior, mas certamente não estava melhor. Quando ele anunciou a sua presença, comecei a bombardeá-lo com perguntas. Em relação à Jean, o Charles não escondeu que poderia haver sérios problemas pela frente e disse-me que eu devia forçá-la a pedir um raio-X, acrescentando: “Posso fazer muito para aliviar o desconforto, mas a fonte da irritação deve ser removida.”

Perante a minha autocondenação por desperdiçar tantos anos antes de procurar a Verdade, ele disse: “É frequentemente assim; é por volta da meia-idade que uma pessoa é atraída para o trabalho espiritual; isso acontece porque

nem sempre se está pronto na juventude.” Perante a explosão de dúvidas sobre o nosso trabalho futuro, disse: “O Plano do qual fazem parte será revelado quando — vocês — estiverem — prontos! Lamento! Mas tem de ser assim. No processo de espera, receberão grande encorajamento; entretanto, devem perseverar, usar o vosso julgamento e discrição. O tempo e a experiência provarão muitas coisas. Estamos perfeitamente contentes em deixar-nos levar, porque sabemos que passarão vários ANOS antes de verem os resultados finais segundo a vossa forma de pensar!”

Agora lancei-me nas complexidades do Grupo de Almas e perguntei se era composto por sete ou nove Seres evoluídos, que tinham sido catorze ou dezoito Indivíduos, tendo cada um encarnado como diferentes personalidades ao longo das eras. Por outras palavras, se era o inverso da criação material, onde dois se tornam quatro e assim por diante. Evidentemente, a minha interpretação não estava exatamente correta, mas ele disse: “Para ilustrar o ponto, pode dizer-se que um Grupo pode chegar aos milhares, ou pode consistir num número muito pequeno, de acordo com o seu estado espiritual. Pessoalmente”, disse ele, “acho que os números são confusos. Coisas do Infinito não podem ser numeradas.

Tu és uma alma muito antiga, sois todos almas antigas pertencentes ao mesmo Grupo, mas estais todos a trabalhar em níveis diferentes. Ainda não encontraram muitos deste Lado, nem muitos do vosso lado, mas com o tempo ficarão maravilhados. Podem não se lembrar daqueles que conheceram noutras vidas, no entanto existe um elo entre vós, uma atração que pode intrigar-vos ou até perturbar-vos. Cada vida é uma parte separada do todo e, quando chegam a um certo estágio, podem ser agrupados com outros de progresso semelhante, e assim evoluir a partir daí. Às vezes, na busca, no desejo de alcançar um certo estágio, a pessoa torna-se excessivamente ansiosa por encontrar a Verdade, e é muito fácil destruir a fé em si própria e nos outros também através da vossa busca implacável. Pode até ser perigoso. A Verdade não é algo para ser descoberto ou desenterrado, ela já lá está. No processo de busca podem seguir por canais errados. Muitas pessoas vão na direção errada e depois não é fácil encontrar o caminho de volta. No entanto, a Verdade está diante delas, bem dentro delas. O tempo revelará muitas coisas. Deus vos abençoe e deem o meu amor aos outros.”

Depois veio a Teresa, seguida como de costume pelo Rudy, que nos disse que todos os que vinham ajudar-nos estavam muito conscientes dos nossos pensamentos no círculo, mesmo pensamentos não proferidos, e em breve compreenderíamos que havia laços que se estendiam além do Tempo e do Espaço; laços que são esquecidos, mas que, sendo da Alma, são vitais e indestrutíveis. Ele alongou-se sobre a necessidade de cumprirmos os nossos destinos naturalmente e explicou que só era possível dar-nos um vislumbre

aqui e ali das nossas vidas passadas porque, se soubéssemos demais, a nossa resposta às influências da vida atual não seria verdadeira.

Estaríamos a agir à superfície ou artificialmente. Depois continuou dizendo quão inútil seria um exame se soubéssemos qual era o teste de antemão. “Mas gradualmente”, disse ele, “verão como temos trabalhado convosco, como vos servimos, como vos desenvolvemos e inspiramos a fazer muito. Verão como estão ligados a mim no Passado e a outros como eu. No tempo de Deus e não antes, o Plano ser-vos-á revelado. Façam as vossas perguntas — mas nem sempre esperem as respostas!” Após esta afirmação profunda, despediu-se de nós.

Na segunda-feira à noite seguinte vi, clarivamente, uma jovem em traje medieval com longos cabelos loiros que lhe caíam até à cintura em tranças entrelaçadas com fita. O véu diáfano que lhe cobria a cabeça era mantido no lugar por uma pequena coroa de ouro. Não pude evitar exclamar: “Oh, como eu detesto este período!” Através da minha consciência veio a voz de Rudy e, desta vez, fui capaz de proferir as palavras em voz alta à medida que me chegavam. “Deves aprender a aceitar o sofrimento para ganhar experiência. Algumas encarnações devem trazer isto a todos. Tenta não criar uma resistência contra certos tempos e lugares que não te são bem-vindos. Deve haver solidão e separação física, deve haver medo e tristeza, porque nada seria aprendido se a felicidade fosse sempre encontrada.”

Depois o John disse que me via num vestido branco que me fazia parecer um pouco atarracada e, por causa do véu de renda e das decorações de raminhos, sentiu que era um vestido de noiva. A sensação despertada pela sua descrição não me encheu de exuberância e eu estremei. Subitamente, houve uma batida seca na cómoda ao meu lado e eu soube que devia descrever em voz alta a cena diante de mim, que não tinha relação com o que tínhamos visto um momento antes.

“Vejo uma cabra branca coberta com um pano de ouro e adornada com guirlandas de flores. Está a ser conduzida num serviço de ação de graças. Há muitas pessoas maravilhosas na minha linha de visão. São serenas, excecionalmente altas e graciosas. Os homens usam o cabelo à altura dos ombros e há uma fita estreita em redor das suas cabeças composta por pequenas flores como margaridas. Estas flores são usadas para significar o tipo de cerimónia que está a decorrer.

Estão a caminhar em direção a um templo; as suas vestes são muito simples, decoradas apenas pelo símbolo do sol no peito. Quero dizer: ‘O Povo do Sol’. Certamente não são deste mundo, ou, se são, deve ter sido muito antes de qualquer história registada. Tudo transmite beleza, harmonia e conhecimento intelectual avançado.”

Agora observei enquanto um dos presentes na procissão soprava um instrumento estranho que era curvado como uma presa de elefante e de cor semelhante. No centro havia um globo alongado perfurado com minúsculos tubos feitos de ouro e, contra a trompa de cor marfim, parecia um ananás dourado. O som, apenas um único acorde demasiado belo para descrever, ondulou sobre as cabeças das pessoas como os carrilhões de sinos de cristal e prata (se é que isto pode transmitir algo quanto à pureza do som). No alto, uma treliça e os pilares no exterior do templo sustentavam ramos de flores em forma de trombeta, de cor fúcsia e, quando a nota límpida as alcançou, elas responderam ao eco: tremeram e acompanharam a cadência do som e, assim, a melodia das flores respondeu em tons ligeiramente mais graves ao acorde tocado no estranho instrumento. Disse ao Rudy que não conseguia situar estas pessoas, a sua terra, o seu tempo, nem talvez mesmo o seu planeta.

À medida que a cena desaparecia, fiquei agudamente consciente da “aproximação”, como chamo à proximidade da presença etérica de Rudy, e vi-me a olhar para uma insígnia cravejada de diamantes, algo como a Estrela da Ordem da Jarreteira. No centro havia um rubi de lapidação cabochão elíptico — sempre rubis! Não conseguimos fugir dos rubis! Ao olhar para as profundezas da pedra, vi A Cruz em ouro que iluminava a gema circundante... agora isto também desapareceu. No seu lugar estava uma pomba branca com as asas abertas, pressionada contra um talude de musgo. Tremia de excitação, curvando-se e cortejando, e olhando para cima com confiança enquanto um Personagem se aproximava.

Achei isto avassalador. Não conseguia levantar o rosto em direção à luz e, ainda ajoelhada, protegi os meus olhos e, de cabeça curvada, contentei-me apenas em ver a borda de um manto cintilante e um pé calçado com uma sandália, muito maior do que o de uma pessoa dos nossos reinos. Houve apenas um momento de hesitação e depois o personagem passou.

À medida que o pé era levantado do musgo verde, deixava uma marca de minúsculas flores multicoloridas... a minha voz falhou e lágrimas escorreram pelo meu rosto na escuridão, no entanto eu não estava a chorar! Não tinha necessidade emocional de lágrimas. Foi muito estranho. Agora veio o som de uma batida seca ao meu lado, seguido pelo lento afastamento, que encerrou esta noite espantosa.

A sessão seguinte foi muito tranquila, mas perto do fim foi-me mostrado o que sinto ter sido um *flashback* de uma encarnação. A cena retratava um acampamento de índios americanos, onde vi o Rudy como um jovem guerreiro e também a Natacha, que parecia bela nas suas roupas de couro macio. Em redor da cabeça ela usava uma faixa de contas coloridas que acentuava o seu espesso cabelo preto que caía em longas tranças. Estranho relatar, foi onze meses mais tarde que este tema continuou, mas então eu já não o observava à distância, pois fazia parte dele e tinha a forma de uma

mulher idosa. Até senti as roupas que usava e soube que tinha rugas profundas nos cantos dos olhos. Observava uma dança animada executada pelas raparigas e jovens da tribo. Estava agachada confortavelmente no chão e, ao olhar para a direita, vi a Natacha novamente como a tinha visto antes. Sabia que ela era a companheira do Rudy e, às costas, carregava um pequeno bebé. Havia um ar de felicidade despreocupada nela.

Estes dois incidentes não foram únicos porque eu tinha visto a Natacha pela primeira vez clarivamente no início de 1957. Nessa altura, ela estava adornada com todos os mantos e insígnias da corte egípcia: parecia digna e resplandecente com joias de turquesa. Estava a ser carregada numa liteira por escravos e a sua atitude condizia com o seu estatuto. Não era uma mulher feliz e parecia orgulhosa e distante. A referência ao Egito traz-me a um certo *flashback* que tive durante um tempo de sessão. Infelizmente, naqueles primeiros dias, eu não estava a registar as horas e datas destas experiências de sessão e, naquela altura, não tinha intenção de divulgar estas coisas, quanto mais de as publicar!

Tinha ficado perplexa com estas revelações no início do meu desenvolvimento psíquico e dei a desculpa de que não diziam respeito a outras pessoas. Ainda não tinha aprendido que o Rudy não tinha o hábito de apresentar temas sem um motivo, nem de ser inconsistente de forma alguma, mesmo no período de treino, e todo este panorama foi trazido novamente à minha memória numa noite de agosto quando, durante a sessão, o Stanley começou a cantar a “*Kashmiri Song*”: “*Pale hands I love...*” das “*Indian Love Lyrics*” e quando chegou às palavras “*beside those cool waters, where we used to dwell...*” ele parou, e eu recordei todo o episódio. Mas não o descrevi em voz alta.

Eu era uma criança de cerca de doze anos e vivia em ambiente desértico numa casa de teto plano que confinava com um poço profundo. Um lance de degraus descia da lateral da casa e ia dar diretamente à água. Era um pequeno oásis, mas havia outros edifícios lá também. Eu estava vestida com um pano simples artesanal atado na cintura e usava uma pequena touca na cabeça. O meu cabelo, como sempre, era longo e loiro. (Apenas duas vezes me vi em formas inteiramente diferentes: como a velha mulher índia e outra que descreverei mais tarde).

Eu ia numa escapadela matinal com o meu irmão. Poderíamos ser gémeos quanto à idade, mas a nossa aparência era vastamente diferente. O seu rosto traquina tinha o mesmo sorriso que o Rudy tinha, e ele usava o material às riscas usado pelos membros masculinos daquela tribo beduína específica cuja vida partilhávamos.

Não sei por que detalhei a distinção das roupas ou senti que não éramos propriamente *Bedawi* (um nome invulgar gravado na minha mente na altura

em que recordei o *flashback*). Vi as suas pernas castanhas fortes e as sandálias vermelhas enquanto ele me puxava pelas dunas de areia. Eu agarrava as minhas saias, um pouco longas demais, com uma mão, enquanto a outra era segurada firmemente (embora ache que “puxada” seria uma descrição melhor) pelo meu companheiro impetuoso. Sabe Deus o que andávamos a fazer; mais ninguém andava por ali e o sol mal tinha nascido. Eu teria progredido melhor se conseguisse controlar o meu riso, mas estávamos ambos convulsos.

Depois veio a passagem do tempo. Agora via uma caravana a descer as encostas em direção à aldeia e conseguia ouvir o “*phloof-phloof*” das patas dos camelos. Os homens carregavam um homem ferido num tipo de maca e eu soube que era o nosso pai. Eu devia ser mais velha, possivelmente com cerca de dezassete anos, porque segurava um véu sobre o rosto à medida que eles se aproximavam. Foi então que soube que o nosso pai tinha morrido.

Como este evento triste encerrou os nossos dias felizes de infância, senti as nossas vidas a afastarem-se. Agora encontrava-me a estudar a porta de ouro altamente decorada de um templo egípcio e notei a palidez do metal que, desde então, descobri que era usado frequentemente pelos antigos egípcios. O portal era alto e estreito, na verdade em forma de caixão. Estava consciente de que, além daqueles painéis ornamentados, jazia um novo mundo ao qual, por alguma razão obscura, o meu irmão tinha direito de acesso, mas no qual eu tinha pouca parte. Senti a tristeza disto enquanto a minha mente se tornava límpida e eu estava de volta, mais uma vez, a esta era moderna.

Tinha passado muito tempo desde que tinha visto o Rudy e a mim própria como crianças, e era difícil acreditar que a “*Kashmiri Song*” pudesse evocá-lo novamente de forma tão clara. Subitamente senti um movimento suave de carícia no meu braço; três toques distintos. Perguntei ao John e ao Stanley se se tinham mexido; ambos responderam negativamente e depois, sem razão aparente no que lhe dizia respeito, o Stanley disse: “Sinto que quero dizer... ‘Irmãzinha!’”

Em julho, a Jean conseguiu obter uma marcação para um raio-X, contudo mesmo este acontecimento banal teve uma sequência extraordinária. Apesar de um fluxo constante de doentes e de um dilúvio de chapas de raio-X, o homem responsável chamou a Jean à parte e disse-lhe que era muito estranho ele ter detetado a mais leve sombra na chapa dela, porque não era o que ele estava à procura ou sequer a tentar fotografar! Devido à sua observação, ela teria de tirar outra chapa.

Desta vez viu-se que o problema se devia a uma vesícula biliar inflamada e a remoção da mesma era imperativa. A Jean tem horror a hospitais, causado por uma experiência infeliz na infância, e a sua reação ao passo definitivo que ia ser dado deixou-a completamente desequilibrada. Sem o conhecimento da ajuda e apoio do Charles, ela nunca teria concordado com a operação.

Quando nos reunimos em casa de Leslie no final de agosto, foi com uma alegria forçada por parte dela [Jean] que se juntou à exuberância dele. Enquanto esperávamos que os nossos amigos Espirituais se manifestassem, o Leslie disse que, por vezes, se sentia impaciente com pessoas de mentalidade tão materialista que perdiam de vista o facto de que toda a comunhão era uma conquista do Espírito, não apenas como um meio para dar conforto, mas também orientação espiritual.

Continuou dizendo que algumas pessoas apenas desejavam ver sinais e prodígios, e nunca ficavam felizes a menos que vissem uma trombeta a navegar pela sala ou, melhor ainda, levassem uma pancada na cabeça com uma pandeireta! Esta observação produziu muita diversão e, neste ponto, o Mickey interveio e continuou na mesma linha até estarmos a abanar de riso. Depois disto, virou-se para a Jean e perguntou: “Estás bem, querida? O Dr. Marshall tem estado de pé entre ti e o velho sabe-se lá quem [Tony] desde que entraste.”

“Sim, obrigada”, disse ela, “tenho-o sentido muito perto.” A voz dela estava trémula. Então o Mickey começou a cantar. Sejam os francos, a voz dele é habitualmente estridente, um pouco alta demais para a maioria de nós e, muitas vezes, desafinada. Mas haverá necessidade de criticar! Os nossos esforços soam ainda pior, mas juntamo-nos a ele pois sabemos que ele faz isto em certas ocasiões para evitar que a tensão aumente. A primeira tentativa vocal foi o belo hino “*Open mine eyes, that I may see*” [Abre os meus olhos, para que eu possa ver], seguido de outro hino. Passaram dez minutos, passaram quinze minutos, e o Mickey continuava a escolher várias melodias.

O Leslie falou com ele de forma um pouco ríspida. O Mickey não respondeu, mas cantou mais três canções que tinham um significado especial, terminando finalmente, após meia hora, com uma chamada “*For Ever and for Ever*” [Para todo o sempre], que estava associada ao filme “Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse”.

Subitamente, o canto chegou a um fim abrupto e o Mickey disse: “Ora bem, agora vou descobrir quem está à espera para falar convosco.”

“Escusado será dizer que o canto teve um propósito”, observou o John.

“Sim, de facto”, respondeu o Charles e, virando-se para a Jean, disse: “Durante esta meia hora estive a dar-lhe tratamento, minha cara, e espero que beneficie dele. Não fique indevidamente apreensiva, nós cuidaremos de si.”

A Jean pediu confirmação relativa ao diagnóstico, mas o Charles foi bastante reticente. Mais tarde, ele divulgou que os cálculos biliares não eram o único problema, sendo na verdade o fator menos importante, mas não disse qual era a segunda causa de ansiedade. “Eu esperava que a irritação pudesse

ser removida sem recorrer à cirurgia”, disse-lhe ele, “mas levaria muito tempo. No entanto, entre nós, teremos sucesso, e eu influenciarei os médicos no hospital em seu nome.”

Naturalmente, durante o nosso contacto com o Dr. Marshall, houve alturas em que percebemos que ele nem sempre concordava totalmente com as opiniões expressas pelos seus colegas terrenos, mas ele nunca o diria de facto. Ele sempre dava margem para as limitações do conhecimento terreno e permanecia em todos os momentos o médico perfeito, observando a etiqueta médica ao enésimo grau. Uma vez, quando estávamos a ter dificuldade em marcar o raio-X, eu explodi: “É inútil, Charles. Dizem simplesmente à Jean que ela está a sofrer dos nervos!”

“E está!”, foi a sua resposta rápida. “Eles têm todos os motivos para pensar assim, e apenas através do processo de eliminação e da insistência tranquila dela é que eles acabarão por fazer o que solicitamos.”

Voltando à sessão. Depois de o Charles se ter ido embora, a Irmã Teresa trocou algumas palavras connosco e divertiu-nos ao dizer que lhe tinham dito para não ficar muito tempo! “E há tanto que eu quero dizer-vos”, protestou ela, “eles não querem que a fita seja desperdiçada! Não sei por que acham que eu desperdiçaria a fita! Mas se houver tempo e fita suficientes, posso voltar mais tarde!” Ela juntou-se à diversão com a sua gargalhada rica e contagiante. “Agora há alguém de importância para falar convosco. Todo o meu amor e bênçãos.”

O tema que o Rudy apresentou naquela noite, num discurso de considerável extensão, foi sobre a obliteração do “eu” na humildade do serviço. Ao falar sobre o círculo, disse: “Recentemente tem havido maior paciência e tolerância e conseguimos aproximar-nos mais de vós. Estão a aprender a superar o ‘eu’ — provavelmente a coisa mais difícil e mais importante a fazer. Aprendam que estão aqui para servir; lembrem-se de que são apenas instrumentos e não foram escolhidos para o engrandecimento pessoal; na verdade, devem sentir-se humildes por vos ter sido dado este trabalho para fazer. Todos os grandes Mestres e Profetas, antes de realizarem a obra de Deus, tornaram-se humildes.

“Vemos tal humildade na vida de Cristo, na humildade da Sua condição, como Ele foi capaz de fazer estas coisas de Deus através da Sua unidade com o Divino. E isto apesar daqueles ao Seu redor que pareciam tão indignos, embora talvez tenha sido por causa deles que Ele foi capaz de realizar a Sua obra e dar-lhes as Suas palavras de sabedoria. Portanto, lembrem-se: aprendam a amar aqueles que vos odeiam e deem a outra face. Aprendam a manter o ‘eu’ em segundo plano e o serviço em primeiro plano.

“Cada um de vós tem esta responsabilidade, e nós conhecemos as possibilidades de cada um. Se falharem um pouco, é de esperar. Não é fácil num mundo cheio de perigos, dificuldades e condições adversas, contudo, podem superar estas coisas pelo poder interior. O vosso mundo é como uma escola e passam de fase em fase, de classe em classe, assimilando conhecimento e experiência. Por vezes têm de ser repreendidos e, muitas vezes, não gostam da lição que têm de aprender. Mas estas provas, estas tribulações, estas coisas que vos causam tristeza e angústia são a forma pela qual são testados. Não vos são dadas deliberadamente como um teste, mas provam o vosso valor.

“É natural que anseiem por coisas mais felizes, por condições mais brilhantes, mas mesmo assumindo que as tenham, as posses terrenas não trazem o prazer que possam pensar. Não é frequente que aqueles que atingem os pináculos do sucesso e têm o mundo aos seus pés encontrem a maior felicidade. Eu conheço estas coisas de que falo”, disse ele tristemente. “Aqueles que vivem em moradas humildes, esforçando-se por fazer o seu melhor embora lutando contra as probabilidades, que fazem o rotineiro e têm pouco de colorido nas suas vidas, muitas vezes são as pessoas que mais contribuíram para a humanidade. São elas que tornaram possível o caminho de outros, e aqueles que subiram fizeram-no muitas vezes através do sacrifício de outros. Tal é a abnegação daqueles que se contentam em ficar para trás e ver os outros avançar. Portanto, não fiquem descontentes, não se queixem nem lamentem o vosso destino, mas contem as vossas bênçãos e as vossas alegrias. Pérolas de grande valor que podem ser encontradas à vossa própria porta!”, disse ele com um pequeno riso.

Perto do fim da sessão, o Rudy deu-nos uma ideia do que o seu trabalho implicava exatamente através destas palavras: “Não pensem que nos devem qualquer dívida, seja de que forma for. É apenas o amor que permite o progresso. Se eu sou um pouco mais avançado do que vós, quero que percebam que existem Outros muito maiores do que eu que, através de mim, se esforçam por vos inspirar.

Como vós sois instrumentos, como quereis tornar-vos médiuns, olhem para mim como tal; como um médium para Almas Maiores que estão Aqui há séculos, e cuja realização e progresso espiritual são tão grandes que não poderiam possivelmente chegar até vós diretamente, mas podem usar-me como um instrumento para a sua palavra e para o seu amor. Desta forma estamos todos ligados com laços de amor e nem um pode ser, ou será... perdido. O meu amor e as minhas bênçãos estejam com todos vós, como estarão sempre, agora e para sempre. Adeus.”

Durante seis semanas após esta demonstração lúcida da preocupação mútua dos nossos amigos Espirituais pelo nosso bem-estar, não tivemos qualquer fenómeno no nosso círculo doméstico, à exceção de uma pequena

clarividência espasmódica. Esta tomou a forma de um vislumbre fugaz de condições birmanesas, pois uma noite senti-me obscurecida e “tornei-me” uma nativa daquelas paragens. Como habitualmente, ao transferir estes *flashbacks* para a minha mente, o Rudy foi igualmente transformado e apareceu num traje elaborado com um chapéu alto em forma de pagode.

O seu casaco comprido e justo tinha ombreiras curvas e o seu rosto era tipicamente oriental. Eu era uma rapariga jovem, enquanto ele era mais maduro, e a sua vocação, fosse como sacerdote ou dançarino de templo, denotava uma relação algo distante, contudo de professor e aluno.

No entanto, a característica redentora deste período aparentemente abortivo nas nossas sessões veio através da nossa correspondência com a Sra. Charles Marshall, cujo paradeiro tínhamos localizado depois de ela e o Charles terem sido mencionados no *Psychic News*. O resultado desta troca de interesses resultou num encontro marcado em casa de Leslie para o início de outubro. Infelizmente, o nosso gravador falhou-nos e tivemos de memorizar tudo o que aconteceu.

Era uma reunião bastante numerosa naquela noite, na presença da Sra. Charles Marshall. A Gwen estava lá e dois elementos do próprio círculo de Leslie. Foi uma experiência muito gratificante ouvir marido e mulher a conversarem e a discutirem o seu trabalho maravilhoso, que é nada menos que a cura do cancro. Se alguma vez a fraternidade médica investigar as evidências das curas que já foram efetuadas através do uso da injeção especial, recentemente chamada “*Marshelium*”, aliada a raios de cura espiritual, muito menos pessoas estarão sujeitas a esta doença terrível.

O método está dependente do poder de cura administrado por médicos Espirituais através de um curador espiritual, juntamente com as injeções, que requerem os serviços de um médico curador ou a cooperação de curadores espirituais ao longo do tratamento médico. Isto presumivelmente apresenta uma dificuldade, visto que os curadores continuam a ser algo embaraçoso para a B.M.A. (Associação Médica Britânica).

Profundamente preocupado com a doença há muitos anos, o Charles escreveu um livro intitulado “*A New Theory of Cancer and its Treatment*” [Uma Nova Teoria do Cancro e do seu Tratamento]. Esta obra consistia em duas partes e circulou amplamente em 1932. Sendo membro da B.M.A. durante quarenta anos, ele contribuía frequentemente para o *Journal*, e para outros jornais no estrangeiro, escrevendo artigos que lidavam com este e outros flagelos que infligem a humanidade. Quando estava na Terra, ao sentar-se em meditação com a sua esposa, recebeu a cura do mundo Espiritual e foram necessários dez anos para aperfeiçoar a fórmula. Aqueles que, neste país, dentro da profissão médica, no passado se atreveram sub-repticiamente a ser heterodoxos, e através de cuja cooperação até casos desesperados foram

travados (ver artigo de Kaye Ryde no *Psychic News*, 6 de setembro de 1958), estão impedidos, devido ao preconceito, de revelar as suas identidades ou ficheiros de casos.

A própria Sra. Marshall tem provas abundantes, para além do testemunho de muitas pessoas que conhecem o Charles pessoalmente através do contacto espiritual, da existência deste grande poder de cura, e este livro que escrevo serve também para ilustrar a operação destas leis repetidamente, sem nunca ofender qualquer verdade religiosa (e uso propositadamente a palavra verdade, e não crença) ou falhar em cumprir a etiqueta médica, em qualquer aspeto.

Após a conversa com a sua esposa chegar ao fim, o Charles voltou a sua atenção para a Jean e esforçou-se por infundir nela mais coragem para enfrentar a provação da operação para a remoção da sua vesícula biliar. Quando ele nos deixou, a voz alegre do “David” anunciou com vivacidade: “Olá! Achei que gostariam de saber que estou por aqui!” Depois, ele também dedicou o seu tempo à Jean e disse-lhe que tinha ido ao hospital local para sondar o terreno e, embora não estivesse muito impressionado, pois parecia haver problemas de pessoal, assegurou-lhe que ela seria bem cuidada em todos os sentidos, acrescentando que lhe faria bem afastar-se da família por um tempo!

Ao que o Stanley e a Barbara protestaram indignados. Ao resto de nós, ele deu instruções relativas ao círculo e à direção de pensamentos e orações de cura para a Jean e, ao despedir-se de nós, disse: “Quando estiverem todos juntos de novo, estarei de volta convosco como dantes — num dos meus muitos disfarces! De qualquer modo, tenho de ir agora, Deus vos abençoe a todos.” Os outros participantes não sabiam a verdadeira identidade do nosso visitante, mas quando saímos da sala de sessões, o Leslie abanou a cabeça como se não conseguisse acreditar no que ouvira e sussurrou rindo: “Não me consigo habituar ao *kilt*!”

Durante a conversa que se seguiu mais tarde, a Sra. Marshall afirmou que não tinha qualquer dúvida de que tinha sido o seu marido a comunicar com ela, embora a voz não fosse a mesma. Noutra ocasião, quando ela veio passar alguns dias connosco e ouviu várias fitas, observou novamente que a voz não era a mesma, mas o comunicador era indiscutivelmente “Charles”, um nome que ela raramente usava ao referir-se a ele, visto que eles têm a sua própria forma íntima de tratamento.

A sessão seguinte em casa trouxe-me outra visão estranha, contudo, ao mesmo tempo, pareceu pôr fim por muitos meses a esta série de manifestações no círculo. Primeiro vi uma cruz de ouro de proporções pesadas, fortemente sobrecarregada de joias. Enquanto olhava para ela, o tamanho aumentou até ser enorme, e então, do centro, uma figura envolta numa luz branca caminhou

lentamente para a frente. As vestes, presas no pulso por um cordão, eram totalmente simples e davam a impressão de absoluta simplicidade.

A luz ao redor da cabeça difundia-se naquilo que pensei ser uma aura de joias mas, nisto, estava enganada e vi-me a olhar para uma arandela de velas acesas através das facetas de um cristal lapidado, o que fazia com que as chamas constantes se transformassem em miríades de cores cintilantes. Depois o cristal e as velas desapareceram subitamente, deixando apenas doze línguas de fogo (não as contei, mas soube que eram doze), e as palavras chegaram até mim: “Como outrora foi, assim voltará a ser.”

No dia 24 de outubro, a Jean submeteu-se à operação e, embora não tenha havido complicações, seria falso dizer que ela não sofreu, mas certamente enfrentou-a com muito mais coragem do que esperava de si própria. Nós, por outro lado, tínhamos completa confiança e ansiávamos pelo seu regresso a casa, que ocorreu três semanas depois. Durante todo este tempo ela tinha ocupado um pequeno quarto privado, partilhado apenas com uma outra doente durante parte da estadia. Este privilégio não solicitado ajudou-a a descansar mais.

Após o seu regresso, e tendo transferido as molduras de escurecimento para o apartamento da Jean, continuámos as nossas sessões à volta da cama dela. Se esperávamos uma noite tranquila confinada principalmente à cura para o nosso primeiro reencontro, ficámos agradavelmente surpreendidos quando a voz do Stanley quebrou o silêncio citando algumas palavras do “*Rubáiyát*” de Omar Khayyám:

“Desperta! pois a Manhã, no Vaso da Noite, Atirou a Pedra que põe as Estrelas em Fuga: E vede! o Caçador do Oriente apanhou A Torre do Sultão num Laço de Luz.” (Versão anterior, traduzida por Edward Fitzgerald)

Tínhamos estado conscientes de uma ligação persa anteriormente, mas ela foi particularmente forte nesta noite de regresso da Jean. Depois, quase impercetivelmente, outra personalidade predominou e as palavras fluíram com eloquência suave. “A Alma Verdadeira permanece adormecida, e apenas uma parte recebe vida num sentido material. Cada parte precisa de viver uma existência humana perfeitamente normal; muitas vezes tem de cumprir a sua missão de uma maneira estranha. Nunca morre; não pode morrer. Toda a vida é eterna, e o passado foi-se e, de certa forma, deve ser esquecido, contudo tudo o que vós fostes ainda persiste. Sou agora, como era então, imutado, contudo não o mesmo”, surgiu a observação paradoxal e, sem a clarificar, a voz continuou da mesma maneira calma.

“Valorizem o passado e as experiências passadas, mas olhem para o futuro, para a aurora de uma Nova Era. Uma aurora cinzenta e pálida; estrelas cintilando contra a escuridão; e, à medida que se estende pelo céu, ela anuncia

o tempo em que o Homem voltará a caminhar com Deus. Em breve, muito em breve, esta verdade será conhecida por muitos. Não haverá mais cruzeiros, nem trajes de viúva ou carruagens pretas. ‘Empoleirados numa nuvem, não envoltos numa mortalha...’. Estamos tão felizes por estar com todos vós novamente. Boa noite. O meu amor à pequena senhora. Abençoados sejam todos.”

Não tínhamos a certeza de quem era o nosso amigo, mas o Stanley pensou ter sentido o nome Águia Branca, e eu tinha pensado em Pena Branca, mas, como um é parte integrante do outro, isso tem pouca importância. Dizem-nos frequentemente que os nomes significam pouco ou nada e a maioria dos guias trabalha sob um signo ou símbolo.

Durante uma sessão no início de dezembro no nosso círculo doméstico, o Stanley fez uma pergunta pertinente ao antigo Egito e, quando eu estava prestes a responder-lhe dentro do melhor do meu limitado conhecimento, senti o controlo assumir o comando, “tão suave como o toque da asa de uma borboleta”, para ser verdadeiramente poética. Mas, sob a influência do terno amor que fluía sobre mim, foi como se eu tivesse cedido ao calor do sono, e comecei a falar de forma sonhadora: “As pessoas daquele tempo eram avançadas em muitos aspetos e possuíam grande sabedoria. As mulheres, é verdade, não tinham muito estatuto, contudo eram felizes na sua maioria.

Sabem que são sempre as crueldades que o mundo recorda, como eu disse antes [esta observação tinha sido feita numa ocasião anterior], e o seu padrão de higiene era elevado em comparação com o de outros povos daquele período. Por exemplo, as serpentes que tinham sido transformadas em criaturas sagradas pelos sacerdotes tinham esta distinção conferida por uma razão: elas mantinham sob controlo os vermes que teriam infestado as comunidades e, desta forma, a doença era mantida à distância até certo ponto. Outro dos carneiros da Natureza é o escaravelho, e este também era sagrado.”

Agora eu via o interior de um edifício egípcio. Num dos lados dos pilares de sustentação pendia uma máscara de ouro; era desenhada de forma a que a luz brilhasse apenas num dos lados do rosto e, para enfatizar o contraste, as faces declinavam acentuadamente a partir de uma linha divisória que se estendia da testa, descendo pelo nariz pontiagudo até ao queixo. Descrevi isto aos presentes e depois continuei, dizendo: “Esta máscara é feita para representar a dupla personalidade do Homem: o lado superior esclarecido e a sua natureza inferior não evoluída. Noite e dia; vejam, estas pessoas sabiam destas coisas e compreendiam-nas.”

Três dias após esta sessão, e durante a minha sessão diária, experimentei dois *flashbacks* de natureza particularmente pessoal, e deve ser suficiente dizer que, num deles, eu era uma cristã primitiva cuja vida foi salva por um

guarda romano, não menos brutal do que os seus companheiros, mas cujas simpatias estavam a favor dos prisioneiros, e que mais tarde me deu proteção na sua casa. À medida que a cena desaparecia, ele e eu conversávamos seriamente sobre a Fé que ele tinha adotado. Agora os anos recuavam para um período muito anterior e estávamos a viajar no deserto, não como eu tinha visto o Rudy e a mim própria antes, como crianças, mas como verdadeiros árabes. As feições dele eram semelhantes, mas mais rudes. Eu já tinha recebido experiências vívidas antes, mas eram contornos pálidos comparadas com estas duas. Quatro dias mais tarde, a 9 de dezembro de 1958, participei na visão mais espantosa que experimentei na minha vida.

Não havia nada que distinguisse este dia de qualquer outro e, quando chegou a hora da minha sessão, pus de lado as minhas tarefas domésticas como de costume. Portanto, o que ocorreu não se seguiu a horas de meditação intensa, que poderiam ter preparado a minha mente para esta revelação, na qual apenas tocarei ao de leve. Mas direi isto: nas pinturas dos Grandes Mestres, onde é retratada a abertura dos Céus e hostes de Seres Angélicos descendo em raios de luz, capta-se na tela e no fresco um vislumbre do que eles também devem ter visto em momentos de mais alta inspiração.

Pois, neste dia, presenciei e participei numa tal visitação, para a qual tive de ser, por assim dizer, condicionada, e o manto azul de luz que o Rudy segurava sobre os meus ombros tornou possível que eu visse, mas não ouvisse, e assim os meus ouvidos, não sintonizados com estas condições, não captaram nada da música das Esferas que deve ter acompanhado tão magnífica cavalgada. Baste dizer que vi o centro do sol ganhar Forma e Vulto, que diminuía em tamanho e brilho na descida em direção à Terra.

Embora tenha falado com o Rudy por Voz Direta uma semana depois, não tive oportunidade de referir esta visão. Para ser franca, estava intrigada com o que vira, e pareceu-me estranho que ele não tivesse feito qualquer tentativa de satisfazer a minha mente a este respeito. A sabedoria de tal comportamento não me era aparente na altura, mas percebi mais tarde que eu estava a duvidar da minha própria evidência. Tanto assim que, quando chegou a altura de escrever as notas, dei por mim a hesitar em registar os detalhes fatuais desta ocorrência. Simplesmente não conseguia aceitar Seres alados, no entanto tinha-os visto às centenas! Por isso, ele deixou-me procurar confirmação numa fonte que consideraria uma autoridade maior do que ele próprio e foi um mês mais tarde, após uma conferência pública na Sede Espiritista, que pude confirmar ou refutar a evidência dos meus próprios olhos, e perguntei simplesmente: “Asa Branca, existem tais coisas como Seres alados?”

“Não, minha irmã, não existem”, respondeu ele com firmeza, “mas vou explicar como surgiu esta ideia. Ao longo dos séculos, certas pessoas foram elevadas durante a meditação a grandes alturas e, ao verem uma Hoste

Angélica, como a descreveriam, ficariam convencidas de que tinham asas. O que elas viram, na verdade, foram as auras em redor de um grupo de almas altamente avançadas. Estas auras, estendendo-se acima da sua estatura e afunilando em direção aos pés, cintilam e vibram de tal forma que, para um observador, pareceria que estes Iluminados tinham asas, mas garanto-vos que não as têm. Não há qualquer necessidade de tais adereços não naturais.”

Provou ser mais satisfatório, neste caso, receber a explicação de uma fonte desconhecida, pois, se o Rudy me tivesse transmitido isto, eu poderia ter pensado que ele estava a adaptar a sua interpretação para se conformar aos meus próprios limites de aceitação. Pois quão frequentemente nos dizem médicos, psicólogos e psiquiatras que “acedemos” aos nossos próprios pensamentos subconscientes e conjuramos aquilo em que queremos acreditar; tendo isto em mente, nunca deixo de analisar muito cuidadosamente estas experiências extremas.

Este é um exercício que somos constantemente encorajados a praticar pelos nossos instrutores do Outro Lado. Este glorioso fenómeno nunca mais se repetiu, e duvido que pudesse ser. Faltam-me as palavras para expressar a magnificência da cena, contudo, apesar de toda a sua beleza transcendente e da sua companhia de Seres Divinos, não houve qualquer sentimento de temor reverencial, apenas uma unidade completa entre aqueles que, como eu, estavam presentes vindos de outros estratos da existência.

6

O NASCIMENTO DA LUZ

Como mencionei antes, não me foi possível falar com o Rudy sobre esta visão notável durante a sessão que tivemos com o Leslie a 16 de dezembro. Tal não se deveu ao número de pessoas que falaram connosco, mas à grande extensão do discurso, que foi especialmente escolhido como mensagem de Natal. Estávamos num estado de espírito excecionalmente alegre e o Mickey encorajou o riso até ser interrompido pelo Charles, que exclamou com desaprovação fingida: “Que conversa!”. Naturalmente, ele dedicou um tempo considerável à Jean; depois veio a Irmã Teresa, tão querida para nós e tão cheia de humor e de repreensões gentis quando nos descontrolávamos.

Enquanto ela nos desejava “*Bon Noël*”, uma voz estranha exclamou: “*Cor’ stone the crows!*” [Ora bolas!]. Ficámos boquiabertos e o nosso visitante desconhecido continuou: “Boa noite, é bom ver-vos. Stanley, e a patroa, John, e o velho *Yeller Nob* [Cabeça Amarela]!”. Ele esperou até

conseguir fazer-se ouvir por cima do riso e disse: “Tenho estado à espera de dar uma palavrinha com vocês! O meu nome é Jim Hawkins. Vim para cá no primeiro lote; primeira guerra mundial.”

Aqui estava, portanto, o nosso elo com a guerra de 1914-18 que tínhamos sentido muitas vezes sem o conseguirmos identificar. À medida que a conversa avançava, soubemos que ele era de Bermondsey e, quando o Stanley comentou que o Jim conseguia usar muito bem o instrumento, o Jim respondeu com vigor: “Ora essa, companheiro, venho cá há cerca de vinte e tal anos! Depois fartei-me disto, sabem, começou a dar-me para os nervos...”

“Oh”, disse o John, “ainda sofre dos nervos!”.

“Nada!”, respondeu o Jim. “Claro que não, é só uma expressão... estás a ser difícil como o caraças, não estás?”, e riu-se enquanto se deliciava com o adjetivo. A partir daí, a conversa tornou-se cada vez mais hilariante. Depois, subitamente, o Jim disse: “É melhor ir andando, senão ainda tenho aquele tipo que é ator de cinema atrás de mim! Adeus.” O Leslie desatou a rir com isto e explicou que o Jim Hawkins costumava ser um visitante constante nos primeiros tempos, descrevendo-o como uma versão mais velha do Mickey.

“Então!”, surgiu um arrastado divertido, “sou um tipo... ator de cinema, eh?”.

“Olá, David!”, gritou o John com entusiasmo.

“O que queres dizer com... ‘David’?”, veio a pergunta duvidosa.

“Não é?”, perguntou o John com voz intrigada.

“Não, não exatamente esta noite... ah, é difícil.” Houve uma pequena pausa. “Estou muito satisfeito por falar convosco, mas é extremamente difícil.”

“Difícil?”, indaguei, pois sabia que era o Rudy, embora o sotaque fosse predominantemente francês, e perguntei-me o que estaria a acontecer, especialmente porque o sotaque se tornava mais pronunciado à medida que ele continuava a falar.

“Não quero dizer que seja difícil falar convosco, mas ao contactar-vos esta noite não pareço conseguir tornar-me límpido. Não sei como vos explicar! Como já disse antes, tal como um certo número de pessoas, tive muitas vidas, muitas existências terrenas, e várias estão a con-fun-dir-me”, disse ele com dificuldade.

“Não sei, eu -” e suspirou profundamente. Depois, após uma pausa e uma ligeira mudança na voz, continuou:

“Quando o John disse ‘David’, pensei por um momento: ‘Talvez seja por estar a transmitir o contacto escocês’, contudo não estava a pensar nisso. De facto, tenho tentado obliterar completamente qualquer memória terrena, porque esta noite quero falar-vos num nível puramente espiritual. Mas descubro que, ao entrar nas vibrações da Terra, vários aspetos das minhas várias encarnações se impõem sobre mim e, por momentos, perco o que quero dizer na minha própria vibração.

“Não creio que percebam sempre quão difícil é para nós conseguirmos um canal limpo, e pensarmos como somos agora, falando-vos assim sem interferência de associações passadas e condições terrenas. Muito do que queremos transmitir não conseguimos porque as memórias afetam a nossa conversa convosco. Estou muito consciente, enquanto vos falo esta noite, de que estou a transmitir uma das minhas encarnações, do tempo da Revolução Francesa, quando estava ligado à Corte, e queria deliberadamente evitá-lo.”

Como ele hesitou, perguntei se havia algo que pudéssemos fazer para o ajudar, e houve diversão na sua voz quando respondeu, desta vez com muito menos do estilo francês:

“Não, não, não há nada que possam fazer, exceto ter paciência. Sabem agora que voltei muitas vezes, invariavelmente para desenvolvimento e experiência, e numa encarnação pelo menos foi essencial que voltasse porque tinha um certo trabalho a cumprir. Sei que é difícil para vós, pois pensam em mim apenas como eu era na minha última encarnação; quanto ao resto — devem tentar desvendá-los.

É o mesmo convosco. Damos-vos certos fios deste Lado da vida, certos factos ligados a vós próprios e às vossas existências passadas, mas vós tendes de tentar dar-lhes uma forma. Nós ajudamos, mas continua a depender de vós próprios, e dos vossos próprios esforços, fazer algo com eles. É-vos mostrado o caminho, mas vós próprios tendes de o trilhar. Assim é com todas as grandes religiões do mundo. Todos os profetas, instrutores e videntes deram (de acordo com a sua luz) Iluminação.

Contudo, continua a depender do indivíduo a forma como o ensinamento é aceite e qual o caminho tomado.” Por esta altura, a voz estava em total controlo da situação e todos os vestígios de personalidade estavam submersos.

“Vejam Cristo. Ele veio ao mundo para dar Iluminação, para mostrar como, vivendo de forma simples, o Homem poderia tornar-se consciente do Poder de Deus dentro de si mesmo e aprender a vencer o mundo e encontrar a unidade com Deus. Mas o Homem, na sua ignorância ao longo de séculos, interpretou muitas vezes erradamente e construiu lendas em redor da gloriosa Verdade, e este grande exemplo, Jesus, tornou-se para muitos — um mito.

Muitas coisas celebradas no vosso mundo originaram-se em rituais pagãos séculos antes de Cristo. O nascimento virginal em si é algo muito antigo; quase todos os deuses do mundo antigo foram criados e trazidos à existência através do ‘nascimento virginal’. Se conseguirem apenas perceber que Cristo nasceu da forma natural, então Ele torna-se humano e compreensível; Ele torna-se real e vocês dizem: ‘Aqui está um homem como eu. Posso segui-Lo’. Mas se aceitarem o que a Igreja quer que acreditem, que Ele era Deus na terra, criado de forma milagrosa, com poderes milagrosos, Ele deixa de ser acessível e sentem que Ele é tão remoto que se torna como uma lenda de fadas.

Tanto foi criado pelos primeiros membros da Igreja para que pudessem exercer poder sobre o povo... Eu poderia continuar nesta linha, mas o que quero mais particularmente que percebam, quando celebram o nascimento de Cristo, é a magnificência e a beleza na sua verdadeira realidade. Não que Ele tenha sido concebido milagrosamente, mas que nasceu da forma natural, um pequeno bebé sem força, mas com o Poder de Deus dentro d’Ele.

Ele conhecia a Sua unidade; percebia que o caminho da realização espiritual e da salvação da raça humana era através do sacrifício. O sacrifício na Cruz nunca foi revelado em todo o seu esplendor. Cristo morreu na Cruz por um ideal. Ele cumpriu a Promessa, e regressou e demonstrou que o Homem vivia além da sepultura e que a morte não era o fim. Cristo não teve medo de morrer. Ele sabia que o Seu corpo terreno era simplesmente o veículo para a expressão Divina através d’Ele.

Portanto, aceitem Cristo; aceitem a beleza e a majestade de Cristo; aceitem a criação de Cristo de forma normal, então para vós Ele também se torna uma realidade, alguém que podem seguir e alguém em quem podem acreditar.

Quero que pensem nisto quando celebrarem o Natal. É uma época tão inspiradora e tem tanto para oferecer ao mundo! É também simbólica e sugere muito à mente humana.

De facto, é apenas quando somos como crianças que podemos ser moldados por Deus para o Seu serviço e para o Seu propósito. Não se espera que sejamos autómatos, não somos marionetas para quem Deus puxa os fios. Deus dá-nos força, dá-nos poder e, acima de tudo, livre-arbítrio para que possamos escolher. Não se espera que glorifiquem o vosso Pai Deus, Ele não quer glorificação dos Seus filhos, Ele quer que os Seus filhos se tornem glorificados através dos seus esforços e que desenvolvam qualidades divinas e reflitam as coisas que são de Deus. O Próprio Deus é o Poder, a Essência e a Força Divina do Homem que flui através de toda a vida, em todos os reinos, não apenas através da raça humana.

Quando magoam um animal estão a magoar-se a vós próprios, porque o animal faz parte de vós e é, de facto, vosso irmão, juntamente com todas as criaturas de Deus. Pode parecer que algumas coisas na Natureza não estão em ritmo, nem em harmonia, contudo, em toda a obra de Deus, antes de o próprio Homem ter feito muito para a destruir, havia perfeição; uma beleza uniforme que o Homem destruiu. Devem compreender que não podem fazer nada que possa magoar qualquer parte da criação de Deus sem que isso ricocheteie em vós de alguma forma.

Toda a vida é movimento, nada permanece estático. Está sempre a fluir e não há fim nem princípio. A vida é mudança constante na qual vos são dadas maiores oportunidades, consciência e percepção, e por vezes a mudança é tão subtil que passa despercebida. É por isso que se deve regressar frequentemente a diferentes corpos, talvez para expiar algo que foi feito numa encarnação anterior.

Portanto, queremos que saibam que, como grupo, foram reunidos não apenas nesta vida, mas em vidas passadas, em diferentes corpos mas com o mesmo espírito, e é o espírito criativo que se expressa através da personalidade.

Os fios que vos damos podem parecer ténues por vezes, contudo verão como a tapeçaria das vossas vidas é tecida num desfile de beleza e harmonia em que se tornam parte importante de um Todo tremendo. Não podemos explicar-vos muitas coisas, e não temos o direito de o fazer, mas quero que saibam que o que quer que vos aconteça, mesmo quando o desastre chega... há um propósito. Embora para vós pareça cruel e injusto e possam sentir que foram abandonados, mesmo por nós (sim, até isso vos passará pela mente porque sois humanos), quero enfatizar que não podemos, de forma alguma, mudar eventos que ocorrem através de circunstâncias fora do nosso controlo. Somos almas que vêm até vós com amor e fraternidade, com o desejo de servir e fazer a obra de Deus, e vós sois os nossos instrumentos num mundo ao qual regressaram, ou onde foram colocados por um propósito. Foram testados e sem dúvida serão testados novamente e, embora não tenham sido achados em falta, continua a ser essencial que aprendam através da adversidade e da dor as próprias lições que não poderiam aprender de outra forma.”

A voz suave continuou a proferir um novo discurso durante vários minutos, elaborando sobre o que já tinha sido dito, visto que não deve haver a mínima antecipação nas nossas mentes de que, devido ao nosso contacto privilegiado, a nossa jornada pela vida seria mais fácil! Quando este ponto foi totalmente frisado, a ênfase foi colocada no poder ilimitado que nos rodeia e sustenta através de todas as nossas adversidades.

“A sabedoria terrena do Homem não é a Sabedoria das Esferas. A Sabedoria Espiritual é o que sentem com uma intensidade de ser que irradia e permeia todas as dificuldades da vossa existência terrena. Nunca esperamos perfeição de vós e, quando cometem erros, não condenamos. Lembrem-se dos fios de ouro puro que trazem brilho e beleza às tapeçarias que tecem, e percebam que não estão a tecer apenas para vós próprios. Tudo o que fazem tem algum efeito noutra pessoa, e frequentemente em muitas.

Sigam os Exemplos que vos foram dados e tentem encontrar as belezas escondidas nas verdades obscurecidas durante tanto tempo por homens de suposta sabedoria terrena. Aqueles que seriam grandes no vosso mundo, que impõem pompa e cerimónia em nome de Deus, são de facto ignorantes da beleza e simplicidade essenciais que vos levarão a um Céu onde a radiação de luz e beleza está além de qualquer descrição.

Não precisam de temer qualquer segundo do vosso dia, porque nós, que viremos até vós, estamos sempre perto. Para ajudar, guiar e inspirar-vos, se nos ajudarem a tornar estas coisas possíveis. Conhecemos as dificuldades mas, qualquer que seja a vossa ansiedade, ela passará. Não podemos ser separados (embora possamos sentir-nos separados por um tempo), e chegará certamente o momento em que as vossas tarefas terrenas serão postas de lado e os vossos vasos terrenos não serão mais usados e, quando estiverem no Reino do Espírito, saberão que são, de facto, abençoados. Não há nada, nada mesmo, que vos possa tocar, magoar ou fazer sentir medo, pois somos todos de Deus.”

Houve agora uma pequena pausa e a voz que continuou assemelhava-se mais à própria voz do Rudy, e ele usou novamente a primeira pessoa. “Há muito que eu queria dizer-vos que não foi possível, mas senti que nesta época em que as famílias estão juntas e o amor desce sobre a Terra com maior poder, eu poderia fazer-vos perceber que somos uma família também, e os nossos pensamentos devem ser dirigidos àqueles menos afortunados do que nós. Eles são um connosco, independentemente de cor, classe ou credo, e temos um dever para com eles. Podem não estar no caminho ainda, mas um dia adquirirão conhecimento e seguirão a Verdade.

É vossa tarefa ser pacientes, amorosos e gentis. Sejam tolerantes se outros não compreenderem pois, frequentemente, à sua maneira, eles estão a lutar para encontrar Deus, e Deus é encontrado de muitas formas e através de muitas religiões. Há muitos aspetos da Verdade e, quando o Homem estiver livre das coisas que criou e que obscurecem a luz, então todos verão e compreenderão. Entretanto, devemos lembrar-nos de que eles conseguem ver apenas o que lhes foi permitido ver.

Não discutam, nem fiquem zangados ou irritados. Não condenem outras almas porque não conseguem ver ou compreender. Talvez o que elas têm seja suficiente para elas, de acordo com a sua luz. Para vós pode ser ténue! Para

elas pode ser brilhante! Nunca tenham inveja dos outros, pois frequentemente aqueles que parecem ter mais num sentido material têm menos; portanto, sede gratos por terdes tesouros espirituais que não vos podem ser tirados, enquanto as coisas da Terra passarão. O que estais a construir é eterno e estará sempre convosco de acordo com as vossas ações, os vossos pensamentos e o amor que distribuídes por onde quer que fordes.

Esta Verdade não é nova. É tão antiga como o próprio Tempo e foi ensinada por todos os grandes Messias e por todos os homens humildes de grande espírito. Aqueles que foram a Luz nas trevas do Tempo. Sigam-nos, e sigam-nos a nós que vimos em nome deles, para fazer o seu trabalho e vontade. Tenho de ir, mas ao partir sinto muitas Almas que se aproximaram de mim e me ajudaram a falar convosco. Não disse tudo o que pretendia, mas agi como médium para muito do que veio de Outros, que se reuniram aqui em sabedoria e amor para que os vossos olhos se abram e possais regozijar-vos nesta época em que celebrais o nascimento da Luz, o nascimento do Espírito de Cristo que manifestou a Sabedoria de Deus em forma humilde.

De todos nós Aqui, tanto conhecidos como desconhecidos, vêm as nossas bênçãos e a nossa paz. À medida que o Ano Novo se aproxima, o que quer que ele reserve para cada um de vós, saibam que há um propósito. Temos trabalho a fazer... a obra de Deus, e fomos chamados para o Seu serviço. Não podemos... e não iremos... falhar. A paz esteja convosco, agora e sempre. Adeus.”

É impossível transmitir por escrito a cadência da voz; a força e a doçura variáveis do último sussurro a desvanecer-se. Não sei o que dissemos e, um momento depois, o Charles comunicou e resumiu esta noite maravilhosa de comunhão. “Isso foi muitíssimo interessante. Houve muito que podem ter sentido. Não sei como podem perceber... er... o impacto tremendo...” Até o Charles parecia sem palavras. “Pelo menos devem ter estado conscientes disso. Aquilo foi UMA ALMA... CONTUDO MUITAS! Como ele e outros vos disseram, passamos por muitas fases de existência. Embora muitas pessoas no vosso mundo não gostem desta ideia e se oponham muito a ela, trata-se, todavia, de um facto.

“Receberam uma palestra... sermão... chamem-lhe o que quiserem, não de UMA pessoa, mas de MUITAS, todas fluindo pelo MESMO CANAL DO ESPÍRITO. Todas entrelaçadas umas com as outras num TODO COMPLETO. Trabalhamos em harmonia como um só corpo de pessoas. É por isso que o trabalho que esperamos realizar através de vós só poderá ser feito quando vós próprios estiverdes em harmonia. Encontraram muitas dificuldades, contudo, devido a elas, foram atraídos para mais perto uns dos outros. Foi apenas através da provação que não foram achados em falta. É por isso que, nesta altura, nos sentimos muito próximos de vós, enquanto muitas Almas Aqui, que não falaram e ainda não podem falar, se manifestaram

através do nosso amigo para demonstrar o tremendo poder, o tremendo amor que está a ser derramado sobre vós. Sinto-me seguro de que encontrarão grandes oportunidades de serviço no próximo ano.” Após isto, o Charles e o Mickey encerraram o círculo entre uma troca feliz e íntima de votos de Natal de todos os presentes.

Algum tempo antes de nos mudarmos para a nossa casa atual, o John tinha sofrido de graves crises de tonturas, por isso tive razões para me sentir ansiosa quando, uma manhã no Ano Novo, ele teve uma recorrência que durou alguns minutos. Em meados de janeiro, marquei uma sessão sozinha para consultar o Charles. A Irmã Teresa foi a primeira a falar, e ficou surpreendida por o John não estar bem, tal como o Mickey. Mas o Charles, que tinha vindo ter connosco na manhã do ataque, conhecia todos os detalhes.

Primeiro, aconselhou-me a incutir no John o facto de ele estar mais perto dos sessenta do que dos dezasseis anos! E a insistir que ele deveria parar de andar de um lado para o outro e de trabalhar até à exaustão. “Ele deve comer mais devagar no futuro”, foi-me dito, e uma mudança drástica de dieta era necessária, pois a sua comida pesada habitual de nada lhe servia. O Charles aconselhou que o John bebesse uma quantidade de água todos os dias e que o fermento puro [levedura] fosse incluído no seu consumo alimentar diário.

Depois de o Charles ter partido, esperei expectante pela minha mãe, pois senti que ela seria a próxima comunicadora. Mas não foi a voz dela que me saudou, mas a do Rudy. Estou certa de que não é do conhecimento público que, durante a sua vida, Valentino escreveu um livro chamado “*How You Can Keep Fit*” [Como se pode manter em forma]. Consegui obter uma cópia dactilografada vinda da América, e o modo de vida e a dieta indicados neste folheto são ideais e seriam benéficos para qualquer pessoa, mas os exercícios em que o Rudy se empenhava são adequados apenas para um curso de comandos! Por isso, não fiquei totalmente surpreendida ao descobrir quanto ele sabia sobre a saúde e a dieta do John, que evidentemente não estava equilibrada para as suas necessidades específicas.

Admiti que me tinha sentido preocupada, apesar de todo o ensinamento que tinha recebido, e o pensamento tinha-me passado pela mente: “Suponhamos apenas que...”, mas a esta observação o Rudy interpôs-se firmemente: “Não vamos supor nada — apenas que o John vai cooperar connosco.” Ele fez uma pausa e acrescentou lentamente: “Não te vejo como viúva. Não te ficaria nada bem!” Foi muito estranho, mas tive de me conter à força para não dizer: “Não, outra vez não!”. Ele hesitou como se estivesse a avaliar-me, suspirou e depois disse: “És uma pessoa tão complexa!”

“Sou?”, indaguei, e depois exclamei: “Oh, há tanto que te quero perguntar!”

“Eu sei”, respondeu ele, “e vou-te contando um pouco de cada vez, apenas o que é bom que saibas. Estás a aprender o tempo todo connosco aqui, e com outros que dão conhecimento de uma forma diferente.” Ele evidentemente sabia que estávamos a assistir a uma série de palestras de Asa Branca! “À medida que te tornas pronta para o receber, eu acrescento um pouco mais de informação, mas se eu fosse responder a todas as tuas perguntas, dar-te-ia uma ‘indigestão mental’.

Conheço os teus devaneios e as tuas dificuldades”, e em resposta a uma pergunta não proferida acrescentou: “Lembra-te que ninguém está separado num sentido verdadeiro; a vida é contínua e apenas as circunstâncias mudam.” Quando lhe agradei, ele disse: “Sou apenas um de muitos que vêm com amor; apenas um de muitos em quem podes confiar.” Enviou o seu amor aos outros membros do círculo e uma mensagem especial para o John.

Mais tarde dei as instruções ao John tal como as tinha recebido, e citei excertos do folheto que Valentino tinha escrito. Salientei taticamente que ele tinha mantido o seu físico soberbo através de uma dieta moderada e natural. O Rudy teve sempre uma energia tremenda. Era um cavaleiro perito e a sua proeza na esgrima, no boxe e na luta livre, para além da sua graça como dançarino profissional, davam prova da sua aptidão física. Embora um pouco duvidoso no início, o John seguiu assiduamente os conselhos dados. O conteúdo de levedura pura era evidentemente o ingrediente que faltava na sua dieta e, como isto equilibrou a mudança algo súbita de alimentos pesados e indigestos para saladas, fruta e vegetais, e a água substituiu o chá, a saúde do John deixou de ser motivo de preocupação.

Descrevi propositadamente o assunto desta sessão com mais detalhe do que poderá parecer justificar-se, a fim de enfatizar o contraste entre o aspeto humano, tão aparente nesta ocasião, e o aspeto espiritual da mesma alma, que foi tão vividamente apresentado na reunião de Natal.

Era fevereiro quando fomos novamente a casa do Leslie, mas não com a atitude feliz habitual e, quando o Mickey falou connosco, tive de admitir que eu, e sem dúvida os outros também, nos sentíamos um pouco deprimidos com a falta de resultados. Exceto por fragmentos de clarividência, as nossas reuniões em casa pareciam negativas. O Mickey não foi exatamente compreensivo.

“Bem, isso é uma estupidez pegada!”, exclamou ele. “Não é o que se tira disto, mas o que se põe nisto que conta! Levem algo para o círculo. Essa é a atitude mental que devem cultivar. Não: ‘Oh bem, se não conseguir nada hoje, ou na próxima semana, desisto!’ Isso está tudo errado. Reparem, a maioria das pessoas é igual. Querem tirar algo de um círculo mas, tal como num banco, devem esperar depositar algo lá primeiro! A maioria das pessoas está a descoberto, de qualquer maneira!” Ele riu-se alto. “Pobre Lynn! Não sejas tão

intensa, querida. Não trates isto com leviandade, mas não deixes que isto te obceque. Tiveste muito azar, mas chegarás lá eventualmente.”

O Charles endossou tudo o que o Mickey tinha dito, do qual registei aqui apenas um excerto. Alertou-nos para estarmos mais relaxados e não tão ansiosos. “O principal é o controlo. Tal como cuidam do vosso corpo físico, também é necessário cuidar do corpo psíquico e do corpo espiritual. Para o fazerem, precisam de ser constantemente senhores de vós próprios, a fim de manterem as coisas equilibradas. Com esta comunicação e a percepção da Verdade, e apesar de toda a aspiração que possam ter, devem ainda assim ter equilíbrio. Têm uma vida material para levar e, portanto, tudo deve ser mantido em perspetiva, e nunca deve haver o sentimento de que isto é a coisa mais importante. Encarem as vossas responsabilidades e deem tudo o que puderem ao círculo. Então, poderemos trabalhar convosco em harmonia.”

Quando o Rudy falou, escolheu dois temas diferentes para o seu discurso, um dos quais se aplicava particularmente a mim. Tenho tendência a carregar as preocupações de outras pessoas aos meus ombros, e ele salientou o facto de que, para ajudar os outros, a própria pessoa tem de ser forte! Quando ele fez uma pausa, perguntei-lhe se eu estava a fazer algum progresso nas minhas sessões diárias quando tentava dar cura. Ele respondeu: “Agora estás a falar de uma forma negativa e isso não é bom. Deves ser positiva em tudo o que fazes. Lembra-te de Jesus quando disse: ‘A tua fé te salvou!’”. Ele não pensava que fosse o Seu próprio poder, porque sabia que era o Poder de Deus a fluir através d’Ele. Se tiveres fé que vais conseguir algo, então tornas esse algo possível.

Tende fé na vossa própria capacidade, no poder dentro de vós e naqueles que vos rodeiam. Acima de tudo, tende fé em Deus e, se for para o bem, alcançareis algo. Não basta ter fé em nós, deveis ter fé em vós próprios. Tentem ser práticos no vosso pensamento e reforcem esse pensamento prático com a ação, onde puderem.”

Acenei com a cabeça como se tivesse compreendido perfeitamente tudo o que ele dissera mas, sendo uma criatura de hábitos, formulei a minha observação seguinte desta forma: “Estou a tentar dar cura à Maria Loglisci—” Mas o Rudy interrompeu: “Agora vê, tu dizes ‘Estou a tentar’ em vez de ‘Estou a dar cura!’”. Repeti a correção e estava prestes a perguntar se os meus esforços estavam a ter resultados, quando me ocorreu quão fútil a pergunta soaria após a sua explicação cuidadosa. Claro que a minha amiga estava a beneficiar das minhas orações! A minha pergunta ficou por fazer.

Quanto mais estudo a sua forma de ensinar, mais percebo a sabedoria que está por trás dele. Ele conhece a medida exata da capacidade e aponta sempre um pouco mais além; conhece o limite exato do esforço concentrado e

essa conquista parece estar sempre quase fora de alcance! E assim, após cada sessão, temos uma nova lição para absorver.

A menção de Castellaneta trouxe-nos ao assunto das férias. “Esse é outro sonho que não foi cumprido”, disse o Rudy com simpatia, “mas talvez vão numa altura mais auspiciosa!”. Até que o poder começou a diminuir, continuámos uma conversa leve e amigável, entrelaçada com bastante humor.

Quanto tempo demora o grupo médio de pessoas a assimilar ensinamentos espirituais, não tenho forma de julgar, mas certamente não nos podemos gabar de termos primado pela quebra do recorde! Pois, por ocasião da nossa sessão seguinte, descobrimos que o John tinha acidentalmente pegado na fita errada. A que ele tinha trazido continha gravações de sessões anteriores e usá-la significaria apagar completamente uma pista. Que oportunidade de ouro para exercitar o “controlo”! Gelei interiormente e a Jean ficou impassível. O John parecia afogueado e o Stanley estava em silêncio. Oh sim, estávamos a sair-nos lindamente! O Leslie, no entanto, estava agitado; ele sabia quão desapontados ficaríamos e suspendeu a sessão por meia hora enquanto tentava encontrar uma fita. Não teve sucesso e tivemos de prosseguir sem a máquina.

Nenhum comentário foi feito, e ali ficámos sentados como quatro bonecos de cara séria, imperturbáveis e distantes! Mas o Mickey não ficou impressionado e quebrou a compostura rígida dizendo: “Ora essa! Fizeste-a bonita desta vez, Johnnie! Receio que Sua Senhoria não venha falar convosco esta noite.” Nesse ponto, “Sua Senhoria” (Rudy) interpôs-se: “Ora, ora, quanta confusão por causa de uma coisa tão pequena! Qualquer pessoa pode cometer um erro, e — tudo — por — causa — de — uma — fita!”.

“Não dissemos uma palavra, Rudy”, apressei-me a exclamar, “e não estamos indevidamente perturbados!”.

“Oh, sim, estão!”, respondeu ele com a mesma ênfase. “Estão a ferver por dentro. Continuam a contar—”

“Disseste-nos para contar até cinco quando...”, interrompi eu e comecei a rir ao ouvir a sua exclamação.

“Cinco? Disseste cinco? Já chegaram ao 1.001!”. Depois disse-nos que seria impossível recordar com precisão tudo o que fosse dito, portanto não nos daria a palestra que pretendia para aquela noite, pois sem dúvida isso causaria mais discussões entre nós. O que se seguiu foi algo como um consolo para tudo o que eu tinha sentido naquela noite, e implicava um conhecimento íntimo de nós em tempos passados, o que levou o Stanley a perguntar: “Rudy, quando nos conhecestes pela primeira vez?”. “Essa é uma pergunta difícil”, disse ele. Seguiu-se uma breve pausa e depois disse: “Compreendo! Queres

dizer nesta encarnação? Bem, tentei contactar a Lynn pela primeira vez há doze a catorze anos.” Fiquei ofegante de espanto e ele virou-se para mim. “Através da tua mãe. Ela é uma mulher estranha... desculpa... ela era uma mulher estranha. Repara, ela sabia deste contacto comigo.”

“Ela sabia disso, Rudy? Eu não sabia! Ela mencionou-te uma vez, após uma reunião no Kingsway Hall, mas nunca me disse que eras o guia do Leslie, e nunca mais falou de ti. Na verdade, não a encorajei a fazê-lo pois, depois de todos aqueles anos, parecias tão remoto. Para ser perfeitamente franca, não fazia sentido lembrar-me de ti.”

“Era perfeitamente natural, na verdade”, disse ele, “e digo isto sem qualquer orgulho; há centenas que ainda se sentem atraídos por mim, e ajudo muita gente, embora não chegue até eles desta forma. Ainda sou suficientemente humano para me sentir lisonjeado por tantos ainda se interessarem pelo meu trabalho e gostarem dos filmes. Antiquados, fora de moda, ultrapassados... maravilha-me! Mas tudo foi por uma razão; o meu trabalho, a infelicidade da minha vida pessoal, até a brevidade dela. Nada foi sem propósito. Há muito que eu queria dizer esta noite mas, quando voltarem, terão a vossa máquina em ordem e tudo será gravado.”

“Sentes que é importante para nós termos uma boa gravação?”, perguntou o Stanley. “Sim, certamente”, respondeu o Rudy. Depois perguntei-lhe se ele sabia que eu mantinha um registo escrito e se achava que isso também era importante. “É muito essencial”, disse ele seriamente. “A seu tempo irá para publicação e, devido ao meu nome, muita gente lerá o livro por curiosidade. Desta maneira, haverá muitos que aprenderão a verdade e que, de outra forma, nunca a teriam procurado. É por isso que estamos tão satisfeitos por estarem a progredir no vosso círculo.”

Ele discutiu então a chegada das noites claras e disse que o escurecimento e as nossas cortinas precisariam de ajuste. Falou com a “*bambina*” da Jean e perguntou pelo Anthony. Pouco antes de a sessão terminar, assegurei-lhe que faria um esforço maior no sentido do autocontrolo, pois sentia que ele não estava satisfeito com a minha resposta e, como não conseguia compreender que reação ele estava a tentar estimular, expliquei: “Acho difícil lidar com as pequenas irritações da vida, e particularmente quando confrontada com um desapontamento.” O Rudy falou lenta e calmamente: “Mas deves aprender. Como podes esperar o mais elevado se não consegues aprender a superar-te a ti própria? Estás a progredir e alcançaste muito mas, repara nesta noite por exemplo — tens as tuas emoções sob controlo, oh sim! Mas NÃO AS DOMINASTE!”. Depois desejou-nos: “Boa noite.”

Incitada por todos, escrevi tudo o que tinha sido dito, por isso não tive tempo de refletir sobre aquela última observação até ao dia seguinte, quando

ela se tornou gritante. Nem uma única vez durante a noite eu tinha proferido uma palavra gentil ao John pelo seu erro; de facto, eu estivera tão empenhada em ignorar todo o incidente que, inconscientemente, tinha ignorado também o John! Como sempre, todas as observações do Rudy, e nem todas estão aqui anotadas, foram dardos bem apontados.

7

PÉROLAS DE SABEDORIA

Tínhamos colhido as primeiras rosas dos nossos respetivos jardins quando fomos novamente a casa de Leslie acompanhados pela Gwen; estas flores ele colocou-as numa pequena mesa no centro do círculo e, entre as nossas amarelas, havia uma rosa vermelho-escura do jardim do Stanley. Passados poucos minutos, o Mickey guiava-nos no canto. A sua voz assumiu proporções ensurdecedoras e depois, tão subitamente como surgira, desvaneceu-se num sussurro e o canto parou. Foi como se tivéssemos participado num teste de volume, mas não foi dada qualquer explicação e, como o Mickey estivera muito perto de mim na escuridão enquanto sussurrava as últimas notas, estendi as mãos, mas não senti nada.

Depois ele riu-se e tocou duas notas no piano ao meu lado; ouviu-se então um som de algo a roçar e algo foi colocado no meu colo: era uma das rosas. Outra foi lançada para a Jean e houve rosas tanto para as crianças como para a Gwen e, embora o Mickey estivesse a divertir-se imenso, o Leslie certamente não estava! Ele detesta qualquer forma de fenómenos físicos que não sejam “a voz” e avisou o Mickey para não lhe tocar.

O Mickey estava alegremente a provocar a Gwen por causa do seu sotaque do norte quando a voz da Irmã Teresa interveio. “Estou tão satisfeita por falar com todos vós. Há uma atmosfera tão feliz aqui esta noite e o Mickey tem estado a divertir-se, *oui*? As rosas são lindas! Dizem que são dos vossos jardins? Oh, há tantos aqui para falar convosco! Muitos que não conhecem de todo. São atraídos aqui pela luz que é emitida enquanto se sentam em círculo, mas eu sei que estão à espera de falar com o Rodolfo! *Oui*?” Ela manteve a nossa atenção por algum tempo e depois a voz de um homem interrompeu. Falava com um forte sotaque escocês. “Olá! Achei que gostariam de saber que estou por aqui. Aqui fala o Jock...”

“Jock, disse você?”, indaguei.

“Aye”, respondeu ele, mas todos permanecemos em silêncio e depois desatámos a rir ao percebermos uma de duas coisas: ou ele se tinha esquecido de que vinha sempre até nós como “David” naquele nível vibracional, ou queria dizer que era um “Jock” [termo para escocês], mas ele não pareceu inclinado a satisfazer-nos e disse de forma algo brusca: “Och! Eu sei que estão à espera de uma — certa — pessoa! Bem, veremos.” E partiu. Rose foi a nossa visitante seguinte e conversou durante algum tempo e, embora tenha dito que gostaria de poder ficar mais tempo, porque sabia que queríamos falar com o Rodolfo, não queria ocupar demasiado tempo. Nesse ponto, o Rudy começou a falar.

“Então, estão à espera de falar comigo, eh? Claro que sabem que fico sempre feliz por vir conversar convosco, mas há outros! Quero tanto que percebam que sou apenas um porta-voz de Seres muito Maiores. É verdade que tive bastante experiência e tenho uma certa dose de conhecimento, mas em comparação... sou apenas um *bambino*! Estou Aqui há tão pouco tempo. Sinto-me muito humilde quando penso em mim próprio como um instrumento para este grande propósito.

“Não quero que me idolatrem, ou que se concentrem demasiado em mim”, disse ele num tom de apelo. “Lembrem-se: sou um ser humano normal chamado para o Serviço, e encontro grande felicidade em trabalhar convosco desta forma. Quero retribuir todo o amor que me foi dedicado, através do qual progredi. Mesmo nos meus momentos mais infelizes durante a minha vida na Terra, encontrei grande conforto no amor que me foi dado por... milhares”, disse ele quase em jeito de desculpa. “Estou tão grato pelo vosso amor e pela vossa lembrança ao longo dos anos e anseio por vos ajudar nisto, no vosso tempo de provação na Terra.

“Eu não gostaria de estar na Terra neste período e, no entanto, não consigo deixá-la quando vejo tanto sofrimento, tanto que tem de ser feito e será feito através de nós. Disto sinto-me seguro. Estamos muito preocupados com o mundo terreno — não vos quero deprimir, contudo temos de encarar a realidade de que ele está em grande perigo. Há experiências das quais nada sabem, porque não é feita menção a elas nos vossos jornais ou nas vossas rádios, mas são de tal natureza que nos causam consternação. Bastariam apenas dois erros para lançar o mundo fora de órbita! Se continuarem, a profecia da Bíblia poderia cumprir-se e o mundo inteiro seria lançado no caos. Às vezes sentimos como se pudéssemos recolher-vos e tirar-vos de tudo isto! Mas como isso é impossível, temos de chegar até vós, e talvez possamos fazer algo para trazer a consciência dos perigos que a Humanidade tem de enfrentar. Sinto-me seguro de que Deus não permitirá que o Homem se destrua a si próprio, nem a este belo mundo — e ele é belo, sabem.

“As pessoas riem-se daqueles que realizam reuniões de protesto e organizam marchas para dar a conhecer a sua objeção contra o uso do poder

atômico para fins destrutivos. É errado ridicularizar aqueles que estão a tentar ajudar desta forma; podem não conseguir muito, mas pelo menos tentam!” Todas as pessoas comuns do mundo têm medo disto — o povo da França, Itália e Espanha, para mencionar apenas alguns. Eles não procuram o poder através da guerra. Tal como vós, já tiveram o suficiente. A primeira guerra mundial foi um assunto terrível e a última foi pavorosa, no entanto estas não foram nada comparadas com a ameaça que paira sobre o mundo hoje.

Se ao menos os homens usassem o seu conhecimento do poder atômico para o bem, em vez de o usarem para experiências destrutivas e perigosas! Não sabem o que estão a fazer! Não veem o efeito dentro da atmosfera da Terra, dentro da própria Terra, nem no espaço ao redor dela, para onde, na sua ignorância, estão até a enviar macacos!” A sua voz era mordaz e acrescentou com repugnância: “Um dos quais morreu desde então!” (Esta sessão teve lugar a 4 de junho de 1959.)

Mais tarde na sessão, comentou: “Nós, que conseguimos ver dentro dos corações de certos estadistas, sabemos que não cederão um milímetro! São influenciados pelo desejo de poder pessoal, interesses instalados e ganhos materiais.”

“Rudy, o que podemos fazer?”, perguntei.

“Não sei”, respondeu ele, “apenas o vosso melhor para trazer o esclarecimento, e isso é tudo o que podemos fazer—”

“A vossa arma mais poderosa contra o baluarte da Ciência é o vosso conhecimento da cura do cancro”, interrompi firmemente. “Se maior ajuda pudesse ser dada nesta matéria, todas as barreiras cairiam perante ela, porque toda a humanidade procura a cura.” (Eu estava a perder de vista o facto de que não havia ninguém no mundo médico preparado, ou autorizado, a trabalhar em cooperação, como o Dr. e a Sra. Marshall podem testemunhar repetidamente.)

O Rudy respondeu calmamente: “Sim, eu sei... Eu sei também que um ‘milagre’ poderia acontecer e devemos esforçar-nos por tornar tal coisa possível, através do nosso amor, paciência e desejo de servir. É por isso que encontramos tanta felicidade no vosso pequeno círculo; é de facto um oásis no deserto. A cada um de vós dou o meu amor, os meus agradecimentos e a garantia de que faremos o nosso máximo para este fim. Tenho de ir agora. Deus esteja convosco. *Arrivederci.*”

Quando a luz foi acesa, voltámos a colocar as nossas flores na jarra e a Jean descobriu que lhe tinha sido dada a sua própria rosa vermelha. Saímos da sala num estado de espírito ponderado, apenas para descobrir que a força do fecho da porta sobre um tapete novo na sala tinha puxado o cabo do microfone

da tomada e a nossa fita estava vazia! Mas por alguma razão, durante a sessão, eu tinha tomado nota mental de tudo o que fora dito e creio que o que escrevi imediatamente é quase exato na fraseologia e, com toda a certeza, é exato no contexto.

Durante os anos em que temos estado a gravar estas sessões, notámos frequentemente que um discurso longo chega ao fim quando faltam pouco mais de alguns palmos de fita e, ao início, pensámos que era coincidência, mas aconteceu demasiadas vezes para que esse seja o caso. Nesta ocasião, estou certa de que um operador Espiritual tinha notado que o nosso gravador não estava a registar, e o coro estrondoso do Mickey a desvanecer-se num sussurro foi, na realidade, um teste de volume, porque ele nunca tinha feito tal coisa antes, nem nunca a voltou a fazer. Se mais alguém estivesse no apartamento, poderia ter-se notado que o cabo estava desligado, pois deixamos o gravador na sala e apenas o microfone fica na sala de sessões.

Uma noite em julho, no nosso círculo doméstico, o John descreveu uma imagem clarividente de uma torre de onde vinha um repicar de sinos. Ele não os ouviu, mas viu as vibrações tonais das notas como bandas de cor fluindo para fora em círculos crescentes. Depois descreveu uma luz que se assemelhava a uma estrela no céu e, à medida que se aproximava dele, assumia a forma da Cruz. Ficou muito comovido com esta visão inspiradora e, no mesmo momento, eu também vi uma luz semelhante que, ao descer, se tornou uma cruz feita de ametista. Esta fora esculpida numa única joia completa, e o topo e os braços terminavam em pequenas cruces arredondadas.

Temos razões para recordar com especial carinho a noite de 10 de julho de 1959. A Barbara tinha entrado sozinha na sala de sessões e começara a tocar piano; seguimos mais tarde e ficámos a ouvi-la e, enquanto as últimas notas de “*Les Adieux*” de Beethoven eram suavemente tocadas, o Leslie apagou a luz e a Barbara ocupou o seu lugar no círculo. Esperámos por um tempo considerável antes de o Mickey aparecer e lhe agradecer pelo interlúdio musical. “O Mickey esteve um pouco sério hoje”, foi a opinião geral após a sessão terminar. Era verdade que a personalidade habitual do Mickey estava menos evidente, e deu-nos uma palestra interessante sobre a evolução do Homem.

Explicou que o Homem tinha sido criado a partir do Pensamento Superior e que, embora o aspeto físico tivesse evoluído através de eras a partir da forma amébrica, o Pensamento, que deveria desenvolver-se neste ser inteligente, foi criado muito antes de qualquer forma material de qualquer tipo se manifestar. Terminou o seu pequeno discurso dizendo: “Como o Homem é criado a partir do Pensamento Superior, ele torna-se um instrumento para uma Inteligência Superior. Desenvolve-se de acordo com o seu pensamento. Ele não pode ser mais do que aquilo que pensa, e não pode ser um ser

mentalmente evoluído até estar pronto; até ter tido uma grande experiência espiritual.”

Houve uma longa pausa, depois o Pena Branca falou com dificuldade e, ao retirar-se, o Leslie perguntou: “Quem é este?”. “É conhecido por nós como Pena Branca”, respondi, “ele veio ter connosco várias vezes no passado. Talvez não se lembre.” Antes de o Leslie responder, o Pena Branca interpôs-se: “Eu, Pena Branca, o meu irmão Pena Preta [guia pessoal do Rudy enquanto este estava na Terra], ele, irmão de outro que conhecem [Rudy]. Somos todos uma grande família; cada um uma parte do Grande Espírito; cada um um poder para o bem.”

Houve outra pausa, depois a voz profunda e impositiva de uma mulher ressoou pela sala. “Boa noite. Conseguem — ouvir-me? Devo pedir-vos que sejam muito pacientes comigo. Eu — ainda — não — estou — habituada — a — isto, embora já tenha estado aqui antes. O meu nome é BLAVATSKY! Há já algum tempo que me interesso pelas vossas reuniões...” e foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Fiquei ofegante ao reconhecer Helena Petrovna Blavatsky, a H. P. B. referida no livro de Natacha (ver os capítulos chamados “Revelações” em *“Rudy, An Intimate Portrait”*) que tinha, segundo a mensagem recebida de Rudy imediatamente após a sua partida, ajudado-o consideravelmente a adaptar-se à sua nova esfera de existência, e pode ter sido a minha expressão audível de espanto ou o volume da sua voz que estilhaçou o microfone etérico e causou um silêncio súbito, mas o comunicador seguinte teve grande dificuldade em fazer-se ouvir.

“É muito agradável ver-vos...”

O sussurro mal chegava aos nossos ouvidos.

“Boa noite...” desvaneceu-se.

“Suponho que seja tudo uma questão de experiência... claro.”

Esta observação obviamente não foi dirigida aos presentes, mas ao Grupo Espiritual. É sempre um pouco estranho ouvi-los a falar uns com os outros, e isso acontece apenas em raras ocasiões.

“Boa noite para vós. Não tenho a certeza se conseguem ouvir-me, é muito difícil saber se a voz de alguém está a registar ou não.”

Poderia ter sido possível mantermos uma conversa com ele, mas não ficaria gravada na fita, por isso encorajámo-lo a tentar mais uma vez. Houve silêncio por um minuto e depois ele começou a falar novamente, embora a voz fosse a que associamos ao Dr. Charles Marshall.

É um facto que, se um comunicador tem dificuldade ao usar o instrumento pela primeira vez, um guia ou controlo experiente agirá como porta-voz. Este ato de cooperação causou muitas vezes confusão no passado entre os participantes e, ainda recentemente, um ministro da Igreja, após ouvir uma ou duas sessões gravadas, publicou um artigo no qual quase acusava o comunicador Espiritual de personificação, por não encontrar outra explicação para certas características de fala. O médium, concordava ele, estava acima de qualquer suspeita e afirmou claramente esse facto no artigo. Em abono da verdade, deve salientar-se que pode ser confuso para um recém-chegado. Portanto, embora a “voz” fosse familiar, o comunicador era-nos desconhecido.

“Há algum tempo que tenho sido um espectador interessado nas vossas reuniões. Não me posso chamar um membro ativo, mas espero numa data futura ser útil. Se tiverem sucesso, como os que aqui estão me garantem que terão, espero vir trocar algumas palavras convosco. Há muito que eu e outros poderíamos dizer. Fizemos um progresso notável num tempo muito curto e, pelo que me disseram, apesar de muitos contratemplos—”

A conversa foi interrompida por batidas fortes. “A propósito, não somos responsáveis pelas batidas!”, disse ele com voz divertida, enquanto alguém martelava vigorosamente na casa ao lado.

Antes de partir perguntei-lhe o nome e ele respondeu:

“Receio que não vos diga nada, mas é Anderson, John Anderson na verdade. Como disse, venho às vossas reuniões. Valha-me Deus, que mistura! Tantas almas vindas de níveis tão diferentes, vibrações diferentes, que vêm ter convosco. Claro que têm os membros do vosso próprio Grupo regular que estão combinados extraordinariamente bem, mas há muitas outras almas atraídas para as vossas reuniões. De qualquer modo, não devo ocupar o vosso tempo valioso. Adeus.”

Enquanto ele partia, comentei que sentia que ele era médico, e imediatamente a voz respondeu:

“Eu fui médico!”

“Saudações”, veio uma voz que soava como um acorde musical suave e sustentado, infelizmente contra o fundo de marteladas intermitentes, que cessaram, contudo, passados momentos.

“Saudações. Venho até vós nesta breve hora do vosso tempo terreno trazendo comigo o Poder e o Amor de Deus, para que possa deixar convosco essa Força para o Bem que vos permitirá enfrentar a labuta diária, a luta diária do vosso mundo com um conhecimento acrescido e seguro de que tudo está bem. Estamos sempre ao vosso lado à nossa maneira e esforçamo-nos por vos

guiar, elevar e inspirar, e trazer-vos cada vez mais perto da Consciência do Divino.

As palavras, tais como as que podemos usar, não conseguem retratar o que sentimos tão fortemente nos nossos corações. Cada um de vós possui no seu interior a Centelha do Divino, a Consciência e a Percepção da Verdade. Tendes o Dom do Espírito e, o que quer que o caminho terreno possa trazer, é-vos dada a força para o enfrentar. À medida que nos aproximamos de vós dia após dia, damos-lhes força, coragem e poder; damos-lhes amor, para que possais dar aquilo que damos livremente e, em troca, receber mil vezes mais. Embora não procureis recompensa, a recompensa será vossa, pois o que estais a tentar fazer não é pelo ‘eu’, mas por aqueles que verão, aqueles que ouvirão, e a eles também será dada a Verdade.

Muitos são os que se reúnem em vosso redor, muitas vezes invisíveis e desconhecidos. No entanto, todos vêm com amor para trabalhar e servir. Muitas são as alegrias que são proporcionadas pelos Reinos do Espírito e que vos darão uma felicidade indizível nos dias que hão de vir. Na vossa viagem terrena no Mar da Vida, embora possa haver muitas vezes um embate nas tempestades da mesma, encontrareis águas calmas e as vossas velas serão desfraldadas, e suavemente deslizareis para o Porto e encontrareis paz e descanso quando o tempo chegar.

Nesta viagem através do Tempo, muito pode ser alcançado. Vós sereis o capitão do vosso navio, mas nós seremos o vento que encherá as vossas velas para que possais viajar em segurança no Mar da Vida; e muitos serão resgatados por vós e tirados, por assim dizer, como homens que se afogam das Águas da Vida, e receberão ajuda e viagem segura neste vaso que providenciámos. Vós, meus amigos, sois aqueles que foram reunidos para trazer conforto àqueles do vosso mundo que são como homens que se afogam no Mar do Materialismo, e que virão até vós em busca de ajuda. O vosso círculo já mostra sinais de grande conquista; a paciência e a perseverança trarão a sua recompensa e sereis de facto abençoados.

Séculos atrás no Tempo, quando vivi na Terra, também me aventurei nas Águas da Vida, e também experimentei muitas coisas na minha própria busca e luta pela Verdade e, através de vários modos e meios, encontrei-a.

“Há séculos, quando a Terra era jovem, quando o mundo ainda não tinha sido descoberto pelo Homem, eu fui um daqueles que procurou e, de muitas formas, encontrou a Verdade. Há muito tempo que estou ligado a vós; como, de resto, vós tendes estado ligados a mim, pois o meu nome é Meselope.”

“Meselope?”, exclamei, “Oh, que maravilha!”

“Estamos aqui como um só”, continuou ele, “e aprendereis também sobre outros. Vereis como somos reunidos através do Tempo e do Espaço e tornados um todo completo. Que a paz e o amor desçam sobre vós; tudo chegará a seu tempo, como dissemos; a paz esteja convosco... Adeus.”

A voz espantada do Leslie exclamou agora: “Oh, valha-me Deus! Não me conseguia lembrar ao início — Meselope!”

“Sim”, disse eu. “Não te lembras? O guia do Rudy, aquele que apareceu à Natacha quando o Rudy estava tão doente, e que escreveu o primeiro poema em ‘*Daydreams*’” — e comecei a citar os versos: “A serenata de há mil anos, a canção de um lábio silenciado...”

“É isso, claro! ‘*Daydreams*’. Nunca pensei —”, continuou o Leslie.

“Oh, eu soube imediatamente!”, disse eu. Nesse ponto, o Rudy começou a falar, e estava tão excitado como o Leslie. “Começas a aprender, eh? Gradualmente trago-vos todos os nossos amigos! Um a um, para que os possais conhecer pelo nome e pela natureza, e eles revelarão cada vez mais o que queremos alcançar.” Mais tarde, disse: “Gosto de sentir que somos todos uma grande família a esforçar-nos juntos, a amar juntos, a servir juntos na Causa de Deus. Oh, é maravilhoso! Estou muito feliz esta noite.

Queria muito que o Meselope e outros falassem convosco para que os pudessem conhecer, para que gradualmente eles vos contem mais sobre o nosso trabalho e coisas que... er... bem, eu...”, riu-se ele, encabulado, e continuou apressadamente, “eu talvez sinta que não vos posso contar pessoalmente, percebes? Mas agora que estamos em perfeita harmonia... o círculo, tudo está belo... perfeito! Oh, vai ser bom... Tenho de ir”, disse ele com pesar, “deixo-vos o meu amor, as minhas bênçãos, *arrivederci*... Deus vos abençoe.”

Não admira que o Rudy estivesse radiante por ter conseguido transmitir tão fielmente, através do seu médium físico, o calor e a compreensão desta alma altamente avançada, que está tão afastada do nosso mundo moderno que se imaginaria impossível encontrar uma analogia para interpretar um ponto de entendimento mútuo; contudo, ventos, mares e navios à vela são sempre os mesmos, imutáveis pelo tempo. Ter traduzido a beleza dos seus pensamentos para linguagem moderna teria sido equivalente a falsificar uma pintura de um Velho Mestre, pois Meselope pertencia à Irmandade Hermética e era velho em experiência quando o antigo Egito era jovem.

Quando eu estava a comprar muitas coisas pertencentes ao Valentino ao negociante em Los Angeles, a nossa correspondência revelou que partilhávamos um interesse mútuo em assuntos psíquicos, o que o levou a mencionar um artigo em sua posse escrito por George Wehner, o famoso

médium, relatando a sessão que teve lugar no *château* um dia ou dois antes da partida do Rudy. Foi-me enviada uma cópia dactilografada deste artigo, da qual cito o seguinte excerto: “Naquela noite realizámos outra sessão. Quase de imediato, dois dos guias espirituais do Rudy, que costumavam escrever através dele, manifestaram-se através de mim [George Wehner]: Pena Preta, um índio, e Meselope, um egípcio. Meselope disse ao grupo ansioso, da maneira mais suave possível, que o tempo da permanência do Rudy na terra terminara.

Que, apesar das garantias que tínhamos recebido da América, o Rudy deixaria o corpo na segunda-feira, 23 de agosto. A Jenny veio então novamente e confirmou esta afirmação...” Eu era apenas uma criança quando li esta mensagem pela primeira vez; não admira que o Meselope tenha dito que estava ligado a nós há muito tempo. Pois, já nessa altura, o seu nome estava destinado a permanecer na minha memória até esta noite de julho, tantos anos depois, quando o que fora apenas um nome se tornou uma realidade.

Uma noite, no início de agosto, no nosso círculo doméstico, dei por mim a olhar fixamente para o Rudy, cujos olhos prendiam os meus de tal forma que soube que ele estava prestes a transferir os seus pensamentos para mim e, à medida que a imagem se desenrolava, fui capaz de a descrever aos outros. Eu olhava para uma clareira na selva a partir de uma posição ligeiramente elevada e, à minha direita, um nativo agachado no chão tocava tambor freneticamente. As suas costas e ombros musculados brilhavam como couro preto ao sol; a sua massa de cabelo estava amontoada numa ponta — várias pontas, de facto — através das quais estavam entrelaçados longos ornamentos de osso. Havia outras contas coloridas ou vagens de sementes sobre a sua pessoa.

Subitamente, ele olhou por cima do ombro para além de onde eu estava e, como ele não me conseguia ver, inclinei-me mais para apreciar plenamente os detalhes que o meu cérebro achava difíceis de assimilar. Sem dúvida, as feições eram as do Rudy, mas a testa era menos alta; o nariz era mais largo e as narinas mais abertas; os lábios eram mais cheios, mas o queixo e as maçãs do rosto pareciam os mesmos, e os olhos estavam cheios de um prazer juvenil enquanto o seu corpo balançava com o ritmo batido. Vi tudo isto num relance. Agora a minha atenção foi atraída para uma rapariga sentada à minha frente. O cabelo dela estava em pequenos tufos, tão rentes à cabeça que parecia estar a usar uma peruca de lã preta. Estava nua até à cintura e desprovida de adornos. O seu rosto era passivo e havia um ar de dignidade nela. Não posso dizer que houvesse quaisquer traços marcantes para me convencer, no entanto eu sabia que estava a olhar para “mim própria” e senti que este período recuava tanto no Tempo que quis dizer “Aborígenes”, mas a palavra “*kraal*” veio-me à mente, “*kraal* africano”, e a cena desapareceu.

No seu lugar, foi-me mostrado, numa mão escura estendida, o modelo de uma montanha esculpida num único e liso safira, e foi-me dado o nome Montanha Azul. Vagamente senti o Rio Nilo, mas tudo se estava a tornar turvo e, um momento depois, estava de volta ao círculo. Procurei num atlas e encontrei Montanhas Azuis na Austrália, na Jamaica e nos EUA, mas nenhuma perto do Nilo. No dia seguinte, estava absorta a escrever uma carta em italiano quando senti “a aproximação” e fui instruída a ler um livro chamado “*The Wonders of the World*” [As Maravilhas do Mundo].

Aqui encontrei uma cordilheira chamada pelos árabes de Montanhas da Lua, sendo a nascente do Rio Nilo, e continuei a ler; um homem chamado Baker tinha tentado escalar um dos picos naquele distrito e referia-se às Montanhas Azuis que ficavam a sul do Lago Alberto, embora este nome não tenha sido dado à cordilheira cartograficamente falando, tanto quanto consegui apurar. O pico mais alto chamava-se Ruwenzori. Folhee as páginas e, numa fotografia de cumes cobertos de neve, vi, entre vários outros, a forma da safira que me tinha sido mostrada.

Procurei o nome deste pico em particular; era Ruwenzori. Uma semana depois, a Gwen veio ouvir uma gravação e eu estava a contar-lhe esta experiência estranha quando ela me interrompeu em absoluto espanto, para me dizer que meses antes da sua chegada ao sul, um médium lhe tinha dado a descrição de um nativo africano, que a informou de que a sua mudança para Londres estava decretada. Disse que ela reconheceria a sua ligação correta quando recebesse confirmação do nome que ele lhe daria, e que ela não se devia esquecer. Desde que chegara a Londres, ela tinha esperado pacientemente em todas as sessões de voz direta para ouvir este nome, mas nada surgira até eu relatar a minha história. O nome que lhe tinha sido dado era Montanha Azul.

Durante a sessão de 21 de agosto, estivemos a falar de assuntos privados com o Mickey durante bastante tempo antes de a conversa levar ao tema da tolerância religiosa, e isto abriu caminho para o Pena Branca. Ele saudou-nos e falou por um curto período antes de embarcar no tema principal, dizendo:

“Deveis ser caridosos nos vossos corações e nas vossas palavras. Tende complacência para com aqueles que não querem ver; eles não podem ser culpados se a sua visão é fraca, porque foram nutridos na ignorância e alimentados por aqueles que são ignorantes.

Aquilo a que chamais religião no vosso mundo tem muito de recomendável, contudo há também muito que é mau devido àqueles que usam o seu poder para segundas intenções, para obscurecer a Verdade e a liberdade da mente. Aqueles que acorrentaram as mentes dos homens a concepções terrenas, ideias e ideologias ignorantes e falsas, um dia verão eles próprios com mais clareza. Aqueles que são livres de mente e recetivos a coisas mais

puras encontrarão a verdadeira salvação da mente e do espírito. Eles não podem ser coagidos ao serviço. Serão chamados ao serviço na quietude e na paz que vem de Deus.

Sabeis algo disto e com o tempo aprendereis mais, mas apenas vós o podeis tornar possível. Não vos pedimos que façais nada que esteja além das vossas capacidades, mas deveis tentar elevar-vos até nós. Não vimos para criticar, não vimos para condenar, vimos com amor e serviço, não para repreender, mas para vos dar esperança quando estais mais abatidos.

A todos os que ouvem a voz do Espírito, eu digo: Seja qual for a vossa condição de vida, seja qual for a vossa religião — ou falta de religião — não importa; se encontrastes a paz, então continuai nos vossos caminhos, mas lembrai-vos de que, além dos confins da mente do homem, existe uma Verdade Maior. Vejo no vosso mundo muitas prisões, mas a maior prisão de todas é aquela cuja porta está trancada contra a Verdade. Muitos são os que habitam nas trevas e que, por medo, não ousam procurar a Verdade, porque estão acorrentados a credos, dogmas e a sacerdotes que são eles próprios ignorantes da Verdade. Eles têm um vislumbre dela, mas tanto é feito no medo e isso é mau. Não é de Deus, pois Deus é Amor!

Houve um tempo em que um homem, se não acreditasse como outros desejavam que ele acreditasse, era levado à tortura e à fogueira. Esses tempos passaram, contudo existe ainda um mal maior, e esse é o acorrentamento da mente e do espírito do homem. A Verdade quebrará esses grilhões e essas correntes! Nós, que vimos com liberdade e não temos laços religiosos, vimos com a chave que abrirá as portas da prisão.

Vós, meus filhos, recebestes a chave do conhecimento e rodastes a fechadura e entrastes nos Reinos da Verdade, mas deveis ser pacientes. Não é bom, mesmo num banquete, comer demais, por isso damos-vos um pouco aqui e um pouco ali. No entanto, olhais com anseio para os frutos que são inalcançáveis e que, contudo, parecem sempre ao vosso alcance; mas quando o tempo estiver maduro e os puderdes digerir, então tereis mais. Entretanto, lembrai-vos de que sois convidados à mesa do Senhor e ainda não estais prontos para partilhar de tudo o que é oferecido!”

Havia um “sorriso” na cadência da voz e grande ternura enquanto o Pena Branca continuava: “Nós, que vos amamos, sabemos o que é bom para vós. Contai as grandes novas do Espírito, mas não forceis as nossas palavras naqueles que não estão prontos para as receber. Foi dito — e embora eu não goste da expressão, há muita verdade nela — ‘Não lanceis as vossas pérolas a porcos’. Há alguns que não estão prontos. Não lhes forceis estas coisas.

Quando a mente está aberta e recetiva, então as sementes cairão em boa terra e darão fruto. Algumas podem cair em solo pedregoso, contudo, aqui e

ali entre as lajes, talvez uma pequena flor brote. Lembrai-vos de que neste Jardim da Terra, com todas as suas ervas daninhas, existem flores também, e aqui e ali encontrareis a rosa perfeita. Este símbolo de amor e de beleza, este símbolo do Divino. Em vosso redor vedes as simples margaridas e botões-de-ouro, e muitas ervas daninhas também, mas até uma erva daninha tem um propósito. Não desprezeis nada no jardim de Deus, por mais rude ou subdesenvolvido que seja, porque pode mudar, e as sementes que não dão fruto talvez noutra estação venham a florescer. Nós, que vos amamos e não vos falharemos, somos os jardineiros e cuidaremos para que sejais bem tratados. Vós desabrochareis e, com o tempo, sereis de facto uma alegria e uma beleza de contemplar e um exemplo para os outros.

Tudo o mais que vos diga, acima de tudo digo isto: Amem-se uns aos outros, amem todos os filhos de Deus, mesmo aqueles por quem se sentem repelidos, por quem não têm afeto nem consideração. Por esses deveis esforçar-vos por ter mais e, talvez, o máximo de amor! É fácil amar quando o amor surge facilmente. Mas amar aqueles por quem normalmente não se tem amor é, de facto, progresso. Em todos os Grandes do passado temos exemplos brilhantes e, enquanto vos falo, penso no meu amigo Francisco, de Assis — como o conheceis.

Ele é uma Alma que todos deveriam tentar emular. Ele que amava as coisas simples, que amava a Natureza, os pássaros e os animais; ele que tinha tanta fé! Sede como ele, ‘pois conforme fizerdes a estas humildes criaturas, assim vos será feito em retribuição’. Lembrai-vos destas, que vos foram dadas no vosso Reino da Terra, que precisam da vossa bondade, da vossa força e misericórdia e não têm forma de se defenderem. Defendei-as! Porque nelas Deus também plantou uma centelha da Sua Divindade. Elas fazem parte de vós e, conforme as destruídes, assim sereis vós destruídos. Tenho de ir, outros desejam falar-vos. A paz esteja convosco, meus filhos.”

À medida que a “personalidade” do Pena Branca se retirava, deixando connosco a Essência sagrada dos Reinos da Luz, foi como se estivéssemos na margem de um oceano celestial e, enquanto a vaga da sua presença refluiu, deixando momentaneamente um sentimento de perda, outra vaga surgiu em nossa direção, trazendo um fluxo ainda maior de calor e amor infinitos que arrancou de nós uma resposta de boas-vindas tão grande que, por mais impercetível que seja a retirada de uma personalidade perante outra, soubemos que era o Rudy.

A sua voz era clara, um tom mais alto do que a do Pena Branca, e ele falava rapidamente. “Por vezes é muito difícil fazermo-nos entender e temos de explicar várias coisas usando parábolas. Na religião, muitos encontram alegria e paz e, se encontram isto, ninguém tem o direito de lhes tirar. Mas digo-vos isto: Aqueles que estão insatisfeitos após procurarem profundamente no seu interior e não conseguem encontrar o que precisam na religião, ou na

aceitação de um credo, devem perceber que de alguma forma obscureceram a Verdade.

Contudo, antes de poderdes receber a Verdade, deveis primeiro encontrá-la em vós próprios; então, quando estiverdes livres de preconceito e ignorância, estais abertos para receber as Mais Altas Verdades que eventualmente resolverão os vossos problemas, independentemente de quais sejam esses problemas. A Verdade libertar-vos-á mesmo quando estiverdes mais preocupados ou mais infelizes, porque vereis a sabedoria e o caminho. Não vos faltará força para enfrentar o que quer que vos aconteça, porque tereis expulsado o medo e encontrado a estrada para a paz e tranquilidade de espírito.

No vosso mundo tendes muito sofrimento da mente, do corpo e do espírito também! No entanto, o Homem é o responsável por isso, mais ninguém! Onde um homem faz o mal, isso é sentido por outro; e onde um homem está doente, outro está doente também. Deus deu-lhe o livre-arbítrio e ele trouxe o desastre sobre si próprio de muitas formas diferentes. Na doença, na guerra... oh, em tantas coisas.” Havia tal compaixão na sua voz ao proferir esta última frase que sinto que devo chamar a atenção para isso pois, se ele considera a palavra falada inadequada, quanto mais a palavra escrita corre o risco de transmitir a impressão errada. Nada do que foi dito durante toda a noite inferiu que um julgamento estivesse a ser proferido. Pelo contrário, de facto, e a voz expressava um desejo intenso de ajudar. O Rudy, naturalmente, continuou sem pausa.

“Muitas vezes o Homem sofreu por se agarrar a credos falsos, a ideias falsas, e por depositar a sua fé em coisas que de nada valiam. Vós, por outro lado, sabeis que as coisas de Deus são vossas, mas deveis ajudar a fazer com que elas se concretizem. Elas não podem vir a menos que vos esforceis por vos tornardes dignos delas. Ninguém deita o Vinho da Vida num vaso pobre que esteja fendido e quebrado, e com o vosso conhecimento vós podeis tornar-vos vasos de ouro puro! Muitas das coisas que parecem impossíveis tornar-se-ão factos, e fareis o trabalho que desejastes fazer; por aqueles que vos são próximos e queridos, por aqueles conhecidos e desconhecidos, por eles vos foi confiada uma tarefa e por eles fostes reunidos para este trabalho.

“Eu não sou senão um instrumento, nem mais nem menos do que vós sois. É verdade que tenho mais experiência e uma percepção maior, a qual é a minha alegria transmitir-vos para que possamos ser fortes no amor e no serviço. Vós encontrastes felicidade e paz nas coisas que são eternas e, quando tudo o mais tiver passado, quando tudo o mais vos tiver falhado, quando tudo se tiver tornado como nada nas vossas mentes... isto permanecerá. Este amor que suplanta todo o entendimento está sempre convosco. Está além de qualquer preço, além de todos os limites impostos pela mente, além de todas as posses terrenas e de tudo o que o Homem criou. Este amor que nada pode

diminuir permanecerá; este amor de Deus que partilhamos. Somos feitos à Sua imagem e à Sua semelhança para fazer a Sua obra.

“Ele não vos pede que dobreis o joelho, Ele não vos pede que acendais a vela, Ele não vos pede que queimeis incenso, Ele não vos pede que erijais templos, Ele não vos pede que erijais imagens e vos prostreis perante elas; Ele pede simplesmente que façais a Sua Vontade entre os Seus filhos. ISTO É TUDO O QUE ELE PEDE!

Entramos nas vossas vidas e nos vossos corações — pois é aí que Ele é encontrado, nos corações dos Seus filhos, e juntos seguimos em frente, passo a passo, um pouco mais alto de cada vez; mas, à medida que subimos, pensamos mais naqueles que estão nos degraus mais baixos da escada, e recuamos deliberadamente para elevar outro. Isso é serviço.

“Aquele que deseja alcançar o degrau mais alto deve estar preparado para ir e vir, ir e vir para ajudar os menos afortunados. Devemos sacrificar-nos (embora não concordemos com a palavra, uso-a todavia), devemos sacrificar-nos tal como fez Cristo e todos os Grandes Mestres.

“Pensai nestas coisas, pensai em Cristo... que nada tinha e nada desejava. Aquele que não tinha templo, para quem nenhum incenso era queimado, Aquele que nada desejava senão o amor; n’Ele somos enobrecidos e postos em segurança. Na humildade encontramos a grandeza, portanto sede trabalhadores humildes e amorosos, em harmonia connosco, para que juntos possamos ser um exemplo para o mundo e ajudar outros a encontrar o que nós encontrámos.

“Assim, meus amigos, deixamo-los com o nosso amor, a nossa paz, e damos-vos as nossas bênçãos e o Poder Sagrado do Divino, para que esteja sempre convosco. Abençoados sejais, a paz esteja convosco sempre.”

8

O CORAÇÃO EM BUSCA

Não sei se o padrão do desenvolvimento Espiritual é sempre como o nosso parece ser: um passo em frente e dois atrás! Um vislumbre das Alturas e logo uma descida ao abismo. Se assim for, não admira que muitos falhem em alcançar a plenitude ao longo deste caminho. Regressámos de casa do Leslie naquela sexta-feira à noite a caminhar nas nuvens mas, por volta da hora de almoço do dia seguinte, tive de me recolher à cama, pois sentia-me muito indisposta. Estava sozinha no apartamento e, enquanto ali jazia sentindo-me abatida, o meu quarto encheu-se com o perfume de rosas e soube que os meus entes queridos estavam comigo; e, apesar do meu desconforto, adormeci.

No domingo, 23 de agosto, por ser o aniversário da partida do Rudy, eu ansiava por visitar o Leslie numa vertente social mas, em vez de me sentir melhor após uma noite de descanso, estava pior. Às quatro da tarde colapsei, e o John mandou vir o médico, que me fez um exame imediato. O seu veredito espantou-me, pois disse que eu teria de submeter-me a uma grande operação o mais depressa possível! Não fiquei minimamente consternada com a perspectiva da operação, mas fiquei furiosa por ser a causa de um novo revés no nosso trabalho e, durante cinco dias, ali fiquei a remoer a situação. Passaram-se outros quatro dias até ter a oportunidade de falar com o Charles e o Rudy.

Mesmo um incidente como este não carece do seu aspeto interessante e esclarecedor, e oferece um exemplo clássico do imprevisto, tal como aconteceu com a lesão no olho do Anthony. O leitor poderá perguntar-se por que razão não fomos avisados da calamidade iminente pelos nossos guias e instrutores e, mais uma vez, gostaria de enfatizar o ponto de que o elo inquebrável com o mundo Espiritual é feito por contacto mental, e não se coloca a questão de eles "andarem a bisbilhotar cada passo nosso"; mas, onde os laços de amor são mantidos, há uma consciência constante, e as nossas emoções são recebidas como uma mensagem através de um fio telefónico, especialmente quando se cumpre a regra de dar a conhecer também as necessidades pessoais, além de incluir os outros na oração. E, como é óbvio, eu tinha pedido ajuda nesta ocasião.

Dadas as circunstâncias, não houve gravação da sessão, visto que nem a Jean nem eu éramos capazes de carregar a máquina, mas cada detalhe foi fielmente memorizado. A data era 1 de setembro de 1959 e, quando chegámos nessa tarde, o Leslie levou-nos diretamente para a sala de sessões onde éramos evidentemente esperados, pois o Mickey falava em questão de minutos. Lembro-me de que ele mal teve tempo de oferecer a sua simpatia antes de o Charles comunicar.

Quando falou, a sua voz estava carregada de emoção. "Minha querida, estou tão desapontado por teres de enfrentar outro revés. Talvez sintas que te falhei. Estou tão interessado em ti, e tão perto, contudo nunca senti esta condição, nenhum de nós estava consciente dela! Claro que estávamos cientes do teu cansaço mas, perante a tua vida extremamente preenchida, isso não era de admirar, e tínhamos-te dado ajuda para superar esse esgotamento, mas a causa principal eu nunca suspeitei."

Apressei-me a tranquilizá-lo de que não tive o pensamento de ter sido abandonada. Como poderia ele estar ciente de algo que não me tinha dado quaisquer sintomas de alerta? Ele confirmou todos os aspetos do diagnóstico e discutiu a operação sugerida detalhadamente.

Quando o Rudy estava em comunicação, mais por curiosidade do que por outra razão, perguntei-lhe se ele tinha sentido uma "condição de saúde", como se designa na fraseologia Espiritista. "Oh, não!", disse ele. "Eu não sou médico e não estaria ciente da condição física a menos que ela se fizesse sentir nas vibrações mentais, mas estou ciente da tua agitação em relação ao círculo.

Deves tentar encarar isto como uma oportunidade para pões a tua tranquilidade em prática! Sei que os outros continuarão as sessões e, embora não seja o mesmo sem ti, progrediremos e a tua ausência não será longa." Mais tarde, disse: "Eu não concordo com a faca, mas há ocasiões em que ela pode ser usada com vantagem e a perícia do cirurgião não pode ser ignorada. Serás bem cuidada e estaremos contigo constantemente", acrescentou. "O descanso far-te-á bem. Quero que descanses a tua mente", disse com ênfase e depois suspirou. "Sabes, tu preocupas-me às vezes."

"Não deves preocupar-te comigo", disse-lhe eu. "Sinto-me muito melhor agora que discuti o círculo contigo, e não tenho medo nenhum da operação."

"Serás uma verdadeira celebridade", aventurou ele. "Tantos visitantes e flores."

"Uma celebridade?", repeti. "Será isso algo a ser invejado?"

"Não!", exclamou ele enfaticamente, "mas é bom ser-se paparicada às vezes."

Esta observação foi seguida por uma referência ao elemento tempo. Normalmente, havia um período de espera de oito a dez semanas por uma cama no grande hospital central de Londres onde eu deveria ser admitida; por isso, quando o Rudy afirmou com confiança que eu estaria no hospital dentro de três semanas, aceitei o seu julgamento com reserva. Mais tarde nesse dia, durante a minha sessão em casa, senti-o "aproximar-se" e transmitir a sugestão de escrever à assistente social do hospital, para dizer que o meu filho estava no estrangeiro e que eu estava livre de compromissos familiares, podendo aceitar uma vaga com apenas algumas horas de aviso. Parecia algo inútil frisar isto, pois, ao regressar após a sessão, tinha recebido confirmação de um período de espera de oito semanas. No entanto, escrevi a carta. Quinze dias depois, soube pelo hospital que tinha ocorrido uma vaga inesperada, a qual aceitei, e a operação teve lugar a 22 de setembro, exatamente três semanas após o dia em que tinha falado com o Rudy.

Durante as quarenta e oito horas que se seguiram à operação, enquanto estive num estado semidrogado, senti a presença da minha mãe, da minha filha Valerie, da Teresa e do Charles, mas o efeito das drogas passou na terceira noite e, dessa, quanto menos se disser, melhor! A minha faculdade psíquica foi submersa sob o ataque físico e eu estava com bastante receio da

quarta noite. Enquanto tentava acomodar-me, senti o Charles literalmente virar-me, aninhando-me em volta de uma almofada dobrada numa posição que causou alguma preocupação à enfermeira da noite quando veio à minha cabeceira, mas dormi pacificamente.

Foi no quinto dia após a operação que tive a minha primeira manifestação real, e ocorreu durante o período de descanso do meio-dia. A minha cama estava entre duas janelas no primeiro andar, virada para a rua, e estava longe de ser silencioso. Sendo um dia lindo, o sol jorrava de ambos os lados da minha cama e eu não estava a dormir, embora estivesse sonolenta e completamente relaxada. Um braço estava estendido com a palma para cima.

Então, sem qualquer mudança perceptível, os meus dedos fecharam-se sobre a mão que segurava a minha e senti a pressão das molas no lado da cama onde o Rudy estava sentado! Ele sorria e estava completamente à vontade, tal como eu. Não havia nada de irreal nele, e as cortinas da cama ao lado foram obscurecidas pela sua solidez! Conseguia ouvir o trânsito e ver o resto da enfermaria. Vi as pequenas linhas de seda no punho da sua camisa; a luz a brilhar nas suas unhas e no cabelo. Vestia um fato de fazenda cinzento e, no seu pulso, mesmo por baixo do punho da mão direita, conseguia ver uma fina bracelete de prata, não a de platina habitualmente associada a ele, mas uma corrente delgada.

A fala era supérflua, e não vi nada de invulgar na sua presença, permanecendo totalmente imperturbada por ela! Mas senti surpresa e uma ligeira irritação quando vi um médico a aproximar-se do outro lado da minha cama, e pensei: "Por que raio virá ele durante as horas de visita?".

Ele era corpulento, razoavelmente alto, com uma farta cabeleira branca e linda, bochechas vermelho-vibrantes, um pequeno bigode e os olhos mais azuis por trás de óculos bastante grossos e antiquados. Vestia uma bata branca e tinha um estetoscópio ao pescoço. O Rudy virou a cabeça e olhou para o médico e vi cada linha do seu rosto de perfil enquanto o fazia; depois o médico inclinou-se sobre mim e senti os dedos do Rudy apertarem-se. "Agora", disse o médico, "deixe-me dar-lhe uma olhadela; ponha a língua de fora." Obedeci e ambos desapareceram!

Olhei para a minha mão ainda curvada sobre o "nada", contudo sentia o aperto. "Weiss... Weissman... Dr. Weissman" veio a mensagem a desvanecer-se. Depois veio também a vaga de desilusão; o Rudy tinha partido e eu nem sequer tinha apreciado a sua presença! Tinha sido tudo tão natural que era quase cómico. Quanto ao Dr. Weiss ou Weissman, nunca ouvi falar dele mas, de forma tão clara está gravado na minha mente que o reconheceria entre mil outros!

Durante a mesma semana, e à mesma hora, tive uma experiência semelhante. Nesta ocasião não estava tão relaxada, e jazia de costas com os joelhos fletidos contra uma almofada para aliviar o desconforto, dormindo a espaços. Subitamente "despertei" para encontrar a minha forma sem peso, com os joelhos esticados, a flutuar numa posição horizontal cerca de dois pés acima da cama, sendo a parte superior amparada enquanto o Rudy me baixava suavemente para o meu corpo adormecido. Esta foi a minha primeira experiência de projeção astral e quase demasiado breve para eu observar muitos detalhes mas, quando a minha forma etérica se fundiu na sua contraparte material, a densidade e a dor do corpo físico engoliram as percepções mais finas, e ele partiu!

Desta vez, porém, enquanto alheia ao que me rodeava, estava plenamente consciente de que se tratava de uma visitação sobrenatural e, portanto, fui mais grata na minha atitude e resposta, o que por sua vez demonstrou uma reação normal; e quando me puxei pela grade da cama para as almofadas, uma doente a algumas camas de distância, no lado oposto da enfermaria, exclamou com voz surpresa: "Deve estar a sentir-se muito melhor hoje, parece radiante!". Pensei por um momento que ela tinha visto algo!

Tinha feito amizade com uma rapariga na enfermaria e este incidente foi recordado muitas semanas mais tarde quando ela veio a nossa casa ouvir uma gravação e, enquanto eu descrevia o acontecimento, ela exclamou: "Oh, eu lembro-me, Lynn! Lembro-me de como parecias surpreendida, e não era para menos!".

O resto da minha estadia no hospital decorreu sem incidentes, e regressei a casa no dia 4 de outubro, apenas doze dias após a operação, mas só a 23 de outubro estive suficientemente forte para viajar até à cidade para uma sessão.

Após os preliminares terminarem, o Mickey disse: "Tiveste uma espécie de revelação, não tiveste?".

"Sim, Mickey", respondi. "Tive algumas experiências maravilhosas e também muita ajuda."

"Claro que tiveste ajuda", interrompeu o Charles, "mas não há necessidade de sermos repetitivos sobre estas coisas. A operação foi um sucesso e a tua saúde está a melhorar firmemente mas, eu diria isto: a tua fé absoluta e a confiança interior de que tudo correria bem tornaram possível dar-te a ajuda que prometemos."

O Rudy não estava tão seguro e avisou-me: "Deves manter-te calma, é tão importante. Não queremos que fiques doente agora que fizeste tanto progresso, pois ainda estás longe de estar bem." Depois falou ao grupo coletivamente: "Eu sei o que estão a pensar! 'O que virá a seguir? O que será o

próximo?'. Primeiro foi o Stanley, depois a Jean, e tu não estiveste muito bem, John, e agora a Lynn! Bem, o pior já passou, e um período mais plácido começou."

Pouco depois, referiu-se ao livro que me tinha encarregado de escrever e disse: "Creio que dará conforto e inspiração a muita gente. Será uma revelação. Isto faz parte do nosso trabalho, não todo, mas parte dele."

Durante a minha doença e nas semanas de convalescença, houve muito tempo para tabular uma série de perguntas e, quando o assunto do livro surgiu, disparei algumas delas contra o Rudy numa fuzilaria de tirar o fôlego: Como eram alcançados os milagres? Deveria eu mencionar a reencarnação no livro? Como é que o controlo de natalidade afeta a reencarnação? Estes foram apenas alguns dos temas abrangentes que lhe apresentei e que teriam levado meia dúzia de sessões a resolver se fossem tratados por agência mortal.

Nesta altura, eu ainda não tinha aprendido que algumas perguntas é melhor ficarem por fazer do que serem lançadas num entusiasmo excessivo, quando o coração em busca ainda não aprendeu a explorar os reinos subtis onde a intuição é mais forte do que a razão. O Rudy não travou o fluxo, apenas o conteve na sua fonte. "Não existe tal coisa como um milagre!", disse ele. "Apenas aquilo que parece sê-lo porque não é compreendido. Existem poderes dentro do Homem dos quais ele tem pouco conhecimento; são ainda uma fonte inexplorada. Mas não para um Mestre."

Não tenciono aprofundar a resposta dada porque não há forma de generalizar, e o Rudy deixou isto claro ao dizer: "Não debes ficar perturbada na tua mente porque as pessoas não conseguem aceitar as coisas. Uma pessoa só aceitará uma coisa quando estiver pronta; não antes. Afinal, o que é a comunicação espiritual? Alguns aceitá-la-iam e, não compreendendo o método usado, chamar-lhe-iam um milagre, e outros, recusando-se a reconhecê-la, diriam que era falsa ou, se realmente ocorre, que apenas espíritos malignos estão a ser contactados.

Algumas pessoas dão qualquer desculpa em vez de aceitarem a verdade. A verdade não pode ser facilmente aceite por alguns porque é demasiado simples! A simplicidade derrota as pessoas, mas a fé e o poder do pensamento podem superar todas as coisas e, quando usados e canalizados por um Grande Instrutor, nada é impossível."

Ao lidar com as outras perguntas, o Rudy disse: "A reencarnação é algo essencial e, claro, debes apresentá-la. Não se aplica a todas as pessoas. Frequentemente ocorre por escolha: quando uma pessoa sente necessidade de regressar à Terra para ganhar experiência que anteriormente faltou; quando as lições da vida terrena não foram suficientemente absorvidas. Existem também aqueles que regressam porque têm um trabalho específico, ou um anseio de

educar as massas; de elevá-las e dar o exemplo. A maioria dos instrutores e videntes são Almas que regressam para uma missão.

Relativamente ao tema do controlo de natalidade, creio que a resposta a isso é simples! Não creio que tenha sido pretendido que se trouxesse uma vida ao mundo *ad libitum* ou sempre que se estivesse inclinado a tal mas, quando é essencial para uma certa alma encarnar, essa — alma — virá — de qualquer forma, através de um canal ou de outro. Sinto que dás demasiada ênfase à paternidade, embora ela seja importante num sentido material e, claro, tenha o seu valor espiritual, mas nós não vemos as coisas da mesma forma.

A partir de um certo nível de progresso, uma alma que deseje encarnar pode escolher os seus pais, e não cabe aos pais negar — de facto, não podem negar — a entrada de uma alma que esteja preparada para vir! O pensamento é tal que é todo-poderoso e, quando uma alma está pronta para nascer, impressiona e inspira os seus pais escolhidos de tal forma que não há possibilidade nenhuma de não poder nascer."

Desde que esta informação foi dada, estudei este assunto mais a fundo e interromperei o relato da sessão, a fim de antecipar dúvidas óbvias, dizendo que, de um outro nível menos evoluído, desde que uma alma entre num padrão específico de sociedade adequado às suas necessidades, não é importante para que família ela é atraída. Se um canal é negado, outro dentro da mesma comunidade proporcionará a entrada, e assim por diante. Na Terra, como é óbvio, uma família está isolada de outra, mas esta distinção não é aparente a partir das Esferas, onde todos os habitantes da Terra são considerados "a família". Num pequeno folheto que li recentemente, "*Reincarnation*" de Irving S. Cooper, da Sociedade Teosófica, havia um ponto muito esclarecedor, a saber: que numericamente a população do planeta permanece quase ao mesmo nível, seja deste lado ou no Lado Espiritual, com novas almas inexperientes a entrar em pequenos números para tomar o lugar daquelas cuja experiência de Vida lhes permite abandonar a roda da encarnação permanentemente, a menos que desejem o contrário.

Nós próprios testemunhámos o fluxo e refluxo da maré, à medida que milhares deixam a vida material prematuramente por causa da guerra, e outra vaga de almas que chegam equilibra a balança através da subida da taxa de natalidade que habitualmente se segue. No Recenseamento Divino, cada alma é verdadeiramente contabilizada e, caso as circunstâncias impostas pelas limitações do Homem frustrem o seu progresso temporariamente, inúmeras outras oportunidades lhe são dadas, e ninguém pode obstruir o progresso indefinidamente. Embora possam retardá-lo ou desviá-lo do seu caminho escolhido, não podem alterar a sua progressão final.

Na altura em que o Rudy respondeu à minha pergunta, eu não estava tão bem informada e esforcei-me por captar o significado da observação: “Não há possibilidade nenhuma de não poder nascer”, e na pausa que se seguiu o John fez uma pergunta, embora tenha dito que isso significava mudar de assunto. Perguntou por que razão, quando Meselope nos falara em julho, ele se sentira tão atraído por ele, embora na altura o nome nada significasse. O Rudy respondeu com uma evasiva subtil, dizendo:

“Gosto de pensar que Meselope causou uma grande impressão, não só em ti, mas em todos vós. Ele é uma Grande Alma. Tem sido uma ajuda tremenda (embora ‘ajuda’ seja um termo suave a usar) e uma inspiração para mim, tanto Aqui como quando eu estava na Terra. Ele ajudará e inspirará qualquer pessoa que consiga chegar ao seu alcance, e creio que ele se aproximou muito de vós por conhecer a vossa reação a ele. Tu, pessoalmente, receberás muito mais dele, independentemente do círculo.

Receio ter de me ir embora num momento”, disse ele com pesar, “mas tem sido maravilhoso estarmos reunidos novamente como uma só família. A tua saúde vai melhorar, Lynn, e teremos algumas experiências maravilhosas sem mais contratempos, e sabemos que estas experiências não são para o ‘eu’, mas para todos partilharem. Pois quando uma pessoa é ajudada, outra é ajudada também, e assim continua como a proverbial bola de neve... Oh, quero dizer tanto! Mas as palavras são impossíveis, e não me surgem tão facilmente como eu desejaria. Deixo-vos com as minhas bênçãos e o meu amor até nos voltarmos a encontrar. *Arrivederci.*”

Da data dessa sessão até ao Natal, notámos que um símbolo tinha sido constantemente recebido por um ou mais elementos do círculo doméstico à medida que as sessões chegavam ao fim e, no meu caso, era frequentemente visto quando eu estava a começar a adormecer. Este objeto era uma única rosa amarela; mas só quando recebi um postal de Natal do Leslie, retratando um feixe de rosas amarelas em frente a uma taça azul, é que comecei a perceber que este símbolo estava a ser dado deliberadamente, embora não o conseguisse interpretar com certeza. Numa sessão subsequente, contudo, quando o assunto da superstição estava a ser discutido, tive a oportunidade de perguntar: “Qual é o significado das rosas amarelas?”.

“A maioria das pessoas associa as rosas vermelhas ao amor”, respondeu o Rudy, “mas há uma outra forma de amor que é dourada. A rosa amarela tem um significado mais subtil... é o símbolo de um amor único. Reparaste onde estavam as rosas?”.

“No postal de Natal, queres dizer? Estão deitadas em frente à taça”, disse eu.

“Sim”, respondeu ele, “as rosas do amor não precisam de água para as sustentar. Mas há uma razão para tudo o que vos mostramos, e gostamos de vos ver a lutar para encontrar o significado.” A sua voz “sorriu”. Depois falou sobre o círculo e indicou uma mudança que desejava que fizéssemos, a saber: permanecermos em silêncio no futuro.

“Impressões, símbolos, clarividência são interessantes e úteis”, disse ele, “mas não são suficientes para mim! Para obtermos a ‘voz’, devemos agora conservar o poder; portanto, não fiquem impacientes nem convosco nem connosco se as coisas não acontecerem como acham que deveriam. O nosso trabalho é difícil e não pode ser apressado, mas ajudará se permanecerem quietos. Vejam, uma atmosfera é criada e vocês tornam-se recetivos, elevados por assim dizer, e as vibrações aumentam. Então, atravessando isto ocasionalmente, surge um pensamento que foi trazido à existência, e vocês dão-lhe voz.

Ao fazê-lo, ele corta a vibração e quebra-a, e todos ficam alerta. Quando estão quietos, relaxados e a deixar-se levar para este plano que estamos a criar, é mais provável que alcancem resultados. Esperem até a sessão terminar para compararem notas. Há coisas que não podem controlar, tais como ruídos à vossa volta ou acima das vossas cabeças, mas não façam ‘Tch, tch!’ quando os ouvirem, aumentando assim a perturbação e, acima de tudo, não se preocupem.”

Em janeiro de 1960 reunimo-nos novamente em casa de Leslie e, após a sessão ter começado, ficámos em silêncio absoluto por mais de um quarto de hora, tempo durante o qual o Leslie parecia estar quase em transe. A sua respiração estava particularmente pesada quando uma voz masculina falou, clara e concisa.

“Não fiquem apreensivos. Estamos a demorar mais do que o habitual esta noite, mas por uma razão especial.”

Houve outra longa pausa, e depois a mesma voz distinta continuou:

“Como sem dúvida sabem, existem muitos estratos e esferas de vida de acordo com o desenvolvimento e a condição do Homem. Por aqui existem inumeráveis esferas de vida e aqueles que vêm de estados de ser altamente desenvolvidos encontram maior dificuldade em estabelecer contacto com o vosso mundo.

Os poderes de um médium não são, num certo sentido, restritos, mas são afetados pela sua mentalidade, pelo seu modo de vida e pelas condições que o rodeiam. Em grande medida, os médiuns tornam possível o trabalho que somos capazes de realizar através deles. Eles podem limitar o nosso trabalho ou abrir vastos horizontes de progressão possível. É uma grande

responsabilidade e, embora possam ter um médium que seja bem-sucedido sob muitos aspetos, contudo, do nosso ponto de vista, ele pode ser uma desilusão.

Se tivermos um médium que, em si mesmo, esteja a fazer todos os esforços para nos encontrar mental e espiritualmente, então não há limite para o que podemos alcançar. Mas, como é óbvio, percebemos as dificuldades e apreciamos plenamente as complexidades da vossa vida, contudo nada é impossível desde que exista completo amor e harmonia entre aqueles no vosso mundo e nós deste Lado, todos trabalhando juntos para o bem comum; requer esforço de ambas as partes.

Não basta sentar-se em círculo e agir como um instrumento; é preciso fazer todos os esforços na vida diária para se tornar uma pessoa melhor, para emanar amor na rotina diária. Não basta apenas sentar-se durante uma hora com a mente e o coração abertos; não basta expulsar o mundo da mente por uma breve hora e esperar tornar-se um médium de alguma relevância em troca! Devem fazer todos os esforços para servir a Humanidade.

Não quero que interpretem mal a minha razão para falar desta forma”, disse a voz suavemente, “não estou a falar de qualquer médium em particular, seja profissional ou não. Estou meramente a declarar factos. Vós, como um corpo de pessoas, estais sentados juntos com sinceridade e propósito para vos ligardes ao Reino do Espírito. É uma coisa maravilhosa, e sei que sois abençoados, e que muitas Almas deste Lado se esforçam por trabalhar convosco, e através de vós, e não tenho dúvidas de que tereis sucesso.

Mas, como é óbvio, levará tempo; significará muitos sacrifícios da vossa parte, e alguns sacrifícios sabemos que já fizestes. As vossas vidas materiais não são talvez muito bem-sucedidas aos olhos do mundo, mas são as vossas vidas pessoais, as vossas atividades e ambições espirituais que são importantes para nós, e como reagem aos outros na vossa vida diária. Especialmente àqueles por quem não se sentem atraídos devido a uma dissimilaridade de carácter, temperamento e personalidade, e que muito frequentemente vos irritam. Cabe-vos a vós aprender a superar estas dificuldades e fazer todos os esforços para praticar o bem.

Praticar o bem no vosso mundo nem sempre é fácil pois, por vezes, quando sentem que estão a praticar o bem, descobrem para vossa consternação que as consequências têm o efeito oposto. A vida é muito complexa mas, se emanarem amor e no serviço crescerem mental e espiritualmente mais próximos de nós, não há limites para o desenvolvimento dos vossos poderes como instrumentos para um Propósito Superior e um Serviço Superior.

Temos velado por vós, interessámo-nos por vós e sabemos que juntos teremos sucesso. Não há nada a recear, pois estais sob a asa protetora do

Divino e Ele vos escudará e protegerá. Os vossos corações serão elevados ao alto, e regozijar-vos-eis e vereis, em parte, as belezas e as alegrias do Reino de Deus enquanto ainda estais na Terra.

Somos uma legião de Irmãos e regozijamo-nos no nosso conhecimento, na nossa experiência e na nossa unidade com o Divino. Meus filhos, esta noite somos abençoados, pois as condições prevaletentes são excelentes e a atmosfera que foi criada é tremenda.

O que dissemos, podereis reproduzi-lo para os vossos amigos, muitos dos quais ainda não conheceis mas que se tornarão vossos amigos, pois servos-ão enviados porque estão em necessidade e, ao ouvirem, serão confortados. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados! A todos os que ouvem a voz do Espírito, eu digo: Não há morte, apenas aquilo que parece sê-lo, pois aqueles que outrora estiveram convosco e estão agora no Reino do Espírito, continuam convosco em pensamento, em mente, em harmonia e amor. Não há linha divisória se apenas quiserdes transpô-la. A morte não existe onde há amor.”

Depois de ter proferido esta mensagem para aqueles que eventualmente ouvirão as gravações das fitas, ou lerão as transcrições das mesmas, o nosso amigo anónimo voltou a sua atenção para nós e sentimos a sua presença envolver o círculo. “A Verdade”, disse ele suavemente, “tal como a entregaremos, libertar-vos-á, e a forma como trabalhamos convosco será uma revelação. Os meses seguintes trar-lhes-ão alegria, e sereis desenvolvidos e usados como instrumentos para uma Inteligência Superior. O caminho da Progressão Espiritual começou, de facto. A paz esteja convosco.”

Outros do nosso Grupo seguiram-se a este comunicador: o Mickey, o Rudy e o Jim Hawkins, e finalmente a sessão foi encerrada por um outro proveniente de um estado de ser semelhante ao do primeiro visitante. Nenhum nome foi dado, e a presença que se manifestou dentro da sala durante o discurso tornava uma impertinência qualquer pergunta.

O efeito de um contacto como este tende a pôr em relevo as próprias inadequações. Tenta-se reter o êxtase que, por um breve momento, nos fez sentir que era imediatamente possível tornarmo-nos a pessoa que Eles desejam para trabalhar. Mas nenhum crescimento ocorre rapidamente, e não é coisa fácil quebrar os hábitos de uma vida inteira. Os instrutores Espirituais nunca tentam produzir conversões súbitas porque sabem que os resultados não são duradouros. O despertar deve ser sempre um processo lento.

Infelizmente, a saúde do Leslie sofreu na primavera e passaram-se quase três meses até podermos marcar outra sessão, e este lapso em si foi algo como uma tensão, pois eu não estava muito bem e estava a ficar bastante irritável. O círculo estava a progredir, contudo, e porque tínhamos perdido tanto tempo

devido à doença, decidimos sentar-nos duas vezes por semana, mas quando eventualmente estabelecemos contacto novamente com os nossos amigos, o Charles repreendeu-me! As suas primeiras palavras foram: “Por que não relaxas? Seria muito melhor para nós!”.

Perguntei-lhe se ele sabia que estávamos a ter uma sessão adicional e o que pensava sobre isso.

“Estávamos perfeitamente contentes com uma noite por semana, mas se te sentes mais feliz com duas sessões por semana, continuaremos a cooperar convosco, mas não esperamos mais do vosso tempo. É porque tu, minha filha, estás excessivamente ansiosa que esta segunda sessão se desenvolveu!”

“Creio que possas ter razão”, disse eu. “Eu não creio. Eu sei!”, respondeu ele firmemente. “Não deves imaginar que podes apressar as coisas. Tornaste-te demasiado intensa e isso não é bom para ti, nem para os teus amigos, nem é de grande ajuda para nós! Deves aprender a relaxar e a aceitar o que vem ou o que não vem, percebendo que estamos a fazer tudo o que está ao nosso alcance. Esta intensidade tremenda é um grande entrave ao círculo e ao nosso trabalho.

Apreciamos todos os teus pensamentos nesta direção, mas não é bom deter-se demasiado intensamente nisto — ou em qualquer assunto, aliás. Tens de ser prática e manter uma perspetiva equilibrada; tens de viver e lidar com os problemas de um mundo material e encarar as tuas responsabilidades, embora eu não diga que te esquives a elas de forma alguma.” Houve uma pausa e ninguém falou.

Quando ele continuou, a sua voz era muito gentil. “Muita gente tem a ideia errada de que, para obter resultados, para se tornar um médium, tem de se desistir de tudo e ser tão intenso a esse respeito que o desejo quase se torna uma obsessão. Isso está completamente errado. Olhem para as sessões como um retirar-se do mundo, como uma hora de quietude, de paz e de Santa Comunhão — pois é isso que deve ser — para nos dar a oportunidade de nos ligarmos a vós.

Assumindo que as semanas passam e nada de muito especial parece estar a acontecer, lembrem-se de que estivemos presentes, trouxemos os nossos pensamentos sobre vós e o nosso poder de cura fortaleceu-vos e revigorou-vos. Há coisas na vossa vida terrena que são tão importantes como a nossa hora de comunhão, porque é através da vossa vida material que se desenvolvem e evoluem. Quando vierem para Aqui, compreenderão o propósito por trás de todas estas coisas. Sabes que me preocupa muito, e preocupa também os teus entes queridos.”

“Lamento, Charles”, disse eu humildemente. “Não quero causar preocupação a ninguém e tentarei fazer tudo o que pedes.”

“Bem”, respondeu ele gentilmente, “já te dei a minha palestra! Adeus.”

Embora o Rudy tenha apoiado o Charles em tudo, ele percebeu que eu estava um pouco cabisbaixa e falou de forma reconfortante. “Estás num estado terrível! Mas não te culpo; não tens estado muito bem devido a uma ligeira reação da operação e a certas preocupações domésticas. Todas estas coisas te puxam para baixo e é muitíssimo difícil controlar o sistema nervoso. Tens andado a ficar muito, como se diz?... exaltada! Bem, isso é um privilégio de mulher.” Ele riu-se, e a sessão prosseguiu para o seu encerramento num tom mais leve. A partir de então, por consentimento mútuo, mantivemos as nossas sessões apenas às segundas-feiras.

9

O ENCARNADO RELUCTANTE

Tendo em conta os meus sentimentos sobre o assunto, e apesar de terem sofrido uma vasta mudança à medida que o conhecimento substituíra a Ignorância, a redacção deste capítulo tem apresentado o empresa mais difícil de todo o livro, e tenho que admitir que, em não menos que três ocasiões eu perguntei a Rudy se eu poderia omitir certas revelações que ele tinha me dado. Ao que invariavelmente respondeu:

“Não gosto de meias verdades. Se vamos oferecer meias-verdades sobre este assunto, por que devemos esperar que o leitor aceite qualquer outra parte o livro como toda a verdade que nós sabemos que é?”

Isso pareceu-me uma resposta justa, pelo que eu defini que ia escrever esta narrativa tão imparcialmente quanto possível.

Até ser encorajada por ele a fazê-lo, eu não procurara deliberadamente informação acerca da reencarnação, pois eu estava contente por ter tido vislumbres de tempos passados por diversos quadros clarividentes durante o nosso desenvolvimento, juntamente com sonhos e visões, e eu não tinha vontade de investigar coisas que sentia serem irrelevantes. Não era como se a experiência que tinha desses clarões de memória fossem únicos, porque havia pouco tempo Jean lembrara um sonho em que ela tinha tomado parte activa, e quando ela relatou os detalhes a Rudy numa sessão anterior ele disse que pela descrição que ela fez podia muito bem ter sido um clarão de recordação para uma outra encarnação, embora ele próprio nada soubesse sobre isso.

Eu não estou familiarizada com a lei que rege o direito de ler um registro pessoal de vida, mas tenho notado que, a menos que isso se cruze no seu caminho, Rudy não parece ter o desejo de procurar as vidas passadas de outros membros do círculo. A única vez que ele confirmou qualquer existência anterior em relação a Jean, Stanley e John foi em referência a períodos em que ele próprio esteve encarnado e de alguma forma ligado a eles.

Esse tópico, entretanto, encontrava-se muito distanciado da nossa ideia na noite de 5 de maio de 1960. Era o véspera do aniversário de Rudy e do casamento da princesa Margaret. Londres estava em clima festivo e o tempo estava glorioso, tudo quanto contribuía para criar excelentes condições para uma sessão. A sessão já decorria há algum tempo quando perguntamos a Rudy se ele havia lido um certo livro que tratava da evolução do homem desde os tempos antes da Atlântida e Lemúria. (No mundo espiritual existe uma réplica de cada livro já escrito, o que é lógico porque o Pensamento ser a realidade de onde vem a palavra escrita.) Rudy respondeu pela negativa e disse:

“Há canais através dos quais a informação pode ser passada, mas é preciso sempre ter cuidado para que assunto não esteja a ser influenciado pela mente do instrumento. Precisam ter certeza da fonte ou então vocês poderão estar a receber o que é apenas um voo da fantasia. Analisa sempre essas coisas. Mas por que perguntas isso?

“Por revelar padrões de encarnação que remontam atrás até à Atlântida e até ao presente.”

"É interessante," exclamou Rudy, "mas eu não acho que algo que tenha acontecido assim há tanto tempo possa ter muito efeito sobre vós hoje; acha-se tão distanciado... mas... eu estou mais interessado em encarnações recentes, digamos, aquelas tidas nos últimos quatro mil anos! Mas quando regridem dez ou doze mil anos antes da vossa primeira encarnação, eu sinto que isso tenha apenas um interesse geral e não pessoal."

"Bem," disse eu. "E as mais próximas?"

“Ah!” Ele parou por um momento e depois acrescentou: “Que tal no tempo de Cesare Borgia?” (1478-1507)

"Prossegue!" Suspirei resignadamente - de todos os períodos, ele tinha que escolher o Renascimento!

Ele começou a falar rapidamente:

“Essa foi uma encarnação muito importante. Eu estive associado com a Itália então, mas eu não era um Borgia - embora eu estivesse ligado à família Borgia... e tu também estavas” - acrescentou ele e, enquanto a sua voz recordava a luta e a intriga de província contra província, casa contra casa, e eu comecei a perceber que ele estava gentilmente a conduzir-me a uma compreensão dos medos e aversões que eu tinha profundamente arraigados, a trazer as verdades à tona para me ajudar a dissipá-las.

“Algumas famílias uniram-se,” ele disse, “mas noutras reinava muita animosidade. Em certas ocasiões eles livravam-se de certas pessoas que se intrometiam no seu caminho, mesmo que fosse um irmão ou uma irmã...”

Cuidadosamente, ele contornou o assunto e em seguida, associou-se diplomaticamente à situação, inferindo que havia um vínculo de simpatia a ligar-nos com esse período.

“Eu também tive algumas experiências muito desagradáveis com os Borgias. O mais estranho é que eu me tenha sentido tão ansioso por representar o papel de Cesare num filme! Eu percebo agora que tenha sido um retrocesso à minha encarnação anterior quando fui afectado pela família. As nossas famílias não eram exactamente inimigas, mas certamente que não estávamos em termos amigáveis. . . Oh! Eu tive muitos 'problemas' com os Borgias!”

"Terei eu sido um membro de uma família amigável?" Perguntei eu ansiosa.

"Não!" Ele riu baixinho. "Tu estiveste do lado dos Bórgia..."

"Oh não!" Lamentei eu. “Que malta! Deixa-me ver como é que ela se chamava... Lucia...”

"Lucrezia," corrigiu-me ele. “Mas ela não era tão ruim quanto é pintada. A história difamou-a muito. O irmão dela era muito mais perigoso. É estranho que eu tenha querido representar esse personagem, e também a de Benvenuto Cellini. A maioria dos meus filmes sofreram um retrocesso a encarnações anteriores. Em uma encarnação eu vivi na Índia [o filme ‘O Jovem Rajah’] em outra no deserto [dois filmes] e noutra no antigo Egipto.”

"Ah!" Disse eu: "Eu quisera que tivesses representado essa parte." Eu tinha tão claro na minha mente o papel que ele representava que eu esqueci de dizer em que papel eu estava a pensar.

"Referes-te ao Remesses?"

"Claro!" Respondi eu. "Você terias estado maravilhoso nesse traje."

"Eu teria gostado de interpretar esse papel, muito mesmo... Mas já não tinha que ser. Eu suponho que a maioria da vivacidade dos meus filmes se tenha devido a esses retrocessos ao meu passado, embora não tenha percebido isso. Mas às vezes, quando eu estava representar ou a ensaiar uma cena, era como se eu não fosse... eu próprio. Eu costumava-me sentir muito estranho; é difícil explicar."

"Eu conheci-te na encarnação do deserto?" Perguntei.

"Conheceste, sim," respondeu ele resolutamente.

"Isso explica por que esse filme me causou uma maior impressão, suponho," recordei eu.

"Ugh!" grunhiu Rudy. "Referes-te a esse filme terrível 'O Xequie?'"

"Não, eu nunca vi esse. Eu referia-me ao último que fizeste." Mas ele ignorou a resposta que dei e prosseguiu: "Eu nunca gostei dele; Foi um filme muito ruim por eu não ser nem uma coisa nem outra... pshaw! Eu não era nem Xequie nem Italiano! Ele fez outro grunhido de repulsa e depois riu. "Eu não sei o que era suposto que eu fosse! Eu não consegui fazer nada daquilo. Eu não consegui criar, argh! Eu tive que fazer o que me foi dito por Melford."

Agora foi a nossa vez de rir porque eu não achar que Rudy não tenha aceitado gentilmente o que lhe diziam que fizesse da parte de quem quer que fosse, especialmente se isso fosse contra o seu próprio instinto. Ele continuou:

"Eu tentei incutir-lhe um personagem, mas era uma história melodramática, ridícula..."

Eu quase pude vê-lo a encolher os ombros quando ele disse:

"Fez-me um muito bem, suponho que devo sentir-me grato por isso. Eu só gostei de representar o último por eu ter sido capaz de interpretar as duas partes, o pai e o filho ['O Filho do Xequie'] e isso deu-me a oportunidade de retractar um papel de personagem e de trabalhar com Fitzmaurice, para quem eu há muito queria trabalhar. Mas olhando os meus filmes agora, não sei... todos me parecem tão antiquados! Eu gostei mais de representar o Juan ['Sangue e Areia'] e depois o Julio [Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse].

Eles eram os meus dois personagens favoritos. Ah, e o Monsieur Beaucaire (Duque de Chartres). Nesses eu era capaz de desenvolver algo, eu pude acreditar no que eu estava a fazer - criar um personagem, e saber que eu estava a interpretar alguém de carne e osso, alguém que tinha coração e sentimento. Eu não era apenas uma coisa falsa vestida... uma coisa ou outra! Adorei representar Gallardo [Juan Gallardo, 'Sangue e Areia']. Eu acho que, em muitos aspectos, Juan Gallardo foi o meu papel favorito."

"Alguma vez tiveste uma encarnação Espanhola?," Perguntei.

"Estranho dizer que não me lembro de nenhuma. Mas talvez isso não seja correcto porque eu sei que eu tive uma encarnação Moura, e precisas lembrar-te que os Mouros conquistaram o Sul da Espanha, mas uma lembrança da minha parte é quase inexistente. Entendo que tive dezoito encarnações."

"Dezoito!" Repetimos nós, em coro.

"Dezoito," repetiu ele.

"Um dia hei de explicar mais detalhadamente isso da reencarnação e como ela desempenha um papel importante nas nossas vidas, como nos misturamos, porque nos unimos e com que propósito, não só para fazer este trabalho, mas por outras razões mais complexas, porventura. Enquanto isso, quero agradecer-lhes muito por terem vindo juntos na véspera do meu aniversário terreno. Eu agradeço todos os pensamentos gentis que vocês me dirigem, e estou feliz por, em alguma pequena medida eu poder pagar-lhes. Eu preciso ir. Eu deixo-os com o meu amor e as minhas bênçãos. Continuem o bom trabalho, cada um de vocês, e lembrem-se que eu os amo. Adeus. Arrivederci."

Pelo menos dois dos filmes de Valentino tiveram recordações do passado incorporados na trama, "O Jovem Rajah" e "Cobra." Ele também participou no papel de um Mouro num filme que nunca foi lançado, chamado "O Falcão Encapuçado." Ele desempenhou o papel de um Francês em vários filmes, entre os quais "Monsieur Beaucaire." Ele foi Espanhol em três filmes, Indiano em um, Árabe em dois, e o papel que parece não ter qualquer conexão com o seu passado tem um Cenário Russo no filme "A Águia."

A sua casa, Falcon Lair, foi mobilada no estilo Renascentista que ele amava. O seu emblema pessoal tomou a forma de uma cobra, e fora colocado como mascote no capot do seu carro, na sua cigarreira e isqueiro. Terá sido mera coincidência ele ter escolhido esse símbolo que não era considerado ideal por muitas pessoas, ou terá ele sido influenciado pela sua encarnação Egípcia ou mesmo pelo seu guia Meselope?

A cobra Egípcia (haje) era o símbolo usado no cocar de divindades e reis no antigo Egito. Nas semanas seguintes, estudei história Italiana entre os anos 1450-1550 e nunca me senti mais confuso! O que abundava de brigas entre famílias, revoltas, guerras e assassinatos, fez-me sentir mais relutante do que nunca em aceitar a parte que tenha tido nisso, mas fui infalivelmente conduzida pelo labirinto, seguindo os símbolos familiares que nós pensamos serem tão pouco importantes durante a nossa clarividência precoce, e em Junho eu havia desvendado o fio que pressenti que eu tivera.

Como uma antiga opositora à reencarnação, sempre fora da opinião que raramente se ouvia falar de um não entidade reencarnada, mas só de alguém famoso. No entanto, isso explica-se já que as pessoas dotadas de uma “memória longa”, recordam apenas as experiências mais vívidas, enquanto as vidas rotineiras como a encarnação Moura de Rudy desvanecem-se no esquecimento. Eu acho que muitas vezes a interpretação se torna confusa ao vermos por clarividência, ou "lembrarmos," uma figura histórica vestida à moda de um certo período em que a pessoa que recebe a visão também tenha vivido. Obviamente que toda mulher de nota do Egito dessa época vestia como Cleópatra, mas isso não significa que uma mulher de hoje, que se veja ou sinta psiquicamente vestida da mesma maneira, tenha ela mesma sido a famosa rainha, mas possivelmente um dos seus súbditos menores. Talvez seja por essa razão que tenha havido tantos pretendentes a certos personagens coloridos na história do mundo, mas, como até onde me é dado saber, não tenho rivais da minha personalidade nada invejável que existiu no século XV.

Se alguém aparecesse na cena, eu de bom grado cederia a minha reivindicação sem hesitações. A confirmação de que as minhas descobertas estavam correctas não foi dada de forma dramática e eu não fui encorajado a insistir no assunto. Foi a 17 de Junho para ser mais precisa que organizamos uma sessão com Leslie, que havia anunciado alguns dias antes que ele e uma pequena comitiva de amigos ia visitar Castellaneta em Agosto; é claro que não sugeriu que nos reuníssemos a eles já nós não nos tínhamos recuperado financeiramente do revés de Anthony e da minha doença, mas eu não conseguir banir completamente um leve sentimento de decepção quando a sessão começou. Rudy, entretanto, não fez qualquer tentativa de esconder a tristeza na sua voz quando disse:

"Eu sinto muito por não poderes ir para a Itália este ano, mas tu irás, provavelmente na primavera. É meu desejo que devas ir, e eu sei que tu vais. Eu só queria poder tornar isso possível agora, todos nós aqui gostaríamos de te ajudar, mas há coisas que estão além do nosso controlo."

Em parte para mudar de assunto e, claro, para me convencer eu observei alguns momentos depois:

"Eu tenho lido muito acerca da história de Itália desde a nossa última conversa."

"Ah, ah!" Exclamou Rudy com ar de conhecedor.

"Isso é o que esperavas que eu fizesse, não era?" Eu perguntei-lhe.

"É claro," respondeu ele. "Bem, sabes que houve um período na minha vida em que eu fui um membro da família dos Bórgia - mas eu não fui Lucrécia."

(A experiência de vida de ambos os sexos é necessária ao desenvolvimento da alma.)

"Não," disse eu. "Quem foi?"

"O que foi que disseste?" Ele interrogou-me por a minha voz evidentemente ter esmorecido.

"Quem foi?" Repeti eu.

"Tu," foi a resposta firme que me deu. Eu balancei a cabeça e disse: "Sim, eu sei... e tu... foste o Alfonso?" Ele não respondeu e eu percebi que eu não tinha deixado claro a qual Alfonso me estava a referir, pelo que me apressei a rectificar a omissão. Alfonso di Bisceglie (Aragão)?

"É isso mesmo," veio a resposta calma, "mas foi tudo há muito tempo atrás. A certa altura tivemos um história muito interessante em Florença; nós tivemos uma carreira extraordinária! Eu estava muito interessado em Arte e tu também, mas as brigas de família e todos aqueles transtornos... Oh! Está tudo tão distante... mas aprendemos com essas coisas, graças a Deus! Às vezes precisamos questionar-nos do porquê de termos que voltar."

"De facto fazemos!" Concordamos unanimemente.

Na longa conversa que se seguiu ele deu três razões distintas para uma alma retornar à Terra, ao que estou a adicionar algumas explicações nas minhas próprias palavras, que podem ajudar a dissipar a causa de certas opiniões irreconciliáveis sobre isso. Às vezes nos estágios iniciais da evolução a escolha é feita para nós por uma Autoridade Superior, como nosso único meio de ganhar experiência e progressão, e parece haver uma roda interna de retorno quase automático que governa a entrada e saída da encarnação, com escassa selecção das circunstâncias. Desde que o alma ganhe experiência terrena, não importa aquilo em que essa experiência consista, até um certo estágio. Pode ser comparado a uma criança que aprende a transformar letras

em palavras. Naturalmente muitos erros são cometidos e a alma aprende sofrendo com os efeitos desses erros.

Essa é a causa e efeito, e somente quando os efeitos são rectificados por essa alma através da sua própria progressão e desejo interior de expiar, pode ela aspirar ao estágio seguinte. Depois é a questão de progressão quando ela escolhe por sua própria vontade retornar e corrigir uma dívida cármica, como a criança se oferece voluntariamente para sentar-se novamente a fazer um exame.

Há também uma escolha pessoal que é feita a fim de ganhar experiência em uma determinado direcção. Por isso, muitas vezes escolhemos os pais que nos moldam ou nos rodeiam com os condições requeridas. Não importa quais sejam essas condições, elas nunca podem ser julgadas pelos padrões materiais, e muitas grandes almas evoluíram a partir de condições de pobreza, dificuldades, doença e até mesmo de deficiência física.

Às vezes somos solicitados a retornar para fazer um certo trabalho, e as oportunidades para fazer esse trabalho específico serão apresentadas muitas vezes, de muitas maneiras, mas o nosso livre-arbítrio ainda pode rejeitar ou ignorar essas oportunidades. O resultado será que nós voltemos mais uma vez, pois nenhuma alma se afasta para sempre da Vontade de Deus.

Cada retorno traz uma quota de livre arbítrio que é o direito de nascimento de toda a personalidade, mas e acima dessa posição há o livre arbítrio do Eu Superior que decretou o retorno em o primeiro lugar, e finalmente a Vontade da Consciência Divina, mas nenhuma delas condenar se o livre-arbítrio da porção encarnada malograr o seu próprio destino temporariamente; a acento é colocado na palavra “temporariamente,” porque o tempo é uma ilusão. Não é importante por quanto tempo a viagem leva ou quantas tentativas sejam feitas para subir de um estágio a outro, ou quanto tempo decorra entre encarnações. Em certos casos, pode dar-se retorno imediato, e naturalmente, com o amor como força vinculante, os membros do Grupo que tiverem seguido em frente sempre procurarão e encorajarão os mais lentos ao progresso, que é enfatizado mais uma vez pelas últimas frases do discurso de Rudy quando ele disse:

"Há uma razão para o meu trabalho na Terra estar a ser concluído - isto é, o meu retorno num corpo físico; mas eu ajudo muitas pessoas, e tenho me manifestado em vários momentos através de muitas pessoas. Eu não venho apenas ao vosso grupo. Eu trabalhei através de outros e ainda estou a estabelecer contacto através de outras pessoas em várias partes do mundo. Nós que servimos nos damo-nos completamente em serviço e buscamos aqueles que estão em sintonia connosco - àqueles a quem estamos estreitamente

ligados por laços de amor e experiências passadas, e através de quem esperamos fazer um trabalho específico.

Estamos a esforçar-nos por reunir um vasto grupo de almas no vosso mundo e no nosso, para combater o mal e evitar a repetição de tragédias que no passado foram a maldição da humanidade. Mas, como sempre, esse trabalho só pode ser feito com humildade e, invariavelmente, por meio dos mansos e dos humildes. Cristo e todos os Grandes, seja São Francisco ou outros que vêm com o nosso grupo para se unir a vós, todos são humildes na estimativa que fazem de si próprios. Continuem este grande trabalho, meus amigos, lembrem-se que somos servos de Deus e que não podemos falhar.”

Antes de encerrar esta parte do capítulo, devo mencionar que o título que escolhi para ele não obteve a aprovação de Rudy. De acordo com os ensinamentos, eu não deveria sentir-me relutante em ser chamada ao serviço em qualquer estrato da vida que seja, e não está de acordo com os ensinamentos dos Grandes ressentirmo-nos da escola; tudo deve ser encarado como uma emocionante aventura, e as fases mais monótonas devem ser aceites filosoficamente. Mas eu não superei completamente a aversão que sentia por esse retorno constante, e quanto mais eu desenvolvo psiquicamente mais me torno consciente de restrições físicas. Isso, entre muitas outras coisas é algo que eu ainda preciso superar, e deve-se ter em mente que em relação a mim, Rudy usou muito material bruto, e como eu não estou a escrever este livro em retrospecto, devo apresentar as minhas reacções imediatas para ser fiel a mim própria. A minha atitude pessoal de relutância é uma que devia ser evitada.

Essa observação, no entanto, pode fornecer uma introdução adequada aos detalhes da linha Borgia da seguinte forma: Rodrigo Borgia tornou-se o Papa Alexandra VI. Ele tinha, entre outros, quatro filhos “naturais” de Vanezza Catanei: Juan (Giovanni), Cesare, Joifre e Lucrezia. Era Cesare que governava a família à força, de modo que até mesmo o papa tinha medo do seu filho a quem ele havia tornado um cardeal e que teve o título de duque de Valentino, embora ele no fundo fosse um soldado e um soldado cruel. Pai e filho arranjaram que a Lucrezia de treze anos de idade se casasse com um homem mais velho, Giovanni Sforza.

Difícilmente poderia ser chamado de casamento, e num livro reza que ela levou as suas bonecas com ela para Pesaro. Quando se tornou politicamente conveniente Cesare providenciou um divórcio à sua irmã, ameaçando a vida de Sforza a menos que ele concordasse, já que os Borgias queriam poder sobre os membros da casa de Aragão, e posse das suas terras. Então um casamento foi arranjado entre Lucrezia, agora com dezassete anos e o príncipe de Nápoles, de dezanove anos. Alfonso di Bisceglie.

Durante um ano tudo correu bem; o jovem casal vivia num castelo em Nepi, ao norte de Roma, e em 1499 nasceu um filho, Rodrigo, Duque de Sermoneta. Ele foi batizado na Capela Sistina, pouco antes de ser tão primorosamente adornada com obra de Miguelangelo. Juan (Giovanni), duque de Gandia, não estava a cooperar politicamente, pelo que Cesare mandou-o assassinar apesar mesmo de ele ser seu irmão! A seguir ele voltou o olho da cobiça para o norte, para as terras ricas de Romagna, e como a sua irmã ainda era atraente o suficiente para ser usada de novo como um peão no jogo, Cesare decidiu levá-la a divorciar-se de Alfonso di Bisceglie... mas surgiram dificuldades. De acordo com os historiadores, ela amava o marido, e essa devoção não era encorajado nos círculos judiciais.

Os amantes eram à dúzia, mas os maridos meramente uma conveniência por arranjo. Alfonso foi igualmente dedicado e para cúmulo das dificuldades legais, a criança era legítima. Três grandes obstáculos que tornavam o divórcio impossível. Cesare sentiu-se justificado em decidir que o jovem príncipe de Nápoles precisava ser afastado. O papa, sabendo do perigo, ordenou que o casal voltasse para Roma e fez o seu melhor para os proteger, por estar profundamente ligado à sua filha. Mas uma noite Alfonso foi atacado e terrivelmente ferido. Ele foi levado para os apartamentos de Lucrezia numa casa perto do Vaticano, onde ela e a irmã de Alfonso, viúva do duque de Gandia, cuidaram dele durante diversas semanas, não permitindo que ninguém mais chegasse perto dele; eles até prepararam a sua alimentação, mas não adiantou.

Certa noite, o papa mandou chamar Lucrezia e, enquanto ela esteve ausente, dois homens, contratados por Cesare, invadiu o apartamento e estrangularam o indefeso Alfonso. Foi antes desse terrível acto que se conta que Cesare terá dito, "O que não foi terminado no jantar será concluído à ceia!" Todo o mísero acto foi abafado, tanto quanto podia ser e Lucrezia foi enviada de volta a Nepi com o seu filho bebé para enfrentar a sua viuvez. Depois de um curto período, o seu casamento seguinte foi arranjado, desta vez para Alfonso d'Este de Ferrara.

O seu filhinho foi entregue aos familiares da família Borgia, e numa carta (uma das muitas ainda preservadas no Museu de Milão) ela disse à sua futura cunhada Isabella d'Este: "São-me dadas ordens para voltar a Roma. Não há nada que eu possa dizer; Só posso chorar. Da sua infeliz Princesa de Salerno."

Alfonso d'Este foi um homem amável e ela foi uma boa esposa e mãe. Ela teve sete filhos, não todos os quais sobreviveram, mas a sua grande tristeza foi a morte aos treze anos de idade do seu primeiro filho, que nunca obteve autorização para voltar à sua mãe. Ele morreu em Ban. Ela viveu mais cinco anos e morreu de parto aos trinta e nove, em 1519. Não foi uma

passagem fácil e ela sofreu fortes dores de cabeça, e na crença de que lhe aliviaria a angústia o seu longo cabelo dourado foi-lhe cortado; ainda se encontra preservado no Museu de Milão, onde trezentos anos depois, Lord Byron tentou roubar um fio de cabelo.

Felizmente, voltamos agora a 1960. É sempre um interesse acrescido quando um recém-chegado se empenha para se comunicar pela primeira vez, e a sessão de 5 de Agosto estava a prosseguir de forma muito hilariante, por conta das férias de Leslie que se aproximavam, e estávamos a aguardar a presença de Rudy com excitação, quando surgiu uma voz estranha:

“Estou a ouvir a conversa e devo dizer que acho tudo muito interessante. Eu não sei se vocês conseguem ouvir-me, conseguem? Esta é minha primeira tentativa de falar convosco desta maneira; como estão?”

Nós trocamos saudações com este cavalheiro muito preciso, que continuou:

"Meu o nome é Gregory. Pelo menos esse é um dos meus nomes e será suficiente, espero eu, pois acontece ser um dos meus nomes terrenos e um por que eu tive preferência.

“Eu fui membro da Igreja e vim aqui em 1827, quando estava quase com oitenta anos. Eu nasci no que vocês chamam de século XVIII, e durante muitos anos eu preguei o Evangelho. Eu nunca passei por nenhuma destas experiências que vocês chamam de espiritualismo... é um termo,” assegurou-nos ele apressadamente.

“Às vezes interrogo-me, quando vou a algumas destas reuniões, de quanta espiritualidade reina neste espiritualismo! Parece muito pouco, mas não estou pessoalmente a criticar, estou a tentar dar a conhecer que durante um longo período, tive o hábito de visitar sessões... reuniões... e eu devo admitir que há uma grande escassez de médiuns de mérito. Existem muitos desses assim chamados instrumentos que, francamente, são de pouco crédito para a questão, e para o trabalho.”

Espero que Gregory me perdoe por eu fazer uma observação aqui, pois o pensamento passou-me pela mente, mesmo quando ele estava a falar. Se não fosse pelo clero das várias Igrejas ao longo das eras, hoje teríamos muitos mais médiuns eminentes. Mediunidade é um dom hereditário, e a Igreja precisa ser responsabilizada pela escassez que Gregório referiu, porque durante anos os médiuns foram queimados na fogueira como hereges e bruxas.

Ele prosseguiu:

“Espero não os estar a maçar. O que eu realmente lhes vim contar... Eu espero que vocês não pensem que eu sou um velho prolixo fulano de tal. Eu fui trazido às vossas reuniões há algum tempo atrás, e eu estava muito intrigado e impressionado com a vossa sinceridade, que é muito importante. Eu acho que vocês deverão vir a ter um grande sucesso, a julgar pelas almas que são atraídas ao vosso grupo, onde as condições e o ambiente são excelentes.

“Claro que a minha história remonta a muito tempo atrás. Eu nasci na década de 1740 e lembro-me da Revolução Francesa, mas quando digo que me lembro, não quero dizer que estivesse associado a ela, mas vivi nesse período - neste país, é claro. Numa outra altura precisarei contar-lhes várias coisas que lhes interessam, porque de uma maneira indirecta elas estão ligadas ao vosso pequeno grupo. Essa é uma das razões pelas quais eu fui trazido até vós.

Stanley perguntou se ele tinha estado associado à Igreja em Londres.

“Eu estive, durante vários anos, e também a Canterbury... eu irei falar sobre isso numa outra altura. Eu sei que vocês estão à espera de uma alma especial e eu não vou inibir a vossa sessão de maneira nenhuma. Deus os abençoe.”

Fizemos investigações na Biblioteca Pública e no Museu Real de Canterbury, onde o bibliotecário da cidade pesquisou muito gentilmente os registos da catedral. Naturalmente procurávamos o sobrenome Gregory, e encontramos dois entre 1764 e 1803, mas não podemos levar a nossa investigação adiante por nos faltarem informações suficientes.

Gregory mal parara de falar quando Rudy explodiu de excitação, e o resto do tempo foi dedicado ao feriado que se aproximava. Eu nunca o tinha ouvido tão exuberante e, conseqüentemente, tão envolvido com o Inglês. Ele não conseguia colocá-lo em ordem, e nós rimo-nos muito às suas custas. Outro estranho maneirismo tornou-se evidente e foi assim que ele pulou de um assunto para outro. Ele sugeriu que nos devíamos sentar em círculo no aniversário de 23 de Agosto, e prometeu estar connosco na reunião nessa altura, e com a comitiva em Castellaneta ao meio dia. Então, de repente, ele perguntou-me como eu tinha conseguido fotografia dele no traje usado no filme "O Jovem Rajá."

O facto é que eu não tinha tal coisa na minha posse! No entanto, durante esse mês foi-me apresentada uma gratuitamente pelo editor de um jornal. E então ele disse:

"E quanto ao medalhão?"

Eu não tinha ideia do que ele quis dizer, e seguiu-se que ele estava a contar dar-me um presente de um medalhão, e estava com a impressão de que já havia mencionado isso numa sessão anterior. Esse presente não tem materializado, mas estava ligado a um artigo escrito sobre um medalhão que Valentino supostamente levava com ele que resultou na fotografia do Rajá que me foi enviada!

Mais uma vez a conversa disparou em tangente. "Eu não me esqueci da poesia," disse ele.

"Que poesia?" Eu perguntei estupidamente.

"A poesia que eu vou escrever através de ti!"

Isso foi uma novidade para mim, mas eu tentei preparar-me para a ocasião dizendo cheia de esperança: "Consegues fazer isso?"

"Claro! Eu vou te impressionar ocasionalmente quando tu menos esperares.

"A serenata de mil anos atrás..."
(E nós pronunciamos as linhas juntos):

A música de uma boca em silêncio
Vive para sempre no copo de hoje
Em que vemos o reflexo dela
Se nós apenas afastarmos
As teias de aranha de uma fé duvidosa.
("Daydreams" - R. Valentino)

"Meselope compôs isso através de ti!" Disse eu.

"Sim, e através de ti, eu, Meselope, Blackfeather e outros em breve escreveremos, e um dia... FALAREMOS! Eu tenho que ir dentro de um minuto, mas não esqueças que eu estarei convosco todos no dia 23, na noite com o círculo, e com o resto em Castellaneta especialmente ao meio-dia. Deus vos abençoe."

Antes que se passasse uma semana, eu havia escrito um poema que me veio à mente enquanto eu estava a passar a roupa a ferro. Para quem é talentoso nesse sentido, isso significaria muito pouco, mas para mim que dificilmente conseguiria rimar "June" com "moon" foi uma coisa maravilhosa. Uma semana mais tarde veio outro e um outro a seguir. No começo eu tinha consciência de um latejar através da minha cabeça; muitas vezes eu via o

assunto por meio de clarividência e, em seguida, assim que eu pegava em papel e lápis as palavras fluíam, mas nem sempre na ordem correcta.

Se as condições fossem difíceis, apenas duas linhas de cada vez me seriam dadas, e geralmente eu pressentia a identidade do comunicador. Quando o compasso de “Hiawatha” tinha início eu tinha que largar o que estava a fazer e pegar em papel e lápis. O poema “Oração” de Blackfeather foi feita em oito minutos sem uma única alteração, enquanto “Luz” levou um dia a ser concluído.

Cito alguns a fim ilustrar os diversos estilos, e com o poema de Rudy “Sonhando” ele transmitiu que se seguiria um outro que veio um mês depois! Um verso do poema “Amor” ele fez passar enquanto eu estava a descascar batatas! Eu não esperava mais que um verso, mas outro foi acrescentado três semanas depois. Até ao momento reuni dezasseis poemas, que serão publicados numa data posterior sob o título de “Folhas Caídas.”

AMOR

O amor é uma jóia que fica trancada na terra
Não descoberta pelo homem, uma coisa sem valor.
Não surge na superfície acima
Só com a sua própria força, porque nem mesmo o amor
Pode existir totalmente, sem ser procurado,
Polido, moldado e habilmente trabalhado,
Pelo suor e pelo trabalho, desenterrado através das lágrimas
Que assedia a alma, através de longos anos.
Não pode ser comprado pelos comerciantes por dinheiro
Para comprar e vender como se fosse lixo.
A jóia que é amor tem o seu próprio valor especial;
O tesouro do Espírito, como eu sempre te digo,
Está a brilhar e brilhante, muito tempo após o ajuste
Desvaneceu-se e desapareceu, e nem mesmo a inquietação
Pode diminuir o brilho, nem manchar o ouro,
Da jóia que é sua, para teres e segures.

ORAÇÃO

A oração é como o penacho de fumaça cinza
A subir do calor da fogueira,
A ondular para cima para os céus
Como um novelo de cisne voador.
Para cima, para a frente para os céus
Seguem as orações de muitos irmãos.
Das terras distantes cruzam a água
Das terras frias debaixo da neve,
Cada um tem a sua própria expressão

Pode ser madeira ou até mesmo pedra.
No entanto, a cada um é dada a linguagem,
Linguagem doce com a qual expressar,
Orações de agradecimento a todos na natureza
Seja selva, floresta, planície
Cada uma tão linda quanto a outra,
Nenhuma é escolha melhor.
Assim é a voz dos irmãos
Mesclados juntos, como as águas
Varrendo em direcção ao mar.
Águas salpicadas de espuma; névoa pulverizada ascendente;
Voz dos irmãos, louvando-te a Ti.

SONHANDO

Como o orvalho a derreter na relva na manhã
São os sonhos que desaparecem com o romper da aurora.
Mas há outros, vívidos e brilhantes,
Que duram tão claro quanto a própria luz do sol,
Que abrangem os anos e recuam no tempo
Para terras distantes quando tu eras minha.
Onde areias movediças transformam o mundo em ouro
Nasceu o amor que nunca mais irá esfriar.
Quantas vezes parece que passamos por aqui
Embora as memórias desapareçam ao romper do dia,
Foram-se os sonhos que assediam a noite,
O amargo, o doce, mas todos unidos
Para enriquecer a alma e libertá-la,
Recapturar a alegria de quando tu me amavas.
E em canções e lendas que nunca serão contadas
A nossa própria história de amor; agora séculos de velha.

LUZ

"Haja luz," foi certa vez foi dito,
E aeons atrás através da vastidão lá acelerou
Da Origem Divina, um pensamento criativo
Que reuniu em torno de si linhas de força,
E construiu a forma do embrião Mente
Que já incluía o germe da humanidade.
Longas eras passadas na escuridão do espaço
Antes que átomos diminutivos comesçassem a pulsar,
Pois nada é vazio e nada permanece imóvel
Tudo devem estar de acordo com a vontade original.
Cada sistema em miniatura refletindo o todo
Mas ainda não pronto para nutrir uma alma.

Veio a mudança e a reação, a fusão e o calor;
Lentamente os núcleos começaram a bater
A consciência amanheceu pelo poder de criar
Sempre o menor refletindo o Maior.
Um plano estava em acção, a espiral começou
O palco definido para o homem, com o surgimento do sol.
Agora, a Mente do Mestre consciente de todas as manifestações
Os seus trabalhadores e re-eco a chamada. "Haja luz," como já foi dito
E a vida inspirada pelos chamados mortos
Iluminará o mundo e o libertará,
E uma miríade de almas retornará a Ti.

10

VALORES ETERNOS

LESLIE e a pequena comitiva de amigos receberam uma recepção calorosa em Castellaneta da parte do meu amigo Franco Loglisci e sua família que serviram de anfitriões, assim como do prefeito e dos membros do Clube Valentino. Leslie colocou uma magnífica coroa de gladiolos vermelhos no War Memorial a 23 de Agosto de 1960, e trouxe de volta algumas fotografias muito interessantes e filme cinematográfico. Mas o incidente mais estranho entre diversos, foi de tal forma sem importância e casual ao tempo da sua ocorrência que mal se fez notar.

Aconteceu enquanto os visitantes estavam hospedados em Taranto. Foi decidido explorar a paisagem circundante antes da visita semioficial a Castellaneta (que por sinal provou ser muito maior do que era esperado, já que tem aproximadamente 16.000 habitantes), de modo que, quando ao final da tarde eles viram um autocarro com destino a esse lugar, e a indicar uma rota muito indirecta, não resistiram a embarcar. Sendo turistas conspícuos, cada um armado com uma câmara chique, eles atraíram mais atenção do que desejavam.

Um jovem de uns dezoito anos pareceu bastante fascinado por eles, e depois que Leslie lhe ofereceu um cigarro, ele tentou meter conversa, especialmente quando ele descobriu que o destino deles também era o dele, o que resultou que ele os levou a sua casa para conhecer a sua família e o seu irmão Reno, que sabia falar Inglês. Verificou-se que tinha sido concedida a Reno uma licença especial da Força Aérea Italiana para actuar como intérprete

no dia seguinte a um outro comitê de visitantes ingleses que estavam a representar o Grémio Memorial do Valentino!

Vocês conseguem imaginar a diversão tudo isso causou quando os factos foram esclarecidos. O jovem Bruno ficou muito orgulhoso com o encontro casual, especialmente por ter levado a um convite para visitar Londres se a oportunidade alguma vez surgisse. Conhecimento do acaso? Isso foi o que pareceu; apenas mais um conhecimento fugaz de feriado.

Quando os viajantes voltaram para casa, participamos de uma sessão maravilhosa na qual Rudy foi o único comunicador, e ele dedicou a primeira parte ao feriado, falando mais tarde ao nível superior da personalidade “Rudy” sobre assuntos mais sérios. Por causa do espaço, contudo, eu posso citar apenas frases isoladas da maior importância, que eu espero que não sejam muito desarticuladas, e vou inseri-las sob as diversas legendas que eu usei no meu caderno de notas.

PEREGRINAÇÃO A CASTELLANETA

Rudy: "Não só eu estive presente o dia todo, como comigo esteve a minha mãe, o meu pai, a minha irmã [Beatrice que morreu quando criança] e muitos outros ligados à cidade; em boa verdade, havia mais gente de Castellaneta do Nosso Lado do que do vosso! A impressão que vocês têm é que há um duradouro que venha a aumentar com o tempo.

Vocês vão-se tornar parte da cidade, eventualmente, e vocês já começaram algo que levará muito tempo a ser concretizado, pois vocês estão a ser usados pelas Forças Superiores, não só por mim, mas por aqueles que estão muito mais acima do que eu, para fazer o trabalho que irá influenciar várias pessoas para desenvolver um Plano Superior de pensamento e ajudar-nos a romper as barreiras. Colocar a Verdade no lugar da falsidade e consolar aqueles que não vêem a luz. Dar-se-á uma ampliação da visão, e àqueles que respondem será dada a oportunidade de servir, como vocês servem. Esta é uma parte do nosso trabalho que requer muita paciência."

UM ELO RECÉM-DESCOBERTO NA CORRENTE DE LIGAÇÃO

"As coisas que lhes aconteceram não foram coincidências; elas foram pré-organizados por mim e por outros, e um dia vocês verão com maior clareza o padrão da tapeçaria que está a ser tecido. Por exemplo, vocês serão capazes de dar assistência ao jovem que vocês conheceram no autocarro. Ele é um membro do nosso grupo, uma alma antiga, muito mais velha do que vocês imaginam. Há muito dentro dele que é ótimo e bom, mas ele é como um pássaro no ninho que precisa usar as suas asas, e vocês podem ajudar nesse sentido, mas não fiquem muito ansiosos;

Esperem pela vossa vez. É em razão disso que vocês foram enviados a Castellaneta; não foi só para ver a casa onde nasci e tirar fotografias. O trabalho que fiz nos filmes pouco importa para mim em comparação com a influência que eu tenho sido capaz de exercer sobre muitas pessoas desde a minha morte, e essa influência tem sido sentida num sentido muito mais elevado. Através desse jovem eu poderei ajudar outros, mas vocês entenderão mais disso daqui a um ano.”

O PADRÃO DE EVOLUÇÃO

“O meu advento junto a vós não é o que parece superficialmente. Nós não pensamos na Vida como uma mera jornada do berço até a sepultura. Pensamos na Vida como algo que flui através de muitos corpos, através de muitos períodos da história, quando todos nós somos apanhados e unidos por um tempo. Às vezes perdemos-nos, apenas para nos unirmos novamente até o momento em que o trabalho que estamos prontos a fazer seja concluído.”

“Eventualmente as condições materiais desaparecem e vemo-nos livres. Esta liberdade do Espírito é algo que não podemos descrever; é uma liberdade que sentimos; ainda assim, embora nos sintamos livres, nós ainda estamos ligados uns aos outros, mas com a liberdade do amor que é eterna.”

A EXPERIÊNCIA DO SOFRIMENTO

“Eu estou grato por toda a experiência e por tudo o que aconteceu nas minhas existências, seja o que for que eu possa ter sofrido. De facto, é somente através do sofrimento que o homem acaba elevando-se às Alturas.”

A CORRENTE DA VIDA E A ILUSÃO DO TEMPO; CONTAS NUM COLAR

“A cada um é dada uma tarefa que faz parte de todo Um Plano. À medida que cada um cumpre a tarefa que lhe foi atribuída também chega um pouco mais adiante, e isso permite que ele ajude os outros. Há muitas pessoas que vocês ainda têm que conhecer que estão vinculadas a nós na Corrente da Vida, que também é eterna. O elemento Tempo é de pouca importância porque o Espírito está apenas confinado nele durante a sua permanência na Terra, e a nossa breve vida terrena é um período infinitesimal no próprio tempo.

Não encarem uma vida como o início e o fim, pois Ela é uma pérola do colar que um dia vocês verão em toda a sua beleza e razões, que de momento são obscuras, tornar-se-ão mais claras e vocês entenderão como a mão do Espírito se move. As palavras do Espírito que estão gravados nos corações daqueles que entendem, será a Lei não escrita da vida; e nós guiá-los-emos

espiritualmente para além dos confins da Terra até as Alturas. Mas não desesperem se o plano não for conforme a concepção que fazem.”

A PARÁBOLA DA ÁRVORE DE FRUTO

“Pois os modos do homem nem sempre são os que usamos. Quando o tempo estiver maduro, o fruto será arrancado da árvore; não antes. Para alguns, a árvore ainda não deu fruto. Outros viram a fruta, mas não conseguiram alcançá-la, mas será sua eventualmente. Alguns que não estão prontos, colhem a fruta caída apenas para descobrir que é de pouca utilidade para eles, porque não lutado o suficiente para alcançar a que estava maduro, mas contentaram-se em ficar sentados no chão, à espera que lhes caísse no colo. Esse não é o caminho! Tampouco é sábio escalar a árvore até que a fruta esteja pronta para ser colhida, e vocês deverão conhecer a hora em que está completamente madura! Nos anos que estão para vir, vocês verão a verdade das minhas palavras.”

Seguiu-se uma breve pausa e, embora a voz não tivesse propriamente mudado, notou-se uma diferença difícil de explicar, e Rudy sentiu a nossa reacção imediatamente como as palavras seguintes o provam:

"Às vezes eu sei que há pensamentos que lhes passam pelas mentes e vocês ficam confusos. Certas coisas causam-lhes preocupação - até mesmo dúvida, em certos casos.”

A Alma que foi Rudy "Eu gostaria de lhes recordar que eu não venho a vocês da maneira que alguns esperariam. Eu venho a vocês conforme sou AGORA, não como eu fui; como eu sou agora. As palavras que eu uso são as palavras da minha versão actual, e não dos meus passados.

"Se vocês puderem, eu quero que vocês pensem em mim como eu sou agora e não como eu fui, por mais difícil que seja, por rosto e forma não serem importantes quando comparados com a parte do homem que transcende o tempo e o espaço. Eu posso abordá-los de diversas formas e vocês não reconhecerão! O que vocês recordam de mim era o corpo material que uma vez me serviu como veículo da expressão de Deus, da qual eu sou apenas uma parte.

Através do corpo algo do Espírito brilha, e se por isso for lembrado, então, de facto, fico feliz. Pensamos naqueles próximos e queridos para nós pela sua forma exterior, mas sabemos que isso não é tudo, pois o que é que acontece quando a morte sobrevém? O corpo mantém a sua forma, mas a vida esgotou-se e não descansa mais dentro do caixão do corpo. Não se aflijam pelo que passou, pense apenas no que virá.

“Na minha última encarnação eu pude expressar algo da Alma e do Espírito, não de um só geração, mas de muitas, e o meu corpo foi apenas o veículo usado. Eu quero ajudá-los a entender que em toda a humanidade, e em todas essas ‘moradas’ do Espírito, se encontra a força de animação que é amor na criação.

“Desde que deixei o vosso mundo, tive o privilégio de conhecer muitas almas cujos nomes lhes são familiares. Essas Almas tornaram-se minhas companheiras, minhas amigas, e entre elas é uma que muitas vezes vem ao nosso grupo quando vocês se sentam juntos... Francisco, o Francisco a quem vocês chamam São Francisco de Assis. Ele é-me muito chegado, porque ele e eu termos estado juntos séculos atrás no Tempo. Nós fundamos a Irmandade. Esse é um outro elo na cadeia do qual falo.”

REENCARNAÇÃO

“Àqueles de vocês que não estão familiarizados com o que vocês chamam de reencarnação eu digo: mantenham a mente livre e aberta. Sejam tolerantes. Não pensem que Deus só dá ao homem alguns anos insignificantes sobre a Terra para elaborar a sua salvação e o seu destino. O homem assimilou muito do que foi essencial; ele aprendeu igualmente a descartar muita coisa, e é ao jogar fora e aceitar em si mesmo que ele encontrou a Realidade de Deus. No seu tempo o homem criou muitos deuses, ele moldou muitos credos e dogmas. Ele usou as vestes que pareciam essenciais ao seu dia e era, mas à medida que o homem mudava os seus pensamentos, opiniões e os seus deuses, também ele mudou nele próprio, e com o fortalecimento do Espírito, ele avançou em Conhecimento e força.”

A ESCOLA DA VIDA

“Uma criança na escola tem muitos mestres, de modo que é coo vós; vocês aprendem muitas coisas, mas ainda há muito a aprender, e vários professores virão para os guiar em diversos assuntos. Vocês farão perguntas; algumas respostas serão dadas, mas se não for considerado o momento acertado para lhes dar uma resposta, então vocês precisarão esperar até que avancem para uma classe mais avançada, onde o professor então os poderá levar a entender.”

A PAZ QUE VEM DO ESPÍRITO; AMOR ESSENCIALMENTE

“Os problemas são muitos - mas serão superados. Nós vamos ajudá-los, mas só o poderemos fazer se vocês se ajudarem. Nenhum momento precisa ser desperdiçado, nenhuma oportunidade evitada; e, como eu disse antes, a

vossa visita a Castellaneta é o começo de uma nova jornada, não só para vós, mas para outros.

“Assim, meus amigos, ao lhes dirigir votos de uma boa noite, eu quero que vocês recordem estas coisas. Sejam de boa-fé, pois estamos sempre convosco e o nosso amor está sempre presente. Quando vocês estão necessitados, nós teremos consciência disso. Quando vocês estão em dúvida, tentamos confirmar as coisas que dissemos e quando às vezes vocês se sentem em baixo. Estamos aí a tentar elevá-los. As portas que são fechadas serão abertas e vocês verão, não como agora, através de um vidro escuro, mas face a face. Não só vocês irão ver-me, mas o que é muito mais importante, você verá através do trabalho que fizemos juntos... o Próprio Mestre. O meu amor, a minha paz, a minha bênção fique convosco agora e para sempre. Adeus.”

Em Outubro mesmo antes da consulta seguinte, recebemos uma carta do Leslie a cancelar todas as sessões futuras, sob estritas ordens dos seus guias.

Após um curto descanso, foi-lhe permitido realizar um número limitado de sessões diurnas (nunca mais de duas) e nenhum trabalho aos fins de semana. Era impossível para todos nos reunirmos durante estas horas estipuladas e, como não fazíamos ideia de que a saúde de Leslie estava ameaçada, foi um choque sermos subitamente cortados, e achei difícil adaptar-me. Por isso, quando finalmente conseguimos marcar uma sessão durante as férias de Natal, fiquei bastante indignada quando o Charles disse que a situação não nos tinha causado qualquer dano e nos tinha feito recorrer aos nossos próprios recursos.

A minha voz soou um pouco ríspida quando respondi, e o Charles foi igualmente severo comigo, mas apenas por um momento. Depois disse: “Lamento isto, mas tem de compreender a minha posição. O meu trabalho, ou parte dele, é cuidar deste vosso instrumento [Leslie], e a procura pelos seus serviços estava a tornar-se muito superior às suas forças; a menos que algo tivesse sido feito rapidamente, a sua mediunidade ter-se-ia perdido para sempre!”

Como a oportunidade de falar com os nossos amigos foi reduzida tão abruptamente, tivemos de dedicar o resto desta sessão e a seguinte, à qual apenas a Jean e eu pudemos comparecer, a assuntos pessoais e instruções relativas ao nosso próprio círculo. Foi durante a sessão em que apenas a Jean e eu estávamos presentes que o Rudy me pediu para contactar a sua irmã. Cumpri este pedido imediatamente, mas infelizmente a Maria não respondeu.

No início da primavera desse ano, a filha de seis anos de um amigo do John tinha desenvolvido uma doença grave após o sarampo e estava no Hospital Infantil de Great Ormond Street, onde o Charles tinha trabalhado outrora. A complicação foi diagnosticada como encefalite. Apesar das nossas orações e das orações de várias outras pessoas de diferentes religiões — católica romana, ciência cristã e igreja anglicana — ela entrou em coma e encontrava-se nesse estado quando tivemos a nossa sessão de grupo seguinte, na Sexta-Feira Santa, 31 de março de 1961.

O John estava tenso, sabendo que muito dependia do veredito do Charles, pelo qual os pais angustiados também esperavam. Falávamos ocasionalmente entre nós e depois caíamos num silêncio quebrado apenas pela respiração do Leslie, que indicava um estado de semitransê. Passou meia hora... três quartos... uma hora! Ouvimos a fita acabar e a bobina cheia girar ruidosamente. Subitamente, o Mickey sussurrou: “Pensavam que não vínhamos?”

Mas antes que pudéssemos responder, a voz do Charles interveio num sussurro mal audível. “Lamento tanto... tanto. Isto é terrível para vós... mas não conseguimos passar!” Ofegámos! Depois ele tentou novamente, chamando a menina pelo nome. “A Susan vai recuperar, mas é um caso muitíssimo difícil. Conseguem ouvir-me? Ela vai sobreviver, mas a doença seguirá o seu curso. Ficariam surpreendidos com a concentração de ajuda que a rodeia...”

Vários outros tentaram estabelecer contacto, incluindo a Madame Blavatsky, mas mesmo a sua voz poderosa não conseguiu estabilizar a vibração e, após um “Adeus” abafado, fez-se silêncio. Abatidos e confusos, saímos da sala. O Leslie foi muito gentil e compreensivo, mas salientou que este tipo de coisas tem de acontecer por vezes, e não há nada que alguém possa fazer. Convidou-nos para ficar para o chá e fazer um bocado de serão social.

Fiz um esforço especial para participar no serão, embora a alegria fosse forçada, e vesti um fato de fantasia e fiz uma canção e dança burlesca que deixou a companhia a rir perdidamente. Mas era apenas fingimento e, quando voltámos para casa, a tempestade desabou! O John explodiu como um depósito de munições num incêndio. Ninguém escapou à sua língua fustigante, muito menos o Rudy. Mas cada observação amarga foi (espero eu) contrariada pelos meus pensamentos de amor e compreensão para com os nossos amigos Espirituais e para com o John; pois eu sabia que a sua raiva não era pessoal, mas causada inteiramente pela frustração devido à falta de conselhos para a criança a quem ele estava profundamente ligado.

Após esta sessão abortada e durante as nossas próprias reuniões em casa, o Stanley foi usado ocasionalmente para controlo consciente em relação à

pequena doente que continuava em coma. Caso ela despertasse, ninguém poderia dizer se estaria na posse plena dos seus sentidos ou da sua memória; tanto dependeria das suas primeiras reações ao acordar e, quando os especialistas estavam hesitantes quanto ao tratamento a dar-lhe, unimo-nos e, por pura concentração, informámos os médicos Espirituais do dilema, e eles, por sua vez, influenciaram os médicos terrenos nas suas decisões e asseguraram assim que o rumo correto fosse tomado.

Passadas quase cinco semanas, ela despertou. Reconheceu a mãe e o pai e quando, após um intervalo apropriado, lhe fizeram uma pergunta, ela sussurrou suavemente o seu nome e a morada correta! Ninguém negará aos médicos terrenos o crédito que lhes é devido, mas para cada curador encarnado havia uma equipa de curadores Espirituais e, neste caso, uma “central elétrica” de oração intensa. Chegará o dia (talvez não nesta geração, o que é pena) em que haverá um trabalho de equipa consciente e completo entre este mundo e o próximo. É então que a doença será vencida.

Este passo no longo caminho da Susan para a recuperação ocorreu em meados de abril e, no dia 26 desse mês, a Jean e eu tínhamos um encontro à tarde com o Leslie para contactar o Rudy antes de o John, a Gwen e eu partirmos para Castellaneta na semana seguinte. Pela primeira vez, o Rudy dirigiu-se a mim em italiano e, após a saudação, observou: “Primeiro, devo dizer como lamentámos não ter conseguido passar da última vez. Foi muito azar, mas ninguém teve culpa.

Só podemos dar o nosso melhor. Hoje é diferente. As condições estão muito melhores e não consigo dizer-vos como estou emocionado por finalmente irem a Castellaneta (como profetizei), porque é essencial que lá vão para fortalecer os laços. Têm trabalho a fazer lá eventualmente e há certas coisas com as quais estou muito satisfeito. Não porque eu vá ser recordado através do uso do meu nome, mas porque muitos beneficiarão, especialmente os doentes e os solitários. Haverá um lugar onde os idosos encontrarão um refúgio para terminar a sua existência terrena com algum conforto. Eventualmente, o projeto envolverá também crianças.”

“Oh, Rudy”, exclamei eu, “estou tão contente com isso, mas não é estranho que tenha demorado tanto tempo a pôr as coisas a mexer?” “Bem, cada um de vós desempenhou um papel, e a correspondência constante que passou entre ti e os teus amigos em Castellaneta transpôs o abismo. Através dos contactos que fizeste, seremos capazes de ajudar as pessoas do meu país que precisam de elevação física e espiritual, pois não só ajudaremos os doentes do corpo, mas os doentes da mente.

Castellaneta está a começar um novo modo de vida, e eu posso ajudá-los a pô-la no mapa. Não me importo que o meu nome seja usado em ligação com isto, porque trará um pouco mais de prosperidade ao distrito — no entanto,

acho difícil! Porque, como sabes, não quero que a minha antiga personalidade se intrometa e, até agora, foi sempre a minha política manter-me em segundo plano.”

Salientei que, em relação à sua cidade natal, isso era impossível, e ele concordou relutantemente e depois disse alegremente: “Quando fores a Castellaneta, estou a providenciar para que visites a minha casa... pelo menos, a casa dos meus pais. Normalmente isto não é possível, mas acontecerá desta vez. Não tiveste notícias da minha irmã?”, inquiriu ele.

“Não, receio que não”, disse eu com pesar.

“Lamento, gostaria que a tivesses conhecido mas, para resumir... numa casca de noz!”, corrigiu-se ele a rir. “Ela teve tanta notoriedade ao longo dos anos que acho que tentou isolar-se; um pouco como o meu irmão. Eu tinha-me afastado tanto deles, mas a minha irmã é, em muitos aspetos... muito doce”, disse ele ternamente.

“Gostava que a pudesses conhecer. Oh! antes que me esqueça”, exclamou subitamente, “gostaria que colocasses uma pequena bandeira italiana e uma pequena bandeira inglesa juntamente com as flores!” Ele evidentemente sabia da nossa intenção de comprar algumas! “Quero que seja um tributo da Inglaterra, combinado com a Itália, entendes?”

“Vou ver o que posso fazer. Que ideia adorável!”, exclamei. “Tinha pensado em levar flores ao cemitério ou à igreja. Não sei qual preferes.”

“Tudo o que fizeres, eu apreciarei”, disse ele humildemente, “mas muito pouca gente vai à igreja, enquanto muitas pessoas passam pelo Monumento aos Mortos da Guerra. Infelizmente, a geração mais jovem não se preocupa tanto com a Igreja, exceto em ocasiões especiais, e eu quero que as tuas flores sejam vistas. O Monumento aos Mortos fica mesmo na estrada principal e não tem como falhar! As flores criarão interesse er... sabes, o meu povo, especialmente no Sul, tem tendência a ser um bocado preguiçoso e, muitas vezes, é preciso forçá-los a fazer certas coisas. É por isso que, em comparação, o nosso amigo a quem escreves [Franco Loglisci] é tão vivo! Ele quer fazer tanto para trazer prosperidade ao lugar e, acredita em mim, mais foi feito nesse sentido desde a guerra do que pelos governos locais durante centenas de anos.”

“Fico muito contente por ouvir isso, Rudy, porque estamos a ler um livro na aula que descreve o sul da Itália mesmo antes da guerra, e parece tão terrível...!” (“*Cristo parou em Éboli*”, Carlo Levi, 1935).

“Suponho que não esteja muito exagerado!”, disse o Rudy. “Quando lá fui pela última vez...!” Faltaram-lhe as palavras. “E eu nasci no lugar! Sabia

das condições, mas a pessoa esquece-se. É por isso que quero ajudar agora. Como é que os meus pais alguma vez subsistiram ali, não sei. Se a minha mãe não tivesse tido o dinheiro... não sei se sabes alguma coisa sobre os nossos assuntos privados?” “Não, Rudy, não sei.”

“Foi a minha mãe que teve o dinheiro, não o meu pai. O pai dela morreu e deixou-lhe uma quantia considerável e foi ela quem sustentou a família. O meu pai era um bom homem, tinha viajado muito e teve sempre algo a ver com animais, e com o circo numa certa altura, sabias?”

“Não, sei muito pouco sobre os teus antecedentes”, respondi.

“Herdei algo dele”, continuou o Rudy, “mas herdei mais da minha mãe; ela era uma mulher extraordinária!”, disse ele com entusiasmo, sem se aperceber de que tinha enaltecido inconscientemente as suas próprias qualidades, até nos rirmos!

“Eu conheço-a, Rudy?”, perguntei ansiosamente.

“Porquê fazer uma pergunta tão disparatada!”, replicou ele num sussurro. No entanto, por essa observação ambígua recebi a confirmação de que a pessoa que eu tinha sentido tantas vezes muito próxima de mim era a mãe dele. Poderia dizer mais, mas respeitarei os desejos dela e ficarei por aqui.

“Antes que me esqueça”, disse ele subitamente, “devo avisar-te para não fiques demasiado excitada. Não quero que fiques indisposta e estragues tudo. Deves manter-te calma, e levar... er... S-s-s. V-v... oh! O que quer que seja... toma isso! O produto para te manter calma, quero dizer!” Por entre o riso e a gaguez, percebi que ele certamente não estava atualizado a este respeito e provavelmente nunca tinha ouvido falar de tranquilizantes!

“Queres dizer *sal volatile*!”, sugeri prestável.

“Isso mesmo! Isso mesmo! Ah! Mas vais ficar bem. Estará um pouco de calor, mas não demasiado calor para ti. Afinal, uma mulher que passou tanto tempo ao sol deve estar habituada.”

“Eh? Sol?”, duvidei eu, não muito educadamente. “Queres dizer o nosso verão de meio dia?”

“Não, não, quero dizer que nas tuas encarnações anteriores estavas habituada ao sol.”

“Fala-me de outra”, implorei, esperando que fosse de um período que não o Renascimento.

“Há tantas!”, exclamou ele e depois acrescentou, pensando melhor: “Gostaria que pudesses ir a Florença.”

“Já disseste isso antes”, lembrei-lhe. “Sim. Irás lá outra vez, e a outros lugares nas proximidades que estiveram muito associados a ti numa certa altura, antes do tempo dos Bórgia.”

“Tenho estado a investigar a história de períodos anteriores, mas não cheguei muito longe com as minhas pesquisas.”

“Quando fores a Florença — não durante estas férias, mas noutra altura”, disse ele alegremente, “verás um quadro ou provavelmente dois quadros no museu que fornecerão uma pista, mas para além do nome ‘Angelo’ não vou dizer mais nada. Claro que desta vez irás ao Vaticano e à Villa d’Este em Tivoli, onde há ligações... oh! irás a muitos sítios.”

“Há uma coisa que quero perguntar-te”, interpôs. “Há algo para ver em Nepi? O Castelo de Nepi?”

“Muito pouco”, respondeu ele sem hesitação. “Acho que seria interessante, mas a tua estadia não é suficientemente longa, nem o teu bolso suficientemente fundo para fazer tudo. Gostaria de poder ajudar-te mais nesse sentido”, suspirou ele. “Sei que é uma jornada sentimental e que caminharás de volta ao Passado deliberadamente, e eu vou impressionar-te e dar-te inspiração em relação a certos lugares e certas pessoas, mas quero que sejam umas férias também. O John pode ir agora com a mente tranquila, pois a menina teve uma recuperação milagrosa, o que ajudou a fortalecer a fé dele no que foi prometido em relação a ela, e sei que terão momentos muito felizes e há muitos aspetos do país que te interessarão e atrairão.”

“Rudy, estiveste associado ao John no Passado?”

“Não como amigos! Isso soa-te estranho?”

“Não!”

“Somos bons amigos agora, mas nem sempre foi assim. De facto, houve uma inimizade muito forte entre nós numa certa altura, porque as nossas famílias eram muito opostas uma à outra. As casas estavam em guerra; não foi culpa dele nem minha. Essa é uma das razões pelas quais quero que ambos visitem Florença, onde sentirão os laços com esta associação anterior.”

Neste ponto, a Jean interveio para perguntar: “Nós encaixamos em algo disto, Rudy?”

“Tu encaixas; encaixas mas... de uma forma diferente, num sentido diferente.” Ele pareceu hesitar, e eu disse: “No entanto, há um vínculo muito estreito entre a Jean e eu.”

“Claro que há, porque numa certa altura ela foi muito próxima de ti, não em parentesco mas em afeto. Foi ela quem te criou, amamentou e cuidou de ti, e considerava-te mais do que a si própria.”

A minha “mente” recuou quinhentos anos a.C. e perguntei: “Numa encarnação no deserto?”

“SIM!”, disse ele com convicção. Eu tinha esperado exatamente três anos e três meses por esta confirmação!

A Jean perguntou agora onde é que o Stanley se “encaixava”, e o Rudy disse:

“O Stanley era um membro de uma tribo rival no tempo de que falo; no deserto, ele era um chefe.”

O poder estava a começar a fraquejar e a Jean apressou-se a perguntar pela sua filha Barbara.

“Barbara?”, repetiu o Rudy. “Ela é uma alma nova. Tem trabalho a fazer um dia e continuará o trabalho de outros... quando digo que ela é uma alma nova, quero dizer comparativamente nova para nós”, acrescentou ele, “mas ela continuará quando o nosso trabalho estiver terminado. O poder enfraquece mas, antes de ir, devo desejar-vos novamente ‘*Bon voyage!*’ Lembra-te, estarei contigo e, por vezes, vou impressionar-te para dizeres certas coisas e tu pensarás: ‘Fui eu que disse isto?’ e dirás para ti mesma: ‘Não, foi o Rudy que disse!’ O meu amor a todos, e o meu amor e bênçãos ao John em particular, pois sei como ele se tem sentido recentemente. Tenho de ir! *Arrivederci.*”

No fim de semana seguinte e dois dias antes da nossa partida, o Leslie partiu para Espanha com a intenção de regressar a casa pouco depois de nós, mas o mar quente e o sol provaram ser tão benéficos para a sua saúde que ele prolongou a estadia. Um membro do seu círculo de desenvolvimento possuía uma vivenda lá e estava de férias ao mesmo tempo, o que lhes permitiu continuar as suas sessões, e o Mickey manteve-os bem informados sobre as nossas férias.

11 A VIAGEM SENTIMENTAL

O dia da nossa partida excedeu-se verdadeiramente nos seus esforços para nos desanimar, sendo o clímax nada menos que uma violenta trovoada, que em nada ajudou os nossos amigos Jean e Stanley a sentirem-se melhor com a nossa ida. No entanto, ao final da noite, a tempestade tinha amainado e, quando o carro veio buscar-nos para o aeroporto à 1h30 da manhã, as nuvens eram apenas farrapos dispersos num céu iluminado pelo luar.

Terminados os preliminares habituais, embarcámos no avião e, a partir de um labirinto de luzes coloridas, elevámo-nos como uma libelinha de um canteiro de flores. Para mim, parecia tão irreal como um conto de fadas. Fascinado, o meu olhar detinha-se na etiqueta que balançava na bagagem de mão: "Castellaneta via Nápoles", dizia; depois, olhando para baixo, conseguia ver sob nós uma Terra do Nunca cintilante de pirilampos e luzes. Ou seriam lantejoulas douradas sobre veludo azul-escuro? As minhas reflexões foram agradavelmente interrompidas pelo aroma a café. Bebemos, conversámos e especulámos, e a Gwen, que já tinha voado antes, parecia tão encantada como nós.

Havia cigarros isentos de impostos para comprar e folhetos para ler com instruções relativas ao voo. Viajávamos estavelmente a 300 milhas por hora a uma altitude de 21.000 pés. Os minúsculos aglomerados de luzes abaixo de nós apareciam agora em intervalos menos frequentes e, ocasionalmente, desapareciam por completo sob uma nuvem passageira. Descobri que havia muito pouca diferença em ver o mundo de cima, pois tanto me parecia estar a olhar para o céu noturno e a vislumbrar aqui e ali as galáxias cintilantes, como a olhar para estas pequenas vilas e aldeias que pareciam igualmente remotas.

Nunca houve uma noite mais perfeita. Parecíamos ser um estorvo no ar translúcido e, lá em baixo, a bombordo, Vénus, a estrela da manhã, pairava suspensa contra um céu que clareava; uma companheira de viagem alegre e cintilante no espaço. Um momento antes do nascer do sol, ajoelhámo-nos junto às janelas da cabina com as câmaras de filmar "a postos". Agora, o mar de nuvens tornava-se cor-de-rosa e o avião estremeceu ligeiramente ao enfrentar uma mudança na corrente de ar, tal como um carro treme quando viaja com pneus duros sobre uma superfície de empedrado, e o comissário disse-nos que estávamos sobre os Alpes. Com uma rapidez surpreendente, o

sol rompeu as nuvens abaixo e um mar de ouro derretido agitou-se e redemoinhou sob nós, e em vários pontos a forma escura de um pico de montanha perfurava a superfície.

Agora era dia pleno, e subíamos suavemente sobre cada vale e inclinávamo-nos o suficiente sobre cada crista para vermos a cena abaixo com mais clareza. Depois viajámos sobre o que poderia ter sido um rebanho de ovelhas, mas que era na realidade o lado superior de um céu "pedrento" e, quando este se dispersou, tínhamos deixado os Alpes para norte e voávamos agora sobre planícies cultivadas que pareciam retalhos de linóleo verde e castanho. Grandes cidades espalhavam-se e passavam por baixo de nós como se estivessem a ser puxadas por uma passadeira rolante, e o mar azul pontuado de ilhas mantinha-nos em constante movimento de um lado para o outro da aeronave.

Felizmente o avião não levava a sua lotação total e tínhamos permissão para circular. Mais cedo do que parecia possível, disseram-nos para apertar os cintos de segurança e, pela primeira vez, vi as "hélices" na nacela do motor mais próximo enquanto este abrandava em preparação para a aterragem, e o enorme panorama cor de creme de Nápoles, que crescia com uma rapidez alarmante à medida que mergulhávamos com as câmaras a zumbir num ângulo difícil. Houve um ligeiro solavanco quando tocámos o solo e parámos rapidamente.

Muitas mãos, demasiadas mãos, estenderam-se para a nossa bagagem, e um algaraviado de língua do qual não percebi uma única palavra aumentou a nossa confusão. Após uma viagem vertiginosa, o autocarro do Terminal Aéreo deixou-nos na paragem no centro da cidade, convenientemente colocada perto de uma praça de táxis. Novamente, um sistema de trabalho de equipa entrou em ação, havendo um homem para cada peça de bagagem, e cada um esperava uma gorjeta. Não fazíamos ideia de onde ficava o nosso hotel e perguntei se era longe. Naturalmente, garantiram-me que era a uma distância considerável. O meu discernimento começava a funcionar e, embora não pudesse possivelmente entender o dialeto napolitano, sabia o suficiente para captar as instruções que o motorista do autocarro deu ao taxista. "Leva-os pelo caminho mais longo", disse ele.

Mas não havia nada que pudéssemos fazer e, na verdade, até foi bom ele ter-nos levado pelo caminho mais longo porque, antes que pudéssemos conferir os nossos pertences, tínhamos chegado ao hotel! Com uma mala a menos, poderíamos ter feito o percurso a pé com bastante facilidade. Tal como aconteceu, os cigarros isentos de impostos desapareceram e a tarifa foi o equivalente a 12s 6d, valor que só foi acordado após a intervenção do rececionista do hotel.

O pequeno-almoço foi servido nos nossos quartos e, depois de nos lavarmos e mudarmos para roupas mais leves, saímos. Já um pouco mais avisados, decidimos apanhar um autocarro para a estação para confirmar os nossos bilhetes para o dia seguinte. Comecei a perceber quão sozinhos estávamos, mas pelo menos estava a ser compreendida quando pedia informações. Era a hora de ponta da manhã em Nápoles e, desde que os pneus aguentem, não há limite para o número de passageiros que se amontoam num veículo, e algures naquela confusão — lá estávamos nós!

Subitamente, o meu sentido de humor veio ao de cima e comecei a rir; depois, ganhando coragem, comecei a falar com os meus companheiros de viagem mais próximos. Em questão de segundos, todos no autocarro nos indicavam a estação Garibaldi, que ficava na extremidade oposta da cidade em relação a onde estávamos alojados, mas sob o dilúvio de instruções, não poderíamos ter falhado!

Teria gostado de passear pela Piazza Garibaldi em frente à estação, absorvendo a atmosfera de Nápoles, mas infelizmente os engajadores tornaram-no impossível, pois éramos abordados a cada passo e quase "sequestrados" para irmos a Pompeia. Nem sequer se conseguia ser educado, e era necessário ser quase agressivo antes de um não ser aceite. Um pouco tolamente, em vista do calor, decidimos caminhar de volta pela zona das docas, fotografando pelo caminho. Horas mais tarde, com os pés latejando e os efeitos de uma noite sem dormir vencendo-nos, encontrámos abrigo nos jardins e uma fuga temporária das patéticas mãos estendidas, ou daquelas que sub-repticiamente revelavam um relógio de ouro ou uma caneta Parker. Um homem caminhou ao nosso lado durante vinte minutos antes de o convenceremos de que não estávamos interessados na sua mercadoria.

É claro que esperávamos algo desta natureza, mas não tamanha persistência, e isso pode ter-se devido principalmente às nossas respostas gentis; não nos sentíamos agressivos, apenas tristes com tal estado de coisas. A verdadeira pobreza tocou os nossos corações e o pequeno e sujo vadio que lançou os braços em volta da minha saia plissada branca, mantendo-me prisioneira até que o John lhe deu algumas libras, só me fez questionar o meu direito a estar de férias num lugar assim.

Ainda era cedo demais para voltar ao hotel e, ao passarmos por um cinema, sugeri que uma hora ou duas na escuridão fresca nos poderiam revigorar o suficiente para mais tarde continuarmos a nossa exploração. Poucos minutos depois de nos instalarmos nos nossos lugares e antes do filme principal, foi dado um curto programa sobre alguns discos de gramofone antigos ainda existentes na discoteca italiana, um dos quais foi exibido no ecrã. O cantor, creio eu, era Caruso e o nome no disco era aquele que fora "meu" há mais de quatrocentos anos! O momento foi tão perfeito que excluiu a coincidência e deixámos de nos sentir tão sós.

Completamente revigorados após uma boa noite de sono, pedimos ao pessoal do hotel que chamasse um táxi para nos levar à estação, sendo a tarifa desta vez a mesma que tínhamos pago no dia anterior apenas para dobrar a esquina! Ao chegarmos, dois carregadores caíram imediatamente sobre a nossa bagagem e assumiram total responsabilidade pelo nosso bem-estar, aconselhando-nos onde comprar o lanche embalado necessário para a nossa viagem, e até o que comprar. O mais novo, um homem atraente, falava um pouco de inglês e estava muito orgulhoso desse facto. Tínhamos deixado bastante tempo para apanhar o comboio do meio-dia para Taranto, por isso o John e a Gwen partiram para encontrar um banco e trocar alguns cheques de viagem. Entretanto, o jovem carregador sentou-me numa mesa exterior do bar da estação, com um gesto que era ao mesmo tempo gracioso e autoritário, e empilhou as malas num carrinho ao meu lado.

O John e a Gwen estiveram ausentes algum tempo e o meu acompanhante fardado voltava de vez em quando para ver se eu estava bem. Finalmente, quando terminámos o nosso café, ele e o seu cúmplice voltaram para nos recolher, e começou então uma cena que bem poderia ter saído de uma ópera cómica! O comboio para o sul deveria chegar a um nível inferior, que se assemelhava à Linha Metropolitana de Londres na hora de ponta, pois estava apinhado de estudantes que regressavam a casa para as férias. Encostando-nos à beira da plataforma, os nossos carregadores conferenciaram entre si e procederam então a um "briefing".

Primeiro e acima de tudo veio a exigência educada de pagamento antes de o comboio chegar, pois segundo eles, este corria o risco de partir com tal pontualidade que não haveria tempo para liquidar a conta, que ascendeu ao equivalente habitual de 12s 6d cada! Garantiram-nos excelentes lugares, embora a reserva antecipada possa ser, creio eu, algo como uma farsa, o que isto se estava a tornar rapidamente! Tendo em conta os três quartos de hora que nos tinham dedicado e a massa fervilhante de jovens italianos barulhentos à nossa volta, pagámos sem contestar.

Depois, com um sorriso fascinante, o nosso jovem amigo perguntou-me se eu conseguia correr! "Claro que consigo correr", disse-lhe, enquanto ele apontava na direção do túnel de onde o comboio emergiria. "Ir e voltar?", perguntou ele. "Ir e voltar", disse eu com confiança. O seu companheiro deveria ficar com a bagagem, a Gwen deveria correr em minha direção quando o comboio entrasse e o John foi colocado a meio caminho entre a bagagem e as nossas figuras convergentes! Mas não nos deveríamos mexer até ao momento certo, senão a nossa estratégia seria prevista e, com um encolher de ombros expressivo, ele deu a entender que poderíamos ser chacinados. Não há limite para o seu exagero eloquente.

Com o rosto tenso, o seu amigo perscrutou o túnel distante e, assim que viu um certo sinal — partimos. Esquerda, direita, esquerda, para dentro e para

fora, ziguezagueando pela plataforma como um par de jogadores de rãguebi, com o tipo de um metro e oitenta à minha frente abrindo caminho através da multidão atônita e, enquanto o comboio rugia pela abertura, houve uma espera ofegante enquanto as carruagens passavam a toda a velocidade e depois, ágil como um macaco, o carregador subiu para o estribo dos compartimentos de primeira classe e, segurando-se com uma mão, acenou com o outro braço e afastou quaisquer possíveis competidores.

Felizmente o comboio estava a abrandar enquanto eu corria ao lado, mantendo o passo o melhor que podia na estreita faixa. Depois encontrei a Gwen que vinha ao meu encontro e, quando o comboio parou, as portas abriram-se com estrondo e entrámos, os primeiros de uma vaga de fundo de pessoas que avançava; a bagagem já estava a entrar pelas janelas abertas, içada pelo segundo carregador e pelo John.

Houve agora uma troca rápida; o carregador para fora e o John para dentro da carruagem, o apito soou (ou qualquer que seja o sinal nos caminhos-de-ferro italianos), e os nossos amigos estenderam a mão pela janela para nos cumprimentar e aceitar os cigarros oferecidos e, com os bonés no ar, desejaram-nos boas férias. Enquanto o comboio saía da estação, deixámo-nos cair nos assentos, histéricos de riso.

Não acredito por um único momento que nada daquilo fosse necessário! As multidões viajavam maioritariamente em segunda classe, e a nossa carruagem de compartimentos de primeira classe estava comparativamente pouco ocupada. Mas estes incidentes certamente fazem ou estragam umas férias de acordo com o temperamento de cada um, e não teríamos perdido isto por nada. É uma viagem de sete horas de Nápoles para Taranto e, para mim em particular, foi cheia de interesse porque, como já mencionei, durante o último ano na escola noturna tínhamos estado a ler o clássico italiano de Carlo Levi, *"Cristo parou em Éboli"*. Na altura em que ele escrevia, nomeadamente em 1935, o sul da Itália era conhecido como a zona abandonada e, até certo ponto, essa situação ainda existe. A maioria dos meus colegas de estudo tinha estado em Itália, ou ia para lá, mas ninguém que eu tivesse conhecido se tinha aventurado no interior para onde nos dirigíamos agora.

Durante uma curta distância seguimos a costa, entrando e saindo de túneis que davam subitamente para vistas magníficas, onde as montanhas se desfaziam no mar incrivelmente azul e pequenas cidades alegres se amontoavam como lapas numa rocha. Depois desviámo-nos da costa para uma zona montanhosa semelhante à do Norte de Gales, mas sem a beleza das quedas de água e lagos galeses.

Muito pouco passava despercebido, até a cor da terra vermelha nos laranjais onde os limites eram contornados com milho verde fresco. O nosso entusiasmo, e o meu reconhecimento óbvio dos nomes de vários lugares à

medida que passávamos por eles, despertaram o interesse do único outro passageiro no nosso compartimento. Era um homem magro com traços aquilinos e uma pequena barba *Vandyke* e, depois de nos ter observado a fotografar com sucesso a estação de Éboli, começou a falar comigo, lentamente, usando frases simples, com a mesma paciência em relação à língua que me foi dispensada por onde quer que passasse. Provou ser um homem bem informado, com fortes opiniões políticas e, claro, estava familiarizado com o livro de Carlo Levi, sentindo também profundamente a situação no sul de Itália.

Descreveu todos os aspetos do país enquanto seguíamos o curso de um dos rios que não era mais do que um riacho central serpenteando finamente sobre um leito largo e pedregoso, mas que ostentava sinais de uma torrente impetuosa. Os seixos eram tão grandes e achatados como pratos de chá e, em alguns lugares, estes tinham sido reunidos e colocados uns sobre os outros até uma altura de quatro ou cinco pés, tendo o dobro disso em comprimento. Os dois lados e a frente, murados por pedras toscamente talhadas, subiam para outro nível e muitas vezes para um terceiro, e depois todo o bloco fora coberto com uma rede de cordas. Estes blocos de degraus irregulares eram usados para reforçar as margens do rio e da linha férrea. O nosso amigo italiano disse-nos que nesta parte do país ainda se encontram lobos.

Descobri que ele era o chefe da estação de uma pequena cidade chamada Tito, não muito longe de Potenza, e viajou connosco até lá. A sua casa estava construída sobre a estação e, na altura em que o comboio partiu novamente, ele estava debruçado numa das janelas de cima, acompanhado pela sua mulher, acenando-nos no nosso caminho. À medida que a viagem prosseguia, era bom ver os sinais de progresso, e isso era particularmente evidente ao passarmos pelo distrito perto de Matera, onde grandes blocos de novos apartamentos se perfilavam contra a linha do horizonte.

O sol punha-se num clarão carmesim sobre as águas escuras do Golfo de Taranto enquanto o nosso comboio viajava mais uma vez ao longo da costa marítima, onde os pinheiros anões encontram a praia. Subitamente, pareceu que estávamos a entrar na estação de Taranto. Era um comboio longo mas, assim que parou, vimos o Signor Loglisci à espera a apenas alguns metros da nossa carruagem. A partir desse momento, toda a responsabilidade nos foi retirada. Mal tive tempo de notar mais do que as carruagens de cavalos antiquadas na praça antes de estarmos no carro, acelerando em direção a noroeste.

A estrada era lisa e uniforme e, de cada lado, ciprestes e loendros alternados desenhavam-se contra o céu cor de jade e limão, intensificando a estrada sombreada à frente. Vinhas jovens cobriam os campos e uma rede de suportes bem acima dos rebentos tenros prometia a colheita futura. O terreno

começou a subir e muros baixos de pedra e olivais podiam ser vistos de cada lado à medida que nos aproximávamos do nosso destino.

O Franco deu instruções ao motorista e o carro abrandou quando apareceram diante de nós, no crepúsculo, as primeiras casas pintadas de cor-de-rosa de Castellaneta e, ao entrarmos na cidade suavemente iluminada, vimos que havia apenas algumas casas à nossa direita, enquanto um passeio moderno à nossa esquerda dava uma vista desimpedida até à costa, a cerca de dez milhas de distância. Mas agora o panorama perdia-se numa escuridão quebrada apenas pelas luzes cintilantes dos barcos de pesca no horizonte distante. O carro quase parou em frente a uma casa de cor creme que, à meia-luz, parecia tão irreal quanto eu me sentia naquele momento.

Era uma casa de frente plana e aspeto sólido, com três portais em arco que emolduravam portas pintadas de azul, as quais se abriam abruptamente para a rua sobre um único degrau alto. Havia duas janelas em arco com varandim no primeiro andar e o habitual telhado plano com uma platibanda alta; uma pequena ombreira, em linha com as outras três, conduzia ao local onde o pai de Rudy trabalhara outrora na qualidade de médico veterinário.

A curta distância da casa, voltámos à direita e parámos em frente à residência do meu amigo. A família inteira estava reunida para nos receber no topo da larga escadaria; a saudação foi calorosa e amigável, embora as crianças estivessem quietas e algo tímidas. Durante o jantar, porém, e com a troca de presentes, a reserva logo se dissolveu e, quando partimos para o nosso hotel, fomos acompanhados pelos dois filhos mais velhos, uma rapariga e um rapaz, China (*Keena*) e Enzo.

O minúsculo hotel onde iríamos dormir ficava a menos de cinco minutos a pé. O Franco subiu aos nossos quartos para se assegurar de que tudo estava em ordem e, por gestos, mimou jocosamente a sua desaprovação em relação às camas twin de forma tão expressiva que nos deixou ali no balcão a rir alegremente enquanto ele e as crianças nos acenavam boa-noite a partir da rua.

Os quartos eram muito simples, mas escrupulosamente limpos, e o hotel orgulhava-se de todas as conveniências modernas; como habitualmente, as pessoas eram extremamente amigáveis. Tinha sido um dia exaustivo e adormeci imediatamente, sem sequer enviar os meus agradecimentos a todos os nossos amigos invisíveis — e esta negligência, lamento admiti-lo, persistiu enquanto permanecemos em Castellaneta. Eu nunca conseguia dormir durante as tardes e, se há coisa de que os italianos não parecem precisar, é de dormir! Às cinco horas da manhã, tudo ganhava vida — invariavelmente por baixo da janela do nosso quarto! De qualquer modo, eu não tinha desejo de passar as horas de luz a dormir, por isso vestia-me e observava da varanda as cenas

matinais de Castellaneta, muitas das quais estou certa de que permanecem inalteradas.

Recordo frequentemente estes quadros da vida quotidiana quando me lembro das nossas férias naquele pequeno e desconhecido lugar: as carroças de mulas quadradas e de taipais fundos que rolam vagarosamente; o homem com uma voz de pregoeiro proclamando a excelência da sua mercadoria: "Ovos frescos!", com dois cestos enormes cheios até à borda às seis, mas já vazios às nove. A loja da esquina e a padaria ali perto; o cheiro a pão acabado de cozer que se eleva tentadoramente enquanto um rapaz pedala precariamente com um enorme tabuleiro de pãezinhos equilibrado na cabeça.

Um dos contrastes mais vívidos era apresentado pelo vendedor de "*carbone*". *Carbone* é o carvão de madeira de oliveira que é usado para cozinhar e que arde com brilho e sem fumo. O seu sino tilintante, que lembrava o vendedor de fritos de outrora, silenciou-se abruptamente certa manhã quando ele parou o seu frágil carrinho de mão no lado da rua oposto à varanda do nosso hotel. Uma mulher saiu de uma casa adjacente com um cesto na mão. O vendedor de *carbone* tirou um par de balanças antiquadas que oscilavam incertamente enquanto ele dispunha os pedaços de carvão sobre elas, antes de os transferir para o cesto da mulher. Algumas moedas foram-lhe entregues e ele seguiu caminho, totalmente alheio ao zumbido das nossas câmaras de filmar sobre a sua cabeça.

À medida que o sol subia e os sinos da igreja paravam de tocar, as crianças emergiam de todas as direções para ir para a escola, todas as raparigas vestidas com batinas brancas e os rapazes com batas pretas com uma fita colorida ao pescoço, denotando a classe a que pertenciam. Foi neste cenário imutável que entrámos quando o Franco nos foi buscar naquela primeira manhã para nos escoltar até sua casa para o pequeno-almoço, refeição durante a qual fomos apresentados a uma iguaria local, um pão doce caseiro que não é dissemelhante de um bolo de malte especiado.

Rodeados pela família, atámos as pequenas bandeiras de seda às flores do Rudy, juntamente com um cartão onde estava escrito: "Em memória de Rudolph Valentino, o grande artista cuja vida representou um elo forte e verdadeiro entre a bela Itália e a Inglaterra". As palavras foram as mais próximas que consegui usar para transmitir a verdade!

Fomos então à cidade buscar o pai do Franco, perto da esquina da praça principal e, para lá chegar, tivemos de passar pelo novo Edifício Municipal. Um lanço de degraus conduzia à praça em frente a este edifício e eu sabia, pelas fotografias do Leslie tiradas no ano anterior, que no centro desta praça ficava o Monumento aos Mortos da Guerra, encimado por um anjo criança. Quando chegámos ao nível dos degraus, parámos espantados: o Monumento aos Mortos tinha desaparecido! O Franco explicou que o Conselho tinha

considerado o Monumento já não ser digno da nova Castellaneta e que este seria reconstruído. Muitas vezes me pergunto o que terá ele pensado dos seus hóspedes, visto que fomos incapazes de esconder o nosso divertimento.

"Há quanto tempo foi removido?", perguntei-lhe.

"Oh! Apenas há cerca de seis semanas", respondeu ele.

O que mostrava que o Rudy não tinha "visto" recentemente a sua cidade natal, num sentido material, embora saiba tanto noutros aspetos. Assim, quando chegou o momento de colocar as flores, estas foram fixadas na placa exterior da *La Casa Valentino*. Depois, vagueámos pela cidade e, guiados pelo Franco, atravessámos a Piazza Umberto para a parte mais antiga, onde as ruas minúsculas e estreitas mal deixam espaço para um carro. As lojas em miniatura eram limpas e convidativas e gostámos de comprar lá presentes e postais, onde todos eram tão amigáveis e prestáveis. Uma rua sinuosa levou-nos até à Praça da Catedral.

A catedral foi construída no século XIII e é bastante imponente e diferente de tudo o que eu imaginara. Entrámos na sua escuridão fresca e ficámos fascinados com a suave beleza das colunas de mármore verde e castanho. Era muito maior do que eu esperava e tem uma história muitíssimo interessante. Como convidados especiais, foi-nos permitido entrar nas salas privadas nas traseiras. A catedral está construída na extremidade extrema da ravina que corre da estrada principal a meia milha de distância e curva ligeiramente, como uma lua em quarto crescente. A velha Castellaneta está construída ao longo da crista desta fenda imensa, que é o lar de inúmeros falcões.

Quando nos debruçámos nas janelas das traseiras da catedral, vimos uma queda vertical de cerca de 250 pés; na extremidade mais distante, onde a ravina se abre, conseguíamos ver o viaduto ferroviário que fora construído pelo avô de Rudy e, à nossa frente, na distância brumosa e no topo da colina seguinte, a cidade branca e reluzente de Mottola, que parecia, para todos os efeitos, Belém. Na verdade, toda a paisagem tem as mesmas características que se esperaria encontrar na Judeia.

Fiquei surpreendida ao saber que não havia menos de oito igrejas em Castellaneta e um convento de uma ordem de clausura. Uma das igrejas que o Franco nos indicou fora também construída à beira do precipício, no local exato onde, há muitos anos, um homem que morria de uma doença incurável se ajoelhara a rezar, depois de caminhar desde a costa para procurar um lugar onde morrer; mas, enquanto se ajoelhava, uma grande luz desceu sobre ele vinda do Céu e ele ficou curado da sua aflição.

Naturalmente, vimos a pia batismal onde o Rudy foi batizado e outros pontos de interesse, mas a minha atenção focou-se em particular no altar. A figura de Jesus era a mais bela que já vi em qualquer lugar. Ele não estava pregado em agonia numa cruz, mas de pé, triunfante sobre uma nuvem, vestido com mantos brancos e um manto azul que aparentemente ondulava ao vento. Um braço estava erguido e com o outro segurava um cajado e um estandarte flutuante.

Olhava para cima com tal expressão de alegria e liberdade que simbolizava a Vida e a Vitória e, enquanto eu contemplava com admiração esta bela interpretação, ocorreu-me o pensamento: "Talvez tivessem boas razões para pensar que Vós não chegastes mais longe do que Éboli, mas apenas temporariamente, espero!". O Franco sentiu a minha reação e explicou que aquela era a Igreja da Ascensão.

Regressámos a casa para o almoço, estando a família no topo das escadas para nos acolher como dantes, mas agora a saudação era excitada e barulhenta, com as crianças a correr escadas abaixo para chegar até nós. Eram crianças adoráveis, livres, felizes, genuínas e completamente obedientes; o Franco nunca levantava a voz para elas. Quinze de nós apinhámo-nos à volta da enorme mesa, belissimamente posta, e o maravilhoso vinho de Castellaneta correu generosamente. É um vinho local, que todas as crianças bebem quando diluído com água. Costumávamos vê-lo ser entregue nas lojas em garrafas enormes. A refeição foi seguida de uma fatia de bolo rico e especiado e um copo de Marsala doce — e depois, a sesta.

No sábado fomos de carro até Castellaneta Marina, uma nova estância balnear em processo de construção. Fomos os primeiros turistas ingleses a ir lá. Está construída numa floresta de pinheiros que crescem até à beira do mar. A areia é prateada e a água do Golfo de Taranto é límpida, quente e não poluída. Pequenos chalés de madeira construídos sobre estacas estão pontilhados pelos bosques. Fomos convidados a visitar um deles depois de termos fotografado um grupo de operários e partilhado cigarros com eles.

O interior contém mobiliário embutido, com todas as conveniências modernas, incluindo um frigorífico a gás *Calor* e fogão. Foi aqui que vimos as primeiras pedras já colocadas para a "Casa Valentino para Artistas Reformados". Desde o nosso regresso, soubemos que esta casa se destinará não apenas a profissionais, mas a qualquer pessoa necessitada ligada à indústria do entretenimento, tais como carpinteiros, técnicos e assistentes de palco, uma modificação que mereceu muito apreço por parte do Rudy. Será uma casa de férias, bem como de reforma.

Desde a nossa visita, outro local foi atribuído para o propósito de uma academia onde serão formadas crianças de profissionais ou aquelas que desejem entrar no mundo da Arte. Uma bolsa anual será atribuída, e o

equivalente a um Oscar apresentado ao aluno que demonstre mais talento e que se destaque no estrangeiro. A figura será uma estatueta de ouro de "*Lo Sciecco*" (O Xequê). Sem o conhecimento daqueles que controlarão as atividades desta academia, será incutida nos professores e alunos uma verdadeira expressão de arte e cultura, por um grupo de almas, incluindo o Rudy, que influenciarão e encorajarão o desejo de criar beleza e romance, para limpar o palco e o ecrã do horror, da violência e da depravação. Como ele nos disse em mais de uma ocasião: "Há um grande trabalho do Espírito em progresso. O meu nome é usado, mas eu sou meramente a figura de proa".

Depois de deixarmos os bosques tranquilos para trás, viajámos para Taranto. Infelizmente (ou talvez felizmente para os habitantes!), praticamente nada resta da cidade velha, e o que resta está construído numa ilha, tendo o carro percorrido as muralhas exteriores em poucos minutos. A cidade em si, claro, está ao nível de qualquer estância continental moderna. Tem um centro comercial maravilhoso, artisticamente planeado com uma série de arcos de metal trabalhado atravessando as ruas, os quais são iluminados à noite. Há fontes, jardins, árvores, coretos e arquitetura moderna, mas pouco que fosse de interesse pessoal para nós, para além do facto de estarmos felizes por ver o sul de Itália a ganhar prosperidade.

Na manhã de domingo, o John e eu acompanhámos o Franco e o seu filho mais velho ao serviço na catedral. A Gwen tinha combinado visitar a família do Bruno para apresentar os cumprimentos do Leslie e, por alguma estranha coincidência (se é que tal coisa existe!), o irmão do Bruno, Reno, tinha vindo a casa de licença, inesperadamente. Ele fora o escolhido no ano anterior para servir de intérprete durante a visita do Leslie, pelo que a Gwen pôde ter uma longa conversa com a mãe do Bruno e lançar as sementes de confiança para quando ele deixasse o lar para vir para Inglaterra.

Enquanto passeávamos pela cidade, passámos e voltámos a passar pela casa de Rudy, mas a porta estava sempre fechada. Era uma residência privada e não podíamos pedir para a visitar, pelo que tivemos de nos contentar em fotografar a casa de diferentes ângulos. À noite do mesmo dia, juntamente com o pai do Franco, vagueámos ao longo do novo passeio marítimo; aproximando-nos da casa de Rudy, atravessámos para olhar para as flores já murchas de onde as bandeiras tinham desaparecido. Estávamos prestes a afastar-nos quando um jovem numa motorizada parou junto ao passeio.

Saudou os Signori Loglisci e olhou para nós com curiosidade sorridente. O Franco explicou quem éramos e, tal como estávamos a partir, as janelas da varanda abriram-se e uma bela jovem saiu. Era evidentemente a mulher do jovem e, debruçando-se no varandim, falou com o marido. Houve uma troca rápida de palavras e ela assentiu entusiasticamente. O marido virou-se para o Franco e disse: "Os seus amigos gostariam de visitar a casa?". Enquanto ele abria a porta e nos conduzia pela escadaria íngreme, as minhas pernas

pareciam estar a falhar. O momento exato da "operação" deixou-me atónita por instantes.

A longa escadaria abria-se num pequeno átrio; a cozinha, a casa de banho e um outro quarto que não vimos ficavam virados para as traseiras da casa, e à nossa esquerda entrámos na grande sala de estar oblonga. As janelas de batente ainda estavam abertas, conduzindo a uma varanda, e a sala era fresca e espaçosa. Como outras casas antigas em Castellaneta, o teto era abobadado para permitir a circulação de uma corrente de ar. Eu queria absorver tantos detalhes, mas a cortesia exigia que desse atenção aos anfitriões que tão gentilmente tinham aberto a sua casa para inspeção.

"Sei que gostaria de ver o quarto onde o Rodolfo nasceu", disse-me a *signora*, e indicou a porta na parede oposta àquela por onde tínhamos entrado.

A luz de um pequeno candeeiro e o brilho do entardecer através das janelas que se abriam para a segunda varanda conferiam ao quarto sombrio uma atmosfera de quietude. Inovações modernas e mobiliário na sala de estar deixavam a imaginação recuar para o passado, mas aqui não! O quarto era do passado. O teto abobadado azul-pálido; as paredes azul-pastel onde estavam penduradas duas belas pinturas a óleo de Jesus e Maria. A cama de laca preta com cabeceiras altas e entalhadas, divididas ao centro, era incrustada com madrepérola, e as coberturas eram de cetim rico. Ao lado da cama estava um berço de bebé em aço tubular delicadamente trabalhado, envolto em massas de rede branca.

Pelo espaço de alguns minutos, todos ficaram em silêncio. O John encostou-se a uma cómoda antiquada, enquanto a Gwen e eu permanecemos ao pé da cama. Estávamos conscientes de que a presença de Rudy se colocava entre nós, enquanto a Irmã Teresa "estava" do meu outro lado. Não soube como esconder os meus sentimentos, e não foi o sentimento que me comoveu tanto, mas o tremendo poder que anunciava a presença de muitas almas invisíveis.

A Gwen ficou momentaneamente transfixada e notei que a cor lhe tinha fugido do rosto. Por muitas oportunidades que possam surgir para regressar àquele quarto nos anos vindouros, aqueles momentos nunca poderão ser recapturados. O significado residia não no facto de uma certa pessoa famosa ter nascido ali, mas no cumprimento da profecia de apenas dez dias antes.

O encanto quebrou-se de forma encantadora quando a segunda porta que partia do quarto foi empurrada e entrou a correr um rapazinho de cerca de dezoito meses. Parou de repente. Os seus enormes olhos castanhos abriram-se mais e a sua boquinha tremeu ao deparar-se com um grupo de estranhos invadindo o seu domínio, mas a mãe pegou nele ao colo e regressámos à sala

bem iluminada, onde nos despedimos dos nossos amigos, confiando na eloquência do Franco para expressar a nossa gratidão.

Quando regressámos ao nosso hotel mais tarde, fechámos as portadas do nosso quarto e nós os três tivemos uma sessão. Fui usada para controlo consciente e falei durante vários minutos com grande emoção, mas nunca uma vez mencionei nada relativo às nossas férias, ao Rudy ou à resposta maravilhosa à presença do Grupo Espiritual que tínhamos experimentado na casa de Valentino naquela noite.

As palavras que proferi foram de sabedoria e encorajamento para o trabalho que se avizinhava, e a pessoa que falava através de mim deu a entender que a sessão em que estávamos a participar era provavelmente a primeira do seu género a ter lugar em Castellaneta, mas que não seria a última!

Faltava apenas um dia para partirmos para Roma e, num contraste total com os dias anteriores de visitas a monumentos, encontros com pessoas e aceitação da hospitalidade das suas casas, os nossos anfitriões organizaram um piquenique numa quinta de oliveiras pertencente à tia do Franco, que ficava a algumas milhas de distância, em direção à Lucânia. O Signor Loglisci mais velho tirou o dia de folga e as crianças faltaram à escola. O calor intenso e o número de pessoas a participar não tornavam aplicável a interpretação inglesa de um piquenique. Toda a comida foi preparada para ser cozinhada antes de partirmos e embrulhada em panos de cores vivas, que foram distribuídos pelos três carros de convidados.

À chegada à quinta, toda a família e os trabalhadores agrícolas estavam lá para nos saudar, e fomos sentados com pompa numa sala semelhante a um celeiro que tinha duas longas mesas de madeira encostadas a uma parede e, atrás de nós, dois nichos com cortinas que escondiam camas embutidas. Na extremidade oposta desta sala, as nossas anfitriãs já estavam ocupadas a cozinhar o jantar no que creio serem fogões a gás *Calor*. Ali também havia um forno de tijolos antiquado usado no inverno para cozer pão, e no exterior da casa de lavoura havia uma réplica onde se cozia nos meses de verão. O combustível era madeira de oliveira, e o pão, cozido em enormes fatias planas com um pé e meio de largura, era delicioso. Água fresca, com um travo ligeiramente metálico, era tirada de um poço no centro do pátio.

Enquanto esperávamos pela preparação final do jantar, um jovem bronzeado pelo sol entrou pela porta das cortinas com um cesto de favas. Passou ao longo da fila de pessoas e cada um tirou um punhado. Não fazíamos ideia do que fazer, mas a *Nonna* (Avó) tirou as minhas da mão, abriu as vagens, descascou rapidamente a pele exterior e entregou-me a fava doce como mel, ainda quente do sol. Este costume era tão natural para eles como seria para nós passar uma caixa de doces aos visitantes. Durante séculos,

aquele povo vivera da terra, e a sua energia abundante, dentes brancos e fortes e constituições resistentes davam testemunho da comida saudável, mas também das dificuldades de arrancar sustento da terra ressequida. Estas pessoas, por exemplo, levantavam-se às quatro e meia da manhã e, embora a quinta fosse agora grande e próspera, quando o velho casal viera para lá viver pela primeira vez, tinham-na trabalhado sozinhos.

Vinte e dois de nós sentámo-nos para "o piquenique" e integrámo-nos como se tivéssemos vivido ali toda a vida. Ou o vinho estava mais forte do que o habitual ou o sol estava mais intenso, mas após o almoço tudo se tornou uma algazarra. O John, com um chapéu de lavrador de abas largas e uma garrafa de vinho equilibrada no topo, fazia uma representação de Guilherme Tell com a espingarda que estivera pendurada na parede. Fui levada a dar uma volta pela propriedade na garupa de uma mota, agarrando-me como se a vida dependesse disso e viajando sobre o terreno mais pavoroso. Quando regressei, encontrei a Gwen em histeria no dorso de uma mula que caminhava pausadamente pelo pátio.

Apesar da hilaridade, não perdemos nada de interessante. Vimos os tanques e as prensas de azeite, o queijo feito de leite de ovelha e a maioria dos animais — coelhos, galinhas e cordeiros — todos em condições maravilhosas. Antes de deixarmos a quinta à noite, uma das filhas levou-nos ao andar de cima para ver o seu apartamento, que dava para milhas de paisagem ondulante. Embora o piso inferior estivesse inalterado pelo Tempo, o superior certamente não estava. A cama belissimamente adornada com mobiliário estofado a cetim poderia ter vindo diretamente de um *showroom* da Bond Street.

A nossa última noite com a família Loglisci foi tingida de tristeza, aliviada apenas por um pequeno incidente que deixou outra recordação agradável destas pessoas genuínas. Alguém passou pela casa para devolver as bandeiras britânica e italiana que, tendo caído ao chão quando as flores morreram, tinham sido apanhadas e levadas para o "Bar Rudy" por um rapazinho, a fim de serem devolvidas ao legítimo dono.

Esta ação levou-me a perguntar ao Franco se as árvores e arbustos que estavam a ser plantados nas várias praças eram alguma vez danificados pelos jovens. Ele sorriu gentilmente e abanou a cabeça. "Já ouvi falar de delinquentes juvenis, Linetta, mas não se encontram aqui. Castellaneta pertence ao povo e eles orgulham-se disso, e protegem tudo o que pertence à cidade. Estas, por exemplo", e indicou as bandeiras, "a criança não as teria guardado para si."

O Franco caminhou até à estante de vidro e colocou a sua fotografia favorita do Rudy numa das prateleiras com as duas bandeiras cruzadas atrás da moldura. "Aqui têm, meus amigos! Haverá sempre algo da Inglaterra aqui."

Fez uma pausa e, virando-se para mim, disse: "É estranho. Todos estes anos trabalhei sozinho para manter viva a sua memória; agora, finalmente, algo vai ser feito em relação a um monumento.

Sempre mantive flores perto da sua fotografia, e agora tu entraste na minha vida para fortalecer o elo." Falou devagar e com esforço para que eu compreendesse; estava obviamente comovido e um pouco intrigado. Eu conseguia simpatizar com a sua perplexidade, porque sabia que o elo que estava a afetar os seus sentimentos mais íntimos pouco tinha a ver com a personalidade de uma estrela de cinema. O Rudy já nos tinha dito que o elo com o Franco era da alma e que, sem o saber, ele era um instrumento para o mesmo Grupo Espiritual. Não era o único em Castellaneta. Havia outros também, além do Bruno.

Talvez sejam as pequenas coisas que deixam as maiores impressões; uma dessas coisas tinha-me surpreendido quando a vi pela primeira vez na casa dos Loglisci. Era um quadro de duas crianças nuas em frente a uma lareira antiga. Uma está agachada no chão e a outra está de pé com os braços estendidos para as chamas. Uma cópia exata está pendurada no nosso quarto em casa. Poderá ser um quadro bastante conhecido e chama-se "Depois do banho", mas o facto é que nunca o vi em mais lado nenhum exceto na casa da minha mãe, desde que me lembro.

Tivemos de partir cedo de manhã e o Franco acompanhou-nos, passando pelo "Bar Valentino" com o busto de bronze do Rudy e a sua famosa mistura de gelado chamada "O Beijo", e assim até à estação, com o seu minúsculo jardim de água alegre com flores e pequenas figuras de madeira rodando ativamente as manivelas de um moinho de vento em miniatura. O Signor Rizzi, do Clube Valentino, e o pai do Franco estavam lá para se despedirem de nós e custou-nos separar do último porque ele se tinha tornado querido para nós de muitas formas, particularmente para o John. Enquanto o comboio prateado em forma de bala acelerava em direção a Bari e à nossa despedida final do Franco, que insistira em vir connosco até lá, um ar de depressão desceu sobre o pequeno grupo e a nossa despedida, tanto em Castellaneta como em Bari, foi muito pouco britânica.

Foi uma viagem de sete horas tediante e desinteressante até Roma (ou seria por estarmos a viajar para norte, pergunto-me?) e parece ridículo admitir que Roma foi um anticlímax em relação a Castellaneta. A nossa primeira noite na Cidade Eterna foi fria e chuvosa; o nosso hotel era confortável e, sem dúvida com a melhor das intenções para com os seus visitantes ingleses, serviram *roast beef* com os respetivos vegetais! A chuva caía torrencialmente acompanhada de uma trovoadas "de estalo" e os relâmpagos recortavam-se contra um céu enegrecido que era apenas um pouco menos opressivo do que o nosso espírito.

Mas, claro, este estado de espírito logo passou, e os oito dias que passámos em Roma foram realçados pelo conhecimento de ligações passadas e prejudicados pelo trânsito do século XX. Eu ficava petrificada com ele durante o dia e atormentada por ele à noite. O nosso hotel dava para as clareiras verdes dos Jardins Borghese, mas o nosso quarto, muitos andares acima, ladeava o Corso d'Italia, e era um manicómio!

Não há necessidade de fazer um relato detalhado da nossa visita a Roma, pois as férias no estrangeiro fazem parte da experiência de muitas pessoas hoje em dia mas, como o propósito deste livro é acentuar o poder psíquico e Espiritual que rodeia todos, tratarei principalmente desta influência em relação aos lugares que visitámos.

Naturalmente, em vista da informação que me fora dada relativamente a um aspeto da evolução da minha alma, esperava reações surpreendentes ao entrar no Museu do Vaticano e nos apartamentos Borgia. É verdade que poderia ter passado lá muito mais horas, e o meu interesse era mais vivo do que teria sido sem o conhecimento do passado mas, quanto a reações que mexessem com a alma — elas primaram pela ausência! Não conseguia afastar inteiramente o antigo sentimento de aversão a este período, embora estivesse profundamente impressionada com a beleza requintada e a execução de tudo o que vi, e descobri que é por estes tesouros que a família é recordada e não pelos crimes notórios que cometeu. Fiquei a olhar para o "meu" retrato com um profundo sentimento de alívio por ser agora apenas uma turista inconspícua. Não conseguia sentir o Rudy, ou "Alfonso di Bisceglie" como ele era em 1499. Na verdade, como experiência de percepção de reencarnação, foi algo dececionante!

Alguns dias mais tarde, contudo, uma visita ao Castel Sant'Angelo não deixou dúvidas quanto à validade da minha encarnação anterior. Ali senti um grande medo pessoal e, numa escadaria construída pelo "meu pai", o Papa Alexandre VI, senti-me literalmente enjoada! Numa sala desta fortaleza existe um enorme plinto de mármore com o nome, presumo, do "meu" infame irmão, Cesare Alessandro Valentino.

Três vezes caminhei de volta a este período, sendo a outra ocasião quando visitámos Tivoli e a Villa d'Este. Ao entrarmos no átrio ornamentado que dava para a *loggia*, uma guia de língua inglesa anunciou em voz alta para o seu grupo de visitantes: "Esta magnífica villa foi reconstruída e transformada pelo filho da mulher mais bela da Renascença, Lucrezia Borgia."

Foi um dia maravilhoso e a villa era gloriosa, e por todo o lado vi os símbolos tantas vezes dados a nós clarivamente: claustros e pórticos, o unicórnio branco de Cesare, os lírios heráldicos e as águias brancas de d'Este, e o brasão de armas do Cardeal de Ferrara. Não que eu tivesse qualquer

influência sobre o "meu segundo filho" — pelo menos não uma influência material, porque ele tinha apenas dez anos quando "eu" encerrei o capítulo dessa encarnação em 1519.

Percorremos muito terreno no pouco tempo que estivemos em Roma, passando um dia nos Jardins e Galerias Borghese, e também no infantário de animais onde tirei a minha fotografia com um leãozinho no colo. Mas o lugar ao qual regressámos mais do que uma vez foi o Monte Palatino, porque ali todos sentimos uma sensação de familiaridade. Como acontecia sempre que havia algo de interesse especial, na nossa primeira visita um dos funcionários escolheu-nos e iniciou uma conversa, chamando a atenção para certos objetos e relatando a história do lugar. Foi desta maneira que aprendemos muito sobre a Roma antiga e, apesar da barbaridade do período, é um período pelo qual me sinto muito atraída.

Foi no terceiro dia, contudo, que ocorreu a reação mais intrigante, e foi nas Catacumbas de São Sebastião na Via Ápia. A Gwen tinha selecionado estas e, como o Rudy a tinha impressionado tantas vezes durante as nossas férias para fazer certas coisas, nunca questionámos a sua escolha. Tal como outras catacumbas nas proximidades, estas tinham sido usadas como local de reunião secreto para os cristãos primitivos, e acredita-se que os corpos de São Pedro e São Paulo jazeram nestes túmulos por um tempo considerável.

A minúscula cripta para a qual o monge que era o nosso guia nos conduziu era muito escura, embora os olhos logo se habituassem. Enquanto ele explicava em bom inglês o significado do lugar, eu estava de costas para um busto de mármore de São Sebastião que o retratava como um homem jovem e belo; também mostrava uma seta atravessada no peito, que fora a forma de martírio pela qual passara. Na verdade, fora martirizado duas vezes: uma por açoitamento e outra por setas.

Senti uma calorosa simpatia por ele enquanto o monge descrevia o seu fim brutal, e estava consciente de uma perturbação interior enquanto percorríamos as passagens sinuosas do sepulcro. O que estas queridas almas tinham sofrido pela sua Fé! Ao sairmos das catacumbas, entrámos na beleza deslumbrante da igreja ou basílica que está construída sobre este local sagrado. Era como um bolo de noiva em branco e ouro, e tão luminosa e espaçosa que era quase austera. Havia um altar à minha direita quando saí da porta onde o monge nos deixou, e caminhei para ele, sozinha.

Era o altar de São Sebastião e, num nicho em baixo, jazia a figura de mármore trespassada por setas. Estava numa postura tão natural que mal podia acreditar que não era carne da qual o sangue se tinha esvaído. Um joelho estava fletido, uma mão descansava sobre o peito nu e o outro braço jazia pesadamente contra o corpo; a cabeça encaracolada, inclinada para trás numa posição ligeiramente torcida, repousava numa almofada improvisada feita do

uniforme de um soldado romano e revelava o belo rosto voltado para cima, do qual as linhas de agonia mal se tinham desvanecido.

Em contraste total com a palidez rígida da figura, ao longo da borda do nicho e igualmente realistas, estendiam-se as folhas verdes e as flores azuis brilhantes da trepadeira "Glória da Manhã", da qual pendiam cinco corações, dois deles emoldurados em joias.

Não vi mais nada na basílica; fiquei apenas pregada ao chão, sem saber como explicar os sentimentos que me invadiram. Era como se sentisse uma dor terrível mas, como não provinha de uma emoção ligada ao meu cérebro consciente, era uma dor desincorporada. No entanto, era minha! Não era uma condição que eu estivesse a captar, era demasiado aguda para isso.

Tive de exercer a minha força de vontade para me juntar ao John e à Gwen enquanto caminhavam para a porta, e para não me deixar cair de joelhos a chorar! Não queria partir, porque sentia que algo meu estava a ser deixado para trás, algo que, com todo o respeito, pouco tinha a ver com o próprio São Sebastião. Quando já tínhamos caminhado alguma distância pela Via Ápia, não consegui reprimir mais as lágrimas.

Graças a Deus, a Gwen e o John foram compreensivos e esperaram até que a tensão se dissipasse, e demorámo-nos mais do que o necessário na igreja de *Quo Vadis*, onde éramos os únicos visitantes. Um monge tocava o pequeno órgão e, sob a influência das pinturas de São Pedro e São Francisco de Assis, a tristeza abandonou-me tão rapidamente como descera. Embora tenha falado com o Rudy sobre isso desde então, ele não consegue oferecer outra explicação além da minha extrema sensibilidade à atmosfera trágica que rodeia as catacumbas.

Após alguma reflexão introspetiva, contudo, parece-me que existem vários níveis psíquicos dentro da consciência humana, como ilustrado pelo que designei como "a aproximação" que, em primeira instância, se regista ao nível emocional, embora penetre frequentemente numa camada mais profunda. Depois, existem as percepções místicas que mexem com a alma e que surgem como revelações e visões súbitas, ou reações interiores a certas situações ou condições não registadas pelo cérebro e para as quais não se encontra explicação.

Por último, surge a unidade composta e quiescente da experiência tátil desprovida de emoção, que eu percebera em plena luz do dia na enfermaria do hospital nas duas ocasiões já descritas. Poderão existir outros níveis, mas posso falar apenas daqueles que experimentei pessoalmente. O resto da nossa estadia em Roma passou depressa demais e, quando chegou o dia de partirmos, havia ainda muitos lugares que não tínhamos visitado.

Embarcámos no nosso *Comet* às 5:15 da manhã da nossa partida e, em poucos minutos, tínhamo-nos lançado sobre o mar a uma grande altitude; um pouco mais tarde, ao passarmos sobre os Alpes, conseguimos fotografar algumas vistas maravilhosas de picos cobertos de neve que pareciam cenas da Antártida. Tocámos o solo no Aeroporto de Londres duas horas e dez minutos depois de deixarmos Roma. A Jean tinha preparado tudo para a nossa chegada e, meia hora depois de estarmos em casa, estávamos a dormir.

Quando acordámos, o sol jorrava pela janela e o quarto estava impregnado com o perfume das flores; nada tinha mudado, e a rapidez do nosso regresso de Roma, em si mesma, criara uma sensação de irreabilidade. Os meus olhos deambulavam da fotografia familiar de Rudy, de que o Franco tanto gostava, para a réplica do quadro das duas crianças nuas; não fosse por estes e pelo elo que agora representavam, toda a jornada sentimental teria parecido meramente um sonho.

12

À DISTÂNCIA DE UM PENSAMENTO

As férias prolongadas de Leslie em Espanha e a regra de não realizar sessões à noite, sabiamente imposta pelo Charles, obrigaram-nos a esperar até 10 de agosto antes de podermos falar novamente com os nossos amigos. Havia muitas perguntas que eu queria fazer sobre as nossas férias, mas as condições da sessão foram favoráveis para a exposição de Filosofia Superior, sobre a qual o Rudy falou durante quase uma hora, e as minhas perguntas ficaram por fazer. Incluí um excerto desta palestra no prefácio deste livro.

Em setembro, o monumento a Rudolph Valentino foi inaugurado em Castellaneta com todo o habitual entusiasmo italiano, na presença de personalidades do teatro, dignitários militares, jornalistas e unidades de rádio e televisão. O monumento é puramente representativo. A figura está envolta num traje árabe em cerâmica de cores brilhantes, ladeada por três plintos verticais decorados com relevos coloridos que simbolizam a era do cinema mudo e mostram câmaras, luzes de arco, megafones e todo o equipamento de estúdio. O apreço dos povos dos cinco continentes é retratado por cinco pares de mãos a aplaudir.

No discurso de inauguração, salientou-se que o monumento representava também outros italianos que deixaram o seu país natal para encontrar um novo modo de vida e que, tal como Valentino, descobriram que o seu caminho não fora semeado de rosas, mas mais frequentemente de espinhos. O discurso prosseguiu dizendo que, no início da sua carreira cinematográfica, ele fora escolhido para interpretar papéis rudes e sórdidos, mas que, através do seu refinamento e habilidade, conseguiu retratar a beleza e o romance de tal forma que iniciou o que, desde então, tem sido chamado de Revolução Romântica.

É muito decepcionante notar que aquelas aspirações ambiciosas de fazer algo que valesse a pena pelo povo de Castellaneta ainda não foram concretizadas. Isto deve-se ao facto de, desde 1961, uma certa facção política contendo vários obstrucionistas ter suprimido a ideia de uma Casa para Artistas Reformados, e o edifício erguido foi agora aberto como um hotel. O Clube dos Rapazes, que mostrava tanta promessa, foi fechado por falta de apoio por parte do Governo. No entanto, o Rudy mantém-se confiante no sucesso final dos planos de usar o seu nome em benefício dos necessitados e explica que neste projeto, como em todas as coisas, há um fluxo e refluxo, mas que uma mudança de partido trará movimentos progressivos no futuro.

O Bruno veio a Londres para umas curtas férias no outono e, enquanto aqui esteve, procurou autorização para trabalhar em Inglaterra. Foi concedida uma autorização sob certas condições que ele cumpriu, e regressou na primavera seguinte para se estabelecer numa nova vida. Assim, outra das profecias de Rudy, feita treze meses antes, cumpriu-se.

As sessões de voz direta eram agora tão raras e espaçadas que, enquanto o Leslie estava em Espanha, eu tinha marcado várias sessões com um médium de transe na Sede Espiritista. Infelizmente, o espaço não me permite tratar este contacto detalhadamente, mas provou ser um elo maravilhoso com os nossos amigos Espirituais e um meio de colaboração muitíssimo satisfatório. Também acrescentou imenso ao meu Conhecimento Espiritual, especialmente em relação à reencarnação, sobre a qual a maioria dos comunicadores fala entusiasticamente através deste instrumento.

Foi apenas muito recentemente, após cerca de vinte e quatro sessões com o Sr. Ronald Kelly, geralmente com a Jean e ocasionalmente com o círculo completo, que ele me disse que, pessoalmente, não aceitava a teoria do regresso individual, mas antes favorecia a ideia de uma Força Vital que regressa enriquecida pela experiência de massa da Humanidade. Sendo um médium, porém, tinha aprendido há muito tempo a manter a mente aberta sobre todos os assuntos.

A primeira vez que me sentei com ele, fui sozinha, e a minha mãe, o Charles e a Irmã Teresa verificaram as suas personalidades; também conheci vários comunicadores maravilhosos de várias nacionalidades e eras remotas

que, desde então, se tornaram amigos queridos e de confiança. A hora estava quase a terminar quando o Sr. Kelly mergulhou num estado de transe mais profundo e, falando com dificuldade, disse: “Há mais instrumentos do que um! Tenta — compreender-me. Há mais instrumentos do que um.” Era a voz do Rudy! Ou deveria dizer que era a sua pronúncia individual vinda através de outro canal? Antes que eu pudesse responder, o Sr. Kelly regressou à consciência com uma rapidez alarmante e exclamou com voz surpresa: “Este era alguém estranho!”.

Desde essa altura, este contacto tem sido mantido aberto e está aperfeiçoado ao ponto de uma conversa iniciada em casa do Leslie ser frequentemente continuada várias semanas mais tarde através do Sr. Kelly, sendo o assunto recordado pelo Rudy sem qualquer incitamento da nossa parte. Um tema é tratado em detalhe científico através deste médium, e o Rudy dá-me tempo para tirar notas que registei nos meus ficheiros e das quais reunirei parte do material para um livro posterior que ele deseja que eu escreva, sob o título de “A Filosofia de ‘Valentino’”. Sem dúvida, este também se estenderá por um período de anos. Foi através da excelente mediunidade do Sr. Kelly que pudemos receber um relatório sobre a saúde do Leslie e dar-lhe cura à distância enquanto ele ainda estava no estrangeiro.

Durante a sessão de voz direta em janeiro de 1962, foi-nos dada a primeira indicação real do nosso papel no plano, quando o Rudy disse: “Estou a planear o dia em que tereis uma casa grande dividida em dois apartamentos e assim podereis combinar forças espiritual e materialmente. Haverá um Santuário onde realizareis reuniões e dareis ajuda e esclarecimento a muitas pessoas. Vai ser a minha casa também”, disse ele com um “sorriso” na voz, “e eu serei o responsável!”. Foi só no final da primavera que nos foi dado o nome *Kelvin*, que deveria estar ligado a esta propriedade. A partir daí, passou a ser conhecida por nós como *Kelvin Lodge*, e representava tudo o que nos fora ensinado ao longo dos anos: *Knowledge, Enlightenment, Love, Verity, Illumination, Natural Law* [Conhecimento, Esclarecimento, Amor, Verdade, Iluminação, Lei Natural].

“O Santuário”, disse-nos o Rudy, “destina-se a trazer iluminação onde há trevas, compreensão onde há ignorância, verdade onde há falsidade e alegria espiritual onde há vazio no mundo.” Enquanto o nosso ânimo subia com estas palavras inspiradoras, a sua voz calma alertou sabiamente: “Mas lembrai-vos, sois apenas os instrumentos, e sem o Poder do Espírito nada é possível. Sei que sois muito sinceros e através de vós tenho sido capaz de realizar parte do meu trabalho, e isto irá expandir-se. Ser-vos-á dado maior desenvolvimento, mas é essencial que permaneçais como sois agora.

Quando tivermos o nosso Centro, aumentaremos o grupo e obviamente outras pessoas estarão envolvidas, e a estas deveis aceitar como parte de vós próprios, como uma só família. Não quero dizer que viverão convosco, mas

serão trazidas até vós, e deveis trabalhar juntos em completa harmonia. Cada um será desenvolvido em graus variados, pois cada caminho é um caminho de serviço. Não existe tal coisa como ‘um caminho apenas’ ou ‘um método de desenvolvimento único’.

O Poder do Espírito pode ser comparado a um reservatório de água e cada um de vós é um canal separado fluindo para um lugar diferente. O elemento humano não pode ser completamente erradicado mas, onde houver verdadeiro conhecimento e amor, este perigo para o nosso trabalho pode ser superado, juntamente com as pequenas irritações.”

Já expliquei anteriormente que vivemos em grande proximidade com os nossos vizinhos e, durante os três meses seguintes, o anseio pela *Kelvin Lodge* aumentou a cada semana. O trabalho começou a cansar mais do que o habitual e, inconscientemente, tornámo-nos um pouco menos tolerantes. No dia 5 de maio, quando tínhamos sessão marcada, tivemos uma pequena discussão a caminho da estação, causada por alguém não ter ouvido corretamente uma observação casual. Eu não fora a culpada mas, sem o saber, fora a causa do mal-entendido, que era tão pequeno que o tínhamos posto de lado muito antes de chegarmos a casa de Leslie; conseqüentemente, ele nada sabia sobre o assunto.

O Rudy comunicou quase antes de o Mickey nos ter saudado e a sua voz estava invulgarmente séria. Fez um longo discurso sobre a importância de viver, em vez de existir, e aproximando-se do assunto do Santuário, disse: “Tendes de o tornar possível através dos vossos pensamentos e das vossas ações. Como sempre, as trivialidades estão a provar ser mais difíceis de suportar do que as cruzes pesadas mas, se não conseguis agora, nesta fase, estar em paz uns com os outros, obviamente algo falta! Deveis aprender a viver uns com os outros e não ‘perder as estribeiras’, criando assim uma má atmosfera. Especialmente quando vêm aqui para falar connosco!”, disse ele severamente.

“Hoje submergimos a atmosfera até certo ponto, mas continua a não estar boa. Preocupa-me quando vos vejo discutir uns com os outros por coisa nenhuma... agora suponho que pensais que vos estou a dar um sermão?”. Não houve resposta do grupo envergonhado e ele continuou suavemente: “Venho mais vezes do que pensais.” Continuou a não haver resposta.

“Às vezes divirto-me...”, hesitou ele e sentimos o seu olhar percorrer o círculo, “mas tem havido uma atmosfera recentemente que me tem causado um certo... ia dizer desagrado, mas percebo que não tenho o direito de estar desagradado com ninguém... er... mas sinto-me perturbado.” Ele estava obviamente angustiado por ter de falar desta forma e a sua voz vacilou.

“Todos gostais de pensar que estais no mesmo nível de desenvolvimento, mas eu diria claramente que isso — não — é — assim! Alguns de vós estão a ficar para trás, alguns não são almas tão antigas, enquanto alguns que o são mostram sinais de se tornarem um pouco imperiosos. Falo convosco desta maneira devido ao incidente infantil de hoje...”. Faltaram-lhe as palavras! “Contudo, sois adultos e deveríeis ter mais juízo! Sabem, as pessoas estão sempre a dizer: ‘Oh! O estado do mundo!’. Mas não são apenas os políticos que criam o estado do mundo, são as pessoas!

Vós sois o que Cristo costumava referir como os pastores e, a menos que sejais bons pastores, não podeis realizar o vosso trabalho devidamente. É pelo vosso desejo de serviço que salvareis as ovelhas perdidas. Vós as reunireis e depois, quando fordes capazes, pelo vosso próprio exemplo, de o justificar, então encontrareis o lugar ‘onde podereis reclinar a cabeça’.” Novamente a sua voz tremeu de emoção e de uma severidade que não surge facilmente ao Rudy, e proferiu as palavras seguintes lenta e tristemente. “Não — me — peçais — por — enquanto — que concretize aquilo que todos ansiamos ter, até que vós próprios (não através de ajuda financeira) o torneis possível. Acreditai-me, quando estiverdes prontos, ele virá, esse Santuário do Espírito, criado através de pensamentos vivos de amor e amizade. Toda a atmosfera deve ser de Deus e, se não for, então é inútil! Desejo tão desesperadamente que sejais fiéis ao que vos foi ensinado”, disse ele num tom de apelo. “Que sejais fiéis ao amor que flui deste Lado tão abundantemente.

Sede fiéis uns aos outros na simplicidade. A vossa é uma grande responsabilidade mas, contudo, sois altamente honrados e quero que percebais quão importante é para nós que, em todos os momentos, reflitais o amor, a beleza e o poder do Espírito, pois sois os nossos espelhos. Se algum de vós considera que é o elo fraco na corrente, fortaleça-se! Porque essa fraqueza pode travar-nos. Tenho de ir agora, mas deixo-vos com o meu amor. Não pensem que fui injusto ou indelicado, pois certamente já nos conhecemos suficientemente bem para podermos falar com verdade, como irmãos, em bondade e compreensão. Em poucos meses vereis o início do nosso trabalho num sentido mais amplo. Tenho de ir. Adeus.”

Taticamente, o Leslie esperou alguns minutos antes de acender a luz. Parecia tão abalado como nós e apressou-se a consolar-nos; contudo, ao mesmo tempo, apoiou tudo o que o Rudy dissera, afirmando que fora uma crítica justa e correta e, claro, concordámos. Ninguém se sentiu ressentido com a repreensão. Afinal de contas, estávamos a dar-nos ao serviço e a ser aceites por uma alma que provara ser um instrutor amoroso e paciente, tendo portanto o direito de repreender os seus alunos se necessário.

Foi isso que nos chocou. Não tínhamos percebido que estávamos a fraquejar mas, mais tarde, após devida reflexão, admitimos que ele tinha razão em todos os pontos. Leslie explicou gentilmente que muitas pessoas o

procuravam por várias razões. Obtêm conforto, ajuda material ou espiritual de acordo com as suas necessidades, mas poucas são as que se espera que aspirem ao nível que nos fora estabelecido.

“Obviamente há uma boa razão para isso, Lynn”, disse ele. “O Rudy espera evidentemente que todos vós sejais um reflexo dele próprio, tal como ele é agora, e ele deve saber o que vos está a pedir. Já me disseram muitas coisas semelhantes ao longo dos anos e, naturalmente, tento — mas nem sempre consigo. Se eu pudesse aspirar constantemente a um nível superior, a minha mediunidade seria soberba! Por isso não se aflijam pois, se pensarem logicamente, é um grande elogio que Eles estejam tão preocupados com todos vós.”

Foi só quase um ano mais tarde que outra parte do plano ficou clara, quando o Charles discutia o círculo. Disse-nos que estávamos a ser usados coletivamente para uma nova técnica e que a caixa de voz não estava a ser construída em redor de um só médium, mas com os poderes combinados dos quatro. Já tinha sido construída e mantida por mais de uma hora, mas ainda não estava estável o suficiente para ser usada.

Para auxiliar a experiência, foi acordado ter uma pequena mesa no centro do círculo para colocar um microfone ligado a um amplificador e altifalante. Uma câmara com um filme Sensível foi também acrescentada na esperança de que alguma imagem da acumulação de poder pudesse ser fotografada.

O Rudy perguntou-me sobre o livro e expressou o desejo de ter uma série de sessões comigo, pois havia uma ou duas coisas que queria esclarecer em relação à encarnação Borgia. Inquiriu se eu alguma vez tivera uma visão dele num corcel branco durante esse período. Mas eu não tinha qualquer recordação disso, e ele aconselhou-me a não alimentar um sentimento de ressentimento em relação àquela era específica, porque se eu estivesse mais recetiva, seria mais fácil para ele discuti-la.

Finalmente acrescentou: “Gostaria de poder fazer mais para te ajudar com aquela coisa de que precisas... que é conseguirmos passar audivelmente! E não percam a esperança quanto ao nosso Santuário, sabem que é sempre tão difícil para nós estimar o Tempo.”

“Esperavas que ele nos tivesse surgido antes disto, Rudy?”, perguntei hesitantemente.

“Esperava”, disse ele calorosamente. “Antecipei-o muito antes disto, mas não desanimei. Se algo é adiado por um tempo há uma boa razão, uma que até eu posso desconhecer, mas ele virá! Por favor, acreditai em mim, ele virá.”

As sessões especiais de voz direta que eu deveria realizar com o Leslie começaram a 5 de abril de 1963 e, naturalmente, eu estava extremamente entusiasmada. Estávamos sentados há meia hora quando notei que uma luz forte brilhava através da cortina de veludo azul sobre o nicho da porta que dava para a sala. Eu conseguia ver o contorno do Leslie e ele parecia estar em transe. Esperei um pouco mais e depois decidi despertá-lo, porque a luz tinha-se agora espalhado pelo chão e em redor dos meus pés. Era impossível que qualquer comunicação ocorresse. Chamei-o baixinho: “Leslie, lamento, mas não vale a pena continuarmos sentados.”

“Eh?”, murmurou ele. “O que disseste?”

“Não vale a pena, eles não conseguem passar por causa da luz. A porta da sala abriu-se!”

Ele despertou e inclinou-se para a frente na cadeira. “A porta da sala? Isso é impossível! Que luz é essa, Lynn?”

“É a luz do sol. A porta deve ter-se aberto e a luz está a passar pela cortina.”

“Isso não é luz solar, Lynn, isso é psíquico! Não vejo tal coisa há vinte anos!”, exclamou ele. Pareceu que uma nuvem passou sobre o “sol” e a luz desvaneceu-se. Levantei-me para investigar. A porta estava trancada por dentro e apenas um fino traço de luz passava pela fresta inferior.

Na vez seguinte em que tive uma sessão privada, verifiquei eu própria a porta e as janelas e, tirando a pequena fresta ao fundo da porta, a sala estava totalmente obscurecida. Dez minutos depois, estava banhada numa luz prateada e consegui tirar uma fotografia — não muito boa, mas o suficiente para mostrar os raios de luz a penetrar as dobras da cortina de veludo; desta vez, porém, através da bruma nebulosa, veio a voz de Rudy. “Linetta, olha! Observa a luz. Conforme falo, ela flutua. Não consegui passar da última vez.

Não me perguntes o que é; nós não sabemos! É muitíssimo intrigante. Há aqui um grupo considerável de cientistas a tentar perceber o que é que se acumula quando vocês os dois se sentam juntos. É um poder único, e a presença de outros do vosso lado parece impedi-lo. Observem por um momento, ambos, quero que tenham a certeza. Se eu continuar a falar, ela enfraquece, mas acumular-se-ia de novo se eu permanecesse em silêncio.” Ele fez uma pausa enquanto observávamos a luz brilhar e depois desvanecer-se, conforme ele começava a discutir o assunto em questão.

Foi durante estas sessões de tarde que recebi uma nova indicação do nosso trabalho que, através do livro, deveria ilustrar o facto da reencarnação aplicado a nós. O período da Renascença não só ofereceu o exemplo já

referido como, na experiência de Vida de Rudy, foi de particular interesse, pois demonstrou um caso de regresso imediato.

A vida do jovem Alfonso di Bisceglie estava em constante perigo devido à intriga política, e as oportunidades para evoluir da maneira desejada foram frustradas por circunstâncias avassaladoras. Por conseguinte, outro aspeto do mesmo Eu Superior procurou entrada na vida material e, no espaço de três meses após o assassinato brutal de Alfonso, nasceu um filho muito aguardado de um casal devoto em Florença. Chamaram-lhe Benvenuto (que significa “Bem-vindo”) — Benvenuto Cellini (1500-70).

Quando o John leu a autobiografia de Cellini, ficou fascinado por este artista fanfarrão, temerário e magnífico que, na sua opinião, condizia mais com o “Rudy” do que o gentil e pacífico Alfonso. Foi revelado mais tarde que o John tinha servido a sua aprendizagem como prateiro sob as ordens de Cellini. Pessoalmente, prefiro a manifestação mais recente do “Rudy”, que mostra um pouco de ambos os caracteres, e a única coisa que tenho em comum com Benvenuto é a revelação visionária do sol a ganhar vulto e forma, que ele descreve na sua autobiografia. Esta surgiu-lhe nas masmorras do Castel Sant'Angelo durante um período de grande privação.

Naturalmente, eu queria fazer mil perguntas na sessão seguinte com o Leslie mas as condições não foram favoráveis e ninguém falou. Por isso, marquei uma sessão com o Sr. Kelly um dia ou dois depois e, assim que ele entrou em transe, coloquei as minhas questões ao Rudy, que consegue agora assumir o controlo deste médium de imediato. A primeira pergunta foi: “Quando é que uma alma estabelece o seu direito de entrada: na concepção, na animação [*quicken*ing] ou no nascimento? E por autoridade de quem existe uma escolha imediata de regresso após uma morte acidental?”

Anotei a seguinte resposta conforme foi dada — e foi após esta sessão específica que o Sr. Kelly me disse que não aceitava o facto da reencarnação! Sem um momento de hesitação, o Rudy disse: “Na concepção. É nessa altura que uma alma assume o direito de entrada no mundo. Claro que há uma preparação prévia, mas vamos ater-nos ao aspeto material. Conforme uma Alma Individualizada começa a operar numa frequência mais alta — à falta de melhor expressão — mais rápido pode ser o regresso, se essa Alma assim o desejar.

Lembra-te que ela se tornou individualizada através da Experiência de Vida e, se estiver no estágio de ser capaz de escolher conscientemente uma posição na vida para cumprir certos dons artísticos ou científicos, por exemplo, terá a autoridade... embora não goste muito da palavra! Terá o direito absoluto pela Lei Natural de cumprir o seu propósito no período de tempo escolhido, independentemente das circunstâncias.

Se, por exemplo, devido a um desastre, questões políticas ou guerra, essa porção do Eu Superior não puder cumprir o seu propósito pré-ordenado na Terra, assim que isso se torne aparente, outra porção pode procurar entrada. Mas isto não apaga a existência da personalidade anterior.”

Estes exemplos ilustram um ponto que pode causar confusão devido ao fraseado que todos usamos ao fazer certas afirmações. Não é estritamente correto, enquanto se está no corpo material, dizer: “Eu fui Fulano de Tal no passado.” Seria mais exato dizer: “No meu Registo de Vida existe a experiência da minha vida como Fulano de Tal.” Mas, uma vez passado o estágio de um último regresso à Terra, e falando a partir do nível da Personalidade *Plus* (o Eu completo composto por todas as porções), então a frase “Eu fui Fulano de Tal” pode ser usada com impunidade. Isto é corroborado pela observação seguinte do Rudy.

“O homem é divino e opera em muitos níveis, mas o homem real, o verdadeiro espírito do homem, tem muitos aspetos. Há ocasiões, frequentemente quando a partida é causada por acidente, em que a mesma porção da Alma reencarna, especialmente se a partida ocorre na infância e, portanto, não foram formados demasiados laços terrenos.

Por vezes o regresso é feito através dos mesmos pais, mas esta é a exceção e não a regra. Eu não sou exceção. Tu não és exceção, e as nossas ‘personalidades’ são apenas aspetos separados de um Todo maior e, portanto, temos muitas facetas no nosso carácter. Tem de ser assim. Sei que achas isto difícil porque estás a fazer uso (pela primeira vez) de diferentes níveis da tua própria consciência para me compreenderes, mas sentes e percebes a verdade das minhas afirmações.

Talvez isto te ajude. O cérebro Intelectual concentra-se. A Inteligência apreende. Mas apenas o Eu Superior consegue ABSORVER. Cada obra-prima que foi criada e expressa numa forma material veio de um nível superior de pensamento. O Jardim do Pensamento Criado é colorido pelo Eu Superior.

Creio que o nosso amigo Claude [o guia do Sr. Kelly] não se importará se eu usar uma expressão que sei ser particularmente dele: ‘Não existem clímaxes na Vida nem anticlímaxes, apenas mudança de circunstâncias.’ Lembra-te também de que não há elemento Tempo envolvido. Não importa de todo, em certos estágios, quanto tempo passa antes de ser feita outra entrada.

Não perdemos a nossa Individualidade nos níveis Superiores, embora trabalhemos todos como uma só Mente. Compara-o a uma empresa. Os executivos, diretores e gestores têm o trabalho em mãos e os seus desejos são comunicados a outros em posições menos importantes. E assim, por todos os vários departamentos, o mesmo assunto recebe atenção, até chegar ao último ponto de contacto com a firma e sair para o seu destino. Toda e qualquer

pessoa que lide com essa encomenda específica trabalha com uma só mente e um só propósito mas, depois de o dia terminar e cada membro da equipa partir para sua casa, fá-lo como um indivíduo completo. Assim é connosco.

Trabalhamos como um Grupo e, por esse Grupo, é-nos frequentemente confiada uma tarefa. Essa tarefa será concluída de uma forma ou de outra através de várias personalidades operadas pelos Indivíduos desse Grupo. Eventualmente, o Grupo e os Indivíduos envolvidos evoluem para um Estado de Consciência puramente Espiritual e operam a um nível Universal.”

Houve outra encarnação referida durante as minhas sessões privadas com o Leslie, e estava em completo contraste com o ambiente da posterior, onde vários de nós, pertencentes à mesma Alma de Grupo, carregámos o fardo da riqueza e do poder. Clarivamente, eu tinha visto muitas vezes a antiga Judeia e os meus sentimentos nos olivais perto de Castellaneta tinham aumentado a convicção de que houvera um elo com esses tempos. Quando questionei o Rudy, a voz dele tornou-se “sonolenta” enquanto ele se concentrava no passado e olhava pelos corredores distantes do Tempo.

“No tempo de que falas, éramos apenas judeus humildes e comuns. Ficámos muito impressionados com os ensinamentos do Cristo mas, tal como tantos outros, não os pusemos em prática. Mas vivemos no tempo do Nazareno... a nossa família estava interessada, mas continuámos ortodoxos e mantivemo-nos na nossa própria ‘igreja’. Ouvimos o Nazareno mas não O aceitámos totalmente... percebes que havia uma grande pressão... é difícil de explicar hoje. Naqueles dias, as regulamentações existentes para os pobres... era perigoso participar em algo que fosse contra todas as religiões conhecidas. Ele era um proscrito, e nós tínhamos demasiado medo de nos assumirmos abertamente como alguns fizeram... tínhamos muito medo.”

“Consigo compreender isso. É preciso ser cauteloso até hoje!”

“O meu nome era *Josephus* e o teu era *Miriam*”, continuou o Rudy, “eram nomes comuns e éramos apenas camponeses a trabalhar na terra... irmão e irmã.”

“Já fomos isso antes”, disse eu.

“Sim, várias vezes.” A voz dele retomou um tom mais vital e a conversa continuou noutra linha. Descobri ser aconselhável não insistir por muito tempo em recordações distantes, porque o esforço de usar a caixa de voz e de se concentrar em questões como estas tende a causar confusão.

Assim, a ilustração das nossas vidas passadas chegou ao fim, visto que o Rudy considera que os exemplos dados são suficientes por agora. Mencionei novamente que é essencial ter Experiência de Vida de ambos os sexos,

embora pareça que um sexo predomina durante várias encarnações, e a pessoa pergunta-se se a mudança representa algum tipo de risco? Mas para efeitos do meu desenvolvimento, fui-me mostrada de formas que tornavam o reconhecimento possível.

Atualmente sinto que estaria além da minha sensibilidade psíquica tornar-me consciente de uma personalidade minha numa forma masculina, embora pessoas com o dom natural da memória longa pareçam não ter dificuldade em reconhecer-se. Naturalmente, o Leslie, a Gwen e os membros do nosso círculo também sabem algo das suas vidas passadas, mas não é necessário que eu revele factos pessoais sobre outras pessoas e as suas encarnações.

O tempo do “verão” de 1963 deu pouca compensação pela severidade do inverno e não nos sentimos inclinados a aventurar-nos para longe nas nossas férias, por isso fomos para Brighton, onde vivi durante os meus tempos de escola. Não estávamos na cidade há nove horas quando nos abrigámos do frio e da chuva num bar acolhedor, para o qual fomos conduzidos (pela nossa escolta invisível, descobrimos mais tarde!) e colocados criteriosamente numa posição onde não podíamos evitar ouvir uma conversa entre duas pessoas sobre umas gravações de sessões do Leslie Flint. Após a hesitação apropriada, mandámos a cortesia às urtigas e “entrámos de rompante” na discussão, com o resultado de que, mais tarde, fomos apresentados a dois investigadores conhecidos que dedicam as suas vidas ao serviço Espiritual. Eles possuem uma biblioteca de mais de duzentas fitas de voz direta através do Leslie Flint, e tivemos o prazer de ouvir algumas das gravações quando fomos convidados para sua casa numa noite.

Entre a sua coleção encontram-se muitas personalidades famosas dos mundos literário, científico e teatral, também vários dignitários da Igreja, bem como líderes mundiais religiosos e políticos. Desde que regressámos de férias, os nossos amigos de Brighton deram duas entrevistas e passaram certas gravações no circuito da *Southern Television*, as quais despertaram grande interesse público, e em breve esperam publicar uma seleção de transcrições da sua impressionante biblioteca.

Na nossa sessão seguinte com o Leslie, dez dias depois, um Rudy muito jubilante disse-nos que tinha “organizado” todo o assunto, pois estava ansioso por que conhecêssemos estes amigos. Comentou que não tinha sido muito difícil de concretizar, pois todas as pessoas envolvidas eram espiritualmente despertas. Durante esta mesma sessão, expressou um caloroso interesse no futuro casamento da Barbara e disse que falava em nome de todo o Grupo, muitos dos quais estariam presentes na cerimónia.

O casamento teve lugar em agosto e contou apenas com a presença de familiares e amigos próximos, mas a invisível e ilustre “família” esteve lá em

peso. Após a recepção ter terminado e antes de a noiva e o noivo partirem para a lua-de-mel, fizeram história na carreira de Leslie ao marcarem uma sessão com ele. O Charles foi o porta-voz na parte inicial e disse quão profundamente tocados todos estavam por os recém-casados quererem partilhar o seu dia especial com eles. O Rudy foi particularmente terno, e consideramos um privilégio termos sido autorizados a ouvir a bela gravação que foi feita. Quando as coisas passarem por uma fase difícil, como por vezes acontece, ouvir esta fita agirá certamente como óleo em águas turbulentas.

A Jean e o Stanley tinham agora mais tempo disponível e puderam ajudar-nos a transcrever as fitas e, como a minha correspondência cresceu à medida que mais e mais pessoas se interessavam, compuseram o primeiro boletim informativo chamado “*Kelvin News*”, que ajudaram a duplicar. O motivo azul do Santuário da Estrela Ascendente encabeça a folha e, no Natal, gravamos a estrela em relevo prateado, já que estas cores foram escolhidas para o Santuário pelo Rudy.

Este sinal começa a ser conhecido e a circulação do boletim está a crescer e, embora ainda não tenhamos o lugar, o Rudy está felicíssimo com a prova da nossa fé ao iniciarmos o trabalho sob dificuldades. Pelo menos temos agora a satisfação de saber que a *Kelvin Lodge* não está a ser deliberadamente retida devido à nossa indignidade em receber ajuda e, como encorajamento, é-nos frequentemente mostrada uma rosa branca quando o nosso círculo encerra; este é um símbolo do Amor Divino. Recentemente, ao dirigir-se ao círculo, o Rudy disse:

“Acho que vocês são maravilhosos. Eu não teria tido um décimo da vossa paciência. Eu teria pegado na trombeta... lembrem-se que usaríamos uma no meu tempo, e eu teria... bem... não teria tido paciência para esperar sentado! Acho que sois pessoas notáveis.” Depois, pensando melhor, acrescentou calorosamente: “Mas se não fossem pessoas notáveis, não vos teria escolhido logo à partida! Mais ninguém teria comigo a paciência que vocês têm.”

Janeiro de 1965 viu a nossa 435.^a sessão em casa e, pensando nos oito anos e meio de progresso, só podemos maravilhar-nos com as mudanças que já ocorreram dentro de nós próprios, e aguardamos o futuro com a esperança e a fé de que a nossa paciência e perseverança tragam em breve os resultados que tanto desejamos alcançar.

Se, ao ler este livro, sentiu algo do prodígio deste amor abrangente, então lançámos verdadeiramente os alicerces do nosso Santuário e, pelo menos, saberá que os seus próprios entes queridos, tal como os nossos e as Grandes Almas do passado, estão “à distância de um pensamento” de si. Mas o real valor do livro pode ser avaliado apenas quando comparado com outras vias de inspiração, das quais existem milhares; e quanto mais comparações houver,

mais óbvio deverá ser que não é único no conteúdo, embora possa parecer mais vívido pelo facto de o comunicador ser uma personalidade glamorosa tão recente. O facto é, contudo, que se a orientação e os ensinamentos tivessem vindo de outra pessoa em Espírito no mesmo nível de experiência que o Rudy, para qualquer outro grupo de mortais, a mensagem dentro deste livro permaneceria exatamente como está, tirando a diferença nos nomes e localização das pessoas envolvidas, tanto neste tempo e era como no passado.

Esperamos que, entre nós, tenhamos oferecido um vislumbre, durante o período da nossa provação, das condições que devem ser atingidas para comunicar com a Grande Fraternidade Branca que anseia por se aproximar cada vez mais da Terra no seu tempo de perigo, e da Sabedoria que providencia médiuns em ambos os lados do véu, o que torna possível a rutura Espiritual. Acima de tudo, esperamos ter mostrado um exemplo prático da Vontade Divina que providencia oportunidades infinitas para a progressão no Plano Universal da... **EVOLUÇÃO**

As pétalas de uma flor são cada uma uma vida separada. Contempla este pensamento e ele acalmará a contenda Que causa constante turbilhão na mente que busca solução Para este enigma sempre presente da evolução humana. Sempre ancorada ao centro está toda e cada secção Lentamente desabrochando para que possa atingir a perfeição. Só quando cada pétala separada está pronta para se abrir Pode resplandecer a flor, uma glória de contemplar, Embora completa em toda a experiência, ainda encontra que há mais avanço A ser achado antes de ser digna de adornar os Jardins do Encantamento; Quando a flor está madura para ser colhida, é então talvez, quem sabe, Que encontraremos corações gémeos circundados bem fundo na rosa única?

Fim.